Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Flávio Diniz Ribeiro

Volume 1

São Paulo

2007

Flávio Diniz Ribeiro

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Mascarenhas Dantes

Volume 1

São Paulo

2007

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484 Ribeiro, Flávio Diniz
Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento : ideologia, política e ciência na Guerra Fria / Flávio Diniz Ribeiro ; orientadora Maria Amélia Mascarenhas Dantes. -- São Paulo, 2007.
3 v. : il., 35 fotog.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História Social. Área de concentração: História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Rostow, Walt Whitman, 1916-2003. 2. Desenvolvimento econômico (Ideologia; Política) -- Estados Unidos -- Século 20. 3. Guerra Fria (Aspectos políticos; Aspectos econômicos) -- Estados Unidos. 4. Ciências Sociais (História; Política). I. Título.

21ª. CDD 330.10973

FOLHA DE APROVAÇÃO

Flávio Diniz Ribeiro

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento

Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

Aprovado em: 11 de março de 2008

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Amélia Mascarenhas Dantes

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura:

Prof. Dr. Francisco Maria Cavalcante de Oliveira

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura:

Prof. Dr. Jorge Luís da Silva Grespan

Instituição: FFLCH-USP

Assinatura:

Prof. Dr. Armando Boito Júnior

Instituição: IFCH-UNICAMP

Assinatura:

Prof. Dr. Caio Navarro de Toledo

Instituição: IFCH-UNICAMP

Assinatura:

Para Cotinha, Maria Braga Diniz.

Sem a atenção delicada e o estímulo intelectual de Maria Amélia Mascarenhas Dantes e a crítica e o afeto de Miriam Limoeiro Cardoso, esta tese não teria sido possível.

Resumo

Ribeiro, Flávio Diniz. **Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento: ideologia, política e ciência na Guerra Fria**. 443 p., 35 fotografias. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

O objetivo principal desta Tese é produzir uma leitura crítica da construção, por Walt Whitman Rostow, do desenvolvimento enquanto ideologia e enquanto política de Estado dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. O desenvolvimento é concebido como uma política econômica internacional principalmente para resolver o problema da necessidade de expansão internacional do capitalismo como sistema mundial no pós-guerra, sob a hegemonia americana. O confronto político-ideológico capitalismo versus comunismo é certamente relevante, mas secundário. Uma forte ideologia do desenvolvimento se torna necessária para induzir os chamados países subdesenvolvidos a adotar o desenvolvimento como seu objetivo maior, o que a política internacional do desenvolvimento poderia ajudar a promover oferecendo empréstimos internacionais e assistência técnica. Uma vez aceito, um esquema como esse poderia garantir o funcionamento de uma nova ordem capitalista internacional, em substituição ao velho colonialismo. Walt Whitman Rostow é talvez o intelectual mais importante na criação e na promoção do desenvolvimento como ideologia e como política de Estado. Esta Tese é centrada na sua produção teórico-política sobre o desenvolvimento, abrangendo o período que se considera como efetivamente criativo desta produção, ou seja, até a sua definição da seqüência de estágios-de-crescimento em *As Etapas do Crescimento Econômico. Um Manifesto Não-Comunista*. Também se analisa a busca de W. W. Rostow por uma fundamentação teórica por meio de sua crítica a Marx e à abordagem estrutural-funcional nas ciências sociais.

Palavras-chave: Walt Whitman Rostow. Ideologia do desenvolvimento. Teoria do desenvolvimento. Teoria da modernização. História das Ciências Sociais.

Abstract

Ribeiro, Flávio Diniz. **Walt Whitman Rostow and the problematic of development: ideology, politics and science in the Cold War.** 443 p., 35 photographs. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

This Thesis' main objective is the production of a critical reading of the Walt Whitman Rostow's construction of the development as an ideology and as a State policy of the United States in the Cold War context. The development is conceived as an international economic policy mainly to solve the serious problem of the need for international expansion of capitalism as a world system, in the post-war period, under the American hegemony. The political-ideological confrontation capitalism versus communism is certainly a relevant one, but secondary. A strong ideology of development becomes necessary to induce the so called underdeveloped countries to adopt the development as their primary goal, which the international development policy could make easier by the supply of international loanable funds and technical assistance. One accepted, this scheme would guarantee the functioning of a new international capitalistic order, replacing the old colonialism. Walt Whitman Rostow is perhaps the most important intellectual in the creation and promotion of the development as an ideology and a State policy. This Thesis is centered upon his theoretical-political production about the development, covering the effective creative period of this production, that is, until Rostow's definition of his stages-of-growth sequence in *The Stages of Economic Growth. A Non-Communist Manifesto*. There is also an analysis of Rostow's search for theoretical foundations by means of his criticism of Marx and of the structural-functional approach in the social sciences.

Keywords: Walt Whitman Rostow. Development ideology. Development theory. Modernization theory. History of the Social Sciences.

Résumé

Ribeiro, Flávio Diniz. **Walt Whitman Rostow et la problématique du développement: idéologie, politique et science dans la Guerre Froide**. 443 p., 35 photographies. Thèse (Doctorat) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

L'objectif principal de cette Thèse est la production d'une lecture critique de la construction, par Walt Whitman Rostow, du développement comme une idéologie et comme une politique d'État aux États Unis, dans le contexte de la Guerre Froide. Le développement est conçu comme une politique économique internationale, principalement pour résoudre le problème de la nécessité de l'expansion internationale du capitalisme en tant qu'un système d'ordre mondiale, dans le post-guerre, sous l'hégémonie des États Unis. La confrontation politique-idéologique du capitalisme versus le communisme elle est certainement relevante, mais secondaire. Une forte idéologie du développement devient nécessaire pour induire les ainsi nommés pays sousdéveloppés à adopter le développement comme son but majeur. Ce que la politique internationale du développement pouvait aider à promouvoir en disponibilisant des prêts bancaires internationales et l'assistance technique. Une fois accepté, ce schéma pouvait garantir le fonctionnement d'une ordre capitaliste internationale nouvelle, en substitution au vieux colonialisme. Walt Whitman Rostow est peut être le plus important intellectuel dans la création et la promotion du développement comme idéologie et comme politique d'État. Cette Thèse est centrée sur sa production théorique-politique du développement, pendant la période qu'on considère comme effectivement créative de cette production, jusqu'à la définition de Rostow sur la séquence des étapes-de-croissance économiques dans *Les Étapes de la Croissance Économique. Un Manifeste Non-Communiste*. On analyse aussi la recherche de W. W. Rostow pour un fondement théorique à travers sa critique à Marx et à l'approche du fonctionnalisme structurel dans les sciences sociales.

Mots clés : Walt Whitman Rostow. Idéologie du développement. Théorie du développement. Théorie de la modernisation. Histoire des Sciences Sociales.

Sumário

Volume 1

1ª parte - Algumas observações	13
Cap. 1. Está Rostow morto?	14
Cap. 2. Pequeno esboço biográfico	18
Cap. 3. The american way: poder e desenvolvimento na Guerra Fria	21
2ª parte - Um mundo acabou. É preciso construir o mundo	34
Cap. 4. Um mundo acabou. É preciso construir o mundo	35
3ª parte – Walt Whitman Rostow: idéias e ação	70
Cap. 5. Walt Whitman Rostow: idéias e ação	71
4ª parte - Walt Whitman Rostow: busca de uma formação teórica	92
Cap. 6. W. W. Rostow: à sombra de Marx, contra Marx	93
6.1 – Introdução	93
6.2 – A importância do ideológico em Rostow	103
6.3 – Rostow, um mandarim do futuro	126
6.4 – O suposto (des)conhecimento de Marx	138
Cap. 7. W. W. Rostow: crítica ao estrutural funcionalismo	157

Volume 2

5ª parte - Walt Whitman Rostow: a ideologia e a política do desenvolvimento	175
Cap. 8. W. W. Rostow: o desenvolvimento como política	177
8.1 – O Centro de Estudos Internacionais (CENIS) do MIT	177
8.2 – A Conferência de Princeton e o Plano Econômico Mundial	186
8.3 – “Notes on Foreign Economic Policy”	206
8.4 – Sobre <i>A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy</i>	223
8.5 – A suposta teoria dos estágios	251
Cap. 9. Notas, continuando a pesquisa	318
 Bibliografia de Walt Whitman Rostow	 327
Referências bibliográficas	338
Anexo 1 – W. W. Rostow: página no site da Universidade do Texas, em Austin	344
Anexo 2 – Índice de fotografias de Walt Whitman Rostow	371

Volume 3

Caderno de imagens: fotografias de Walt Whitman Rostow	408
--	-----

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Il arrive que la réalité soit trop complexe pour la transmission orale.
La légende la recrée sous une forme qui lui permet de courir le monde.

Pourquoi ? Pourquoi ? Qu'est-ce que cela veut dire ... pourquoi ?
Pourquoi ? [...] J'ai oublié. J'ai oublié.

La mémoire centrale est appelée ainsi à cause du rôle primordial
qu'elle joue dans l'organisation logique de l'Alpha 60.

Jean-Luc Godard
Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution

1ª Parte

Algumas observações

Capítulo 1

Está Rostow morto?

Walt Whitman Rostow morreu no dia 13 de fevereiro de 2003, em Austin, no Texas, em consequência de problemas decorrentes de falência renal.

A imprensa em língua inglesa noticiou sua morte dando ênfase à sua participação no governo dos Estados Unidos como assessor presidencial e ao papel que desempenhou, nesta condição, na guerra do Vietnam.

“Walt Rostow, Adviser to Kennedy and Johnson, Dies at 86”, *The New York Times*, 15 de fevereiro de 2003;

“Kennedy, Johnson Adviser Walt W. Rostow Dies at 86”, *The Washington Post*, 15 de fevereiro de 2003;

“Cold War liberal adviser to President Kennedy who backed the disastrous US intervention in Vietnam”, *The Guardian*, 17 de fevereiro de 2003;

“Walt Rostow, Vietnam War super-hawk advising President Kennedy and Johnson”, *The Independent*, 17 de fevereiro de 2003;

“Died: Walt Rostow, 86, Vietnam adviser to both Kennedy and Johnson, on Thursday, in Austin, Texas”, *The Wall Street Journal*, 18 de fevereiro de 2003;

“Super-hawk adviser of the Vietnam era”, *Financial Times*, 17 de fevereiro de 2003;

“Walt Rostow, an adviser in the Vietnam war, died on February 13th, aged 86”, *The Economist*, 22 de fevereiro de 2003.

Essas notícias vão de uma única linha no *The Wall Street Journal* a obituários mais elaborados, assinados, especialmente no *The New York Times* e no *The Guardian*.

Lendo essas matérias, tenho a impressão de que não apenas elas se referem a um homem que morreu, mas a uma época já morta. É como se tudo isso fosse passado distante e que Rostow, teimosamente, só tenha morrido agora.

Temo que essa não seja toda a realidade. Não duvido que Walt Whitman Rostow tenha morrido no dia 13 de fevereiro de 2003. Mas não me parece que suas idéias e a época em que viveu estejam efetivamente mortas. Suas formulações “teóricas” podem não ser hoje muito consideradas enquanto formulações suas, mas a problemática que ajudou a criar – o desenvolvimento – ainda é tema central de discussão e controvérsia acadêmica e política, mesmo que assumindo novas formas. A pesquisa científica induzida e financiada pelo Estado, para uso do Estado, modelo para o qual Rostow contribuiu decisivamente, tornou-se padrão hoje. Assim, poderia falar, como Patrick Tort falou de Spencer, que Rostow sofreu um “estranho apagamento pelo sucesso”.¹

¹ Patrick Tort, estudioso do evolucionismo, a propósito da produção filosófica de Spencer considera que “Il est permis de dire aujourd’hui qu’aucun système philosophique n’a connu, dans la période moderne, un succès aussi étendu ni aussi profond, ce phénomène étant globalement dû au fait qu’il coïncide dans ses lignes de force avec l’argumentaire théorique des partisans du libéralisme qui s’installe dans les remous de la Révolution industrielle.” Curiosamente, a referência explícita a Spencer e a seus textos, ou o comentário direto, tão frequentes e generalizados no início do século XX, já em meados deste mesmo século se esvaeciam. Para Tort, este fato “consacre moins un dépérissement philosophique lié à une épistémologie assez largement obsolète qu’un accomplissement idéologique dans la sphère de la vie quotidienne et des conventions plus ou moins implicites qui en orientent le cours”. “Règle et reflet d’un vécu des rapports historiques et sociaux propre aux sociétés libérales contemporaines, le spencérisme individualiste et concurrentialiste, philosophie moderne du ‘progrès’ par adaptation complexificatrice, compétition, triomphe des individus les mieux adaptés et disqualification ‘naturelle’ des moins aptes, a pénétré si intimement les substrats idéologiques et comportementaux de ces sociétés qu’il peut se passer aujourd’hui d’une référence explicite à son père fondateur.” Patrick Tort fala deste “estranho apagamento pelo sucesso” como uma “hegemonia silenciosa” e propõe que a releitura de Spencer hoje requer que se faça aparecer “des erreurs et des fautes logiques qui caractérisent fondamentalement son projet, argumenté par le modèle de l’organisme, de décrire et de prescrire l’évolution sociale comme une dépendance simple et directe de l’évolution biologique.” Erros e faltas lógicas essas que “explique peut-être em partie Le phénomène de l’oubli.” Assim, embora a argumentação spenceriana tenha sido invalidada como cientificamente e logicamente falsa, esta invalidação talvez explique o “esquecimento” quanto à explicitação dos textos e das teses, mas parece não importar para a sua eficácia ideológica na esfera da vida quotidiana. Tort, Patrick. *Spencer et l’évolutionisme philosophique*. Paris: PUF, 1996, p. 4 e 5; consultar também

Com isso não quero dizer que o momento em que vivemos hoje seja igual ou parecido com o que Rostow viveu entre o final da segunda Guerra Mundial e o início dos anos 1960, ou que os cinquenta e tantos anos que os separam sejam simples repetição. Mas, sim sublinhar que naquele momento começava a se configurar o mundo em que vivemos atualmente: o mundo americano. E penso que Rostow desempenhou um papel fundamental na consolidação da hegemonia norte-americana. Tanto enquanto cientista social (ou ideólogo), quanto como formulador de políticas de Estado e assessor presidencial.

Estou convencido de que é muito importante estudar a construção das ciências sociais, especialmente a construção da teoria da modernização e das teorias do desenvolvimento, no contexto da Guerra Fria. Notando o quanto elas, as ciências sociais e essas teorias, foram e são importantes no sentido de instrumentalizar o poder de Estado e suas políticas, quanto também, ao mesmo tempo, de criar os quadros de pensamento e reflexão com os quais se apreende a realidade social e se pretende intervir nela, para transformá-la, ou para mantê-la.

Esta tese não pretende ser uma análise de toda a obra e atuação política de Rostow, mas uma análise da produção e da ação de Rostow até o ano de 1960. Somente são utilizados textos de Rostow posteriores quando sejam úteis para esclarecer pontos trabalhados em suas obras até 1960.

Não pretende ser uma história das ciências sociais em geral, mas acompanhar, num período delimitado de tempo, um certo tipo de configuração intelectual e organizacional que as ciências sociais assumem em sua construção e na construção ideológica e política da Guerra Fria.

Não pretende ser uma história da Guerra Fria, mas acompanhar o entrelaçamento ocorrido na construção da Guerra Fria entre os interesses do Estado americano e as problematizações teóricas das ciências sociais, em particular da teoria da modernização e das teorias do desenvolvimento, chamando atenção para o novo formato institucional proposto para tal (*area studies*).

Não é um levantamento e uma discussão das teorias do desenvolvimento e da teoria da modernização. Busca, criticamente, apresentar e discutir a produção “teórica” de Rostow quanto ao desenvolvimento e sua ação política correspondente.

Não pretende fazer uma discussão geral do capitalismo no século XX, mas mostrar como a problemática do desenvolvimento, principalmente no pós segunda Guerra Mundial, foi importante para a construção e a afirmação da hegemonia norte-americana.

Considero o estudo da obra e da atuação política de Walt Whitman Rostow um tema extremamente relevante. Sua trajetória evidencia uma rara e complexa combinação de idéias e ação. Historiador econômico, professor, funcionário da inteligência durante a guerra, teórico do desenvolvimento, assessor presidencial, teórico da contra-insurgência, ideólogo, Rostow foi um intelectual importantíssimo para o capital num momento crucial para a expansão capitalista pós segunda Guerra Mundial e para a construção/consolidação da hegemonia norte-americana nesse processo.

Capítulo 2

Pequeno esboço biográfico²

Walt Whitman Rostow nasceu na cidade de Nova York, no Brooklyn, em 7 de outubro de 1916.

Seu pai, nascido Victor Aaron Rostowsky, judeu russo, emigrou da Rússia e chegou a Nova York com dezoito anos de idade, em julho de 1904, quando abreviou seu sobrenome para Rostow. Victor Aaron Rostow conheceu Lillian Hellman, sete anos mais moça do que ele, nascida em Nova York, filha de judeus russos emigrados na virada do século. Casaram-se em 1912. O casal Victor Aaron e Lillian Hellman Rostow teve três filhos. Ao primeiro, nascido em 25 de agosto de 1913, deram o nome de Eugene Victor Rostow, em homenagem ao líder socialista Eugene Victor Debs, candidato cinco vezes à Presidência dos Estados Unidos. O segundo filho recebeu o nome de Walt Whitman Rostow, em homenagem ao poeta Walt Whitman. Ao seu terceiro filho, nascido em 1920, Victor e Lillian chamaram de Ralph Emerson Rostow, em homenagem ao filósofo transcendentalista Ralph Waldo Emerson.

Walt Whitman Rostow entrou em 1928 na New Haven Public High School (Hillhouse), onde se formou em 1932 e recebeu uma das oito bolsas de estudo de quatro anos para a Yale University reservadas para alunos daquela escola. Ingressou em Yale nesse outono, com quinze anos. Graduou-se “magna cum laude” em História e Economia, em 1936.

² As informações que constam desse pequeno esboço encontram-se em Armstrong, David Grossman. "The True Believer: Walt Whitman Rostow and the Path to Vietnam." Ph.D., The University of Texas at Austin, 2000; Milne, David. "Rostow, Walt Whitman." In *The Scribner Encyclopedia of American Lives 2003-2005*, editada por Arnold Markoe, Karen Markoe and Kenneth T. Jackson, 478-81. New York: Thomson Gale, 2007; Dacy, Douglas C., James K. Galbraith e Bobby R. Inman. "Report of the Memorial Resolution Committee for Walt Whitman Rostow", Office of the General Faculty, College of Liberal Arts, University of Texas at Austin, 14 de junho de 2004.

De 1936 a 1938 foi Rhodes Scholar no Balliol College, da Oxford University, na Inglaterra. Obteve seu Ph.D. em Economia na Yale University, em 1940.

Já em 1940 lecionou Economia na Columbia University. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1941 serviu no Research and Analysis Economic Group, do Coordinator of Information (COI), e de 1942 a 1945 no Enemy Objectives Unit (EOU), uma subdivisão do Office of Strategic Services (OSS), unidade de inteligência antecessora da CIA (Central Intelligence Agency), inicialmente nos Estados Unidos e em seguida em Londres. Depois da guerra trabalhou no Departamento de Estado como Assistant Chief da Division of German and Austrian Economic Affairs (GA). Voltou à Oxford University como Harmsworth Professor de História da América, em 1946-1947. Em 1947 tornou-se Assistente do Secretário Executivo da Comissão Econômica para a Europa das Nações Unidas (UNECE), criada nesse ano para coordenar a reconstrução econômica da Europa, onde ficou até 1949. Voltou à Inglaterra em 1949 para passar um ano na Cambridge University como Pitt Professor de História da América. De 1950 a 1961 foi Professor de História Econômica no Massachusetts Institute of Technology e de 1951 a 1961 foi também membro do Center for International Studies do MIT. Em 1958 passou outro ano na Cambridge University, onde fez conferências.

Em janeiro de 1961 o Presidente Kennedy o nomeou Assistente Especial Adjunto do Presidente para Assuntos de Segurança Nacional. Ocupou este cargo até dezembro de 1961, quando foi nomeado Counselor do Departamento de Estado e Chairman do Policy Planning Council, do Departamento de Estado. Em maio de 1964 o Presidente Johnson o nomeou para desempenhar também a tarefa de Representante dos Estados Unidos no Comitê Inter-americano da Aliança para o Progresso (CIAP), com o nível de embaixador. Ele serviu nessas funções até abril de 1966, quando o Presidente Johnson o chamou de volta para a Casa Branca como seu Assistente Especial para Assuntos de Segurança Nacional, onde permaneceu até janeiro de 1969. Em fevereiro de 1969 tornou-se Professor de Economia e História da

Universidade do Texas em Austin, onde permaneceu como Rex G. Baker, Jr. Professor Emeritus de Economia Política até sua morte em 13 de fevereiro de 2003.

Capítulo 3

The american way: poder e desenvolvimento na Guerra Fria

I

Com a chamada Guerra Fria se consolida uma nova hegemonia capitalista, a partir de um novo ciclo de expansão mundial do capital. Nessa conjuntura, política e economia se combinam e se articulam profundamente. Trabalho aqui com a hipótese de que a concepção norte-americana de “guerra fria” constitui fundamentalmente uma estratégia político-econômica de expansão capitalista, embora seja apresentada como uma estratégia de *containment* da expansão comunista. É nesse contexto que o “desenvolvimento” é construído política e ideologicamente como problema. Entendo que a idéia contemporânea de desenvolvimento é uma construção ideológica que faz parte do novo ciclo de expansão do capitalismo no pós-guerra. Tal como foi forjada no âmbito da chamada Guerra Fria – e que de algum modo persiste ainda hoje – essa idéia de desenvolvimento foi concebida por cientistas que aplicaram os seus saberes específicos em formulações de natureza ideológico-política que favorecem a nova expansão capitalista pelo mundo afora sob a nova hegemonia norte-americana. Na construção dessa idéia de desenvolvimento, ciência e poder se mesclam profundamente, resultando numa ideologia que alcança enorme eficácia, com importantes consequências econômicas e políticas.

São várias as formas por meio das quais a ciência se articula com o poder. É próprio da sociedade capitalista usar a ciência diretamente no processo produtivo, modificando desse modo todo o processo de trabalho, que se torna então trabalho social, coletivo, comum, definido nos seus passos e no seu ritmo pela maquinaria que aglutina os

trabalhadores e lhes designa seus papéis e suas funções. A ciência aplicada diretamente à produção organizada pelo capital é desde então uma ciência vinculada profundamente a esse capital: os rumos e os tempos que ela segue em busca de avanços científicos e inovações tecnológicas dependem cada vez mais diretamente do capital para o qual esses avanços e essas inovações se dirigem.

Sob o capitalismo, porém, as articulações entre ciência e capital abrangem um campo muito mais extenso do que esses vínculos de natureza imediatamente econômica. Quando se pensa a relação no capitalismo entre ciência e produção, ou entre ciência e poder, em geral se pensa a aplicação, na produção ou para o poder, de conhecimento científico positivo. Tende-se a colocar o foco nas transformações ou possibilidades de transformação que a aplicação de conhecimentos científicos traz ou pode trazer para a prática produtiva ou para o exercício do poder. Nesses casos, considera-se a ciência e os cientistas produzindo o que é próprio a ela e a eles produzir: conhecimento científico, conhecimento que assim estaria contribuindo para o avanço da ciência em questão e para seus possíveis desdobramentos tecnológicos. Situa-se, portanto, esse conhecimento no campo do saber positivo.

Na sociedade em que vivemos, está estabelecida uma valorização social da ciência por meio da qual se tende a identificar ciência imediatamente com verdade e objetividade. De tal modo que, mesmo ao propor uma relação entre conhecimento e poder tende-se a considerar de antemão a ciência na sua positividade de conhecimento verdadeiro – ou apontando esse conhecimento (considerado como antecedente, desinteressado, neutro) ao poder (que o aplicará a seu critério, já então além da responsabilidade do cientista), ou a atividade científica sendo vista como recebendo do poder, em forma de recursos e de facilidades, o apoio necessário à realização das pesquisas que propiciem o conhecimento almejado ou requerido. Em qualquer das duas situações, mesmo quando se admita que o

poder financiador oriente e até dirija os rumos e os tempos da pesquisa científica, persiste como dominante socialmente a percepção da positividade do conhecimento científico.

A questão do desenvolvimento, sob a formulação que passa a receber na Guerra Fria, pode ser exemplar de uma situação que de fato é bem distinta dessa crença tão difundida. Logo após o término da segunda Guerra Mundial, o governo Truman começa a executar uma *política* de desenvolvimento, a qual conjuga expansão do capital com segurança nacional. Documentos desse governo mostram que tal política de desenvolvimento é anterior inclusive ao famoso discurso em que o Presidente Truman anuncia o Programa de Ajuda para o Desenvolvimento (Ponto IV), em 1949. As elaborações que procuram imprimir significado teórico à nova concepção de “desenvolvimento”, produzidas em importantes centros universitários norte-americanos constituídos no período, são bem posteriores. Se elas legitimam ou justificam a nova estratégia que passa a caracterizar a política externa dos Estados Unidos, essa legitimação ou justificação não é feita propriamente pelo poder de Estado ao se apropriar de formulações científicas objetivas, independentes, anteriores. Ao contrário, o conhecimento “teórico” legitimador é uma produção acadêmica que se oferece como suporte “teórico” a uma política de Estado que já vinha sendo praticada. Cabe lembrar que tal suporte é tanto mais eficaz quanto mais se reconheça o seu caráter teórico e a sua origem acadêmica, o que presumivelmente lhe confere cientificidade, e daí objetividade e veracidade.

Acompanhando-se a produção dos grandes centros universitários especialmente dedicados aos estudos do Desenvolvimento e dos chamados Estudos de Área e de Nation Building, centros esses que são criados na Guerra Fria em universidades norte-americanas de ponta, verifica-se que sua produção é íntima e profundamente vinculada com o poder, particularmente por meio do Estado. A produção substantiva desses centros inclui desde propostas, projetos, documentos de assessoria, etc., até artigos publicados em revistas

científicas, livros, conferências e seminários internacionais muito prestigiados. Essa produção circula pelas universidades, pelas associações profissionais e acadêmicas, pelas editoras e simultaneamente, ou até mesmo antes, pelas mais altas esferas e instâncias do poder estatal. Os principais autores dessa produção também circulam pelos altos escalões do poder (do meio acadêmico, científico, empresarial, militar, político). Entre os cientistas dedicados a essas atividades, alguns sobressaem e ganham expressiva notoriedade – acadêmica e política. O mais destacado entre eles é Walt Whitman Rostow.

Hoje é imperioso lembrar que a colaboração, às vezes muito estreita, entre ciência e poder (econômico ou político), com toda a carga de inovação que possa abrigar, inclui possibilidades trágicas que a humanidade já experimentou, com horror. O exemplo mais evidente tornou-se a fissão nuclear, desde a sua aplicação para fazer a bomba atômica e seu uso, quando a guerra já estava praticamente vencida, dizimando populações civis. Esse tipo de aplicação de conhecimento científico não se dá apenas nas *hard sciences*. Também as ciências sociais têm-se prestado a uso semelhante, seja identificando para o poder estatal possíveis focos de conflito, de rebeldia ou de resistência ao poder ou à ordem estabelecida, seja através da identificação de possíveis alvos a serem atingidos pela força militar em guerras, desde instalações militares a equipamentos industriais considerados estratégicos e até mesmo população civil que se queira desalojar. A guerra do Vietnã é exemplar quanto à participação ativa de cientistas sociais definindo e orientando a realização desta “outra guerra”, como foi chamado esse tipo de “operação”.

Quanto à relação entre ciência/cientistas e poder econômico/político, preocupa-me sobretudo nessa pesquisa a situação em que cientistas, pronunciando-se a partir do campo específico da ciência, fazendo uso portanto da autoridade da ciência (autoridade conferida pela ciência), articulem-se com o poder e nesta articulação produzam ideologia. É exatamente

neste sentido que entendo o que se convencionou chamar, a partir da Guerra Fria, de “desenvolvimento” e de “teoria do desenvolvimento”.

A grande guerra ainda não havia terminado, mas já se redesenhava o mapa do mundo. O “esforço de guerra” tinha dado um novo fôlego à economia e uma nova potência começava a impor a sua hegemonia. É nesse marco que o conceito de desenvolvimento é reapropriado pela ciência social – especialmente na história, na economia, e logo na sociologia e na ciência política – e com ele se montam ao mesmo tempo teorias e estratégias de poder.

Não se pensava o redesenho do poder no mundo apenas no sentido da reconstrução das áreas devastadas pela guerra e da redefinição da soberania dos países diretamente envolvidos. Mas também e até principalmente no sentido da expansão capitalista para novas áreas, especialmente para o chamado “terceiro mundo”. Curiosamente, esta perspectiva econômico-política de *expansão* é definida por meio de uma perspectiva político-econômica de *contenção*, o que está na raiz mesma da definição da nova situação de pós-guerra como sendo ainda uma situação “de guerra”, embora não mais fundamentalmente a quente, Guerra Fria, portanto: o novo “estado de guerra” derivaria da necessidade de conter uma outra expansão, a suposta expansão comunista. Ocorre aí uma interessante troca de posições entre o econômico e o político: processa-se um deslocamento do foco econômico da expansão capitalista para o foco político da contenção do comunismo; mas, para conseguir essa contenção política, define-se como estratégia privilegiada a expansão econômica nas áreas-alvo: “o desenvolvimento” do chamado terceiro mundo, desenvolvimento este que coincide exatamente com a expansão do capitalismo para essas áreas desde então designadas como “subdesenvolvidas”. Nos termos das teorias propostas, tais áreas precisam ser “ajudadas” economicamente (*economic aid*), para com essa ajuda poderem alcançar a

condição de “desenvolvidas” e com esse processo barrar a expansão comunista, supostamente sempre mais provável sob condições de miséria ou de “subdesenvolvimento”.

Na verdade, o tipo de concepção de história que tais formulações operam reproduz sob nomes novos os antigos evolucionismos portadores da ideologia do progresso. Recorre-se ao artifício de substituir “evolução” por “modernização” ou “desenvolvimento”, mas este não é, como poderia parecer, um artifício simples, na medida em que encontra respaldo em formulações muito mais complexas e influentes. Um grande exemplo pode ser encontrado em Max Weber, quando identifica a sociedade capitalista “moderna” como o ponto mais alto de um processo crescente de racionalização, adotando como critério de racionalidade a racionalidade própria da sociedade capitalista.

II

Volker Berghahn, estudando o que chama de “guerras frias intelectuais”, analisa o tipo especial de “engajamento” que caracteriza as práticas de “decision making and strategizing” conduzidas por intelectuais ocidentais, que desse modo conectam fortemente seus discursos a políticas concretas do governo dos Estados Unidos na Guerra Fria. Berghahn inclui como objeto da sua pesquisa *America and the intellectual cold wars in Europe* não apenas artigos, livros e outros produtos culturais influentes, procurando avaliar o seu impacto no desenrolar dos acontecimentos, mas estuda principalmente a preparação e a execução de decisões concretas que “shaped (or were at least intended to shape) ideas and sociocultural and political behavior on both sides of the Atlantic in the age of democracy”.³ Pode-se considerar que este é o cerne da questão da relação entre conhecimento e poder na Guerra

³ Berghahn, Volker R. *America and the Intellectual Cold Wars in Europe. Shepard Stone between Philanthropy, Academy and Diplomacy*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2001, p. XII.

Fria. Tratava-se de um grande projeto para moldar o mundo, para o que a conformação de idéias e comportamentos sócio-culturais e políticos (ou, em outra linguagem, a fabricação de ideologia) cumpria papel fundamental na política do período. De acordo com Berghahn, “they wanted to use their superior weight in the world to shape the postwar international order and to make its structures and underlying values as closely compatible as possible with American principles of political, economic and sociocultural organization”.⁴ A ênfase atribuída por Berghahn a esse esforço para “moldar o mundo” é a busca de hegemonia cultural, considerada como fundamental para conseguir alcançar os propósitos econômicos e de segurança.

Durante a Guerra Fria, cientistas sociais inscrevem as suas especialidades científicas exatamente nessa perspectiva de (re)modelar o mundo social, em grande medida dentro dos marcos culturais ou ideológicos, mas sempre com alcance de transformações de natureza prática. Quando Talcott Parsons fala, de maneira cristalina, de um conhecimento das relações sociais que possa constituir a base de um controle racional (“the basis of rational, ‘engineering’ control”),⁵ o que está propondo – no relatório de 1948 em que pretende justificar a destinação de recursos para as ciências sociais pelo Social Science Research Council – é a capacidade que estas ciências têm (e que poderão ter ainda mais com o seu desenvolvimento, especialmente se puderem contar com financiamento adequado) de servir como base para um determinado tipo de controle racional. A ciência social que Parsons representa, que é sem qualquer dúvida uma ciência da ordem, se oferece aí como conhecimento a ser aplicado em controle social no sentido mais amplo de engenharia social (engineering control). Representa uma ciência social que se declara voltada para a resolução de problemas e que se coloca à disposição do poder de Estado para analisar e propor

⁴ Berghahn, V. R., 2001, p. XIII.

⁵ Parsons, Talcott. Social Science: A Basic National Resource, in Klausner, Samuel Z. & Victor M. Lidz (editors). *The Nationalization of the Social Sciences*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986, p. 107. (Versão editada de um esboço encaminhado por Talcott Parsons ao Social Science Research Council, em 1948; 1ª publicação).

encaminhamentos quanto aos problemas definidos como tal pelas políticas do Estado, que tomam esses problemas como objeto de sua intervenção.

As teorias do desenvolvimento e da modernização se construíram e se apresentaram então como um grande e complexo modelo de mudança capaz de abranger todos os setores da vida social, incluindo o econômico, o político, o cultural. Dispondo do novo instrumental teórico atualizado por aquelas teorias, cientistas sociais norte-americanos modernizadores acreditaram que tinham em suas mãos o poder “to define the global pattern of change, explain its sources, and shape the world’s future”.⁶ Esta foi a tendência dominante no campo das teorias de modernização/desenvolvimento, embora certamente nem todos os cientistas sociais que trabalhavam nesse campo se tornassem por isso *policy makers*, ou destinassem o seu trabalho como cientistas para produzir conhecimento com relevância direta para políticas concretas, como, porém, foi o caso para um amplo conjunto de acadêmicos.

Curiosamente, no entanto, esse intuito dos cientistas sociais norte-americanos de moldar ou remodelar o mundo não se aplicava à própria sociedade norte-americana. Era pensado em direção ao estrangeiro, especialmente o “terceiro mundo”. O sentido geral da intervenção com base no conhecimento oferecido pela ciência social era de que “unruly traditional societies had to be reorganized to make individuals subject to the epistemological control of social science and of state agencies keen to increase economic output while maintaining political order. The modernization theorists’ attitude of scientific authority marginalized competing sources of knowledge and identity that provided grounds for political resistance to their social engineering.”⁷ Assim, era preciso não somente criar e tornar disponíveis as novas idéias – basicamente do desenvolvimento e da modernização como direção geral e inelutável da história –, mas era preciso também tornar dominantes essas

⁶ Lathan, Michael E. *Modernization as Ideology. American Social Science and “Nation Building” in the Kennedy Era*. Chapel Hill & London. The University of North Carolina Press, 2000, p. 46.

⁷ Gilman, Nils. *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. New Studies in American Intellectual and Cultural History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003, p. 8.

idéias. Um dos recursos utilizados para esta finalidade era recorrer à autoridade da ciência, identificando as novas formulações como formulações científicas, oriundas de trabalho científico realizado por destacados cientistas. Com isso, fortalecia-se ainda mais uma certa ideologia da ciência.

Em alguns casos se explicitava, no fundo das novas “teorias”, a crença na inevitabilidade do desenvolvimento ou da modernização, deixando clara uma compreensão marcadamente evolucionista e determinista da história, o que acabava sendo mesmo o fundo comum das “teorias” do desenvolvimento ou modernização. Max Millikan, por exemplo, defende a conveniência do Programa norte-americano de Ajuda Externa “to reduce the explosiveness of the modernization process”, processo de modernização considerado como inevitável, o que acarretava, como consequência, a necessidade de orientar e conduzir esse processo nos países subdesenvolvidos para adequá-lo “into greater consonance with United States interests over the next couple of decades”.⁸ Em formulações como estas ficam explícitas não apenas a suposição de uma direção já-dada na história, direção esta tida como inevitável e que é chamada de desenvolvimento ou modernização, mas também a tomada de posição valorativa que pretende moldar exatamente aquela direção. Parece clara a contradição entre as duas posições explicitadas. Se aquela direção é a direção inevitável da história, como se justifica a necessidade de “ajudar” a moldá-la para que ela assuma a forma do “estilo de vida” americano ou ocidental e não uma outra forma ?

⁸ Millikan, Max, The Political Case for Economic Development Aid, in Goldwin, Robert A. (Ed.). *Why Foreign Aid ?* Chicago: Rand McNally, 1962, p. 94, 99, apud Gilman, N., 2003, p. 226.

III

We were formed by the second world war; after 1945 we were drawn to a continuing concern with the problems of this nation's position on the world scene. Along with many others of my age, my professional life has been a counterpoint between the world of ideas and the world of public policy: In my case, the emphasis has been on military and foreign policy. Of the years since 1940, for example, I spent eleven in public service, thirteen in universities, with a good portion of the latter involving consultation in Washington. The proportions are quite typical. [...]

I am by profession an historian and an economist; so my theoretical prism is that of the social scientist. The intellectual problems to which the social scientist has addressed himself over the past twenty years have been shaped by America's emerging world role to a degree which matches the extent to which science and engineering have been drawn into the challenges of weaponry and space. [...]

Moreover, the world of science, whatever its relevance to the affairs of the day, should have a continuity and pride of its own – to a degree, withdrawn, protected, and, if necessary, defiant of the active world.

In the end, however, a rude pragmatism shapes the content of intellectual life; and, in turn, the behavior of practical men is governed by the abstractions which men of ideas have created in an effort to give a degree of order to the world of human beings and things about them.

Walt Whitman Rostow
*View from the Seventh Floor*⁹

Quanto à relação entre ciência e poder, ou entre os cientistas e os governos e suas políticas, a segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria apresentam uma marca distintiva, pois naquele momento se reconhece de maneira especial a relevância política do conhecimento

⁹ Rostow, Walt Whitman. *View from the Seventh Floor*. New York: Harper & Row, 1964, p. 45, 46.

produzido na academia, o que veio a criar oportunidades importantes para que os cientistas, particularmente os cientistas sociais, obtivessem farto financiamento de agências governamentais para fazer pesquisa politicamente orientada. Orientam suas pesquisas para a resolução de problemas e definem tais problemas em consonância com os interesses ou as necessidades do Estado norte-americano de Segurança Nacional. Se antes da segunda Guerra Mundial as questões do desenvolvimento econômico dos países “menos desenvolvidos” praticamente não ocupavam os economistas (cf. J.K. Galbraith), desde então os cientistas sociais se tornaram intimamente envolvidos com pesquisa sobre “o desenvolvimento” e com a formulação de políticas para promover “o desenvolvimento” nas áreas “atrasadas” do mundo. Quanto a esta questão do desenvolvimento econômico, Walt Whitman Rostow foi sem dúvida um dos mais influentes *scholars*. Formulou o tema como problema – problema de pesquisa e problema de política estatal – e propôs políticas de encaminhamento para colocar o desenvolvimento econômico como estratégia ao mesmo tempo econômica e política do Estado norte-americano e como problema – ideológico-político – a ser tomado como objetivo maior pelos países do terceiro mundo. Nenhum outro cientista social conseguiu incrustar tão ampla e profundamente as suas idéias nas políticas públicas quanto Rostow. Ele foi uma figura chave na história da teoria econômica do desenvolvimento durante a Guerra Fria. Foi um dos grandes arquitetos dos programas do governo dos EUA de “ajuda para o desenvolvimento” e seus temas passaram a ser de uso corrente no discurso político.

É preciso sublinhar como elemento importante da conjuntura a descolonização. Rostow entendia que a descolonização criava condições potencialmente revolucionárias nas regiões recém saídas da situação de colônia. Pensava que essas condições de instabilidade política seriam superadas com a modernização ou o desenvolvimento, mas localizava na falta de capital o obstáculo principal para que a modernização ou o desenvolvimento pudesse concretizar-se. Conseqüentemente, era recomendável que o governo dos Estados Unidos

formulasse políticas visando disponibilizar esse capital para prover os financiamentos necessários, capazes de atuar como catalisadores na promoção do que Rostow chamou de “take-off” nesses países. Supunha que ao estágio do take-off se seguiria um estágio de crescimento auto-sustentado, que criaria as condições para que esses países se tornassem menos propensos a fomentar inquietações e agitações políticas.

FAUSTUS

Where are you damned?

MEPHISTOPHELES

In hell.

FAUSTUS

How comes it, then, that thou art out of hell?

MEPHISTOPHELES

Why, this is hell, nor am I out of it.¹⁰

Christopher Marlowe
The Tragical History of Doctor Faustus
A-Text, 1604

¹⁰ Marlowe, Christopher, and David Scott Kastan. *Doctor Faustus : A Two-Text Edition (a-Text, 1604; B-Text, 1616), Contexts and Sources, Criticism*. New York: W.W. Norton, 2005. p. 16-17.

2ª Parte

Um mundo acabou. É preciso construir o mundo

Capítulo 4

Um mundo acabou. É preciso construir o mundo

I

A segunda Guerra Mundial havia começado há apenas três meses quando Dean Acheson faz uma conferência na Universidade de Yale em que analisa a situação econômica e política mundial e aponta as diretrizes de política externa a seu ver necessárias e adequadas para definir a posição dos Estados Unidos não apenas naquela guerra como na reconstrução do mundo do pós-guerra. Em um livro “autobiográfico, mas que não é uma autobiografia”, refere-se à conferência de Yale “As a forecast in autumn 1939 of the realities and requirements of both immediate and later postwar United States policy”.¹¹ Seu discurso de 28 de novembro de 1939, feito no jantar anual do Davenport College na Yale University,¹² prenuncia muitas das perspectivas que ele virá a adotar posteriormente, quando Secretário de Estado dos Estados Unidos.¹³

¹¹ Acheson, Dean. *Morning and Noon*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1965, p. XII e 217.

¹² O texto se encontra em Acheson, Dean, 1965, p. 267-275.

¹³ Dean Gooderham Acheson foi Assistant Secretary of State de 1941 a 1945, Under Secretary of State de agosto de 1945 a junho de 1947 e Secretário de Estado de 1949 a 1953. Ver Acheson, Dean. *Present at Creation: my years in the Department of State*. New York & London: W. W. Norton & Company, 1987. Em 1939, Acheson aceitara um posto no governo, na sua área específica de formação (Direito): “Despite his reluctance to enter government service, Acheson nonetheless agreed in February 1939 to serve on, and later chair, the Attorney General’s Committee on Administrative Procedure, whose task it was to establish procedures assuring fair treatment for persons or concerns falling afoul of the many federal regulatory laws. The change had been made that the administrative agencies had become virtually the prosecutor, judge, and executioner in their own causes.” Chace, James. *Acheson: The Secretary of State who created the American World*. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press, 1998. Esse posto lhe permitia continuar exercendo privadamente a advocacia, o que fez do final de 1933 ao começo de 1941, junto a Covington & Burling. Ver Smith, Gadis. *Dean Acheson*. New York: Cooper Square Publishers, 1972, p. 10 e 11 (Vol. XVI da coleção Ferrel, Robert (ed.). *The American Secretaries of State and their diplomacy*).

Esta fala de Acheson, por seu conteúdo e especialmente pelo momento histórico em que é pronunciada, é muito esclarecedora de certo tipo de entendimento que então se tinha sobre a conjuntura internacional e dos rumos que este entendimento vai ditar para a política externa americana que se tornará dominante com a elevação dos Estados Unidos à posição de hegemonia da expansão capitalista no pós-guerra.

A diretriz geral que Acheson defende é a necessidade de ter clareza quanto ao alvo que se quer alcançar e de, tendo conseguido essa compreensão clara, concentrar-se no alvo, sem deixar a atenção dispersar-se para outras questões.

In a situation as confused and dangerous as this, the part of wisdom is to be prepared for what may happen, rather than to base our course upon faith in what should happen, or to waste time debating as to what will happen. Here you can be wrong only once.¹⁴

Acheson entende que o mundo mudou, que a situação não é a mesma de há cinquenta, cem ou cento e cinquenta anos, mas que nos Estados Unidos muitos continuam pensando como se o mundo não tivesse mudado.

Segundo Acheson, o sistema econômico e político do século XIX, embora fosse imperfeito e contivesse injustiças que precisavam ser corrigidas, produziu um aumento impressionante de riqueza e de população por todo o mundo, mas está há vários anos “em óbvio processo de declínio”. De tal modo que, ainda que possa ser restabelecido, provavelmente não poderá voltar a ter forma semelhante à que teve no século XIX. O sistema econômico e político que o mundo conheceu no século XIX sofreu mudança profunda. Acheson diz que o mundo do século XIX acabou.

O “mundo” do século XIX a que Acheson se refere como estando em óbvio e profundo declínio e desorganização é, sob outra perspectiva, o capitalismo sob a hegemonia

¹⁴ Acheson, Dean, 1965, p. 270.

da Inglaterra. A questão que ele coloca é a do fim desta hegemonia. A grande luta que então se trava é a luta para a reconstrução do capitalismo sob nova hegemonia. Seria, portanto, uma luta por essa nova hegemonia e pela reconstrução que essa nova hegemonia tratará de fazer do capitalismo, a seu molde e à sua medida. É dessa luta que Acheson afirma e reafirma que os Estados Unidos não podem ficar indiferentes, nem ausentes, porque se trata da sua própria segurança e sobrevivência, a que ele se refere como “the American experiment”.¹⁵ Diz Acheson:

It is beyond my capacity to trace the causes which have brought about the impairment of this world system. But we can see that certain important factors in its operation are no longer in existence or functioning as they did. We can see that the credits which were once extended by the financial center of London no longer provide the means for the production of wealth in other countries. We can see that the free trade areas, which once furnished both a market of vast importance and a commodities exchange, no longer exist. We can see that British naval power no longer can guarantee security of life and investment in distant parts of the earth and a localization of conflict nearer home. We can see, too, that immigration to the United States is no longer a solution for surplus population elsewhere.¹⁶

No fundo, porém, o novo mundo a que Acheson se refere é mais novo do que apenas uma mudança de forças hegemônicas. É o mundo do século XX, do capital financeiro, do Estado com novas funções, dos grandes monopólios e das grandes corporações multinacionais, em duro e permanente confronto pelo controle desse mundo que sai do colonialismo e busca novas alternativas de domínio.

¹⁵ Acheson, Dean, 1965, p. 272.

¹⁶ Acheson, Dean, 1965, p. 269.

Acheson atribui a essa desagregação a oportunidade para o surgimento do “estado militar autoritário”, que resolve pela força e pela guerra os problemas oriundos da desarticulação do sistema econômico mundial. Afirmar que

This system is the response of Asia and a large part of Europe to the failure of some of the vital mechanisms of the Nineteenth Century world economy. Both the failure and the response constitute those “foreign affairs” toward which we are asked to frame an American attitude.¹⁷

Define, assim, as relações internacionais como o campo próprio em que deve expressar-se a política capaz de lidar com a falência do sistema estabelecido na forma em que ele estava constituído no século XIX e com a articulação da resposta que, de acordo com o seu entendimento, os Estados Unidos podem e devem dar a esta situação. Deste modo, opõe-se à concepção das relações internacionais como campo definido pelas relações estritamente diplomáticas, com base em concepções de estratégia estrita ou prioritariamente militares. Acheson defende como imprescindível que a atitude a adotar para estruturar as relações internacionais dos Estados Unidos, especialmente naquele momento crucial da história, esteja assentada sobre uma concepção propriamente política muito clara sobre a conjuntura política, econômica e social internacional, sobre os interesses americanos mais vitais, sobre as necessidades que esses interesses impõem na conjuntura e sobre as potencialidades que o poder americano de então apontam para o melhor encaminhamento para a resolução dos problemas, do ponto de vista norte-americano.

A conclusão mais geral a que sua análise conduz quanto à atitude que os Estados Unidos devem adotar face ao cenário de deterioração econômica, política e social do “mundo” e face à guerra (guerra na Europa e guerra na Ásia) é a que “stands clear and inevitable at the

¹⁷ Acheson, Dean, 1965, p. 270.

outset” que “We must make ourselves so strong that we shall not be caught defenseless or dangerously exposed in any even possible eventuality.”¹⁸

Acheson desdobra essa perspectiva em dois grandes planos. No primeiro deles, opõe-se firmemente ao isolacionismo que à época prevalecia nos Estados Unidos. Afirma:

Our vital interests do not permit us to be indifferent [...] because the consequences of Russo-German and Japanese victories in terms of our own lives are too serious to permit indifference. [...] I am here saying that we are not indifferent. We are not indifferent because the consequence is – to greater or less degree dependent of the extent of any victory – our internment on this continent and such portion of the one to the south as we can physically control.¹⁹

Quanto à consequência do “our internment on this continent”, cabe fazer algumas considerações. A primeira delas diz respeito a um sentido que fica explícito no texto, de que nesta circunstância o país ficaria extremamente vulnerável se confinado a um continente cercado por forças hostis e suficientemente armadas para atacá-lo facilmente. A segunda o texto de Acheson não diz explicitamente, mas suas indicações para a reconstrução permitem admitir que seja esse o ponto fundamental para sua reflexão e sua análise: as relações com o exterior são essenciais para a economia americana. Não se trata aí meramente de um questionamento político das posições defendidas pelos isolacionistas quanto à guerra. Trata-se, sim, de defender os “mecanismos básicos” de operação do sistema econômico. A terceira, também muito importante, opõe internacionalização a internamento no continente. A internacionalização é tão essencial para o funcionamento da economia americana que a ameaça à sua dimensão global, no mundo, é tomada como uma limitação/aprisionamento que não se circunscreve ao território *nacional* norte-americano, mas à América em sentido lato,

¹⁸ Acheson, Dean, 1965, p. 270.

¹⁹ Acheson, Dean, 1965, p. 271.

quer dizer, ao *continente americano*. Por isso que, no pior cenário²⁰ – aquele em que as forças adversas ao capitalismo norte-americano consigam avançar efetivamente na sua expansão,²¹ constituindo um cerco aos Estados Unidos –, o conseqüente internamento a que os norte-americanos se veriam submetidos aparecia ao seu pensamento político estratégico como um internamento que ainda seria uma internacionalização, internacionalização continental, em que a sobrevivência econômica do capitalismo norte-americano dependeria fundamentalmente do controle que esta economia conseguisse exercer sobre a parte do continente situada ao sul do território norte-americano, até onde os norte-americanos pudessem controlar fisicamente. Num cenário como esse, o controle econômico da América Latina aparece como sendo absolutamente fundamental em termos estratégicos para os Estados Unidos.

Acheson expressa sua preocupação com os mecanismos básicos para o funcionamento do sistema econômico norte-americano, mecanismos que naquele momento são essencialmente internacionais. Diz ele:

This break-up of the world into exclusive areas of armed exploitation administered along oriental lines, would have clear implications in terms of the defense of the great resources of *our part* of it.²²

Chama logo a atenção a naturalidade, a franqueza e a clareza com que Acheson fala de “nossa parte” do mundo. Nos termos de um político como Acheson – grande intelectual orgânico de ponta de uma grande potência que naquele ponto da história está-se tornando hegemônica no capitalismo mundial –, o sistema econômico, político e social mundial é partilhado pelas grandes potências. O capitalismo do século XX é de fato um

²⁰ Pior cenário naquela conjuntura histórica, porque pouco depois a corrida armamentista colocará em pauta o cenário da catástrofe nuclear.

²¹ Naquele momento, Acheson não estava preocupado primeiramente com uma expansão comunista, no caso soviética, mas com as forças que formavam o Eixo na segunda grande guerra.

²² Acheson, Dean, 1965, p. 271, grifado por mim, F. D. R..

capitalismo em que as grandes potências, com os grandes monopólios, associados intimamente, lutam incessantemente entre si pela partilha do mundo. Uma afirmação como aquela de Acheson traz prontamente à memória o texto escrito em 1916 em que Lenin mostra que há muito o capitalismo criou um mercado mundial, vinculando inevitavelmente o mercado interno e o mercado externo e que “na época do capital financeiro, os monopólios de Estado e os privados se entrelaçam, formando um todo, e como tanto uns como outros não são, na realidade, mais do que diferentes elos da luta imperialista travada pelos maiores monopolistas pela partilha do mundo.”²³

A noção de defesa vai além da estrita defesa do território da nação americana, ela envolve a defesa dos recursos que são necessários ao funcionamento da economia americana e que se encontram fora do seu território nacional, recursos que estão “no mundo”, ou, nas palavras de Acheson, no que ele chama de “*nossa parte do mundo*”. Ou seja, na parte do mundo que a economia americana domina, domínio esse que os americanos precisam manter e ampliar e que, pensa Acheson, naquelas circunstâncias eles precisam lutar efetivamente para não permitir que seja assumido por qualquer dos outros países que então o disputavam, os que constituíam o Eixo na segunda Guerra Mundial.

Deste modo, Acheson defende que uma política americana realista “should attempt to check the disintegration of the world, in which our national life and individual lives are rooted, by strengthening the forces opposing disintegration”.²⁴ Em termos especificamente da situação da guerra na Europa, entende que isso significa dar apoio efetivo às forças que se opõem à desintegração, aqueles que são “*conscripts of necessity*”, porque estão sendo diretamente atacados e conseqüentemente se vêem obrigados a lutar para se defender.

²³ Lenin, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Tradução de Leila Prado. São Paulo: Centauro, 3ª ed., 2005, p. 72.

²⁴ Acheson, Dean, 1965, p. 271.

Acheson entende que esse apoio deve ser dado sob a forma de fornecimento de armamentos e suprimentos adequados para que eles possam combater, e sob a forma de deslocamento de unidades navais e aéreas de apoio. Quanto aos japoneses, era necessário fortalecer a resistência a eles e enfraquecer seu surpreendente poderio.

No outro plano em que desdobra sua conclusão geral de que é necessário fortalecer efetivamente os Estados Unidos, Acheson afirma a importância da participação americana na reconstrução do “mundo”:

But a mere attitude of negation is not enough. The world order, which is so *vital* to us, will continue to disintegrate, even without the bludgeoning of revolutionary attack, *unless vigorous reconstruction is undertaken*. We cannot stand aloof from this effort if we are alive to our own interest. The first step is to awake from the autohypnotic trance induced by repeating that we can take no part in the affairs of a world in which we are one of the most important factors, because our fellow citizens are not willing to do so. We should stop analyzing ourselves – stop Gallup polling ourselves – and start analyzing the needs of our situation and the potentialities of our power. We shall find, I think, that we can make a great and essential contribution to reestablishing the foundations of peace within tolerable costs to ourselves.²⁵

Acheson entende e diz com clareza que a ordem mundial é *vital* para os americanos. Entende ainda que essa ordem está-se desintegrando e continuará a desintegrar-se independentemente das possíveis ameaças de ataque revolucionário. Mas que é possível reverter esse processo, desde que se decida fazer e se faça o grande esforço necessário para empreender a sua reconstrução. De acordo com Acheson, o movimento em direção a essa reconstrução deve basear-se nas *necessidades* da situação dos Estados Unidos e nas

²⁵ Acheson, Dean, 1965, p. 273, grifado por mim, F. D. R..

potencialidades do poder americano. Acheson confia no restabelecimento das fundações da paz no sistema internacional e na capacidade de os americanos contribuir decisivamente para essa reorganização, dentro de uma margem de custos tolerável para eles.

Acheson atribui a emergência do “estado militar autoritário” à decadência econômica do sistema internacional. Esta decadência é que estaria na origem da desorganização, do ódio, da guerra e da tirania que tornaram possível o que ele chama então de “estado militar autoritário”: “With credits unavailable, markets gone, and with them the means of obtaining the price of needed new materials, with populations pressing upon restricted resources, the stage was set for the appearance of the totalitarian military state.”²⁶ Sobre tal análise ele aponta uma nova direção ou um novo meio para a reconstrução:

If I am right that the progressive deterioration of their conditions of life has been a potent breeder of war among some, at least, of the peoples who are now engaged in it, *the problem is to make possible a better life through the ways of peace*. We can do much to make this possible.²⁷

Com a proposição dessa idéia – idéia que posteriormente virá a tornar-se a nova orientação da política externa americana, com a política do desenvolvimento – Acheson indica os pontos que lhe parecem ser principais para a formação de uma política para a reconstrução do mundo no pós-guerra:²⁸

We can, for instance, (1) join with other financially strong nations in making available capital in those parts of Europe which need productive equipment (2) upon condition that Europe does its part to

²⁶ Acheson, Dean, 1965, p. 269-270.

²⁷ Acheson, Dean, 1965, p. 273, grifado por mim, F. D. R..

²⁸ Apresento cada um dos pontos sugeridos por Acheson, na mesma ordem em que aparecem no seu texto, mas numerando-os, para facilitar sua referência na análise.

remove obstructions to trade within itself and provide, so far as it can, scope for commerce. (3) We can join in offering a broader market for goods made under decent standards and, in this way, a means of purchasing essential raw materials. (4) We can join in providing a stable international monetary system under which credits can be made and repaid and goods purchased and sold. (5) We can join in removing exclusive or preferential trade arrangements with other areas created by military or financial conquest, agreement, or political connection. (6) We can cease exporting more than we import and spend abroad, and so remove a disturbing influence upon the world economy. (7) We can see to it, and insist as a condition of our help that others do, the supply of raw materials needed in other parts of the world is not restricted and their price not enhanced through the device of holding undeveloped resources out of production to maintain prices and not for necessary conservation.²⁹

Todos esses pontos se referem à organização econômica internacional e são apresentados como medidas que visam possibilitar que a deterioração progressiva das condições econômicas no interior do sistema seja estancada e revertida. As sete medidas indicadas encaminham na verdade quatro grandes questões distintas, embora sejam todas colocadas em termos de mercado internacional. Em primeiro lugar, aparecem as ações voltadas para disponibilizar capital: por um lado, que os Estados Unidos e outras nações financeiramente fortes tornem seu capital disponível para as regiões européias que necessitem de equipamento produtivo, ou seja, disponibilizem capital para aplicação produtiva no exterior, no caso o texto explicita a Europa (medida 1). Por outro lado, há uma medida que se refere especificamente aos Estados Unidos, propondo que deixem de exportar mais do que importam e gastam no exterior, o que indica que há excedente de capital nos Estados Unidos e que sua economia precisa exportar esse capital excedente, além dos bens que produz (medida 6).

²⁹ Acheson, Dean, 1965, p. 273-274.

Em segundo lugar estão medidas que apontam para uma maior liberação do comércio internacional e para uma ampliação dos mercados, removendo obstáculos que então entravavam a liberdade de ação comercial (medidas 2 e 3) e removendo acordos de comércio exclusivo ou preferencial, resultantes de conquistas militares e financeiras ou de acordos de natureza política (medida 5). Em terceiro lugar, Acheson propõe o estabelecimento de um sistema monetário internacional, que facilite as operações de crédito (sua obtenção e seu repagamento), portanto o fluxo de capitais, bem como a circulação de mercadorias (sua compra e venda); ou seja, a criação de um sistema monetário que facilite a circulação internacional de capitais e de mercadorias (medida 4). Finalmente, uma série de medidas apontadas demonstra grande preocupação com o acesso a matérias-primas, com a possibilidade de aumento de mercado para produtos de bom padrão de produção (medida 3), com a condição de que a oferta de matérias-primas não seja restringida e que não tenham seu preço elevado por meio da produção com capacidade ociosa deliberadamente para alcançar aquela finalidade específica (medida 7).

Quando se refere à sua conferência de Yale em 1939 no seu texto de 1965 (*Morning and Noon*), Acheson apresenta o seguinte resumo das suas propostas visando à reconstrução:

We should begin work on a new postwar world system in which

- (a) arrangements were made for the flow of adequate development capital; and
- (b) impediments to trade were removed and orderly methods of marketing raw materials established; and
- (c) a stable international monetary system was provided.³⁰

³⁰ Acheson, Dean, 1965, p. 217.

Em 1939, Acheson falava em disponibilizar capitais para crédito para aplicação produtiva. Escrevendo em 1965 a respeito do seu próprio discurso anterior, fala em “development capital”, isto é, já assimila a orientação do fluxo internacional de capital “para o desenvolvimento”.

O que, porém, talvez sintetize melhor a atitude que Acheson propõe em Yale em novembro de 1939 que a política americana assuma é a expressão “to add reach to power”. Diz ele: “I think it clear that with a nation, as with a boxer, one of the greatest assurances of safety is to add reach to power.”³¹ A propósito, um de seus biógrafos comenta:

Though without the Soviet Union in mind, by 1939 he had already identified the key lineaments of an assertive strategy for countering dangerous powers, whoever it might be. The United States must amass military and economic strength. It must extend the “reach” of its power by pushing its security frontier as far as possible from its own borders. Like a “boxer”, it must “add reach to power”.³²

Assim, Acheson delineia de maneira ampla, mas precisa, o que a seu ver o momento histórico da segunda Guerra Mundial e do imediato pós-guerra requer dos Estados Unidos em termos de política externa. Várias vezes durante a sua conferência de Yale ele afirma que é preciso concretizar as diretrizes gerais apontadas, mas que essa concretização, especialmente no campo militar e no campo econômico, demanda conhecimentos específicos que ele não pretende ter. Diz, por exemplo:

It is of course far easier to state these generalities than to give them specific application and to devise the processes for making them

³¹ Acheson, Dean, 1965, p. 270.

³² Beisner, Robert L. *Dean Acheson: A Life in the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 14.

effective. This requires far more knowledge and wisdom than I can summon.³³

A especificação das aplicações e dos processos por meio dos quais as medidas gerais indicadas podem ser concretizadas eficazmente caberá a outros, entre os quais certamente W. W. Rostow ocupará lugar da maior relevância, com sua contribuição original para organizar o processo de moldar o “mundo” do pós-guerra “in the American way”.

II

Em novembro de 1944, o então Assistant Secretary of State Dean Acheson presta depoimento no Special Committee on Post-War Economic Policy and Planning do Congresso dos Estados Unidos. O importante historiador revisionista americano William Appleman Williams considera que esse tenha sido “very probably the clearest and most direct statement and explanation of the American approach to the postwar world”. Segundo Williams, nesse depoimento Acheson apresentou uma compreensão da situação “in a remarkable and almost unique outburst of blunt candor”.³⁴

Acheson manifestou sua apreensão de que a economia voltasse a cair em depressão semelhante à dos anos 1930 – apreensão que, na época, era bastante generalizada

³³ Acheson, Dean, 1965, p. 274.

³⁴ Williams, William Appleman. *The Tragedy of American Diplomacy*. New ed. New York: Norton, 1988, p. 234 (1ª edição 1959). Williams remete à transcrição do depoimento in *Post-War Economic Policy and Planning. Hearings Before the Special Subcommittee on Post-War Economic Policy and Planning. House of Representatives, 78th Cong., 2nd Sess., 1944*. W. A. Williams entende que o expansionismo sempre foi a característica principal da economia e da política dos Estados Unidos. Recua na história americana até James Madison, conhecido como “Pai da Constituição”, que expressava a idéia de que a expansão propiciava a contenção dos conflitos internos entre as facções. Williams passa por Turner, o historiador que defende a Tese da Fronteira, sobre a importância decisiva que a expansão para o oeste dos Estados Unidos teve para o seu desenvolvimento. Williams se detém especialmente nas Open Door Notes, de 1899 e 1900 que, conseguindo o reconhecimento de vantagens especiais para os Estados Unidos no comércio internacional (originalmente na China), segundo Williams passaram a constituir o traço fundamental da economia expansionista norte-americana.

entre as lideranças americanas – ou que entrasse em colapso no fim da guerra. Para Acheson, esse era um grande perigo.

No início do seu depoimento, Acheson pondera que se uma situação como esta se configurasse,

[...] it seems clear that we are in for a very bad time, so far as the economic and social position of the country is concerned. We cannot go through another ten years like the ten years at the end of the twenties and the beginning of the thirties, without having the most far-reaching consequences upon our economic and social system.³⁵

Não é difícil imaginar que outra grande depressão teria conseqüências muito sérias para a sociedade americana internamente, provocando desequilíbrios graves e tensões econômicas e sociais cujo controle seria complicado. A saída vislumbrada pela política americana defendida por Acheson para evitar ou aliviar esses riscos é o escoamento da produção para fora, o que exige mercados no exterior que sejam capazes de comprar/consumir essa produção – produção que ou não é produzida para o mercado interno ou esse mercado não é suficiente para absorvê-la por completo – e, ao mesmo tempo, garante a manutenção ou a elevação do nível do emprego da força de trabalho internamente, facilitando muito o controle das tensões e pressões internas.

Acheson, como outros tantos liberais, não apreende o problema da economia americana como um problema de superprodução e desbalanceamento da distribuição da renda e do consumo internos, mas como um problema de *mercados*. No caso, naquele momento já essencialmente como mercados *externos*. Seguindo no seu depoimento, diz:

³⁵ Apud Williams, W. A., 1988, p. 235.

When we look at that problem, we may say it is a problem of markets. You don't have a problem of production. The United States has unlimited creative energy. The important thing is markets. We have got to see that what the country produces is used and is sold under financial arrangements which make its production possible. [...] *You must look to foreign markets.*³⁶

A questão aparece simples assim: o problema são os mercados; o importante são os mercados; a solução são os mercados – externos. Pode-se concluir que, portanto, enquanto houver mercados *externos*, onde circulem o mais livremente possível capitais, mercadorias e matérias primas, a expansão internacional poderá continuar a ser apresentada e defendida como solução para os excedentes norte-americanos.

Além da questão da resolução do problema por meio da expansão dos mercados, especialmente externos, Acheson esclarece nessa parte do seu testemunho que a produção americana é feita, usada e vendida “under financial arrangements” que a tornam possível. É o vínculo estreito com o capital financeiro (Hilferding diria capital bancário) que torna possível a produção americana, cujo ciclo só se completa com a sua colocação no mercado exterior.

Williams comenta que nesse ponto Acheson “interrupted the main line of his analysis in a curious way. He voluntarily threw in a comment that seems remarkably similar to the admission made by Brook Adams in 1900, when he was proposing exactly the same kind of expansion.”³⁷ Para não perder os detalhes do sabor e do significado das formulações de Acheson, Williams transcreve uma parte do diálogo entre Acheson e o Presidente da Comissão Especial do Congresso:

³⁶ Williams, W. A., 1988, p. 235, grifado por mim, F D. R..

³⁷ Williams, W. A., 1988, p. 235.

ACHESON: We could argue for quite a while that under a different system in this country you could use the entire production of the country in the United States.

WORLEY: What do you mean by that?

ACHESON: I take it the Soviet Union could use its entire production internally. If you wish to control the entire trade and income of the United States, which means the life of the people, you could probably fix it so that would completely change our Constitution, our relations to property, human liberty, our very conceptions of law. And nobody contemplates that. Therefore, you find you must look to other markets and those markets are abroad. [...] The first thing that I want to bring out is that we need these markets for the output of the United States. If I am wrong about that, then all the argument falls by the way-side, but my contention is that we cannot have full employment and prosperity in the United States without the foreign markets. That is point one, and if anyone wants to challenge me on that we will go over it again.

WORLEY: I think we are agreed on that.

ACHESON: How do we go about getting it? What you have to do at the outset is to make credit available. [...] I don't believe private capital can possibly do it.

WORLEY: Why not?

ACHESON: I don't think there is enough private capital willing to engage in that activity, which is quite risky. There will be a lot of losses. [...] ³⁸

Dean Acheson confronta diretamente a perspectiva isolacionista quando diz, com evidente ironia, que os Estados Unidos poderiam usar toda a produção do país no próprio país – se fosse adotado um sistema diferente. Ele compreende, e tem razão nisso, que o capitalismo é expansionista, e mais, ele sabe muito bem que o capitalismo de meados do

³⁸ Williams, W. A., 1988, p. 235-236.

século XX funciona cada vez mais intensa e abrangentemente em escala mundial. O capitalismo americano depende fundamentalmente da dinâmica internacional do sistema como um todo, o que nesse depoimento Acheson expressa sob a forma genérica de “mercados externos”. Quando confronta os políticos americanos que se opõem às políticas que procuram criar uma melhor inserção dos Estados Unidos nessa dinâmica internacional, com maior lucratividade e maiores vantagens, não apenas econômicas – embora principalmente econômicas –, como também militares e políticas, Acheson opõe o necessário internacionalismo norte-americano às práticas político-econômicas da União Soviética. Parece uma provocação bem conduzida para desarmar os congressistas da Comissão adversários da política que ele defende para o país. Como se uma alternativa a essa política que considerasse principalmente os problemas e o mercado internos implicasse necessariamente contrariar a Constituição, o espírito das leis, a liberdade e as relações de propriedade estabelecidas no país. Retoricamente, o próprio Dean Acheson descarta essa possibilidade, que ninguém ousaria considerar. E volta a afirmar que é preciso buscar outros mercados, mercados que se encontram no exterior. Reafirma uma vez mais que os Estados Unidos precisam desses mercados, porque sem os mercados externos não poderá haver pleno emprego nem prosperidade no país.

Tendo conseguido que seu interlocutor – o Presidente da Comissão do Congresso – expressasse concordância com o que ele colocava como ponto número 1 do seu depoimento, Acheson passa imediatamente adiante, afirmando a necessidade de participação do Estado para a conquista e o funcionamento desse mercado internacional em proveito da economia norte-americana. Como as ações nesse sentido envolvem risco alto, não são suficientemente atraentes para o capital privado.

III

W. W. Rostow localiza como antecedente mais próximo da política de desenvolvimento (ou, nos termos dele, “modern development aid”) a criação em julho de 1944, pelo acordo de Bretton Woods, do International Bank for Reconstruction and Development, colocando em pauta um novo elemento político e econômico: a idéia de uma instituição internacional para ajudar a promover o desenvolvimento dos países menos desenvolvidos.³⁹

O desenvolvimento enquanto política de Estado, porém, é uma política dos Estados Unidos que desde logo se propõe por meio de medidas e de *instituições internacionais* e deste modo começa a concretizar-se como talvez a mais fundamental das políticas de construção do mundo que emerge do pós-guerra.

Essa construção tem dois grandes marcos. Ambos se colocam no plano propriamente internacional e se constituem ainda antes do final da guerra. O primeiro marco é direta e claramente de natureza econômico-financeira. Define-se na conferência de Bretton Woods, em julho de 1944, na qual são criadas duas novas organizações visando garantir no pós-guerra um mundo capitalista aberto: 1) o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), futuro Banco Mundial, que inicialmente contava com US\$ 7.6 bilhões de dólares, quase totalmente provenientes dos Estados Unidos e destinados na maior parte para a reconstrução da Europa; 2) o Fundo Monetário Internacional (FMI), que começou sua atividade com US\$ 7.3 bilhões de dólares. Tanto o Banco quanto o Fundo, embora sendo instituições internacionais, desde o início foram dominados pelos Estados Unidos.

O BIRD começou a operar de forma lenta. Voltava-se principalmente para a reconstrução dos países europeus devastados pela guerra, as ações ditas “para o

³⁹ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*. Austin : University of Texas Press, 1985, p. 77.

desenvolvimento” eram colocadas em segundo plano. Seus primeiros empréstimos foram concedidos em 1947 para quatro países europeus: França, Holanda, Dinamarca e Luxemburgo. Para os países subdesenvolvidos, seus primeiros empréstimos foram para o Chile, em 1948, e para o México e o Brasil, em 1949. Rostow comenta: “But an institution had come to life capable of evolution in direction not initially envisaged; by 1980 it was lending some US\$ 12 billion annually for development purposes.”⁴⁰

O segundo marco, eminentemente político – mas político num sentido amplo, porque voltado para as deliberações e o acompanhamento das ações políticas em nível internacional, mas também para a organização política internacional nos planos econômico e cultural –, é a criação das Nações Unidas, deliberada na conferência de São Francisco, mas cujo perfil e organização já estavam definidos nas reuniões de Dumbarton Oaks, em Washington, e de Yalta, na União Soviética. Estava previsto antes do final da guerra que a Organização das Nações Unidas deveria contar com uma Assembléia Geral em que todas as nações do mundo estariam representadas, mas o poder real caberia a um Conselho de Segurança constituído por doze membros, dos quais cinco em caráter permanente e com direito de veto: os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha, a França e a China; os demais sete assentos no Conselho de Segurança deveriam ser ocupados pelos demais Estados membros, em caráter rotativo.

Particularmente importante nas Nações Unidas é seu Conselho Econômico e Social (ECOSOC), que é o fórum central para a discussão de questões econômicas e sociais internacionais e para a formulação de recomendações de políticas dirigidas aos seus Estados Membros e ao sistema Nações Unidas. O ECOSOC abrange mais de 70% dos recursos humanos e financeiros de todo o sistema Nações Unidas. O ECOSOC foi estabelecido sobre a *Carta das Nações Unidas* como o órgão principal para coordenar o trabalho econômico e

⁴⁰ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, p. 78.

social das quatorze agências especializadas das Nações Unidas, das dez comissões funcionais e das cinco comissões regionais. O Conselho Econômico e Social recebe ainda relatórios de onze fundos e programas.⁴¹

As cinco comissões regionais são:

1. UN-Economic Commission for Europe (ECE);
2. UN-Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP);
3. UN-Economic Commission for Latin America (ECLA) (CEPAL);
4. UN-Economic Commission for Africa (ECA);
5. UN-Economic Commission for Western Asia (ECWA)

A Comissão Econômica Para a Europa (ECE) resultou da Recomendação feita pela Temporary Sub-Commission on the Economic Reconstruction of Devastated Areas, reunida em Londres em 29 de julho de 1946 e que se reportou ao Conselho Econômico e Social em 13 de setembro de 1946. A Assembléia Geral das Nações Unidas, em 11 de dezembro de 1946 aceitou unanimemente a recomendação e o Conselho, pela Recomendação 36 (IV) de 28 de março de 1947, estabeleceu a ECE.⁴² Pela Recomendação 37 (IV), na mesma data foi criada a Economic Commission for Asia and the Far East.⁴³ Mais tarde esta Comissão passou a ser designada UN-Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP), que é a mais abrangente das cinco Comissões Regionais das Nações Unidas, contando com o maior número de funcionários das Nações Unidas servindo na região Ásia-Pacífico, com um staff de mais de seiscentas pessoas.

⁴¹ http://www.un.org/docs/ecosoc/ecosoc_background.html. Acesso em 19/10/2007.

⁴² A Recomendação 36 (IV) resulta da Resolução de 28 de março de 1947 (documento E/402), do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, considerando a resolução adotada na quinquagésima quinta sessão plenária da Assembléia Geral de 11 de dezembro de 1946, recomendando o estabelecimento de uma Economic Commission for Europe (ECE), “in order to give effective aid to the countries devastated by war”.

⁴³ A Recomendação 37 (IV) resulta da Resolução de 28 de março de 1947 (documento E/405), sob idêntica consideração e argumentação da mesma sessão plenária da Assembléia Geral referida na nota anterior, para a criação da Economic Commission for Asia and the Far East.

A Comissão Econômica para a América Latina (ECLA – acrônimo hispânico CEPAL) foi estabelecida pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em 25 de fevereiro de 1948, pela Recomendação 106 (VI) ⁴⁴ e começou a funcionar no mesmo ano. Em 27 de julho de 1984, pela resolução 1984/67, a Comissão incluiu os países do Caribe, passando a ser designada como UN-Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC – mas manteve o acrônimo hispânico CEPAL).

A Comissão Econômica para a África (ECA) foi estabelecida pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em 1958.⁴⁵

A Comissão Econômica para a Ásia Ocidental (ECWA) foi estabelecida pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, conforme a resolução 1818 (LV), de 9 de agosto de 1973,⁴⁶ para suceder o United Nations Economic and Social Office em Beirute (UNESOB). De acordo com a resolução 1985/69, de 26 de julho de 1985, a Comissão passou a ser designada como Economic and Social Commission for Western Asia (UM-ESCWA).

As Comissões Regionais das Nações Unidas constituem o principal meio organizacional (ou organizações-meio) que o sistema organizacional Nações Unidas criou para operacionalizar regionalmente as políticas de desenvolvimento organizadas internacionalmente por meio desse sistema. As regiões abrangidas por essas Comissões são demarcadas segundo critérios também definidos por esse sistema.

⁴⁴ A Recomendação 106 (VI) resulta de relatório do Comitê *ad hoc* sobre a proposta para uma comissão econômica para a América Latina. Pela Resolução de 25 de fevereiro e 5 de março de 1948 (documento E/712/Rev. 1), o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas estabelece uma Comissão Econômica para a América Latina (ECLA).

⁴⁵ Pela Recomendação 671 (XXV), o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, considerando a Resolução 1155 (XII) da Assembleia Geral, de 26 de novembro de 1957, “for the purpose of giving effective aid to the countries and territories of Africa”, estabelece uma Comissão Econômica para a África.

⁴⁶ Pela Recomendação 1818 (LV), o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, “Recognizing the special role of the regional economic commissions in the implementation of the International Development Strategy for the Second United Nations Development Decade, [...]”, na reunião plenária de 9 de agosto de 1973 estabelece uma Economic Commission for Western Asia.

É importante destacar, inicialmente, na criação das instituições internacionais por meio das quais a política do desenvolvimento passa a ser gerida, que elas são a concretização, nos planos institucional, internacional e regional, de uma idéia que já estava esboçada na política norte-americana pelo menos desde o final da segunda Guerra Mundial.

Ao final da guerra, as condições econômicas e os interesses políticos dos Estados Unidos tornavam cada vez mais necessário e urgente concretizar essa idéia através de políticas de expansão internacional, o que a partir de determinado ponto passou a ser feito enquanto políticas de desenvolvimento, sob a forma de “ajuda” para o “desenvolvimento” *nas* áreas subdesenvolvidas.⁴⁷ Entre 1940 e 1944, a produção industrial norte-americana cresceu 90%, a agrícola 20% e o produto nacional bruto 60%. A maior parte das economias do mundo, inclusive a britânica, estava devastada pela guerra. Num contexto como esse, “United States leaders agreed with Will Clayton, former corporate executive and now State Department official, who warned in late 1943 that isolationism was dead. The nation’s growing production and political interests demanded an open, orderly world, ...”⁴⁸ LaFeber menciona uma análise do Departamento de Estado, encaminhada ao Presidente Roosevelt por ocasião da Conferência de Yalta, que afirma: “the United States is no longer so much a land of opportunity as a land looking for opportunity; and to an increasing extent Americans will seek it outside their own borders.”⁴⁹

⁴⁷ Nessas políticas, diz-se que para o desenvolvimento *das* áreas subdesenvolvidas, mas o mais correto é acentuar que visam, especialmente, o desenvolvimento *nas* áreas subdesenvolvidas.

⁴⁸ LaFeber, Walter. *The American Age : United States Foreign Policy at Home and Abroad : 1750 to the Present*. 2ª ed. New York: W.W. Norton, 1994, p. 431.

⁴⁹ U.S. Department of State. *Foreign Relations of the United States: The Conference at Malta and Yalta, 1945*. Washington, D. C., 1955, p. 237, apud LaFeber, W., 1994, p. 438 e nota 37, p. 453.

IV

Harry S. Truman, em discurso sobre Política Econômica Externa, feito na Baylor University, em 6 de março de 1947, fez uma afirmação que tem uma importância fundamental para o entendimento das principais questões que ocupariam as discussões sobre essa política nos anos seguintes: “*Our foreign relations, political and economic, are indivisible. We cannot say that we are willing to cooperate in the one field and are unwilling to cooperate in the other. I am glad to note that the leaders in both parties have recognized that fact.*”⁵⁰ Esta última afirmação, no entanto, não correspondia à compreensão política dominante, menos ainda nos dois principais partidos políticos americanos.

Chegam ao Secretário de Estado americano notícias cada vez mais alarmantes sobre a situação na Grécia, que, de acordo com os informes, já estava ruim em fins de dezembro de 1946 e se deteriorava rapidamente em janeiro e fevereiro de 1947.⁵¹ Dean Acheson, então Sub-Secretário de Estado, menciona os relatos de que “imminent collapse due to mounting guerrilla activity, supplied and directed from the outside, economic chaos, and Greek government inability to meet the crisis.”⁵²

Em 21 de fevereiro de 1947, sexta-feira, antes de viajar para falar em Princeton, o Secretário de Estado General Marshall instruiu o Sub-Secretário Dean Acheson para preparar os passos necessários para enviar ajuda militar e econômica à Grécia. No mesmo dia, o embaixador britânico, Lord Inverchapel, solicitou audiência urgente com o Secretário de

⁵⁰ Harry S. Truman Address on Foreign Economic Policy, proferido na Baylor University, 6 de março de 1947, grifado por mim, F. D. R. Citado a partir de John Woolley and Gerhard Peters, The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Available from World Wide Web: (<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=12842>). Acesso em 21/10/2007.

⁵¹ Os relatos que chegam ao Departamento de Estado são de MacVeagh, Embaixador dos Estados Unidos na Grécia, de Paul Porter, Chefe da Missão Econômica e de Mark Ethridge, que vinha relatando ao Secretário de Estado Byrnes as condições nos Bálcãs.

⁵² Acheson, Dean. *Present at Creation*, 1987, p. 217.

Estado. Dada a gravidade e a urgência da situação, o Sub-Secretário se encarregou das providências para que na audiência, que devia ocorrer na segunda-feira 24 de fevereiro, às dez horas, o General Marshall já tivesse uma noção mais precisa das condições sobre as quais se solicitava sua atenção e sua decisão. A ajuda britânica à Grécia e à Turquia se encerraria em seis semanas, o governo britânico não podia prestar maior auxílio naquela situação e esperava que o governo dos Estados Unidos pudesse assumir o encargo tanto na Grécia como na Turquia. Esclarecidos os pontos principais – quanto à debilidade financeira da Grécia e da Turquia, por quanto tempo as tropas inglesas poderiam ser induzidas a permanecer na Grécia, quais forças militares poderiam substituí-las, quais as propostas para uma organização governamental efetiva na Grécia, quais as estimativas de custos e de tempo – o General Marshall, segundo informa o Sub-Secretário, o encarregou de continuar como responsável principal da questão, já que o Secretário viajaria para Moscou na semana seguinte, para participar de uma reunião de ministros do exterior.

O relato de Dean Acheson, especialmente sobre as ações que se seguiram até o discurso do Presidente Truman no Congresso, é particularmente revelador dos procedimentos quanto à ação dos Estados Unidos no plano internacional, em termos de ajuda a uma nação “para preservar sua independência nacional”, bem como dos vários planos envolvidos na preparação dessa ajuda, “a pedido” de uma nação estrangeira, encaminhada pela Presidência dos Estados Unidos e concedida pelo Congresso norte-americano. Segundo Acheson, a reunião do General Marshall com o Embaixador Lord Inverchapel foi rápida e pouco depois a ela se seguiu uma reunião dos Secretários de Estado, da Guerra e da Marinha com o Presidente. Diz Acheson:

We agreed that the President and his principal advisers seemed convinced that it was vital to the security of the United States for Greece and Turkey to be strengthened to preserve their national independence, that only the United States could do this, that funds and

authority from Congress were necessary, and the State would prepare for concurrence by War and Navy specific recommendations for the President.⁵³

Dean Acheson relata como transcorreram os preparativos que antecederam a Mensagem do Presidente Truman ao Congresso;

With the President and both the executive and legislative leaders agreeing in principle to our assumption of responsibility in the eastern Mediterranean, we turned to the task of preparing a concrete program of operation and explaining it to the Congress and the country. Francis Russell, Director of the Office of Public Affairs, would take on the campaign of public information, and other assignment in the political and economic fields had to be made and meshed. [...] On March 5 he [General Marshall] was going to Moscow, where he would be when our whole program became public. We were to go forward, he instructed me, with utmost vigor and without regard to him and his meeting. [...] The prime necessity was to save the pivotal position occupied by Greece and Turkey. [...] The spirit which inspired us all at the time has been well put by Joseph M. Jones of the Office of Public Affairs, who was both a participant in and the historian of all this effort: "All ... were aware that a major turning point in American history was taking place. The convergence of massive historical trends upon that moment was so real as to be almost tangible, and it was plain that in that carrefour of time all those trends were being to some degree deflected." [...] Groups were appointed by Henderson, who was in charge, with Hickerson as his second, to draft the legislation, to organize and recruit the civilian group to exercise control and direction in Greece, to set up with the Pentagon the military training and advisory teams, to order supplies and weapons, and to procure shipping. Joseph Jones would prepare a draft of the President's message for the White House. Everyone knew that the State

⁵³ Acheson, Dean. *Present at Creation*, 1987, p. 218.

Department was facing its last clear chance to get a job done. The job of briefing the press I took on myself, talking on the evening of February 27 off the record and with the greatest frankness to a group of twenty men assigned to the Department.⁵⁴

Além da menção às providências internas para que os Estados Unidos assumissem a decisão de ajudar a Grécia e a Turquia, Dean Acheson dá alguns detalhes sobre o encaminhamento na Grécia:

All this time Greece was in the position of a semiconscious patient on the critical list whose relatives and physicians had been discussing whether his life could be saved. The hour had come for the patient to be heard from. On March 3, with the support of kind friends and their guidance of a feeble hand, the Greek Government wrote asking for help – financial, economic, military, and administrative – which has already been mentioned. Of all this we kept General Marshall in Moscow fully informed, including a draft of the message to Congress that Joseph Jones had given to Clark Clifford, Counsel to the President. The General approved the message. [...] The President [...] met with me on March 7. Deciding that he had no alternative but to go ahead, and realizing that this was only a beginning, he approved a request for two hundred million dollars for Greece and one hundred fifty million dollars for Turkey, and the message to Congress. We then moved into the Cabinet Room, where the President laid out the whole program, which got unanimous Cabinet support, and ordered a meeting with congressional leaders for March 10 and, depending on its outcome, a presidential appearance before Congress on March 12. I came back to the Department somewhat breathless. When President Truman had made a decision, he moved fast.⁵⁵

⁵⁴ Acheson, Dean. *Present at Creation*, 1987, p. 220.

⁵⁵ Acheson, Dean. *Present at Creation*, 1987, p. 221.

Dois dias depois de uma reunião com lideranças do Congresso, na qual grande dificuldade política teve que ser enfrentada, o Presidente Truman foi ao Congresso, reunido em sessão conjunta, em 12 de março e leu a Mensagem que definiria a Doutrina Truman. A situação política era delicada. Os problemas políticos internos na Grécia não resultavam de ações por parte da União Soviética, portanto essa alegação não poderia ser usada como justificativa, o que criava grande dificuldade de apoio político dos americanos a uma proposta de ajuda a países como a Grécia e a Turquia. Era preciso apresentar motivos importantes para conseguir a adesão necessária ao projeto. O fato de a Inglaterra comunicar aos Estados Unidos que já não tinha condições para permanecer no controle da Grécia, e pedir a interferência dos Estados Unidos, oferecia uma oportunidade importante, que Dean Acheson, o General Marshall e o Presidente Truman entenderam e não deixaram passar. A posição política adotada, com sua expressão no discurso do Presidente Truman perante o Congresso americano, constituiu um marco na política externa dos Estados Unidos, que passam a assumir abertamente a liderança internacional para a qual já dispunham efetivamente das condições necessárias, tanto econômicas, quanto políticas e militares. Ficava-se na dependência da capacidade de encaminhar politicamente a questão, expondo a situação internacional com firmeza, mas sem abrir novas frentes de conflito. O discurso de Truman coloca diante de um Congresso cheio de resistências a essa política internacional uma análise de um mundo dividido, com dois “modos de vida” distintos. De um lado, a liberdade; de outro lado, a opressão; e a necessidade de escolha entre os dois, sem alternativas. E, afinal, a segurança dos Estados Unidos é apresentada como podendo ficar em situação de risco, conforme a escolha que se decida fazer. O Presidente Truman enuncia que:

One of the primary objectives of the foreign policy of the United States is the creation of conditions in which we and other nations will be able to work out a way of life free from coercion.

To ensure the peaceful development of nations, free from coercion, the United States has taken a leading part in establishing the United Nations. The United Nations is designed to make possible lasting freedom and independence for all its members. We shall not realize our objectives, however, unless we are willing to help free peoples to maintain their free institutions and their national integrity against aggressive movements that seek to impose upon them totalitarian regimes. This is no more than a frank recognition that totalitarian regimes imposed upon free peoples, by direct or indirect aggression, undermine the foundations of international peace and hence the security of the United States. [...]

At the present moment in world history nearly every nation must choose between alternative ways of life. The choice is too often not a free one.

One way of life is based upon the will of the majority, and is distinguished by free institutions, representative government, free elections, guarantees of individual liberty, freedom of speech and religion, and freedom from political oppression.

The second way of life is based upon the will of a minority forcibly imposed upon the majority. It relies upon terror and oppression, a controlled press and radio, fixed elections, and the suppression of personal freedoms.

Após uma análise como esta, enfatizando a divisão político-ideológica entre dois mundos, ou dois modos de vida, em que a existência do que se baseia no terror e na opressão constitui uma ameaça ao primeiro, apresentado como o mundo em que impera a liberdade, a consequência é impositiva, apontando para a necessidade da ação firme e imediata por parte dos Estados Unidos. O Presidente Truman, então, afirma:

I believe that it must be the policy of the United States to support free peoples who are resisting attempted subjugation by armed minorities or by outside pressures.

I believe that we must assist free peoples to work out their own destinies in their own way.

I believe that our help should be primarily through economic and financial aid which is essential to economic stability and orderly political processes.

The world is not static, and the status quo is not sacred. But we cannot allow changes in the status quo in violation of the Charter of the United Nations by such methods as coercion, or by such subterfuges as political infiltration. In helping free and independent nations to maintain their freedom, the United States will be giving effect to the principles of the Charter of the United Nations.

It is necessary only to glance at a map to realize that the survival and integrity of the Greek nation are of grave importance in a much wider situation. If Greece should fall under the control of an armed minority, the effect upon its neighbor, Turkey, would be immediate and serious. Confusion and disorder might well spread throughout the entire Middle East.

Moreover, the disappearance of Greece as an independent state would have a profound effect upon those countries in Europe whose peoples are struggling against great difficulties to maintain their freedoms and their independence while they repair the damages of war.

It would be an unspeakable tragedy if these countries, which have struggled so long against overwhelming odds, should lose that victory for which they sacrificed so much. Collapse of free institutions and loss of independence would be disastrous not only for them but for the world. Discouragement and possibly failure would quickly be the lot of neighboring peoples striving to maintain their freedom and independence.

Should we fail to aid Greece and Turkey in this fateful hour, the effect will be far reaching to the West as well as to the East.

We must take immediate and resolute action.

I therefore ask the Congress to provide authority for assistance to Greece and Turkey in the amount of \$400,000,000 for the period ending June 30, 1948. In requesting these funds, I have taken into

consideration the maximum amount of relief assistance which would be furnished to Greece out of the \$350,000,000 which I recently requested that the Congress authorize for the prevention of starvation and suffering in countries devastated by the war.

In addition to funds, I ask the Congress to authorize the detail of American civilian and military personnel to Greece and Turkey, at the request of those countries, to assist in the tasks of reconstruction, and for the purpose of supervising the use of such financial and material assistance as may be furnished. I recommend that authority also be provided for the instruction and raining of selected Greek and Turkish personnel.

Finally, I ask that the Congress provide authority which will permit the speediest and most effective use, in terms of needed commodities, supplies, and equipment, of such funds as may be authorized.⁵⁶

Dean Acheson comenta a reação do Congresso em telegrama que envia ao General Marshall, dizendo que a resposta à mensagem não foi de oposição, mas ela “did disclose the inevitable pain and anguish of Congress in facing a difficult situation”. E conclui: “For more than two months it would undergo the anguish of its labor pains before an ‘Act to Provide for Assistance to Greece and Turkey’ would be delivered to the President for approval.”⁵⁷

No texto da mensagem, é interessante destacar que, diante do que é apreendido como perigo iminente de controle comunista de um país estratégico, a proposta de auxílio é apresentada como “primarily through economic and financial aid”, justificada porque “is essential to economic stability and orderly political process”. O pedido é de quatrocentos milhões de dólares até 30 de junho de 1948, adicionais aos trezentos e cinquenta milhões de

⁵⁶ <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/print.php?pid=12846>. Acesso em 21/10/2007.

⁵⁷ Acheson, Dean. *Present at Creation*, 1987, p. 223.

dólares já solicitados para a prevenção da estagnação e do sofrimento em países devastados pela guerra.

Além dos fundos solicitados, o governo pede ao Congresso que autorize o destacamento de pessoal civil e militar a ser enviado à Grécia e à Turquia, a pedido desses países, para ajudar nas tarefas de reconstrução e com o objetivo de supervisionar o uso desse auxílio financeiro e material. O Presidente recomenda que também seja dada autorização para instrução e treinamento de pessoal grego e turco selecionado. E pede que o Congresso autorize o mais rápido e mais efetivo uso dos recursos concedidos, em termos de mercadorias, suprimentos e equipamentos.

A partir daí, a presença dos Estados Unidos no mundo assume efetivamente uma nova dimensão.

V

No seu discurso de posse como Presidente dos Estados Unidos, em 20 de janeiro de 1949,⁵⁸ Harry Truman anuncia um programa “para a paz e a liberdade”, em que enfatiza quatro cursos principais de ação. O ponto 4 trata do desenvolvimento das áreas subdesenvolvidas e é um dos marcos importantes nos discursos e nas atitudes vinculadas com a “ajuda” externa para o desenvolvimento.

⁵⁸ Harry S. Truman Inaugural Address, em 20 de janeiro de 1949, às 12:35 horas, proferido pessoalmente no Congresso dos Estados Unidos, em cerimônia presidida pelo Juiz Vinson, da Suprema Corte. O juramento foi feito com o Presidente colocando sua mão esquerda sobre duas Bíblias: uma “*used at the swearing-in of the President on April 12, 1945*” e “*a Gutenberg Bible presented by the citizens of Independence, Mo.*” A primeira estava aberta em Mateus 5, versículos 3-11; a segunda, em Êxodo, versículos 3-17. Citado a partir de John Woolley and Gerhard Peters, The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database).

Disponível em World Wide Web: (<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=13282>). Acesso em 21/10/2007.

O primeiro ponto do discurso expressa a decisão de continuar a sustentar com firmeza as Nações Unidas e suas agências. O segundo anuncia que os programas para a recuperação econômica mundial vão continuar. O terceiro afirma a posição de fortalecer as nações que “amam a liberdade”, contra os perigos de opressão. O ponto quarto coloca a questão do subdesenvolvimento e anuncia que o governo dos Estados Unidos pretende lançar um programa “novo e corajoso” visando disponibilizar os avanços científicos e o progresso industrial americano para a melhoria e o crescimento das áreas subdesenvolvidas.

O Presidente caracteriza o subdesenvolvimento: “More than half the people of the world are living in conditions approaching misery. Their food is inadequate. They are victims of disease. Their economic life is primitive and stagnant.” O quadro é de miséria, fome, doença, economia primitiva e estagnada. Logo, porém, o discurso desvia o seu foco de uma possível aproximação humanitária do problema e adverte: “Their poverty is a handicap and a threat both to them and to more prosperous areas.” Aparece, então, como termo-chave da caracterização do subdesenvolvimento, o fator “ameaça”: o subdesenvolvimento constitui uma desvantagem e uma ameaça para os próprios subdesenvolvidos e para as áreas mais prósperas. Continuando na mesma linha que o discurso veio tecendo nos pontos anteriores, ao localizar uma ameaça é preciso cuidar dela.

Uma vez colocada a questão de que esta situação constitui uma ameaça, o discurso retoma o sentido de “atenuar o sofrimento” desses povos. Como? De imediato, o Presidente alega que os recursos materiais para esse fim são limitados. Mas oferece conhecimento técnico e, com a cooperação de outras nações, oferece capital para investir nas áreas que necessitam desenvolvimento. A direção geral é oferecer, junto com outros países, por meio das Nações Unidas, conhecimento técnico e capital, para ajudar os povos livres do mundo através de seus próprios esforços, a melhorar suas condições de vida e aumentar seu crescimento econômico. Truman diz:

I believe that we should make available to peace-loving peoples the benefits of our store of technical knowledge in order to help them realize their aspirations for a better life. And, in cooperation with other nations, we should foster capital investment in areas needing development.

Our aim should be to help the free peoples of the world, through their own efforts, to produce more food, more clothing, more materials for housing, and more mechanical power to lighten their burdens.

We invite other countries to pool their technological resources in this undertaking. Their contributions will be warmly welcomed. This should be a cooperative enterprise in which all nations work together through the United Nations and its specialized agencies whenever practicable. It must be a worldwide effort for the achievement of peace, plenty, and freedom.

O Presidente Americano inclui, assim, esse programa “novo e corajoso” como parte do esforço mundial que se faz necessário para alcançar “paz, fartura e liberdade”. Fala em novos desenvolvimentos econômicos e em garantias para o investidor, contrabalançadas com as garantias no interesse dos povos “whose resources and whose labor go into these developments”. O discurso enuncia que esses desenvolvimentos são novos e que os povos a serem assim desenvolvidos participam desse desenvolvimento com recursos e com trabalho.

Há uma afirmação do Presidente Truman que chama especialmente a minha atenção: “The old imperialism – exploitation for foreign profit – has no place in our plans. What we envisage is a program of development based on the concepts of democratic fair-dealing.” Uma primeira leitura leva a relacionar o velho imperialismo com os novos desenvolvimentos, carregando o sentido de que os desenvolvimentos novos não cabem no velho imperialismo e, indo um pouco mais longe, o sentido de que o velho imperialismo já

passou, não existe mais essa “exploitation for foreign profit”. Relendo a afirmação, no entanto, ela me aparece mais como uma denegação (no sentido psicanalítico do termo).⁵⁹

A razão mais verdadeira, a meu juízo, desta parte do programa parece vir quando aponta para “a constructive program for the better use of the world's human and natural resources”. E com a afirmação de que “our commerce with other countries expands as they progress industrially and economically”. O Ponto 4 esboça um programa de desenvolvimento em nível mundial, que permita a expansão econômica mundo afora. Esse programa passa necessariamente pelos países subdesenvolvidos. O discurso presidencial aponta o objetivo e o caminho da ajuda aos povos subdesenvolvidos, retoricamente, quando afirma: “Only by helping the least fortunate of its members to help themselves can the human family achieve the decent, satisfying life that is the right of all people.” Truman, porém, indica o que os Estados Unidos podem de fato esperar desse programa: “If we are to be successful in carrying out these policies, it is clear that we must have continued prosperity in this country and we must keep ourselves strong.”

W. W. Rostow , no entanto, reclama:

The character of the American national interest in the economic progress of the underdeveloped areas [...] was not made clear in Truman exposition. He leaned mainly on a combination of humanitarianism and American economic self-interest; he also linked successful economic development to the conditions for peace and the

⁵⁹ “Termo proposto por Sigmund Freud para caracterizar um mecanismo de defesa através do qual o sujeito exprime negativamente um desejo ou uma idéia cuja presença ou existência ele recalca. No Brasil também se usam ‘negação’ e ‘negativa’.” Verbete Denegação, in Roudinesco, Elisabeth & Plon, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 145-146. Ver também Freud, Sigmund. “A Negativa” (Die Verneinung), 1925, in Freud, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, Vol. III: 1923-1940. Coord. Geral da tradução Luiz Alberto Hanns; tradutores Claudia Dornbusch et al.; consultores da teoria da tradução João Azenha Jr. e Suzana Kampff Lages. Rio de Janeiro: Imago, 2007; e também verbete “Negação” in Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. Direção Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

spread of the democratic process. He did not, however, in scale or in urgency elevate the Point Four program to the level of, say, the Marshall Plan or national defense policy.”⁶⁰

A reclamação de Rostow é de que algo que é vital para o interesse nacional americano (o desenvolvimento), embora já esteja colocado num discurso presidencial como esse, ainda não é assumido como uma política essencial para o governo dos Estados Unidos. Mais do que isso, ainda aparece mesclado com formulações que apelam para valores humanitários, quando essa política se justifica por razões econômicas (principalmente) e por razões políticas e militares. Rostow leva sua reclamação a um nível político interessante: se Truman liga o desenvolvimento econômico com as condições para a paz e para a ampliação da democracia, por que não dá mais atenção à política para o desenvolvimento?

Naquele momento não havia clareza política nem para o governo no seu conjunto, nem para o Congresso, nem para o povo americano, de que o Ponto 4 apresentava uma matéria que era crucial para defender o interesse nacional americano. Essa era a questão que movia Rostow e que somente com o governo Kennedy alcançaria a dimensão de política de Estado prioritária.

Segundo Rostow, a política de longo prazo que o Ponto 4 anunciava passou a posição efetivamente secundária com a guerra na Coreia: “Thus, the creative and anticipatory dimension in foreign policy, symbolized by the Fourth Point, was throttled back while the nation continued in its familiar style to institutionalize its emergency response to the last crisis.”⁶¹

⁶⁰ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy, and Foreign Aid*, p. 79-80.

⁶¹ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy, and Foreign Aid*, p. 83.

3ª Parte

Walt Whitman Rostow: idéias e ação

Capítulo 5

Walt Whitman Rostow: idéias e ação

Humor conveys without cant the inherent disparity between the scale of the problems they confront and the capacities of mortal individuals.

Walt Whitman Rostow
“Reflections on Political Economy”

Walt Whitman Rostow talvez seja um dos exemplos mais consistentes e completos de intelectual em que a produção teórica é ao mesmo tempo profundamente vinculada com a política no seu sentido mais amplo, no caso com a formulação estratégica de políticas públicas junto ao governo da nação que se tornava potência hegemônica mundial. No seu primeiro livro sobre o crescimento econômico⁶², diz que:

The author's inclination to pursue this theme has been strengthened from what he has been able to learn of the problems of policy that confront the post-war world, in the Department of State, in the United Nations Commission for Europe in Geneva, and as an American teacher at Oxford and Cambridge, for various periods over the past five years.⁶³

Seus dados biográficos indicam já à primeira vista uma vida profissional que mescla atividade acadêmica e governamental. A guerra, a segunda Guerra Mundial, que eclodiu quando Rostow concluía seu Doutorado, é certamente uma marca importante na sua

⁶² Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. London: Oxford University Press, 1953. 2nd Ed. New York: Norton, 1962.

⁶³ Rostow, W.W. *The Process*, Prefácio à 1^a ed., p. 3.

trajetória, embora outras questões do período também viessem a ser decisivas para definir que a sua produção se voltasse para a academia e para a política governamental. Em texto que formulou no início dos anos 1960, quando ocupava posições de poder junto à Presidência dos Estados Unidos, Rostow diz:

Many of us who now work in Washington [...] we were formed by the second world war; after 1945 we were drawn to a continuing concern with the problems of this nation's position on the world scene. Along with many others of my age, my professional life has been a counterpoint between the world of ideas and the world of public policy.⁶⁴

Os tempos da guerra e o chamado esforço de guerra promoveram nos Estados Unidos uma grande aproximação entre os cientistas, os cientistas sociais inclusive, e o poder do Estado. Esse vínculo iria mostrar-se útil também no pós-guerra. Rostow menciona “a continuing concern with the problems of this nation's position on the world scene”. A posição dos Estados Unidos na cena mundial do pós-guerra é definida fundamentalmente pela ascensão norte-americana à hegemonia do capitalismo que entrava em novo ciclo de expansão. É essa a grande marca do período, marca que está na raiz do que se convencionou chamar de Guerra Fria, que remete imediatamente ao outro aspecto da posição dos Estados Unidos na cena mundial: a nova expansão capitalista, agora comandada pelos Estados Unidos, se deparava com o chamado comunismo já existente na URSS, depois na China, mais tarde também em Cuba e com a possibilidade de sua expansão criando barreiras à pretendida nova expansão do capitalismo.

⁶⁴ Rostow, W. W. “Ideas and action”, in W.W. Rostow. *View from the Seventh Floor*. New York, Evanston & London: Harper & Row, 1964, p. 45. Haefele se refere a esse texto como sendo um Address at Carnegie Institute of Technology, 11 June 1962, publicado no *Department of State Bulletin*, 9 July 1962, p. 59 (Haefele, Mark H., “Walt Rostow's Stages of Economic Growth: Ideas and Action”, in Engerman, David C., Nils Gilman, Mark H. Haefele & Michael E. Latham (Eds.) *Staging Growth. Modernization, Development, and the Global Cold War*. Amherst & Boston: University of Massachusetts Press, 2003, p. 97)

Um interesse ou uma preocupação permanente com os problemas dos Estados Unidos da América no cenário mundial, essa parece ser uma definição que se enquadra bem no perfil que Walt Whitman Rostow construiu para si mesmo na sua vida profissional. É desse interesse ou dessa preocupação que surgem a motivação e os temas da sua pesquisa e da sua produção, nas quais a teorização pretende sobretudo atender o que a política requer. Daí o contraponto das idéias e da ação, em que as idéias podem inclusive prescrever cursos de ação e assim orientar a intervenção por meio de políticas públicas.

Rostow tem clareza de que nem todo cientista, seja ele cientista natural ou social, tem que orientar sua atividade como cientista para resolver problemas práticos. Ele entende, porém que, quando criam idéias, com elas os homens organizam ou ordenam de alguma forma o mundo em que os homens se movem.

The world of ideas is a spacious world. [...] In the end, however, a rude pragmatism shapes the content of intellectual life; and, in turn, the behavior of practical men is governed by abstractions which men of ideas have created in effort to give a degree of order to the world of human beings and things about them.⁶⁵

Essa é uma formulação chave para entender o vínculo profundo que em Rostow liga as idéias e a ação: os homens práticos são governados pelas abstrações criadas pelos homens de idéias, que produzem essas idéias com o intuito de dar ao seu mundo um certo grau de ordem. Rostow não chega a supor – como Max Weber, por exemplo – que o mundo é caótico e que ao pensamento cabe conferir significado a esse caos por meio de idéias. Não, mas Rostow admite aí o poder que certas abstrações podem ter ao colocar à disposição dos homens práticos uma certa ordenação do mundo que, ao ser absorvida por esses homens, pode tornar-se importante na orientação da ação desses homens. Não terá esse tipo de entendimento muito a ver com a idéia de desenvolvimento de Rostow?

⁶⁵ Rostow, W. W. *View*, p. 46.

A principal e mais importante produção de Walt Whitman Rostow nesse circuito idéias/ação é “o desenvolvimento”. Nesse particular, um autor que me parece equivocar-se bastante é Graeme Donald Snooks, quando afirma que “Rostow’s interpretation of modern economic growth had failed to ‘take-off’.”⁶⁶ É verdade que Snooks faz essa formulação do ponto de vista da crítica teórica e nesse campo, como teremos oportunidade de discutir adiante (especialmente parte III. 4), ele não deixa de ter razão, porque a teorização de Rostow é de fato muito frágil diante de uma crítica teórica ou metodológica séria. Mas a produção de Rostow em discussão é muito menos teórica do que política, é menos uma teoria e mais propriamente uma ideologia. Precisava ser apresentada com créditos acadêmicos e científicos de uma teoria para facilitar a sua aceitação e a sua eficácia. E nisso Rostow conseguiu o seu “take-off”. Não certamente no sentido de que a política desenvolvimentista tenha dado certo para os países “em desenvolvimento”, do ponto de vista de alcançar os objetivos enunciados no projeto desenvolvimentista. Essa política gerou dívidas externas descomunais; e, se propiciou algum crescimento econômico significativo, foi em alguns setores da economia – o que a própria definição do desenvolvimento na teoria já previa –, mas desencadeando uma desigualdade social imensa; e muitas vezes com a interveniência de ditaduras militares sangrentas para garantir a concretização da modernização capitalista ou o “desenvolvimento”, contra uma suposta ameaça comunista.

A perspectiva e a teorização de Rostow foram vitoriosas no que se refere a ter conseguido implantar o desenvolvimento como meta maior definidora do futuro nos países “subdesenvolvidos”, o que ainda hoje persiste, e com vigor. Também foi vitoriosa a transformação do “desenvolvimento” em “problema” para as então criadas disciplinas

⁶⁶ Snooks, Graeme Donald. *The Laws of History*. London & New York: Routledge, 1998, p. 121.

Economia do Desenvolvimento e Sociologia do Desenvolvimento.⁶⁷ E em ter propiciado a desejada expansão do capital para esses países, que nesse processo, conjugando os dois objetivos – o econômico e o político-ideológico – os manteve dentro do circuito do capital, sob seu controle e afastado das discussões político-ideológicas sobre projetos de sociedade, o que constituía parte importante do cenário político-ideológico nas décadas de 1950-1960 e que o projeto do “desenvolvimento” conseguiu retirar da pauta nesses países.

Se há uma ideologia que deu certo, que “pegou” no mundo subdesenvolvido, é a ideologia do desenvolvimento. A idéia de desenvolvimento se entranhou tanto no nosso modo de pensar e de nos percebermos como parte do mundo que temos grande dificuldade até mesmo de tomá-la criticamente como objeto de investigação. É como se ela fosse parte inerente do nosso “nós” em direção ao futuro. Temos dificuldade de entender que o futuro de que a ideologia do desenvolvimento fala não é “o” futuro, mas sim “um” futuro, um determinado futuro que essa ideologia apresenta para nós como sendo nosso.

Talvez o mais curioso seja que essa idéia de desenvolvimento não tenha surgido na parte pobre do mundo ocidental, na parte dita “atrasada” do capitalismo. Ela não emergiu espontaneamente nos embates históricos do que foi chamado “o terceiro mundo”. Também não foi espontânea a sua difusão e a sua ampla aceitação. Essa foi uma idéia gestada quando uma nova hegemonia se constituía no momento em que uma nova expansão do capitalismo tratava de moldar o mundo do pós-guerra. A idéia de desenvolvimento é uma parte decisiva da nova estratégia de expansão do capital, sob hegemonia norte-americana, em direção ao mundo “subdesenvolvido”. Não é por acaso que essa idéia tenha sido formulada em fins da Segunda Guerra Mundial, no seio da potência que emergia do conflito para exercer a hegemonia do novo processo de expansão.

⁶⁷ Como o próprio Rostow observa em trabalho mais recente, “[...] development economics remains alive and well among third-world students”. Rostow, W. W. *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present. With a Perspective on the Next Century*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 373.

O desenvolvimento é uma idéia crucial para a estratégia de expansão do capitalismo *para os países subdesenvolvidos* no pós-colonialismo. De acordo com as formulações do próprio Rostow, o nacionalismo característico da condição pós-colonial se constituiu como um obstáculo sério à intrusão estrangeira, tornando assim necessárias novas estratégias para que o capital e o seu modo de produzir pudessem continuar articulando essa parte do mundo, egressa do colonialismo, à sua expansão, desde então sob novas formas, entre as quais talvez a principal se faça em torno do “desenvolvimento”, promovido especialmente como parte de acordos e empréstimos mediados internacionalmente e conforme projetos apresentados pelos próprios países.

Ao expor a sua visão sobre teoria e política do desenvolvimento, Rostow se refere à natureza do interesse norte-americano na cena mundial. Menciona que constituiu essa visão nos anos 1950 como resultado da conjugação de três vertentes de seus estudos: sobre uma teoria não-agregada do crescimento econômico; sobre a dinâmica do mundo comunista e as políticas apropriadas dos Estados Unidos quanto à URSS e à China; e sobre o processo de modernização das regiões subdesenvolvidas e a política dos Estados Unidos apropriada quanto a elas. Diz ele:

The latter two enterprises required that I come to conclusions about the nature of the U.S. interest on the world scene – a matter on which I had to form views in 1945-46 in a minor post at the State Department, as well as a teacher of American history in England in 1946-47 and 1949-50. My understanding was, however, enriched by my work at MIT, including a study of the interaction of American domestic life and foreign policy conducted in 1955-58.⁶⁸

⁶⁸ Rostow, W. W. “Development: The Political Economy of the Marshallian Long Period”, in Gerald M. Meier & Dudley Seers (Eds.). *Pioneers in Development*. New York: Oxford University Press, 1984, p. 231-232.

A teoria do desenvolvimento de Rostow é uma construção no campo da teoria que traz indelevelmente a marca da perspectiva que o seu próprio trabalho na área de estratégia de política externa induz.⁶⁹ Segundo Mark H. Haefele, “Rostow believed he was fighting an ideological war in which academic research was an important tool. For Rostow, the logical coherence of his arguments was less important than using his theories to fight communism.”⁷⁰ Concordo com Haefefe quando diz que Rostow travava uma guerra ideológica, para a qual a pesquisa acadêmica era um instrumento importante. Também concordo quanto a que nessa luta a coerência lógica dos argumentos, ou a produção de uma autêntica teoria, não era o mais importante para Rostow. Não me parece, no entanto, que a questão se resolva apenas enquanto luta contra o comunismo. Entendo que esse nível da luta era certamente importantíssimo para Rostow, mas a luta na qual empenhava todo o seu esforço teórico e político ia ainda mais além, porque servia acima de tudo à expansão do capital. Quando se dedica à produção da teoria, suas formulações nunca perdem o norte que orienta esta sua produção, no caso a política para o desenvolvimento, política naquele momento estratégica para o capital em expansão.

Quando Rostow aponta para o “desenvolvimento” e se concentra no tema do crescimento econômico, sua grande preocupação é com a necessidade de dispor de uma ideologia que seja capaz de manter o domínio – econômico, político, ideológico, cultural – do capital sobre o mundo pós-colonial. Pretende que o “desenvolvimento” possa substituir o colonialismo, com a ideologia do desenvolvimento sendo capaz de atrair o mundo “subdesenvolvido” para os projetos da nova expansão do capital, sem que essa expansão se faça enquanto intromissão estrangeira em países egressos do colonialismo, mas como

⁶⁹ Ver, por exemplo, Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto*. Cambridge: at the University Press, 1960. 2nd ed., 1971. 3rd ed., 1990. Prefácio, p. IX.

⁷⁰ Haefele, M. H., 2003, p. 88.

“projetos nacionais de desenvolvimento” formulados pelos próprios países que queiram “desenvolver-se” e que a “ajuda” para esse desenvolvimento se faça com a mediação de organismos internacionais, naturalmente sob o controle e em benefício do capital em expansão. Os efeitos econômicos pretendidos se combinavam com os efeitos políticos da expansão do capitalismo.

Schlesinger percebe com clareza que a meta do desenvolvimento, segundo Rostow, visava efeitos de longo prazo. “The emphasis on national development was not intended to divorce foreign aid from the political interests of the United States. But it looked to long-term rather than short-term political effects. In this view, foreign aid, instead of being a State Department slush fund to influence tactical situations, should aim at the strategic goals of a stronger national independence, an increased concentration on domestic affairs, greater democracy and a long-run association with the west.”⁷¹

A grande referência para o pensamento de Rostow sobre o desenvolvimento é um sistema econômico mundial. É no interior desse sistema, como parte dele, que se realiza o processo do crescimento econômico. Sabemos, porém, que os resultados desse processo são aferidos segundo uma grade que é sempre nacional. Sabemos também que o desenvolvimento de um país não equivale por si só ao atendimento do que se possa considerar como interesse nacional desse país, o que fica bem claro pelo menos desde que boa parte desse desenvolvimento se faz por meio de firmas multinacionais ou transnacionais. Quando se pergunta qual o interesse que a grande potência hegemônica – os Estados Unidos da América – tem ou pode ter no desenvolvimento (de países do terceiro mundo), cabe distinguir um plano econômico e um plano político, embora na questão do desenvolvimento, como em tantas outras, estejam ambos bem interligados. A distinção dos dois, porém, pode tornar mais clara a situação. Nas condições então vigentes, e ainda nas condições atuais de organização

⁷¹ Schlesinger, Jr., Arthur M. *A Thousand Days. John F. Kennedy in the White House*. Boston & New York: Mariner Books, 2002, p. 588.

política do mundo, as facilidades para a circulação e a reprodução do capital dependem de Estados que política e ideologicamente se identifiquem com o chamado “mundo ocidental”, ou melhor, que se reconheçam como parte integrante do mundo capitalista e se enquadrem no sistema econômico internacional que constitui esse mundo.

Há um momento em que ganha força na agenda política e econômica dos Estados Unidos da América como grande potência emergente que é do interesse dos EUA – interesse econômico e interesse político intimamente conjugados – promover “o desenvolvimento” nos países do terceiro mundo. Um dos argumentos para essa proposta era que a precariedade das condições dessas regiões favorecia a entrada de idéias comunistas e que os comunistas já colocavam essas áreas como alvos estratégicos para a sua expansão. Richard M. Bissell, Jr., que foi um dos mais importantes dirigentes da CIA – onde esteve de 1954 a 1962 ⁷² – se refere a um *paper* que escreveu no início de 1953, mas que não foi publicado, intitulado “Notes on U. S. Strategy”, em que discute a postura militar dos Estados Unidos. Sobre esse *paper*, diz:

It outlined what I believe to be the weakness of America’s defense posture; namely, the U.S. strategy was ill-adapted to deal with the most threatening contingency in the struggle between the Soviet bloc and the Western coalition, which was not a deliberately planned overt invasion of Western Europe or Japan but a Communist-led internal revolution in the weaker states of Asia, Africa, and Latin America.⁷³

Dos amigos entre os quais fez circular esse texto, Bissell cita Walt Rostow, Max Millikan, Chester Bowles, George Kennan e Harlan Cleveland. Não parece exagerado supor que essa perspectiva de análise tenha influenciado a visão de Rostow, que não escondia sua

⁷² Bissell passou a integrar a CIA em 1954, mas desde o outono de 1952 fazia parte do “CIA’s Princeton Group of consultants”, quando ainda trabalhava na Fundação Ford (a partir de janeiro de 1952). Deixou a CIA depois da fracassada invasão da Baía dos Porcos, em Cuba, arquitetada por ele.

⁷³ Bissell, Jr., Richard M., with Jonathan E. Lewis and Frances T. Pudlo. *Reflections of a Cold Warrior: From Yalta to the Bay of Pigs*. New Haven & London: Yale University Press, 1996, p. 76.

admiração por Bissell desde o seminário, conduzido por ele, a que assistiu em 1934. A observação feita por Bissell em “Notes on U. S. Strategy” permanece no campo da estratégia política militar, mudando o foco da atenção para os Estados “mais fracos” da Ásia, da África e da América Latina, onde residiria a grande ameaça de avanço comunista (“the most threatening contingency”), que precisaria ser levada em consideração pela estratégia de defesa norte-americana. É certo que Rostow irá defender uma mudança de objetivo estratégico bem maior, no caso do desenvolvimento em geral saindo do campo militar para o campo político e econômico, mas também centrando o foco da atenção no mundo que a sua perspectiva de desenvolvimento designaria como “subdesenvolvido”.

Rostow submete a teoria econômica a reelaborações críticas com o objetivo de dar conta do seu tema, o processo de crescimento econômico, segundo ele mesmo diz, “in order to serve as an adequate scientific framework for the making of public policy in the decades which lie ahead”.⁷⁴ Entende que a teoria precisa ser útil para o historiador da economia moderna e também para o planejador contemporâneo do desenvolvimento econômico. Os temas das suas investigações teóricas lhe são inspirados pela política. Explicita suas pretensões teóricas enquanto um arcabouço teórico que seja adequado à formulação de políticas públicas (*public policy*). Orienta-se fundamentalmente para a formulação de estratégia política, cuja consistência, por um lado e cuja eficácia, por outro, dependem de um conhecimento verdadeiro ou que possa ser reconhecido como verdadeiro, científico. Embora ele expresse essa preocupação com a estratégia, assumindo o ponto de vista do interesse dos Estados Unidos, no fundo a estratégia em questão se refere, antes, ao capital em expansão. Naquele momento, em que a hegemonia norte-americana se implantava, de certo modo não prejudicava a análise confundir o capital hegemônico com a potência capitalista hegemônica.

⁷⁴ Rostow, W. W. *The Process*, cap. X, p. 220.

No entanto, não deixa de ser um desvio analítico, em que se deixa encoberto o determinante principal. Não convinha, porém, à análise rostowiana expor explicitamente tal determinante.

De forma bastante semelhante à adotada por Talcott Parsons e o estrutural-funcionalismo produzido sob sua influência, que naquele momento era a ciência social dominante, Rostow define como sua abordagem a que é direcionada para a solução de problemas. Rostow toma como problemas orientadores de sua investigação tanto aqueles que encontra no plano da vida prática – no caso, problemas de natureza política, cujo encaminhamento e resolução permitem definir mais precisamente políticas públicas de intervenção – e também no plano das formulações teóricas – no caso, especialmente as formulações de Marx e do marxismo. Essa abordagem (*problem approach*) constitui um recurso metodológico que facilita ao pesquisador uma leitura (tanto dos “fatos” reais quanto dos “fatos” teóricos) que interfere nesses “fatos”, permitindo de certa forma amoldá-los ao problema em questão (sua definição e sua resolução). Diz Rostow, por exemplo:

The problem approach to history can have two meanings. It can mean that history is viewed (and rewritten) in the light of contemporary problems of public policy [...]. Or the problem approach can mean that history is re-examined to throw light on an unresolved intellectual problem of contemporary interest [...]. The two meanings are generally related because most of the intellectual issues within the social sciences, no matter how antiseptic their scientific form and articulation, are at no great remove from debate over public policy.⁷⁵

Segundo esta interpretação do *problem approach*, cabe reescrever a história à luz, por exemplo, de determinados problemas de política pública. Pelo que conhecemos de Rostow, não deixa de ser algo assim que ele faz ao formular os estágios-do-crescimento, cuja

⁷⁵ Rostow, W. W. “The interrelation of theory and economic history”, *The Journal of Economic History*, Vol. 17, No. 4 (Dec., 1957); incluído na 2ª ed. de Rostow, W. W. *The process of Economic Growth*, como cap. XIV, p. 334.

seqüência, no entanto ele apresenta como constituindo uma teoria do crescimento econômico. Por isso que para entender esses estágios e sua seqüência é necessário deslindar os problemas de política pública a que essa formulação pretende atender (e parece que alcançou bastante êxito no que tange a esta pretensão). Ainda conforme esta interpretação do *problem approach*, cabe, recorrendo aos “dados” históricos revistos sob a luz do problema a resolver, lançar essa mesma “luz” para solucionar um problema intelectual que interesse (teórica ou politicamente) hoje, razão pela qual ele é descrito como problema. Numa caracterização como esta do *problem approach* fica explicitado que é um determinado problema político ou intelectual contemporâneo que orienta a re-visão e a re-escrita da história. Não parece demais admitir que sob tais procedimentos a história é tratada como uma massa factual moldável a interpretações que se justificam não por sua consistência lógica interna, nem por sua relativa adequação aos supostos “dados”, mas pela necessidade de, ou pelo interesse para resolver uma determinada questão atual, definida como problema.

Rostow procura justificar sua abordagem afirmando que a maior parte das questões intelectuais tratadas pelas ciências sociais é vinculada ao debate de políticas públicas. Seu argumento não é que as ciências sociais, como ademais qualquer ciência, se voltem ou mais ou menos diretamente, ou mais ou menos imediatamente, para alguma aplicação na vida prática. A posição que ele defende vincula clara, direta e imediatamente as ciências sociais com o poder, mais especificamente com o poder estatal e suas políticas. Rostow conclui: “Economic history, as a field of academic study, is peculiarly associated with the problem approach in both senses.”⁷⁶

Rostow identifica *problem approach* com “the historical foundations of our respective interests as economic historians”.⁷⁷ Critica a compartimentalização da organização

⁷⁶ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 334.

⁷⁷ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 335.

acadêmica das ciências sociais institucionalizadas em departamentos distintos e estanques, o que fragmenta profissionalmente o estudo dos “*human affairs*”. Aponta também certa perda de substância e uma descaracterização do pensamento orientado pelo *problem approach*, para as quais esse formato organizacional da academia contribui decisivamente.

In history what begins as an analytic insight of some power and subtlety often ends in the second and third generations as a flow of monographs, high in empirical content, but increasingly divorced from the living problem that opened up the new terrain. [...] And it is often true that the academic approach to history divests propositions of their analytic content and converts them into respectable, institutionalized specialties [...].⁷⁸

Argumenta Rostow que o conteúdo empírico não precisa ser contraposto aos insights mais argutos, fruto da aplicação detida do pesquisador preocupado com a resolução de problemas políticos prementes. Concede que a atividade de historiador, se em parte é guiada por concepções abstratas, por outro lado demanda estudo cuidadoso dos fatos, sua organização, classificação, etc. Rostow, porém, não deixa de tratar essa questão com certa ironia.

However much the historian may be (consciously or unconsciously) guided by abstract conceptions, his profession requires that, for a considerable portion of this working life, he pore over data, sort out reliable from unreliable sources, and (whatever the philosophical ambiguities) assemble facts. No man can be an historian unless he has at least a touch of the antiquarian about him, unless he derives some simple-minded satisfaction from knowing how things really were in a part of the past. Whatever his loyalty to the creation of generalized

⁷⁸ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 335-336.

knowledge, he must derive some sly pleasure at the exception to the broad historical rule.⁷⁹

Não deixa de ser interessante que um historiador defina seu ofício comparando-o ao de um antiquário. O historiador lida com dados. Rostow diz que não se pode ser historiador sem ter pelo menos algum traço de antiquário, colecionando fatos do passado, ou sem tirar alguma satisfação, simplória que seja, do exercício de procurar conhecer como as coisas são, ou como foram. No entanto, não é apenas o que se encontra de comum nos fatos, que portanto permite generalizações, que interessa ao historiador. Diz Rostow que o historiador tem que (*must*) experimentar algum prazer malicioso ao se deparar com a exceção à regra geral na história.

Todo o seu empenho em formular explicitamente e em justificar o *problem approach* faz ver que há formas e formas de proceder à coleta e à classificação dos “dados”, que afinal, Rostow reconhece, jamais correspondem inteiramente à realidade. O próprio Rostow diz que “the reality of what we call facts is not without a certain ambiguity”.⁸⁰ Mas a história econômica abriga diferentes concepções e orientações, que variam inclusive para um mesmo historiador.

Moreover, even if one acknowledges that the economic historian’s activity should in the end be related to the solution of general problems, and even if one accepts it to be the duty of economic history to contribute to the formation of a wiser public policy, these higher-order activities need not concern the economic historian all the time, nor need they concern every economic historian.⁸¹

⁷⁹ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 336.

⁸⁰ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 333.

⁸¹ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 336.

Rostow menciona aí o que parece constituir o cerne do seu próprio trabalho enquanto historiador, que ele qualifica como “*higher-order activities*”: atividades que são voltadas para a solução de problemas. De certo modo está falando de si mesmo quando se refere àqueles historiadores econômicos que aceitam ser seu *dever* contribuir para a formação de uma política pública mais sábia. Algo como mandarins do futuro ... Rostow entende que é o *problem approach* que fundamenta e dirige os esforços na história econômica e é o que torna esse campo mais interessante.

O objeto a que Rostow se dedica, no seu esforço de pesquisa histórica e teórica, é o capitalismo, a que ele se refere como uma economia mundial constituída desde meados do século XVIII. Estuda sua formação, sua expansão, seus condicionantes, seus determinantes e seus limites. Procura definir quais os padrões da sua evolução, na busca de conceitos com os quais possa organizar e ordenar o crescimento e as flutuações que encontra ao longo dessa história.

Para lidar com esse objeto, considera que os instrumentos conceituais, teóricos e metodológicos então habitualmente utilizados pelos economistas (definidos pela teoria econômica dominante na época) eram insatisfatórios, como também considera insatisfatória a hipótese marxista de determinação pelo econômico.

When one poses the question, How has the world economy of the past two centuries evolved, and what forces have mainly determined its changing shape? Then it is obviously necessary to deal with long-period factors and the social and political framework of the economy.⁸²

Rostow pensa o capitalismo como um sistema mundial em expansão desde a sua formação com a Revolução Industrial na Inglaterra. Acompanha o processo da sua expansão,

⁸² Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, Prefácio à 1ª ed. (datado out. 1951), 1952, p. 3.

a partir da descontinuidade que caracteriza a revolução industrial, como um processo evolutivo, cujo movimento caracteriza diversos deslocamentos que lhe mudam a feição. Detém-se na busca dos fatores que determinam esses deslocamentos e as mudanças que eles provocam na sociedade como um todo. Esse estudo o leva a definir a implantação e a conseqüente expansão do capitalismo (tratadas enquanto “história moderna”) constituindo uma seqüência de estágios-de-crescimento. Na Introdução ao seu tão difundido e influente livro *The Stages of Economic Growth*, admite o caráter arbitrário e limitado da leitura que faz da história com a formulação dos seus estágios.

I cannot emphasize too strongly at the outset, that the stages-of-growth are an arbitrary and limited way of looking at the sequence of modern history: and they are, in no absolute sense, a correct way. They are designed, in fact, to dramatize not merely the uniformities in the sequence of modernization but also – and equally – the uniqueness of each nation’s experience.⁸³

Mas logo se arma para a defesa contra as críticas que possam deixar-se prender na suposta cientificidade dos seus argumentos. Rostow alerta que a história moderna é percebida desde logo como uma seqüência, supostamente dada, de estágios que o próprio autor admite que são definidos de uma maneira arbitrária e limitada. São apenas uma forma, entre outras possíveis, de “dramatizar” as uniformidades e as particularidades que a seqüência da história moderna contém. Nesse sentido, a quebra dessa história em estágios é tão somente uma forma possível e útil, para certos objetivos, de organizar esse material histórico.

A questão da uniformidade através da história versus o caráter único de cada experiência histórica nacional é muito importante para a abordagem que Rostow adota. Porque, para que a idéia do “desenvolvimento” possa ser absorvida pelos então chamados

⁸³ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 1.

“subdesenvolvidos” – afinal era fundamentalmente para eles que a ideologia do desenvolvimento era formulada – era preciso apresentá-la no quadro de uma uniformidade histórica, algo que já tinha acontecido na história de alguns países, e que continua acontecendo com outros países, com determinados resultados positivos, numa direção determinada. Assim “o desenvolvimento” poderia aparecer para os subdesenvolvidos como um objetivo possível de ser alcançado (que outros já alcançaram ou estão alcançando) e, comparando-se com esses outros percursos já realizados, pode-se prever que seja viável alcançar, num tempo histórico não demasiadamente longo. A “teoria” do desenvolvimento o apresentava como um deslocamento normal, que seguia um curso natural que outros (países, regiões) já haviam seguido com sucesso, ou estavam seguindo naquele momento. A uniformidade histórica que essa “teoria” apresentava (que, adiante veremos, resultava de uma leitura eminentemente arbitrária e, na verdade, a-histórica) era condição mesma da eficácia da ideologia do desenvolvimento, criadora da crença na possibilidade do progresso material, da difusão e da inculcação dessa crença, constituindo a base para a mobilização política para o desenvolvimento. Mas o projeto de desenvolvimento é sempre nacional, no sentido de ser sempre apresentado por um país determinado e como uma demanda sua, considerando sempre as características, potencialidades e limitações do país em questão quanto a esse projeto.

É importante localizar tão precisamente quanto possível qual é o “problema” de política pública que Rostow toma como objetivo do seu trabalho como pesquisador para poder com o resultado contribuir para refinar uma política do governo norte-americano que seja mais criteriosa e mais sábia, mais adequada às necessidades econômicas e políticas a que se propunha atender. Diz Rostow:

And it is not too much to say that a good part of the contemporary effort in economic history is directly shaped by a concern with public

policy designed to accelerate growth in the under-developed regions of the world, which emerged in the decade after World War II.⁸⁴

A política pública que precisa ser melhor fundamentada e prescrita é a política que visa o crescimento econômico acelerado das regiões subdesenvolvidas do mundo no pós-guerra. É esse objetivo – por assim dizer, numa primeira aproximação, objetivo do governo dos Estados Unidos – que para poder ser implementado enquanto política pública norte-americana, reclama a colaboração da ciência social, no intuito de que talvez essas ciências possam facilitar a concretização daquela meta, talvez até prescrevendo vias ou procedimentos políticos ou ideológicos. Num aprofundamento para além do que fica explicitado nas palavras de Rostow, o objetivo assumido pelas políticas do governo dos Estados Unidos, em grande parte através de organismos internacionais, tem raízes mais profundas, mas não menos claras, nas necessidades que o capital enfrenta naquela época, o imediato pós-guerra, de expansão do capitalismo já sob uma nova hegemonia. No quadro da Guerra Fria, além do “esforço” para a reconstrução da Europa, aparecia como campo novo para a expansão do capital e da influência norte-americana o que se passou a chamar de “mundo subdesenvolvido”. Era necessário abrir esse mundo para novas formas de crescimento econômico capitalista, desde que indicada e aceita a possibilidade de progresso econômico mais ou menos imediato para essas regiões. A idéia de “desenvolvimento” é então cunhada nesse sentido preciso e vem caber exatamente nesse lugar. Toda a pesquisa de Rostow como historiador sobre o processo do crescimento econômico, que chegará à formulação dos estágios-de-crescimento, parte especificamente do “problema” definido como necessidade de promover o crescimento econômico acelerado dos países subdesenvolvidos. É para fundamentar essa política que Rostow re-escreve a história, chegando a re-definir a história econômica moderna como uma seqüência de estágios de crescimento econômico. Faz assim todo sentido que os economistas

⁸⁴ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 335.

e historiadores econômicos de sua geração sejam chamados a definir como problema preferencial de estudo o crescimento econômico e para tal tendam a se concentrar no processo através do qual ele se realize.

[...] In our generation the most natural meeting-place of theory and history is the study of comparative patterns of dynamic change in different societies, focused around the problems of economic growth.⁸⁵

Quando o objeto da pesquisa é recortado de tal modo que o identifica com o capitalismo, tratar o crescimento econômico como problema é perfeitamente adequado ao que é problema real, concreto, para o capital. Outras sociedades (sociedades no sentido que em terminologia marxista correspondem a modos de produção), anteriores ao capitalismo, não tinham o crescimento econômico como problema central.

Quando, porém, a pesquisa visa estabelecer padrões de mudança no interior do mundo capitalista (ainda que o designe como mundo ocidental moderno) que permitam comparar diferentes sociedades (nações, regiões) que se encontrem dentro desse quadro, já se está de alguma maneira estabelecendo alguma escala em cujos lugares diferenciados se possa alocar as diferentes sociedades, umas valorizadas mais do que outras, ou umas possuindo mais do que outras alguma característica mensurável definida como critério para permitir a comparação. Os padrões comparativos de mudança dinâmica a que Rostow se refere permitem classificar ou ordenar as sociedades submetidas à comparação, no caso em torno do “problema” crescimento econômico, conforme as variáveis escolhidas para caracterizar esse crescimento nas etapas ou estágios que percorre. Rostow indica sem maiores dificuldades algumas das condições necessárias para que o objetivo de acelerar o crescimento econômico

⁸⁵ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 334.

possa ser alcançado nos países subdesenvolvidos, conforme desejado pela política de desenvolvimento:

[...] The economic problems of the foreseeable future, both of policy and of intellectual interest, require the systematic understanding and manipulation of long-period factors. This is self-evident in the under-developed areas, where new economic institutions must be created, skills and attitudes appropriated to growth imparted, capacity expanded in appropriate balance, the possibilities of external economies examined and exploited.⁸⁶

Nessa formulação, o interesse intelectual continua claramente vinculado com o interesse político (*policy interest*) e, de forma compatível com esse vínculo, se aponta a necessidade de compreender e de manejar os fatores de longo prazo que se encontrem envolvidos. No que se refere à promoção do crescimento econômico acelerado nas áreas subdesenvolvidas, Rostow prescreve o que é preciso (no sentido forte do termo) fazer tanto em relação aos fatores econômicos quanto aos não-econômicos, ressaltando quanto a estes a necessidade da criação de instituições, de capacidades e de atitudes apropriadas ao projeto proposto: ou seja, toda uma ideologia do desenvolvimento, tanto no campo das idéias quanto no campo concreto dos aparelhos ou das instituições sociais.

⁸⁶ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, 2ª ed., cap. XIV, p. 341.

History, Stephen said, is a nightmare from which I am trying to awake.⁸⁷

James Joyce
Ulysses

⁸⁷ Joyce, James. *Ulysses*. Modern library ed. New York: Modern Library, 1992. p. 34.

4ª Parte

Walt Whitman Rostow: busca de uma formação teórica

Capítulo 6

W. W. Rostow: à sombra de Marx, contra Marx

6.1 -- Introdução

Rostow menciona os problemas de política (*policy*) do mundo do pós-guerra como reforçando sua definição do crescimento econômico como tema. O esboço geral de sua área de trabalho intelectual, no entanto, é bem anterior. As pressuposições ou as preocupações mais fundamentais que leva consigo para a pesquisa teórica, colocou para si mesmo quando ainda cursava os primeiros anos de sua graduação universitária:

I decided when I was 17 to combine history and economic theory in two senses: using economic theory to illuminate economic history, then a rather descriptive, institutional field; and to explore the complex interactions of the economy with the noneconomic sectors of society. As an academic, this is what I have tried to do ever since.⁸⁸

O próprio Rostow remete o surgimento dessas preocupações às escolhas da sua graduação em história, em que se dedicou especialmente ao estudo da Revolução Inglesa e da Revolução Francesa. Parece, no entanto, que foi decisivo para a demarcação do seu campo de investigação e para a forma da sua orientação nesse campo um seminário informal que ocorria semanalmente nas noites de quinta-feira conduzido por Richard M. Bissell. Bissell acabara de chegar da London School of Economics, onde estivera por um ano e estava fazendo seu Doutorado em Yale. Rostow diz que

⁸⁸ Rostow, W. W. *Theorists*, 1990, p. 428. Ver também Rostow, W. W. *The Stages*, Prefácio, p. IX; e Rostow, W. W. “Development: The Political Economy of the Marshallian Long-Period”, 1984, p. 229.

Bissell commanded (and commands) extraordinary powers of lucid exposition. There were four students,⁸⁹ one of whom was Max Millikan who promptly defected from physics to economics. Bissell's impact on me was equally powerful. I did not defect from history but decided sometime in 1933-34 that I would devote my professional life to responding, as best I could, to two questions: How could economic theory be used to illuminate economic history? How did economic forces interact with social, political, and cultural forces? I had, as I noted, already set aside the notion that a simple line of causation ran from the economy to a society's other dimensions.⁹⁰

Economista e historiador por formação, professor de história econômica, pretendendo ser um produtor de teoria econômica, Rostow coloca-se como primeiro problema aplicar a teoria econômica à história econômica. O encaminhamento e a resolução do segundo problema têm uma finalidade específica: opor-se ao determinismo econômico por meio do qual reconhecia a produção teórica de Marx e do marxismo. Rostow pretende oferecer uma alternativa teórica e metodológica a Marx, ao tratar a sociedade como um todo e apontar o relacionamento entre os seus componentes econômicos e não-econômicos em processos de interação. Do ponto de vista teórico, esta é a questão-chave com a qual Rostow se defronta permanentemente, pode-se mesmo dizer obsessivamente, da qual trata explicitamente desde pelo menos a sua Tese doutoral.⁹¹ Essa é a via que ele privilegia para o seu confronto com Marx e que ele pretende ter resolvido, pelo menos liminarmente.⁹²

⁸⁹ No seu livro autobiográfico, Bissell se refere a essa espécie de “‘black market’ seminar” para seus amigos Spitzer, Walt Rostow, William Hull e Max Millikan. Ver Bissell, Jr., Richard M., com Jonathan E. Lewis e Frances T. Pudlo, 1996, p. 11.

⁹⁰ Rostow, W. W. “Development: The Political Economy of the Marshallian Long-Period”, p. 229.

⁹¹ Rostow, Walt Whitman. "British Trade Fluctuations, 1868 to 1892." Ph.D., Yale University, 1940.

⁹² A questão da sua relação teórica e política com Marx e o marxismo é tão fundamental e tão recorrente na sua reflexão que merece ser considerada mais detidamente.

Centrando sua crítica no que considera como o erro teórico fundamental de Marx – o determinismo econômico –, Rostow exige que a análise da sociedade, em geral, bem como do crescimento econômico em particular, inclua os fatores não econômicos como parte efetiva e essencial da determinação dos fenômenos sociais. No Prefácio de 1962 à nova edição de *The Process*, diz que esse livro representava, para o autor, “a first and basic effort to break into the problem of economic growth in ways that would force a systematic confrontation of the economic and non-economic factors whose interaction determines the path of growth.”⁹³

Para resolver a questão substitui determinação por interação, ou seja, concebe o processo de causação social como uma espécie de determinação complexa, resultado da interação entre os fatores econômicos e não-econômicos. Poderemos confrontar adiante o quanto a formulação de Rostow avança neste sentido, quando vincula, muito profundamente, a teoria do desenvolvimento com a ideologia do desenvolvimento: coloca como condição para o crescimento econômico, por um lado ciência, invenção, tecnologia, inovação; e, por outro lado motivação/attitudes para a aceitação de inovações e a formação de uma classe de *entrepreneurs* dispostos a correr risco e de governos dispostos a propor e encaminhar políticas compatíveis com a idéia e o projeto (social) de desenvolvimento. Rostow entende antes e melhor do que qualquer dos seus contemporâneos (em condições de poder institucional e político semelhantes às suas) a importância decisiva da ideologia do desenvolvimento para tornar possível promover “o desenvolvimento” nas regiões que, embora já inseridas na expansão capitalista, ainda não tinham constituído a sua produção em moldes propriamente capitalistas, especialmente os países e as regiões que se passou a chamar “em desenvolvimento” ou “em crescimento” (*growing countries, developing countries*).

⁹³ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, Prefácio à 2ª edição, 1962, p. III.

Para encontrar um embasamento bem fundado e uma melhor compreensão dos fenômenos não-econômicos, Rostow procura contar com o que ele chama de ciências sociais modernas – sociologia, antropologia, psicologia – para aplicá-las à interação entre o econômico, o político, o social e o cultural. Faz algumas incursões explícitas a esse terreno, absorve o que julga lhe poder ser útil, mas se mantém muito crítico às perspectivas então dominantes nos Estados Unidos nessa área (a análise estrutural-funcional de tipo parsoniano), porque elas enfatizam o equilíbrio da sociedade, por meio de análises fundamentalmente estáticas e centradas no indivíduo, enquanto Rostow se volta acima de tudo para a mudança social, para o que privilegia a análise dinâmica, tomando como objeto a sociedade como um todo. Rostow dirige seu esforço teórico para analisar sociedades, consideradas como totalidades, em movimento.

Rostow, cuja formação é em história e em economia, torna-se professor de história econômica e pretende produzir teoria econômica que ajude a orientar a intervenção política para resolver problemas contemporâneos que considera serem cruciais. Enquanto professor e enquanto pesquisador, procura relacionar a teoria econômica com a história econômica. O universo da sua pesquisa abrange as transformações econômicas a partir de meados do século XVIII, tratando-as em termos de uma economia que se desenvolve em escala mundial, ou seja, pensa essa economia como uma economia mundial. Sob a perspectiva dessa escala mundial, procura analisar cada uma das sociedades que fazem parte desse conjunto econômico mundial, pensando-as enquanto totalidades em movimento. “In one way or another I have been experimenting ever since with these two issues; that is, with the reciprocal relations of economic theory and dynamic economic data and with the effort to analyse whole societies in motion.”⁹⁴

⁹⁴ Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 333.

Por um lado, precisa da teoria econômica como suporte para lidar com os dados econômicos com que se defronta através da história. Por outro lado, a teoria econômica ou a ciência da economia, em geral não lhe bastam, porque entende que mesmo os dados econômicos não se explicam apenas no campo especificamente econômico, já que também eles resultam da interação entre os diferentes setores que compõem uma sociedade. Quanto a essa última questão, que o preocupa permanentemente, Rostow a coloca como um confronto com Marx e pretende formular uma alternativa ao que considera ser a questão central posta por Marx, no seu entender o determinismo econômico.

Marx é uma das principais referências para Rostow. Ele leu Marx e Engels e não se pode dizer que sua leitura seja ingênua. Ele reconhece, por exemplo, a ação de retorno sobre o econômico, ou determinação em última instância, mas apesar disso, nas suas formulações sobre o crescimento econômico trata Marx simplesmente como determinista e afirma opor-se a ele quando admite a importância do político, do ideológico, do cultural, os quais trata sob a rubrica de fatores não-econômicos. É esse principalmente o seu entendimento do que seja a sociedade como uma totalidade: complexa, porque formada por setores diferentes. Opondo-se a uma causação única ou linear, para admitir uma causação múltipla recorre à noção de interação: diz que os diferentes setores da sociedade interagem uns com os outros. Quando comenta formulações do estrutural-funcionalismo, as critica por não avançarem na qualificação da interação até o nível de formular hipóteses causais.⁹⁵ No entanto, ao falar da relação entre os diferentes componentes da sociedade e tratá-las meramente como interação, Rostow procede da mesma maneira que critica nos funcionalistas parsonianos.

No entanto, no esforço para analisar as sociedades enquanto totalidades em movimento, Rostow toma como objeto privilegiado o econômico, tratando a mudança social

⁹⁵ Ver, por exemplo, adiante a crítica de Rostow a T. Parsons e E. Shils.

em termos de crescimento econômico. E no que chama de “teoria não-agregada da produção”, a sua ênfase recai nos “*leading sectors*”, também econômicos. Por outro lado, porém, seus estudos destacam a participação indispensável do político, particularmente por meio do poder do Estado, e também a participação decisiva do ideológico para desencadear o crescimento econômico. Detém-se especialmente nos casos em que a sociedade não está constituída (ainda) em torno do progresso material como um valor social básico, vale dizer, quando essa sociedade não é (ainda) propriamente capitalista. Deste modo, percebe a sua produção como parte da economia e também das modernas ciências sociais. Refere-se inúmeras vezes às duas áreas preferenciais do seu estudo: “the application of modern economic theory to economic history; and the application of modern social sciences to the interaction among the economic, politic, social, and cultural sectors of whole societies.” E afirma: “I was drawn to this latter area in part because I was repelled by Marx’s economic determinism without, however, finding a satisfactory alternative answer to the question he posed.”⁹⁶

É importante ter presente que Rostow se move – contra Marx e o marxismo, a favor do capital e do capitalismo – dentro da problemática instaurada por Marx, procurando, é verdade, respostas novas, mas para as questões que foram postas por Marx. Na referência citada acima, retirada de um texto publicado pouco antes que *The Stages*, é importante notar que Rostow ainda se coloca como não tendo conseguido encontrar uma resposta alternativa satisfatória à questão posta por Marx. Em *The Stages*, afirma que já o conseguiu.⁹⁷

Para Rostow, a interação dos vários setores da sociedade é de tal ordem que as forças não-econômicas tanto podem reforçar como diluir ou mesmo frustrar as forças econômicas. Em termos de causação, este entendimento o aproxima da formulação

⁹⁶ Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 333.

⁹⁷ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 2.

metodológica do esquema estrutural-funcional, segundo a qual no sistema social não há prioridade causal.

A rigor, não se pode dizer que Rostow seja propriamente um teórico. Ele é essencialmente um homem de ação, que se empenha em produzir um conhecimento que seja útil, instrumental, para resolver problemas definidos como tal pela política. Seguindo a concepção de Doug McAdam, ele se enquadraria na definição do que era o sociólogo modal dos anos 1950 e início dos 1960: “a progressive social engineer seeking solutions to society’s problems”.⁹⁸ A análise de Abbott e Sparrow permite situar ainda melhor a produção rostowiana:

Planning and social engineering did not die away entirely in the postwar years but rather flowed within the narrower and more intensely concentrated channels of the national defense establishment. [...] Internationally, it happened through the ‘reconstruction’ of Europe, Japan, and the ‘third world’ by means of foreign aid (the European Recovery Program, or Marshall Plan), the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO), financial support (the World Bank and the International Monetary Fund), and the export of New-Deal-style public work projects.⁹⁹

É exatamente esse o campo da produção/ação de Rostow, que exemplifica melhor do que qualquer outro cientista social do período a conjugação do trabalho acadêmico na universidade com as políticas do Estado, no caso com a construção de políticas definidas no contexto do Estado de segurança nacional. Tratava-se de problemas econômico-políticos

⁹⁸ McAdam, Doug, “From relevance to irrelevance: the curious impact of the sixties on Public Sociology”, in Graig Calhoun (Ed.). *Sociology in America: A History*. An ASA Centennial Publication. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2007, cap. 11, p. 423.

⁹⁹ Abbott, Andrew & James T. Sparrow, “Hot War, Cold War: The Structures of Sociological Action, 1949-1955”, in Calhoun G. (Ed.), 2007, cap. 8, p. 300.

presentes e da pretensão de manejo tecnocrático de sociedades para encaminhar a resolução desses problemas do ponto de vista do capital e do Estado norte-americano.

A dimensão teórica e científica do trabalho visava, sobretudo, apresentar as diretrizes políticas formuladas como sendo bem fundamentadas. A base acadêmica universitária e o prestígio de *scholar* por si sós já apareciam como indicação daquela fundamentação. Além disso, as formulações precisavam ser enunciadas em linguagem teórica, mas daí a constituir uma efetiva teoria científica há uma razoável diferença. Essa, digamos, ambigüidade está presente nos textos de Rostow. Ora eles são enunciados como constituindo uma teoria, ora como hipóteses gerais. Só não se pode alegar que Rostow deixe de explicitar as limitações e o caráter arbitrário da sua análise.

A breve Introdução a *The Stages* contém essas afirmações contraditórias logo no início e até na mesma página. Rostow começa dizendo que o conjunto dos estágios-de-crescimento é uma generalização. Logo em seguida, porém, afirma: “They constitute, in the end, both a theory of economic growth and a more general, if still highly partial, theory about modern history as a whole.”¹⁰⁰ Na página seguinte, diz que os estágios-de-crescimento “constitute an alternative to Karl Marx’s theory of modern history”.¹⁰¹ Deixando de comentar por ora a afirmação de que Marx tenha formulado uma “teoria da história moderna”, verifica-se que, segundo Rostow mesmo, trata-se apenas de uma generalização feita à maneira de um historiador econômico, mas logo ele diz que essa simples generalização constitui uma teoria, não apenas uma teoria do crescimento econômico, mas também uma teoria com um enorme alcance, pois abrangeria o conjunto da história moderna, de tal modo que Rostow se sente apto a propor que ela seria uma alternativa à “teoria da história” de Marx.

¹⁰⁰ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 1.

¹⁰¹ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 2.

Não se deve esquecer que o subtítulo de *The Stages of Economic Growth* é *A Non-Communist Manifesto*, o que na verdade diz muito do que essa obra é ou pretende ser – um panfleto político, produzido para funcionar no contexto da Guerra Fria de maneira semelhante à função que Rostow atribui ao *Manifesto Comunista*. Dadas as condições históricas, especialmente o cientificismo dominante no pós-guerra, para conseguir essa eficácia Rostow precisa atribuir um valor teórico ao seu manifesto.

Em texto sobre a interrelação da teoria com a história econômica, publicado um pouco antes de *The Stages*, Rostow situa a arbitrariedade dos conceitos abstratos e a ambigüidade dos fatos, diante do que defende que esse caráter arbitrário seja explicitado, o que faz lembrar Max Weber e, mais imediatamente, Gunnar Myrdal (de quem Rostow foi Assistente na Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa quando Myrdal era Secretário Executivo).

As a relative innocent sophomore student of modern history at Yale in the autumn of 1934, I was first introduced to an important philosophical notion. [...] [T]he notion has been part of the received Western tradition for some twenty-five centuries; namely, that human perception works through arbitrary abstract concepts and therefore the reality of what we call facts is not without a certain ambiguity. If historic narration of the most responsible and professional kind was thus shot through with implicit, arbitrary theory, why not make it explicit?¹⁰²

Embora operando de uma maneira geral como um positivista, Rostow admite que mesmo a percepção – que seria a primeira instância em que o produtor de conhecimento, enquanto observador, recolheria os “dados” diretamente da realidade observada – já é seletiva, não é pura, sofre a interferência do conhecimento que o observador porta consigo. Assim, diante do mesmo “fato”, observadores diferentes, com conceitos diferentes, o

¹⁰² Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 333.

percebem diferentemente. Esse tipo de interferência Rostow designa como arbitrária. Este é um tema para uma grande discussão, mas aqui quero chamar a atenção simplesmente para a designação “arbitrário”, que Rostow também usará em outros textos para referir-se às limitações das suas formulações. Quanto à arbitrariedade da sua concepção dos estágios-de-crescimento, no entanto, a caracterização que propõe para cada um deles e a generalização que resulta dessa caracterização não têm compromisso com as realidades históricas a que os estágios remetem, porque sua leitura tem antes e acima de tudo um propósito político, de organizar, supostamente em termos “factuais”, certo tipo de intervenção nesses fatos, para promover um certo tipo de crescimento econômico. Essa é uma arbitrariedade bem distinta daquela indicada na noção filosófica relativizadora dos “fatos” da realidade.

Em texto mais recente, Rostow volta à arbitrariedade não somente da sua produção, mas de qualquer conjunto de conceitos. Especificamente quanto aos conceitos a que ele próprio recorre, vincula sua validade à sua utilidade. Diz ele:

I am quite aware of the limits and arbitrariness of any given set of concepts. That is one among several reasons that intellectual life, like other human pursuits, should be taken seriously but not too seriously. The concepts that emerged from my somewhat eccentric marriage of economics and history are valid only to the extent that they prove useful to others in perceiving and dealing with the elusive patterns of the past and in the life around them. But they have proved to have considerable predictive power.¹⁰³

¹⁰³ Rostow, W. W. *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present.*, p. 441.

6.2 -- A importância do ideológico em Rostow

[T]he community equips the individual with a set of general ideas [...] by which the multiplicity of situations he confronts is reduced to order, made explicable, or tolerable.

Social life furnishes to politics its vocabulary.

Walt Whitman Rostow
British Economy of the Nineteenth Century

No primeiro texto com pretensões propriamente teóricas que Rostow publica,¹⁰⁴ ainda em 1948, já estão presentes as linhas mestras que norteiam seu trabalho desde então: o tipo de abordagem, os problemas teórico-metodológicos, os principais questionamentos, bem como a indicação dos rumos teóricos, metodológicos, políticos e ideológicos para sua resolução. Além disso, esse texto aponta com nitidez a importância que Rostow atribui ao ideológico enquanto um dos níveis constituintes da estrutura da sociedade. Penso que esta demarcação é decisiva para o melhor entendimento das formulações teóricas e de política estratégica sobre o crescimento econômico que notabilizaram Rostow.

I

British Economy of the Nineteenth Century é um conjunto de ensaios dedicados à análise da economia britânica no período de 1790 a 1914, com o foco dirigido para o processo

¹⁰⁴ Rostow, W. W. *British Economy of the Nineteenth Century*, Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1981 (Reprint. Publicação original: Oxford: Clarendon Press, 1948.), esp. cap. VI: “Economic Factors and Politics: Britain in the Nineteenth Century”, p. 126-144.

de industrialização na Inglaterra. Rostow caracteriza esses textos como exercícios sobre método, em que procura combinar teoria econômica e história.

Os temas tratados envolvem produtividade, formação de capital e taxas de crescimento de longo-prazo, bem como prevenção do desemprego. O recuo da pesquisa para o século XIX visa especificamente estudar a era da industrialização inglesa como uma tentativa de contribuir para a “compreensão dos problemas do nosso tempo”: “To an understanding of the problems of our time a reconsideration of the British and the world economy of the nineteenth century may contribute.”¹⁰⁵

Assim, mesmo os estudos históricos a que Rostow se dedicou desde os anos da sua graduação universitária já tomavam como norte o entendimento do tempo presente, especialmente a compreensão do que na época, sob uma determinada perspectiva, se considerava “os problemas”. Esse tipo de abordagem – que foi sempre adotado por Rostow em seu trabalho – e particularmente os objetivos específicos de sua escolha se encontram explicitados no capítulo VI de *B. E. N. C.*: “Economic Factors and Politics: Britain in the Nineteenth Century”. A este capítulo, Rostow se refere como “the excursion into politics”.¹⁰⁶ Nele, Rostow procura conseguir “uma explicação satisfatória dos eventos políticos”¹⁰⁷ e volta a sua atenção especialmente para o comportamento político (*political behaviour*). Deixa claro que não se trata de um esforço com objetivo meramente acadêmico. Rostow caracteriza (pode-se presumir que se colocando, enquanto “teórico”, na defensiva) suas formulações nesse texto como “questões especulativas”,¹⁰⁸ como “uma discussão exploratória” que

¹⁰⁵ Rostow, W. W. *British Economy of the Nineteenth Century* (adiante referida como *B.E.N.C.*), p. 2.

¹⁰⁶ “In the excursion into politics, of Chapter VI, I have profited from the friendly and occasionally skeptical observations of colleagues in the Faculty of Modern History at Oxford, and from the fellowship of the Stubbs Society.” Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, Prefácio.

¹⁰⁷ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 127.

¹⁰⁸ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 2.

“presents no new self-contained system of analysis”.¹⁰⁹ Contextualiza com clareza, no entanto, de onde vem e para onde se dirige esse trabalho:

The larger and more speculative considerations of Chapter VI proceed from a somewhat wider experience. In 1946-1947 the author was privileged to teach American history at Oxford. The structure of analysis set out in Ch. VI, though here applied to Britain, was elaborated in the course of lectures on American political life from 1763 to the present; and it seemed to illuminate the political behaviour, at home and abroad, of many nations in the post-war world, as viewed from the Department of State in 1945-1946.¹¹⁰

Em 1945-1946, Rostow ocupou um posto no Departamento de Estado dos Estados Unidos. Com o fim da segunda Guerra Mundial, o re-desenho do mundo (cuja nova configuração já estava em elaboração ainda em plena guerra) começa a ganhar contornos mais precisos. Desencadeiam-se múltiplas ações em diferentes campos para levar adiante projetos, particularmente do governo dos Estados Unidos, visando garantir a hegemonia americana nessa processo. Rostow se propõe a incluir o seu trabalho no esforço para compreender e intervir no comportamento político de várias nações no pós-guerra. Explicita que o faz de acordo com a perspectiva do Departamento de Estado dos Estados Unidos. No campo teórico, toma todas as cautelas quanto ao caráter exploratório e especulativo das suas formulações, mas em relação ao campo político assume inequivocamente a sua tomada de posição a partir do Departamento de Estado. Portanto, Rostow faz aí um exercício de método, com o qual constrói um arcabouço (segundo suas próprias palavras exploratório e especulativo, mas que continuou sendo por ele citado e não foi revisto posteriormente) de uma teoria geral da sociedade, que Rostow pretende possa ter um alcance político bem determinado, de acordo

¹⁰⁹ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 126.

¹¹⁰ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 6.

com as concepções assumidas por um dos setores da chamada “inteligência” então dominante nos Estados Unidos. Diz Rostow:

A more refined view of society as a whole and of the inter-relations among its parts is not merely an appropriate academic objective. Its achievement may prove prerequisite to successful resolution of major problems of policy at home and abroad which characterize the post-war period.¹¹¹

O conhecimento a ser produzido toma como objeto o que um determinado setor político dominante no governo dos Estados Unidos de então define como “problemas” (mais precisamente um determinado segmento deste setor, à época alocado no Departamento de Estado). Tal conhecimento visa não apenas “iluminar” ou “esclarecer” os componentes, as determinações e as possibilidades dos “eventos” ou “comportamentos” tomados como problemas. Para além da sua compreensão, tem como finalidade contribuir para a resolução exitosa (do ponto de vista do Departamento de Estado) de tais “problemas”. Deste modo, a produção desse conhecimento o concebe como instrumental para uma política determinada de intervenção na realidade – realidade interna dos Estados Unidos e realidade de outros países no campo internacional – assumindo o ponto de vista do poder, a partir de uma das instâncias privilegiadas de “inteligência” do governo central dos Estados Unidos.

O esforço teórico de Rostow é todo ele marcado pela utilidade prática imediata do conhecimento produzido para uma política estatal da grande potência hegemônica que se impõe no pós-guerra. Seu objetivo maior é a utilidade prática que suas formulações possam ter para um dos projetos mais importantes do Estado detentor do maior poder em nível mundial na época. Rostow não busca propriamente uma teoria explicativa da sociedade, ou da sociedade capitalista (como quer que a designe), ou da sociedade capitalista típica daquele momento histórico. Busca, sim uma concepção de sociedade que possa ser posta no contexto,

¹¹¹ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 127.

político e que viabilize o mais e o melhor possível o projeto de uma política dentro da qual ele se move e ao qual procura oferecer um suporte teórico.

II

Uma dificuldade particular do seu texto (de tantos de seus textos, que se apresentam no campo teórico-acadêmico, mas que trazem indelevelmente a marca do viés político vinculado ao poder hegemônico que os animam) é que raramente explicita as correntes de pensamento, os autores ou os textos com os quais dialoga ou contra os quais se coloca.

Em “Economic Factors and Politics: Britain in the Nineteenth Century”, Rostow demarca suas posições em relação a três campos:

1. à teoria econômica vigente, centrada na análise de curto prazo, cuidando em especial das variações de renda;
2. ao que fica subentendido, porque aí nunca é chamado pelo próprio nome, como marxismo, que aparece como um determinismo pleno e direto, em que a história é de tal modo pré-determinada que o seu curso é tido como inexorável ou inevitável;
3. às ciências sociais do seu tempo que, embora não designadas em termos de autores ou de obras, dizem respeito principalmente ao estrutural-funcionalismo então dominante no campo das ciências sociais americanas, tendo à frente certamente a figura de Talcott Parsons e seus associados.

Levando isso em conta – que, em geral, Rostow não nomeia especificamente os interlocutores com os quais o seu texto debate e contra-argumenta –, por enquanto procurarei manter essa mesma distância em relação àquelas correntes e àqueles pensadores que a escrita

rostowiana mostra tão somente na sua contra-argumentação, mas oculta nas suas definições e nas suas fontes, o que dificilmente poderia fazer da mesma forma caso o seu texto fosse ou mesmo pretendesse ser mais propriamente acadêmico ou teórico. Para começar, proponho limitar-me às demarcações expressas por Rostow.

Sua análise é uma crítica ao determinismo econômico. Rostow a faz em dois registros principais. Primeiro, opõe-se enfática e incisivamente a um determinismo econômico radicalizado, de caráter absoluto, em que cada fator econômico determina completamente cada ação social e política individual sobre cada assunto específico. Contrapõe-se a esse determinismo, apoiando-se em que as relações que constituem a estrutura da sociedade não são simples, não operam numa direção única e reservam um lugar considerável para a liberdade de ação do indivíduo em cada nível da estrutura. Conseqüentemente, “On occasion it may be proper to regard the course of history as inevitable, *ex post*; but not *ex ante*.”¹¹²

Uma vez tendo-se posicionado contra esse determinismo econômico, Rostow se detém nas complexidades das relações entre os três níveis que a seu ver estruturam a sociedade – o econômico, o social e o político – admitindo uma ação de retorno sobre o econômico e dedicando um cuidado especial às “influências” mais importantes que operam sobre o político (sobre os eventos políticos, sobre os comportamentos políticos). Rostow recorre a fatos da história inglesa para ilustrar sua argumentação.

Passam ao primeiro plano as suas detidas observações sobre o nível propriamente social e sobre as idéias gerais ordenadoras da realidade social, cuja formação se dá a seu ver nesse nível. Em tal registro, o seu texto é muito mais do que uma crítica ao determinismo econômico, porque nele Rostow explicita com muita clareza e algum detalhe a sua concepção sobre o que considera como o campo social em sentido estrito, destacando a enorme importância que atribui à formação do ideológico e à sua eficácia – o que penso ser

¹¹² Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 143.

fundamental para que se possa entender bem o sentido maior e o suporte com o qual ampara as formulações que o tornaram um dos intelectuais mais importantes do pós-guerra.

Demarcando-se quanto à teoria econômica vigente, Rostow inclui e sublinha a importância dos fatores econômicos de longo prazo. Enfatiza a necessidade, para fins teóricos e para fins práticos, de uma teoria geral da sociedade como um todo. E, embora reconhecendo-se – como historiador e como economista – enquanto pertencente ao campo das ciências sociais, reafirma insistentemente que as ciências sociais de então ainda não a formularam¹¹³ formalmente e que, deste modo, essa teoria – necessária para que se possa intervir com êxito na realidade social – ainda não se encontra disponível. Para suprir essa carência, ele, que não é sociólogo nem cientista político, se propõe a produzir pelo menos um arcabouço dessa teoria.

Uma teoria geral da sociedade

Como mencionado acima, Rostow coloca no horizonte “uma visão mais refinada da sociedade como um todo e das inter-relações entre suas partes”.¹¹⁴ O refinamento a que se refere consiste em (contrapondo-se a uma determinação completa e direta do econômico sobre tudo o mais que compõe a sociedade) conceber a sociedade como uma totalidade de partes inter-relacionadas ou inter-dependentes. Para tal “refinamento”, é preciso considerar as complexidades inerentes a esses inter-relacionamentos. Considera os três níveis que a seu ver constituem a sociedade como “níveis de atividade”, cujas relações formam a estrutura social. É importante notar a sua concepção da *estrutura* social enquanto conjunto de *atividades*.

¹¹³ “We are confronted here with the lack of any coherent and agreed theory of societies as a whole.” Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, p. 35.

¹¹⁴ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 127.

Deste modo, segundo Rostow a sociedade compreende estruturalmente níveis diferentes e inter-relacionados de atividades, ações, comportamentos ou eventos. Rostow designa como *estrutura* o conjunto *empírico* das atividades que se realizam na sociedade. Considera somente relações entre eventos, sejam relações de interação, sejam relações causais. O objeto da investigação é assim restrito inteiramente ao campo da empiria. Rostow se distancia, portanto, desde então de qualquer análise que tenha pretensões de caráter mais propriamente estrutural, seja uma concepção estrutural-histórica, seja uma concepção estrutural-funcional ou sistêmica. Conseqüentemente, a história passa a ser simplesmente uma sucessão de eventos, comportamentos, ações ou atividades, que podem ser eventualmente pensados como conjuntos ao inter-relacionar temporalmente os eventos, os comportamentos, as ações ou atividades.

Uma vez o quadro analítico posto nesse esquema, Rostow se indaga sobre as relações entre os fatores econômicos (sempre considerados no sentido de atividades, comportamentos ou eventos econômicos) e os fatores políticos (considerados sempre também no mesmo sentido). Entende que “All would agree that economic factors, in some sense, are important for politics; virtually all would agree that, in some sense, economic factors are not sufficient to explain political events.”¹¹⁵ No terreno dos fatos econômicos e dos fatos políticos, porém, uma afirmação como esta não dá um passo além da mera trivialidade: os acontecimentos econômicos são importantes para a política, mas não são suficientes para explicar os eventos políticos. Rostow não chega aí a mencionar o que, no plano da lógica, seria mais importante ao pretender pôr uma relação: a sua necessidade. Vai fazê-lo unicamente ao discutir o que denomina impulsos econômicos de longo prazo.

Para estudar as relações entre o nível econômico e o nível político das atividades da sociedade, Rostow propõe que um “refinamento útil” pode ser alcançado quando se

¹¹⁵ Rostow, W. W. B. E. N. C., p. 126.

considera as relações entre eles distinguindo-as com respeito ao período de tempo em que elas persistem. Distingue desse modo o que chama de impulsos econômicos de longo prazo, de médio e de curto prazo.

As considerações quanto aos impulsos econômicos de longo prazo são bastante esclarecedoras do modo como Rostow lida com outras formulações de alcance mais propriamente estrutural e mais propriamente históricas, especialmente o marxismo, ao qual, no entanto, não remete direta e explicitamente nesse texto de 1948 em nenhum momento. Rostow recorre a algumas das idéias fundamentais que se encontram nessas formulações, aplica-as em outro registro e, por um lado as reafirma parcialmente, e por outro nega com vigor o que corresponde a uma radicalização caricatural daquelas idéias. Diz ele, por exemplo:

Long-period impulses are, for these purposes, those which proceed from the way people earn their living. Whether a man own a large estate or is an agricultural labourer; whether he works in a cotton mill or a mine; whether he manages industry, engages in commerce, or goes each day to an office in a bank, obviously affects his outlook on society and the political system; and it is one factor which enters into his judgement concerning particular policies and political events.”¹¹⁶

Portanto, Rostow define o que denomina impulsos econômicos de longo prazo por meio da inserção no processo produtivo. Logo, porém, além de ser muito cuidadoso com o vocabulário que emprega, minimiza o alcance que tal “impulso” consegue. Conforme às suas expressões, é a maneira como as pessoas ganham a sua vida que dá origem aos impulsos econômicos de longo prazo. Ser grande proprietário rural ou ser um trabalhador agrícola, ser um industrial ou um funcionário de um banco, etc., “obviamente” influi (Rostow escolhe o

¹¹⁶ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 128.

termo inglês “afeta”) na visão que se forma da sociedade ou do sistema político e, diz ele, é “um fator” que entra na formação do seu juízo sobre as políticas.

Deste modo, Rostow usa como critério para definir os impulsos econômicos mais duradouros a forma pela qual se participa da produção econômica. Mas desde logo relativiza a capacidade de influência desses impulsos. É bem neste sentido que ele conclui:

The nature of social life in, let us say, rural England, of the early nineteenth century cannot be deduced from the simple fact that it was an agricultural society proportioned in a certain way among large and small landowners and farm labourers.¹¹⁷

No entanto, imediatamente contra-argumenta: “But its analysis would no be meaningful if it were not placed within such framework.”¹¹⁸ Logo a seguir, esclarece: “This is the sort of economic influence which is associated with the conventional analysis of the Industrial Revolution.”¹¹⁹ Então, o tipo de participação na organização da produção “afeta” a concepção que se forma da sociedade, contribui para o julgamento dos fatos políticos, mas do tipo de organização produtiva de um país num dado momento não se pode deduzir a natureza da vida social vigente nesse país nesse momento. Portanto, não há uma relação de determinação entre o fator econômico mais duradouro numa sociedade e a vida social e política desta sociedade. Esse fator econômico apenas *influencia* as demais esferas da vida na sociedade. Já na frase seguinte, dentro do mesmo parágrafo, continuando portanto a referir-se à natureza da vida social, Rostow coloca a forma da organização produtiva como o arcabouço sem o qual a análise dessa natureza não consegue alcançar significado. Conseqüentemente, no seu entender o que torna significativa a natureza da vida social é a forma da organização da

¹¹⁷ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 128.

¹¹⁸ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 128.

¹¹⁹ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 128.

produção, com as formas diferenciadas de inserção na organização produtiva, ou, na linguagem que ele opta por empregar aqui, a maneira como as pessoas ganham sua vida. Logo adiante, a meu juízo defensivamente, Rostow conecta esta concepção com a análise convencional da Revolução Industrial. Qualquer leitor atento se dá conta da grande dificuldade que Rostow demonstra ter ao lidar com a importância do econômico, mas sem admitir enquanto determinação a sua relação com os demais setores da sociedade. Rostow explica:

The long-run economic impulse, among others factors, affects the judgement of individuals on particular political issues; but it may operate at several removes indirectly. And its influence may take various forms. [...] In each case a part of the political position of the agriculturalists on this issue can be traced to the long-run impulse imparted by their general economic background; but the form of its expression, and even the net position taken, varied widely. There is no simple one-to-one relationship necessary between the long-run impulse and a given political judgement.¹²⁰

Rostow coloca-se contra o determinismo, mas é preciso discernir a qual determinismo ele se refere e como constrói sua oposição a ele. Discute como objeto de determinação “um dado juízo crítico”, uma dada opinião ou posição política, “o julgamento de indivíduos sobre questões políticas particulares”. Ou seja, cinge o objeto da determinação ao limite individualizado do que poderia ser pensado como uma cadeia de determinação: o indivíduo diante de uma determinada questão política. Cabe, pois, aí a questão: qual é especificamente esse determinismo em relação ao qual Rostow se insurge? Qual é a concepção de determinismo que vincula diretamente uma tendência de longo-prazo com cada ação particular de cada indivíduo específico? A conclusão a que Rostow chega, de que não há uma relação necessária simples – que faça corresponder um-a-um cada impulso de longo-

¹²⁰ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 129.

prazo com cada juízo político individual dado num momento dado – não é mais do que um truísmo, uma trivialidade.

Rostow, porém, tenta recuperar algum conteúdo mais significativo para os impulsos econômicos de longo-prazo. Desloca o objeto hipoteticamente determinado ou não-determinado por esses impulsos para níveis de mediação e diz:

Perhaps the most important political influence of this type of economic impulse is in setting the political structure of a society: the nature of electorate, and the distribution of power among the branches of government.¹²¹

Continua relativizando a relação entre o econômico e o político, que a seu ver constitui uma “influência”, embora a qualifique como “importante”. No entanto, a “influência” dos impulsos econômicos de longo-prazo consiste em estabelecer a estrutura política da sociedade: a natureza do eleitorado e a distribuição do poder dentro do governo estabelecido. Mas sua análise o leva bem além disso. Após discutir as relações entre certas leis inglesas (as duas grandes Leis de Reforma, de 1832 e de 1867), as classes médias industriais e comerciais e o crescimento das classes trabalhadoras industriais, Rostow conclui: “It is the long-run impulses from the economic system which change the balance of power among factions.”¹²² Não se trata mais apenas de uma “influência” mais ou menos vaga. Neste último enunciado de Rostow, os impulsos econômicos de longo-prazo mudam o equilíbrio de poder entre as facções políticas.

Penso que vale a pena observar, ainda que brevemente, a maneira pela qual Rostow enuncia o seu discurso sobre os impulsos econômicos de longo-prazo. Define-os no nível da organização da vida social e política. Na análise de longo-prazo, o econômico apenas

¹²¹ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 129.

¹²² Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 130.

afeta ou influencia o social e o político, porque há também outros fatores que se deve considerar, e também porque essa relação não é simples, nem direta de cada impulso econômico para cada atividade social ou política particular e específica. Por outro lado, ao levar adiante a análise, Rostow diz também que, no confronto entre a organização social da produção e a natureza da vida social, é preciso tomar aquela como o arcabouço sem o qual esta não faz sentido. Com esta afirmação, Rostow atribui uma importância muito grande que a distribuição das “pessoas” na organização da produção tem para a definição da natureza da vida social.

Quando se confronta a sua conclusão – peremptória, mas trivial – de que “There is no simple one-to-one relationship necessary between the long-run impulse and a given political judgement”¹²³ com a conclusão a que chega poucos parágrafos depois, de que “It is the long-run impulses from the economic system which change the balance of power among factions”,¹²⁴ o que logo aparece é que o raciocínio se desloca de um plano analítico para outro. Mas, apesar de elaboradas em planos diferentes de análise, essas duas formulações não são contraditórias. A primeira é uma verdade meramente trivial e a segunda é uma conclusão cujo conteúdo obriga a indagar qual o sentido que Rostow atribui às suas formulações de que os impulsos econômicos de longo-prazo apenas influenciam ou afetam a vida social e política. Uma primeira resposta se pode encontrar exatamente na sua conclusão de que “There is no simple one-to-one relationship necessary between the long-run impulse and a given political judgement”. Esta é uma questão que de fato Rostow não consegue resolver, apelando no máximo para o fator complexidade nas inter-relações que caracterizam a sociedade.

Ainda quanto aos impulsos econômicos de longo-prazo, é curioso notar quem Rostow cita para introduzir a questão da propriedade, da divisão em classes, etc. Diz ele:

¹²³ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 129.

¹²⁴ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 130.

“James Madison, in the discussion which led to the adoption of the American Constitution, expressed clearly the predominant influence he assigned to economic factors in politics; and since the issue of a national Constitution was structural, long-run economic factors in these terms would be relevant.”¹²⁵ E cita o próprio Madison:

[...] The most common and durable source of factions has been the various and unequal distribution of property. Those who hold and those who are without property have ever formed distinct interests in society. Those who are creditors, and those who are debtors, fall under a like discrimination. A landed interest, a manufacturing interest, a mercantile interest, a moneyed interest, with many lesser interests, grow up of necessity in civilized nations, and divide them into different classes, actuated by different sentiments and views. The regulation of these various and interfering interests forms the principal task of modern legislation.¹²⁶

Madison se refere especialmente às diferenças de distribuição de propriedade, qualquer tipo de propriedade, mas começa por mencionar a diferença entre ser e não ser proprietário. Diz que a essas diferenças se vincula a formação de facções distintas e atribui à legislação moderna a tarefa de regulação dos interesses conflitantes. Rostow comenta Madison reconhecendo como função do governo a resolução pacífica das diferenças de opinião e de interesse.

Rostow assinala limites e restrições em relação aos impulsos econômicos de longo-prazo. Quanto aos impulsos de curto-prazo, associados às flutuações dos ciclos comerciais e das colheitas, menciona que estes usualmente não determinam nem a natureza das questões políticas principais, nem a potência básica relativa das diferentes forças em

¹²⁵ Rostow, W. W. B. E. N. C., p. 130.

¹²⁶ Madison, James, in *Federalist*, No. 10, apud Rostow, W. W., B. E. N. C., p. 130.

disputa. No entanto, admite a importância dos impulsos econômicos sobre o campo político.

Ele mesmo conclui que:

We have thus distinguished three types of impulse from the economic system acting on social and political life: a long-run force which constitutes the framework within which social life develops and which affects particularly the general balance of power within the community and the structure of its political life; a medium-run impulse, associated with economic trends, which often defines major political issues and generates movements designed to achieve certain concrete political results; and a short-run impulses which in the nineteenth century affect the timing of political events and their colouring.¹²⁷

A conclusão mais geral a que Rostow chega quanto à relação entre o econômico e o político é que ela é complexa, não é simples. Em todo evento político importante se encontra não apenas simplesmente um fator econômico, mas todo um conjunto de fatores econômicos, cujos efeitos no comportamento político muitas vezes são conflitantes. De todo modo, o ponto forte de toda a sua discussão continua sendo a não-determinação do econômico sobre os aspectos particulares específicos do social e do político: “The economic system imparts certain impulses to the social system; and it constitutes a framework within which social life must develop; but it does not determine the particular manifestations of social life.”¹²⁸ É enunciado o caráter fundamental do econômico (arcabouço dentro do qual a vida social deve desenvolver-se ou sem o qual não se pode alcançar sua significação), mas se nega que ele possa determinar cada manifestação da vida social na sua particularidade e especificidade.

¹²⁷ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 133.

¹²⁸ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 143.

III

Tendo discutido a questão da determinação do econômico sobre o conjunto da vida social, Rostow se detém no nível propriamente social, ao qual atribui uma enorme importância e, nele, ao lugar privilegiado que é ocupado pelas idéias gerais. Preocupa-se fundamentalmente com a produção dessas idéias e com as consequências que elas podem ter sobre o comportamento político.

Rostow adere à “convenção útil” de considerar a sociedade como sendo estruturada em três níveis, cada qual com vida própria, mas relacionada de várias maneiras com os demais, de tal modo que:

The economic level of society imparts, as is suggested above, a variety of impulses to social and political life; [...] But it also *receives back* from social and political life other impulses which affect its course. [...] For the moment, it is sufficient to note that the relations between the economic level of society and its other levels do not run merely in one direction.¹²⁹

São os impulsos econômicos de longo-prazo que constituem o arcabouço dentro do qual a vida social adquire sentido e pode desenvolver-se. Mas há uma ação em que o econômico “recebe de volta” uma reação do social sobre ele. Estudando o nível social sem perder isso de vista, Rostow enfatiza que o social abrange, “acima de tudo”, os conceitos políticos gerais por meio dos quais “as pessoas” racionalizam sua relação com a comunidade. Ou seja, a vida social é vivida nas suas dimensões concretas, mas também comporta (e, segundo Rostow, comporta acima de tudo) concepções por meio das quais essas condições concretas, vividas na sua especificidade, são racionalizadas em relação ao conjunto da comunidade. Rostow coloca inicialmente essas concepções enquanto conceitos políticos

¹²⁹ Rostow, W. W. B. E. N. C., p. 134, grifado por mim, F. D. R.

gerais.¹³⁰ Logo, porém, passa a tratá-las como um conjunto de idéias gerais. O social desempenha, assim, um papel de intermediação, unindo o econômico e o político. Refletindo sobre o nível social e seu papel de estabelecer uma ligação entre o econômico e o político, o que Rostow expressa como sendo mais relevante para os objetivos postos naquele momento é, sobretudo, a maneira pela qual aquelas idéias gerais são formadas. Diz ele: “The limited aspect most relevant to present purposes, however, is the manner in which general ideas are formed which serve as the basis for a considerable array of political positions on particular issues.”¹³¹ Parece razoável supor que este seu interesse pelo modo de formação de tais idéias tenha a ver com os projetos políticos que certa parcela política “liberal” tentava implantar naquele momento nos Estados Unidos, no que se defrontava com forte oposição conservadora, projetos aos quais Rostow vinculava suas elaborações de tipo teórico, ou para as quais tentava encontrar suportes teóricos. Afinal, essas idéias oferecem os alicerces sobre os quais se organiza todo um campo de posições políticas diferenciadas sobre questões específicas.

É por intermédio dessas idéias gerais que “the multiplicity of situations he [the individual] confronts is reduced to order, made explicable, or tolerable”.¹³² De acordo com Rostow, essas idéias gerais operam neste sentido não apenas no caso dos indivíduos confrontados com uma multiplicidade de situações, mas também no caso de nações confrontadas com situações múltiplas, complexas, que pareçam desordenadas.

Rostow destaca a educação como um dos meios principais para a comunidade equipar os indivíduos com esses conjuntos de idéias gerais, que os indivíduos podem, naturalmente, acatar, mas também podem modificar, rejeitar ou suplantar. Talvez o mais

¹³⁰ Numa outra linguagem talvez se possa dizer que tais conceitos fazem uma mediação entre a relação das pessoas com suas próprias atividades face ao conjunto da comunidade a que pertencem.

¹³¹ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 135.

¹³² Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 135.

importante nesta formulação é que esses conjuntos de idéias gerais são capazes de conferir uma ordem a um mundo complexo, múltiplo, difícil de assimilar, tornando-o assim explicável, ou tornando-o tolerável, em determinadas situações difíceis de suportar.

Então, Rostow admite que os impulsos econômicos de longo-prazo constituem o arcabouço dentro do qual a vida social se torna significativa. Por outro lado, no entanto, entende que um conjunto de idéias gerais (que fazem parte do nível propriamente social da sociedade) pode dar um sentido à vida social, ordenando-a, tornando-a explicável, ou tolerável. O estudioso deste pensamento se depara assim com uma questão: como conciliar estas duas formulações? Como Rostow lida com essa espécie de duplicidade, ou aparência de duplicidade?

Entendo que Rostow elabora esta formulação em dois níveis de análise distintos, mas complementares. Embora ele não os explicitasse desse modo, penso que um desses níveis se refere mais propriamente ao curto e médio prazos, abrindo o campo para intervenções políticas (político-ideológicas) determinadas, num momento determinado; enquanto o outro nível analítico trata mais propriamente do longo-prazo e das vinculações mais estritas (creio que Rostow diria mais duradouras) entre as idéias e as condições da vida real. No primeiro desses níveis analíticos, Rostow diz, por exemplo:

Once accepted these ideas have an authority of their own and a great independent reality among the forces which move men to act. [...] men's attachment to them [such general ideas] is often impervious for considerable periods to evidence of their unreality, irrelevance, or inapplicability, [...].¹³³

Rostow registra aí a força que certas idéias gerais podem passar a ter desde que sejam aceitas pelos “homens”, impelindo-os para a ação numa realidade que assim é

¹³³ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 135-136.

organizada ou ordenada por essas idéias gerais. Registra ainda que a força dessas idéias ou, poderíamos dizer, a sua eficácia, pode ser tão grande que elas podem tornar-se (diz ele que freqüentemente se tornam) impermeáveis durante períodos mais ou menos longos às evidências de que não correspondem à realidade, de que sejam irrelevantes ou inaplicáveis, etc. Ora, se há evidência de sua irrerealidade, irrelevância ou inaplicabilidade é porque tais idéias não foram concebidas nem apropriadas em consonância com a realidade a que se referem e na qual elas levam os homens a agir. Rostow faz aí uma formulação em que um conjunto de idéias gerais que não correspondem a uma dada realidade podem de algum modo ser postas como idéias gerais ordenadoras e explicadoras desta realidade e assim podem ser aceitas e apropriadas pelos homens que agem nessa realidade e que, como consequência de se apropriarem dessas idéias (ou melhor, em consequência de serem apropriados por elas) passarão a atuar nessa realidade sob a orientação dessas idéias.

Comentando a afirmação de John Maynard Keynes sobre a importância das idéias na história, Rostow chama atenção para a relação que as idéias precisam ter com a vida real. Idéias capazes de alcançar eficácia histórica não podem ser idéias quaisquer. Elas precisam estar referenciadas a experiências e a interesses, ou que estejam em curso, ou que façam parte do passado das sociedades em questão. “The argument here would emphasize, however, that the ideas available, and their acceptability, depend on previous or current experience and interests [...]”¹³⁴

Passando a outro plano de análise, mais propriamente explicativo, Rostow alerta para que de fato e a longo prazo, as idéias surgem de mudanças significativas nas condições de vida dos homens. Diz ele:

While it is clearly necessary to take into account the very considerable time lags which attend the rise and fall of ideas, in relation to the

¹³⁴ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 136.

situations which they are designed to explain, and to appreciate the independent power they exercise over the minds and behaviour of individuals, at bottom and in the long run, ideas appear to be rooted in real and substantial changes in the conditions under which men live.¹³⁵

Permito-me fazer uma leitura dessas formulações num outro registro teórico. Ou seja, recorrendo a outro vocabulário, numa outra referência conceitual, para que uma ideologia seja duradoura e eficaz é necessário que ela seja vinculada com (ou remeta a) mudanças profundas nas condições de vida daqueles aos quais ela se dirija e por parte dos quais ela pretenda alcançar aceitação e adesão.

Concluindo suas considerações sobre a relação entre o social e o político, Rostow aponta que

[T]here are many aspects of political life which take their shape from the social level of society; but for these limited purposes the most significant is the generation of wide conceptions in terms of which specific issues are viewed, fought over, and settled. Social life furnishes to politics its vocabulary.¹³⁶

Para Rostow, portanto, o nível político é em grande parte moldado pelo nível social, especialmente por meio da geração de concepções gerais, que desse modo fornecem à política o seu vocabulário.

Lendo o capítulo VI de *British Economy in the Nineteenth Century*, tem-se a impressão de que Rostow levava a sério a formulação de Marx, para contrapor-se a ela, assumindo consistentemente o ponto de vista do capital. Parece que Rostow havia recentemente lido, ou mais apropriadamente estudado, *A Ideologia Alemã*, o *Prefácio* de 1859, o *Manifesto* e o Engels da determinação em última instância. Parece querer responder

¹³⁵ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 136-137.

¹³⁶ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 137.

(encontrar respostas diferentes) as questões que aqueles textos colocam. Tenta responder, mas o faz, naturalmente, dentro das suas grandes limitações – teóricas e políticas. De fato, não conseguiu alcançar a perspectiva teórica que Marx assume com a sua concepção de realidade social determinada, determinação que em Marx é ao mesmo tempo estrutural e histórica. No caso da leitura/resposta que Rostow tenta, pelo menos no capítulo VI de *B. E. N. C.*, parece menos ser má fé de orientação política do que dificuldade efetiva de compreensão teórica, fruto em parte da insuficiência de sua formação teórica junto com sua vontade determinada, obsessiva mesmo, de contribuir para dar uma resposta *política* (político-ideológica) à eficácia político-ideológica das formulações de Marx.

Às vezes parece ter uma noção já-pronta ou pelo menos já-proposta de direção política para a ação dos Estados Unidos na construção da sua hegemonia no pós-guerra, para fortalecer a liderança dos Estados Unidos no redesenho do mapa do mundo no pós-guerra, para impulsionar o imperialismo sob direção dos Estados Unidos. Ou seja, parece trabalhar já com uma proposta de continuação da guerra no plano ideológico (tipo “*psychological warfare*”, ou no sentido de “*ideological warfare*”), reservando um lugar especial para a importância das idéias na direção política. Cabe notar que quando menciona direção política sempre se refere a governos, sempre tendo em mente o governo dos Estados Unidos, isto é, o poder hegemônico mundial. Há, portanto, uma diferença essencial de perspectivas entre as formulações de Marx e as de Rostow. A transformação revolucionária de uma realidade social não pode prescindir do conhecimento profundo, explicativo, verdadeiro, dessa realidade. Para as mudanças que não visam transformar estruturalmente uma realidade, mas antes reforçá-las, para mantê-las, esse tipo de conhecimento é perfeitamente dispensável. Marx estava empenhado em conhecer rigorosamente a realidade do capitalismo para transformar revolucionariamente (quer dizer, radicalmente) o modo de produção capitalista. Rostow estava empenhado no conhecimento da realidade sobre a qual o governo dos Estados Unidos

queria intervir, mas esse conhecimento era instrumental para um determinado tipo de mudança que esta intervenção pretendia, mudança no sentido de fortalecer/ampliar/aprofundar o capitalismo no mundo – um novo tipo de “partilha do mundo”, ao qual Lênin já se referia em *O Imperialismo*: anexação de territórios num sentido já não mais meramente de dependência colonial, que Lênin pensava a partir da então nova característica de expansão capitalista por meio da concentração da produção, da formação de monopólios e da exportação de capitais, que caracterizava a tendência de dominação pela oligarquia financeira, para a qual contribuía decisivamente a concessão de empréstimos, principalmente para o estrangeiro, em especial para os países “atrasados”. A história posterior, como sabemos, mostrará que à exportação de capitais se acrescentará: a exportação do capital, ou seja, do modo de produção capitalista como tal para as regiões do mundo que anteriormente faziam parte do circuito capitalista apenas através da circulação de *mercadorias* no mercado internacional; a formação de grandes oligopólios mundiais operados principalmente pelas grandes corporações multinacionais; e a hegemonia do capital rentista, usurário ou especulativo, sobre o conjunto do capital e, assim, sobre o conjunto da operação deste modo de produção em escala mundial.

O período histórico em que Rostow se encontra é o imperialismo, no momento mesmo em que se forma a hegemonia norte-americana na expansão capitalista. Toda a produção de Rostow se vincula, diretamente (mesmo quando produz, apresenta e coloca em discussão nos circuitos acadêmicos universitários, textos “teóricos”) a esta expansão capitalista imperialista, então sob o comando do governo da grande potência Estados Unidos. Neste caso e para esta finalidade, o conhecimento dos processos reais em marcha e principalmente das suas determinações não é propriamente o que interessa revelar. Interessa, sim, conhecendo bem esses processos e suas determinações, intervir neles, retirando do circuito das idéias e das representações toda discussão sobre tais processos e determinações,

para o que é indispensável a colocação de outras idéias e representações. Para tal finalidade, impunha-se mudar o que se convencionou chamar de “a agenda”, ou, melhor, impunha-se construir um problema novo e colocar sobre ele o foco da discussão. É parte importante de minha hipótese nesse trabalho que foi a isso que Rostow se propôs e foi com base nessa proposta política que ele projetou “o desenvolvimento” enquanto problema para as regiões para as quais a exportação de capitais constituía então o interesse maior do grande capital.

Em sentido estrito, o “desenvolvimento” já estava posto como problema fundamental desde Dean Acheson, desde Truman, do Ponto Quatro, etc. Além disso, muitos contribuíram para transformar essa questão política em “problema teórico”. Todas as formas e nuances da chamada teoria da modernização o fizeram e com grande eficácia, muito duradoura apesar de toda a crítica que se deixa enredar nas malhas teóricas que ela alinhava. Um dos mais importantes pensadores/agentes dessa transformação é W. W. Rostow. Importa, sobretudo, acompanhar esta sua construção porque, além de produzir conhecimento sobre uma ideologização determinada – o “desenvolvimento” –, esse conhecimento abre perspectivas de entendimento e de análise das ideologias de dominação, que estão sempre sendo construídas/reconstruídas pelo poder.

6.3 – W. W. Rostow, um mandarim do futuro¹³⁷

O problema sobre o qual Rostow se debruça é o crescimento econômico. Seu universo é o sistema econômico mundial. O que lhe interessa é o crescimento econômico referenciado a esse sistema econômico mundial num momento histórico determinado, pós segunda Guerra Mundial. Sua preocupação é a expansão capitalista na segunda metade do século XX e o *processo* do crescimento econômico para o qual procura oferecer suporte teórico não é o processo do crescimento econômico dos Estados Unidos enquanto uma nação, mas o crescimento do capital em escala mundial. Deste modo, os problemas de que trata não são problemas internos (domésticos) de crescimento econômico nos Estados Unidos, mas problemas de expansão do capital com base nos Estados Unidos para fora, para o exterior, especificamente para as áreas do mundo cuja produção – embora de fato vinculada ao sistema mundial capitalista – ainda não está organizada plenamente sob a forma capitalista hegemônica pelos Estados Unidos. Trata-se de uma compreensão nova de incorporação de áreas novas à expansão do capital sob o imperialismo americano. No fundo, é este o projeto do desenvolvimento para a região subdesenvolvida.

¹³⁷ A expressão mandarim do futuro foi cunhada por Ithiel de Sola Pool. Sola Pool diz que: “The social sciences can be described as the new humanities of the twentieth century. They have the same relationship to the training of mandarins of the twentieth century that the humanities have always had to the training of mandarins in the past. In the past, when one wanted to educate a prince or policy maker, or civil servant to cope with his job, one taught him Latin, philosophy, history, literature – most of which had very little obvious relationship to what he was going to do. Today, by means of the social sciences we are able to give him an even better tool for understanding the world around him. The day of philosophy, literature, etc., is not over. They have their value. But there are a great many things that we have learned to understand better through psychology, sociology, system analysis, political science. Such knowledge is important to the mandarins of the future for it is by knowledge that men of power are humanized and civilized. They need a way of perceiving the consequences of what they do if their actions are not to be brutal, stupid, bureaucratic, but rather intelligent and humane. The only hope for humane government in the future is through the extensive use of the social sciences by government.” Pool, Ithiel de Sola. “The necessity for social scientists doing research for governments”. In Horowitz, Irving Louis (Ed.). *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the relationship between social science and practical politics*. Cambridge, Mass. & London: The M. I. T. Press, 1967, p. 267-268. Mais tarde, Gilman usou a expressão como título de seu livro Gilman, Nils. *Mandarins of the future: Modernization theory in Cold War America*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 2003.

O trabalho de Rostow para construir um suporte teórico para esse projeto oscila entre dois planos. Num deles, pensa o capitalismo enquanto sistema mundial estruturado e dinâmico. Noutro, refere-se a indivíduos, seres humanos, com suas motivações e seus comportamentos. Rostow mescla esses dois níveis de análise com muita naturalidade. Esse trânsito entre planos distintos, por um lado fragiliza sua análise, mas por outro lhe é propício, porque facilita seu trabalho quanto ao outro problema que o acompanha permanentemente, o de se opor a Marx, aos marxistas e ao marxismo e suplantá-los. Sua cruzada (o termo é dele) contra Marx e o marxismo o faz reafirmar a cada momento que o econômico não é o determinante das relações que constituem a sociedade. O problema substantivo de seu trabalho é econômico: o crescimento econômico nos países subdesenvolvidos, ou seja, o desenvolvimento. Mas Rostow indistete todo o tempo numa causação social múltipla, enfatizando o social (e nele o ideológico) e o político. Diz Rostow:

It is central to the perspective of this book that the economic decisions which determine the rate of growth and productivity of the working force and of capital should not be regarded as governed by the strictly economic motives of human beings.¹³⁸

Mescla aí o plano da tomada de decisões e o plano propriamente analítico. Quanto ao primeiro, considera a tomada de decisões do economista – quanto às suas escolhas de abordagem do seu objeto no mundo real e do que destacar dela para a análise – e a tomada de decisões do poder político sobre as intervenções nessa realidade que o conhecimento do economista lhe apresenta. Neste plano, enfatiza a complexidade da realidade social, formada por níveis inter-relacionados. Quanto a estas relações, a análise de Rostow desliza: ora as apresenta como simples interação, cada nível influenciando cada outro, ora como relações de determinação entre o econômico e os demais níveis em que a sociedade se organiza, ora

¹³⁸ Rostow, W. W. *The Process*, p. 11.

especificando as determinações sobre o econômico como um retorno de determinação, indicando assim uma prioridade de determinação pelo econômico.

Since the general view taken here is that societies are thoroughly interacting in their operation, no priority in time or in causation attaches to economic over social forces, or to social forces over political forces.¹³⁹

[A theory of society] must be a theory, dynamically interacting over time, in which economic forces at once help determine other aspects of the society and are partially determined by them.¹⁴⁰

The economic level of society imparts, as is suggested above, a variety of impulses to social and political life; [...] But it also *receives back* from social and political life other impulses which affect its course. [...] For the moment, it is sufficient to note that the relations between the economic level of society and its other levels do not run merely in one direction.¹⁴¹

These long-run economic influences, through the workings of the social system, also *play back* on the economy, either reinforcing or retarding the trend of its development.¹⁴²

No entanto, Rostow atribui grande importância à dimensão social, a dimensão que abrange o mundo das idéias – idéias que têm a capacidade de organizar e dar significado ao mundo real no qual as pessoas se movem e agem. Quanto ao social, afirma: “In the present

¹³⁹ Rostow, W. W. *The Process*, p. 12.

¹⁴⁰ Rostow, W. W. *The Process*, p. 54.

¹⁴¹ Rostow, W. W. *B. E. N. C.*, p. 134, grifado por mim, F. D. R.

¹⁴² Rostow, W. W. *The Process*, p. 39, grifado por mim, F. D. R.

context the term ‘social’ embraces the world of ideas, religion, and what is often called the culture of a society, as well as its social structure in a stricter sense.”¹⁴³

Para Rostow, o social exerce uma função de intermediação que é particularmente poderosa, porque é capaz de permitir que a intervenção política por meio dela se torne eficaz na orientação e mesmo no redirecionamento da sociedade. Rostow chama de propensões os dispositivos dessa articulação que é própria do social e escolhe seis propensões como sendo as fundamentais:¹⁴⁴

1. a propensão a desenvolver ciência básica (física e social)
2. a propensão a aplicar ciência a finalidades econômicas
3. a propensão a aceitar inovações
4. a propensão a consumir
5. a propensão a ter filhos

Cabe uma observação inicial sobre o termo escolhido por Rosow para designar esses dispositivos de articulação social. Baran assinala, com toda razão, que

[...] The exact meaning of the term “propensity” as used by Rostow remains somewhat obscure. As defined in dictionaries “propensity” is a synonym of “inclination” and indicates a psychic state. As introduced to economics by J. M. Keynes “propensity” is a functional relationship, “propensity to consume” for instance being the name of the relationship between consumers’ expenditures and national income. This important distinction is blurred throughout Rostow’s discussion. A number of passages in the book suggest that it is in the sense of “inclination” that the expression “propensity” is used. Elsewhere “propensity” seems to be treated as a functional

¹⁴³ Rostow, W. W. *The Process*, p. 38n.

¹⁴⁴ “The device chosen for this linkage consists in six propensities.” Rostow, W. W. *The Process*, p. 11.

relationship, but where this is the case it is left uncertain what is being related to what.¹⁴⁵

O próprio Rostow se dá conta da ambigüidade que o termo propensão traz consigo. Diz ele: “The propensities, in general, reflect the actual performance of societies rather than merely the psychic inclination in individuals or in the social group regarded as an aggregate.”¹⁴⁶ E esclarece: “A conception of social and political equilibrium would presumably involve an equating of the actual response of societies and the underlying inclinations of individuals.”¹⁴⁷ Como ficou indicado acima, Rostow de fato oscila entre esses dois planos – as inclinações individuais e as relações funcionais na sociedade. A escolha da designação propensões, que carrega nela mesma essa oscilação de sentido, é bastante reveladora da ambigüidade teórica que marca a análise de Rostow.

Das seis propensões escolhidas por Rostow, destaca-se com peso maior a propensão a buscar avanço material, já que o próprio Rostow admite que as três primeiras (a propensão a desenvolver ciência básica, física e social; a propensão a aplicar ciência a finalidades econômicas e a propensão a aceitar inovações) não são senão aspectos especiais dela. Hoselitz tem razão, portanto, quando conclui que “Thus, we are really left with only two other truly independent propensities: those to consume and to have children.”¹⁴⁸ Não concordo, porém, com Hoselitz, quando ele acusa Rostow de manifestar “a strong bias in favor of economic determinism”¹⁴⁹ por enfatizar a propensão a buscar avanço material.

¹⁴⁵ Baran, Paul A. [Sem título] Resenha de Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. In *The American Economic Review*, Vol. 42, No. 5, dez. 1952, 921-923, p. 921 n. 1.

¹⁴⁶ Rostow, W. W. *The Process*, p. 25.

¹⁴⁷ Rostow, W. W. *The Process*, p. 25 n. 2.

¹⁴⁸ Hoselitz, Bert. [Sem título] Resenha de Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. In *The Journal of Economic History*, Vol. 13, No. 2, Primavera 1953, 202-204, p. 203.

¹⁴⁹ Hoselitz, B., 1953, p. 203.

Também não concordo com Hoselitz quando ele afirma que “surely, the propensity to seek material advance is nothing else but an alternative statement of the profit maximization objective.”¹⁵⁰ A propensão a buscar avanço material é uma característica da sociedade capitalista. Como tal, o objetivo de maximização do lucro está incluído nessa propensão que, porém, é muito mais ampla. O significado de avanço material é aqui mais propriamente equivalente a progresso material, progresso econômico ou desenvolvimento.

Assim, penso que, ao definir propensões como os dispositivos de articulação do social e, no conjunto de propensões escolhidas, ao dar ênfase à propensão a buscar avanço material, trata-se certamente de um desvio analítico, mas a meu ver certamente menos um desvio em favor de um determinismo econômico, mas um desvio que arma uma grade capitalista para com ela ler o que seria a articulação social em geral. Ou seja, as quatro primeiras propensões escolhidas por Rostow definem propensões que são típicas do capitalismo¹⁵¹ e se elas são utilizadas como parte da construção de uma teoria geral da sociedade, essa teoria terá como limite necessário uma sociedade determinada, a sociedade capitalista.

Na sua crítica, construída no plano da análise econômica, J. R. Hicks reconhece que Rostow pretendeu construir um “modelo” macroeconômico para interpretar a história, mas o que resulta da sua tentativa não chega a ser um modelo e não consegue montar um esquema explicativo que seja capaz de mostrar como as propensões funcionam. Hicks considera que

¹⁵⁰ Hoselitz, B., 1953, p. 204.

¹⁵¹ Baran é bastante irônico quando se refere às escolhas de Rostow para definir as suas seis propensões: “[...] is it by any means clear why the six propensities listed above were singled out for special consideration. The propensity to go to war, the propensity to engage in civil strife, the propensity to navigate, the propensity to plunder other countries, the propensity to worship God and many others could with equal or more right claim a place in the sun.” Baran, P. A., 1952, p. 922 (cont. da nota 1, p. 921).

One may easily question the exact appropriateness of this list; the first two items seem hardly sufficiently separable for the purpose in hand, while the fourth overlaps with several of the others. But it is a more serious criticism that Rostow never explains, in the full and careful manner which is undoubtedly called for, how the propensities work. What acts on what, and how?¹⁵²

A crítica de Hicks é feita de uma perspectiva keynesiana, lendo as formulações de Rostow como uma espécie de generalização keynesiana e cobrando dele um tratamento mais rigoroso das propensões e suas conexões como se elas fossem de fato propensões no sentido keynesiano. Ainda que não seja exatamente esse o caso, é Rostow mesmo que abre a possibilidade desse tipo de cobrança, já que no campo da economia o conceito de propensão remete a Keynes, como Baran já havia indicado ao discutir as propensões em Rostow. E, tomadas em sentido mais geral, Hicks tem razão, porque Rostow não esclarece como atuam as propensões a que se refere. Ele apenas as situa no social e as considera como reflexo do sistema de valores subjacente à sociedade:

The propensities summarize the effective response of a society to its environment, at any period of time, acting through its existing institutions and leading social groups; and they reflect the underlying value systems effective within that society.¹⁵³

Admite que se trata apenas de uma primeira aproximação descritiva, mas de fato se mantém nesse nível apenas descritivo e apenas aproximado:

As a first descriptive approximation they [the propensities] may be taken as an aspect of the scale (or scales) of values within a society (or

¹⁵² Hicks, J. R. [Sem título] Resenha de Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. In *The Journal of Political Economy*, Vo. 61, No. 2, abril 1953, 173-174, p. 173.

¹⁵³ Rostow, W. W. *The Process*, p. 12.

its various segments), as effectively operating through its institutional structure; and, in turn, through this medium the propensities may be linked socially with the structure of classes and, economically, with the distribution of the working force and the techniques of production.¹⁵⁴

Deste modo, em Rostow a ação das propensões se realiza através das instituições sociais, por intermédio dos grupos sociais que sinalizam a direção para a qual a sociedade se move. Assim, as propensões são um aspecto, ou um reflexo, da escala de valores que se torna efetiva nas instituições sociais. Rostow chega a afirmar que as propensões se relacionam com a estrutura de classes e, no plano da economia, com a distribuição da força de trabalho e com as técnicas de produção. Entende que a análise das propensões deve ser feita em termos das forças que determinam a intensidade relativa dos valores e atitudes fundamentais de uma dada sociedade num dado momento. Deste modo, a natureza das propensões reflete os valores prioritários desta sociedade neste momento. É bem aí que Rostow abre a via que escolhe como preferencial para a intervenção política: mudar propensões numa direção determinada para fazer a sociedade mudar nessa direção.

Entendo que este é o significado mais profundo e mais verdadeiro da sua produção: ele acolhe uma determinada formulação teórica e a deixa mais ou menos solta, até porque não lhe é conveniente nem necessário precisar suas amarras conceituais ou teóricas, já que seu trabalho não é essencialmente teórico. Rostow precisa fazer e apresentar incursões teóricas com as quais ganhe capacidade de persuasão sobre a adequação ou a justeza de suas proposições de intervenção na realidade. Suas formulações são essencialmente de estratégia política de intervenção. Age, portanto, bem mais como economista-conselheiro do que como teórico ou como historiador. A credibilidade ou a plausibilidade de suas estratégias depende dos vínculos que consiga estabelecer com teorias e com fatos da realidade histórica que, porém, utiliza somente nesta medida e com esta função. A própria controvérsia que consiga

¹⁵⁴ Rostow, W. W. *The Process*, p. 52.

criar é em grande parte benéfica à sua pretensão de constituir a pauta das discussões e de assim implantar idéias que, uma vez implantadas, passem a definir necessidades novas e, conseqüentemente, passem a solicitar a intervenção que essas mesmas idéias já carregam consigo. Em Rostow, a estratégia do desenvolvimento foi montada para funcionar assim. Sua produção teórica (livros, artigos, conferências, debates) sobre crescimento econômico tem esse objetivo principal. Nas críticas produzidas “a quente”, no momento mesmo em que as formulações vinham a público e no calor do debate sobre questões políticas então centrais, era difícil assumir o distanciamento necessário para entender que se estava diante não de formulações propriamente teóricas de que uma certa política se apropriava, mas de estratégias de intervenção política formuladas enquanto tal – e, principalmente, das ideologias que cercavam e supostamente embasavam essas estratégias. Nesse contexto, naquele momento a crítica teórica era ineficaz e podia até ajudar a levar água ao moinho do estrategista. O importante é desmontar a estratégia, o que em grande parte depende de que se consiga desmistificá-la ao apresentá-la no que ela é e pretende na verdade ser: uma estratégia de intervenção de uma dada política sobre um determinado objeto definindo uma determinada direção para ser assumida por ele. Vejamos o que o próprio Rostow diz a respeito. Admite que as propensões mudam e que o método histórico é adequado para analisar o processo de sua mudança: “The historical method is often adequate for fruitful independent analysis of the process whereby the propensities change.”¹⁵⁵ Esclarece em nota de rodapé que

If one accepts the notion that the power ideas and values exercise over a society is in some manner positively correlated with the time period over which they have been accepted and applied as a guide to human action, historical analysis would have a special technical importance in

¹⁵⁵ Rostow, W. W. *The Process*, p. 45.

determining the character and strength of a society's response to particular situations at any period of time.¹⁵⁶

A atenção de Rostow está voltada principalmente para o poder que as idéias e os valores exercem quando são aceitos e aplicados como guias da ação humana numa sociedade num dado momento.

[...] economic growth for any particular time period is partially a function of the behaviour of a society in certain particular directions, which behaviour is not wholly a response to economic motivations. The propensities are designed to isolate and to define such select aspects of behaviour.¹⁵⁷

As propensões que Rostow seleciona são as que ele considera mais importantes, naquele momento histórico, para definir o comportamento da sociedade quanto ao crescimento econômico – crescimento econômico capitalista, dentro das condições históricas de que o capitalismo se revestia no período, em relação às sociedades em que se pretendia acelerar esse crescimento, sociedades então designadas como subdesenvolvidas.

Embora ligadas aos fatores de longo prazo, nas quais a mudança costuma ser lenta, Rostow entende que as propensões dependem fundamentalmente dos valores ativos ou efetivos na sociedade, portanto as mudanças nessas propensões dependem de mudanças nesses valores.

[...] the possibilities of changes in the propensities [are] related not to change nor even long-term fluctuations in income alone but to the more

¹⁵⁶ Rostow, W. W. *The Process*, p. 45 n. 3.

¹⁵⁷ Rostow, W. W. *The Process*, p. 52.

complex process whereby individuals, groups or societies form and balance their schemes of values [...]"¹⁵⁸

A questão principal – para este estudo e também para Rostow – não é a discussão com as teorias econômicas dominantes, que se reflete na variável escolhida, ou nas variáveis escolhidas para basear a análise. Rostow considera que as propensões são indicadores do arcabouço social que molda a sociedade. Quando relaciona propensões e valores, pensa sempre esses valores incorporados na estrutura institucional que a sociedade estabelece e nos agentes que considera privilegiados na ativação prática social que torna efetivos tais valores (no caso, empresários, políticos, intelectuais, militares). Conseqüentemente, para Rostow as mudanças nas propensões dependem de mudanças no arcabouço social ou político. Assim,

If we assume that the propensities may change, this economy of fixed production functions might also slow down or accelerate. [...] The simple point to emphasize in this primitive model is that changes in the rate of growth are capable of occurring not only because of changes in the yield from resources or other stocks, but also because of changes in the social or political framework, here exhibited through the propensities.¹⁵⁹

Como essas mudanças podem tornar-se possíveis? Para Rostow, “It is only the effective performance of a society, operating through existing institutions and its system of political power, that concerns us here.”¹⁶⁰ Para isso, precisa dispor de uma concepção de equilíbrio social e político que seja formulada dinamicamente. Diz ele:

¹⁵⁸ Rostow, W. W. *The Process*, p. 48.

¹⁵⁹ Rostow, W. W. *The Process*, p. 82-83.

¹⁶⁰ Rostow, W. W. *The Process*, p. 25.

To be useful, however, in the present context this conception of equilibrium must be dynamically formulated. The discovery of new rich natural resources in a hitherto stagnant and complacent community may, given time, alter its whole value system and political and social aspirations. Even without such a material change in the physical environment and its material potentialities the introduction of new ideas may alter value systems and political and social aspirations.¹⁶¹

Aqui Rostow especifica um novo elemento, que penso ser muito esclarecedor da direção para a qual as suas formulações tendem: as aspirações políticas e sociais de uma dada sociedade num dado momento, aspirações essas que, junto com o sistema de valores vigente nesta sociedade, podem transformar-se quando um elemento novo potente é incorporado à trajetória desta sociedade na história. Rostow pondera que um tal elemento novo potente pode ser a descoberta de um importante recurso natural antes desconhecido ou não-aproveitado, ou *a introdução de novas idéias*.

Rostow se coloca então claramente como economista-conselheiro (ou como um mandarim do futuro):

Given the state of a society's resources it might, ideally, be possible for the economist to prescribe the optimum proportions of resources that might be devoted to fundamental science, applied science, &c., which could maximize the rate of growth of the real national income, as the economist defines that term. Such a proportioning of effort and behaviour would constitute a highly arbitrary pattern of preferences, prescribing as it would the premium to be placed on leisure as opposed to work, present consumption as opposed to material advance, security as against risk, the weight given to the full complex of motives for having children as against an economically optimum population growth, and so on. This does not mean that the economist must

¹⁶¹ Rostow, W. W. *The Process*, p. 25 n. 2.

withdrawal from making recommendations concerning means of raising the level of real income in societies. It does mean that he should be aware that his recommendations are not likely to be ethically or socially neutral or antiseptic. He is likely to be urging (consciously or not) a shift in the effective strength of the propensities and is thus confronting the deep, slow-moving social and ethical foundations of a society. This, perhaps, is one way of stating the greatest lesson to be learned from American post-war experience in seeking to accelerate economic development in various regions of the world, and of defining the challenge of future policy-making in this area.¹⁶²

6.4 -- O suposto (des)conhecimento de Marx

A sombra de Marx o acompanha permanentemente e Rostow está constantemente empenhado em livrar-se dela. Este é um tema recorrente em Rostow, que, de uma forma ou de outra, aparece na maioria de seus textos.

Desde muito jovem, Rostow tem a pretensão de encontrar outras respostas para as questões postas por Marx. Não penso que seja correto dizer que Rostow queria medir-se com Marx. Tenho a convicção de que ele queria, sim, responder *politicamente* a Marx e ao marxismo. Rostow considera pertinentes e adequadas as questões colocadas por Marx – que ele chama de meia-verdade ou um-quarto-de-verdade de Marx: “Let us assume that all ideas are related to a social system which arises from the nature and composition of output in an economy, i. e. the Marxist half- or quarter-truth.”¹⁶³

Rostow nega as conclusões e os encaminhamentos políticos indicados por Marx. No fundo das suas análises, muitas vezes Rostow leva em conta as classes e até mesmo as

¹⁶² Rostow, W. W. *The Process*, p. 51.

¹⁶³ Rostow, W. W. *The Process*, p. 42.

lutas de classes, mas as leva em conta do ponto de vista do capital e para uso do capital: como dificultar e, se possível impedir sua organização, como deter e, se possível desviar os caminhos dessas lutas, como tornar mais efetivas as relações que constituem a sociedade capitalista, como manter e expandir o capitalismo.

Rostow não se aventura a fazer um confronto teórico contra Marx, até porque para fazer tal confronto é indispensável explicitar o pensamento e o fundamento do outro ao qual pretende opor-se. Raras vezes Rostow expõe com clareza e de forma precisa o pensamento, o projeto ou a fundamentação daqueles aos quais quer contrapor-se. Principalmente quando se trata de Marx. Em Rostow, Marx na verdade aparece muito pouco. O que Rostow diz que é Marx, quando o diz, é uma espécie muito curiosa de caricatura e é a esta espécie de caricatura que ele se contrapõe. A questão, portanto, da relação entre Rostow e Marx, não é uma questão teórica. E penso que é um grande equívoco tratá-la como se fosse teórica, porque assim esta acaba sendo uma discussão inútil e oca.

É política a questão da oposição que Rostow faz a Marx e, como questão política, penso que ela é importantíssima. A pretensão política de Rostow é imensa e bastante difícil, mas, a meu juízo, no plano político-ideológico ele foi muito bem sucedido, porque se tornou peça-chave – não única, mas decisiva – na reorientação dos rumos da história dos países que, sob o projeto que ele ajudou muito a construir, ficaram conhecidos como subdesenvolvidos, tornando “o desenvolvimento” uma política do Estado que passava a hegemonizar a nova expansão capitalista, por meio exatamente dessa política de desenvolvimento.

Rostow propõe comparar seu pensamento ao de Marx como dois “sistemas de pensamento”. Se há uma semelhança entre Rostow e Marx, é que ambos são homens políticos, ambos profundamente empenhados em construir um projeto político que tenha condições efetivas de implantar-se na realidade histórica concreta em que vivem. Suas

perspectivas, porém, são opostas. Suas produções não são comparáveis, porque não há medida comum que permita compará-las.

Marx se identifica com os trabalhadores fabris da nova sociedade urbano-industrial e desde esta perspectiva recusa-se a aceitar a brutalidade e a violência características desta sociedade. Toma como seu objetivo político a transformação radical, de fato, desta sociedade e entende que para isso é *necessário* conhecer em profundidade o que a move, como ela se organiza, o que há nela que potencializa a sua transformação. Ou seja, para lutar eficazmente pela transformação profunda e radical – transformação revolucionária – desta sociedade, é necessário conhecer os seus fundamentos, as suas características essenciais. Marx se dedica à produção desse conhecimento e luta, teórica e politicamente, por essa transformação.

Marx é autor de uma obra teórica extraordinária, que reconhece a sociedade existente como sociedade do capital, seu caráter histórico, portanto transitório, as formas da sua organização e da sua transformação. Com o conhecimento teórico que produz, descobre as relações sociais que fundamentam a sociedade capitalista. O imenso esforço que faz para produzir esse conhecimento destina-se a oferecer fundamento científico à ação política para transformar radicalmente esta sociedade que o capital organiza e dirige sobre relações de expropriação, exploração, opressão e dominação sobre o trabalho e sobre o conjunto da população.

Rostow é um homem vinculado ao poder. Não qualquer poder, mas o poder do Estado que é o centro então hegemônico no capitalismo. Identifica-se com os grandes poderosos do planeta, da grande potência que se torna hegemônica no mundo. Desde muito jovem, Rostow vinculou seu trabalho intelectual e sua capacidade de formulação aos projetos políticos do governo dos Estados Unidos. E isso no momento mesmo em que se constrói a chamada Guerra Fria, sob a concepção do Estado de Segurança Nacional. A incursão que

Rostow faz contra Marx e o marxismo é realizada inteiramente dentro desse quadro e sob essa ótica. Em parte dos governos Kennedy e Johnson, tem acesso direto a esses presidentes e é ouvido por eles. É quando frequenta o Salão Oval da Presidência dos Estados Unidos, participa das reuniões semanais (informais) do Conselho de Segurança Nacional. Nos momentos de crise, permanece junto às principais lideranças políticas e militares, dando assessoria direta. É desde aí, sob essa perspectiva, mesmo antes de ter esse acesso tão próximo ao centro do poder político americano, que Rostow vê o mundo, identifica seus “problemas”, os analisa estrategicamente e formula soluções para resolvê-los, do ponto de vista do grande capital e da segurança do Estado e do capitalismo.

Rostow não é propriamente um produtor de conhecimento científico, não produz propriamente teoria. Muitos o trataram e continuaram por bastante tempo a tratar como produtor de teoria, especialmente os economistas que, porém, dado o papel que passaram a desempenhar como formuladores de políticas junto ao poder de Estado, costumam ter uma visão peculiar sobre o que seja teoria em economia. As inúmeras críticas de economistas, das mais variadas tendências de pensamento, não se cansam de apontar suas insuficiências e seus erros teóricos e empíricos na construção da sua pretensa teoria do crescimento econômico. Mas há outros comentadores, oriundos de outras áreas de conhecimento (embora em geral trabalhem com o tema desenvolvimento) que reconhecem não apenas esse campo como uma especialidade “teórica”, mas reconhecem Rostow como teórico. Um exemplo curioso pode ser encontrado num artigo de Aidan Foster-Carter, do Departamento de Sociologia da Universidade de Leeds. Esse autor assume posição crítica, mas trata Rostow como paradigma, de acordo com a concepção de paradigma em Kuhn.¹⁶⁴

¹⁶⁴ Foster-Carter, A. "From Rostow to Gunder Frank: Conflicting Paradigms in the Analysis of Underdevelopment." *World Development* 4, no. 3 (1976): 167-80; Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962. É preciso considerar que esse foi o primeiro trabalho publicado de Aidan Foster-Carter, artigo que teve alguma influência, mas seu autor assumiu mais tarde uma posição muito crítica em relação ao problema desenvolvimento, deixou de lecionar Sociologia do Desenvolvimento e atualmente se dedica a estudar a Coreia, não sob qualquer

Concordo inteiramente com a crítica que André Gunder Frank faz a Rostow quando resenha seu livro *Politics and the Stages of Economic Growth*. Qualifica o novo livro como “sequela política” do anterior *The Stages of Economic Growth* e afirma que as políticas que Rostow inspirou com *The Stages* “are widely lamented as disastrous” e que “the scientific quality of the book has been totally discredited at home and abroad”. A conclusão de Gunder Frank é perfeita: “No matter, for Rostow is and perceives himself to be a successful ideologist and policy planner.”¹⁶⁵ Esta é uma crítica ainda “a quente”, embora escrita mais de uma década depois da publicação de *The Stages*, feita por aquele que foi um dos principais opositores das posições defendidas por Rostow. André Gunder Frank, no entanto, não seguiu adiante na sua pesquisa por esse caminho que aponta na resenha a *Politics and the Stages of Economic Growth*. Talvez por ter-se deixado envolver em demasia pelo desenvolvimento (embora o quisesse autônomo) como problema.

De fato, a Rostow não importava que seu trabalho fosse desacreditado teoricamente, desde que esse descrédito implicasse discussão e, portanto, divulgação de suas idéias. Seu objetivo não era produzir conhecimento capaz de explicar cientificamente uma realidade, mas produzir um conhecimento que pelo menos aparentemente fosse científico e que pudesse assim servir para intervir politicamente numa determinada realidade, para moldá-la a um projeto político determinado.

Uma análise bem posterior à de Gunder Frank de 1973, e bem menos apaixonada (digamos que mais “fria”), se encontra em Mark H. Haefele, que também vê Rostow como um ideólogo, mas indica a importância que a pesquisa acadêmica tinha para ele e para esse seu trabalho ideológico, que ele entendia como uma guerra ideológica. Haefele diz que

perspectiva modernizante ou modernizadora. Cf.
http://www.aidanfc.net/third_world_development.html. Acesso em 7/11/2007.

¹⁶⁵ Frank, André Gunder. “[Sem Título]. Resenha: “Hirschman, Albert O. *A Bias for Hope: Essays on Development and Latin America*; Rostow, W. W. *Politics and the Stages of Growth*”. *The Hispanic American Historical Review* 53, No. 4 (1973): 663-67, p. 663.

“Rostow believed he was fighting an ideological war in which academic research was an important tool”.¹⁶⁶ Haefele pensa que a pesquisa de Rostow era concebida para servir aos propósitos de guerra ideológica que Rostow lhe atribuía, portanto a consistência lógica da sua produção passava a segundo plano.

Rostow é um estrategista, formulador de projetos políticos e de ideologias que – utilizando-se dos circuitos, dos mecanismos e dos recursos do poder estabelecido na grande potência capitalista – possam dar consistência político-ideológica a essas propostas do capital. Inteligente e sagaz, Rostow preza o conhecimento, mas o conhecimento que ele produz tem finalidade diretamente política estratégica junto ao governo dos Estados Unidos. Utiliza o conhecimento disponível onde e como lhe convém para dar forma a seus projetos, da mesma maneira que utiliza dados da realidade para ilustrar suas formulações.

Seu livro *The Stages of Economic Growth* é uma peça política. Foi produzida com esta finalidade e desempenhou um papel importantíssimo na cena econômico-político-ideológica da época em que a nova expansão capitalista mundo afora se desdobrava, segundo a ideologia do *containment*, enquanto luta contra a expansão do comunismo. Com sua concepção dos estágios-de-crescimento, Rostow abre toda uma nova senda para a expansão do capital no pós-colonialismo e com isso, ao mesmo tempo, pretende estar se contrapondo teórica e politicamente a Marx e ao marxismo, o que conta certamente como um elemento importante para fortalecer suas propostas.

The Stages são um desenho fictício da história, ficção que é apresentada como se fosse um desenho realista da história das sociedades, ou da história de toda e qualquer sociedade, no rumo inevitável e previsível do capitalismo “desenvolvido”, tal como, também na sua ficção, se apresentava nos Estados Unidos na década de 1950.

¹⁶⁶ Haefele, Mark Henry. “Walt Rostow's Stages of Economic Growth: Ideas and Action”. In *Staging Growth : Modernization, Development, and the Global Cold War*, editado por David C. Engerman, Nils Gilman, Mark Henry Haefele and Michael E. Latham. Amherst: University of Massachusetts Press, 2003, p. 88.

Apesar da oposição radical de sua inserção e de seus projetos, há um ponto que aproxima Rostow de Marx: ambos pensam o capitalismo e suas possibilidades de transformação. De perspectivas opostas e com projetos opostos, apenas sobre o mesmo objeto. E Rostow se aplica a pensar esse objeto inclusive a partir dos ensinamentos de Marx, que Rostow estudou, levou a sério, apropriando-se das partes desse ensinamento que lhe pareciam poder ser úteis às suas próprias elaborações para negar aqueles ensinamentos. Negá-los em sentido forte: no sentido de conseguir, na prática, travar os processos de transformação contrários ao capital que estivessem em marcha, para conseguir dar fôlego novo às forças capitalistas em busca de expansão. A discussão teórico-política que desde a sua juventude e por toda a sua vida pretendeu travar com Marx é uma quase obsessão, fundada politicamente. Embora seja sempre presente, do ponto de vista teórico é necessariamente superficial e sem significado maior. Dada a maneira como Rostow procede, seria contraproducente trazer para um confronto ou para uma discussão o próprio Marx e sua argumentação. Seria contraproducente para ele, porque Rostow não tem condições teóricas para enfrentar a sério um debate teórico com Marx. O que Rostow traz em geral para o seu texto como sendo Marx é um tipo muito curioso de caricatura, irreconhecível para quem conhece um pouco mais o próprio Marx.

A maneira que Rostow costuma utilizar para contrapor-se torna extremamente mais fácil a tarefa a que ele se propõe. Começa por descaracterizar aquilo ou aquele ao qual pretende contrapor-se e leva essa descaracterização até produzir uma espécie curiosa de caricatura, curiosa porque não acentua os traços próprios ou mais marcantes do objeto caricaturado, mas, pelo contrário, os apaga e em seu lugar coloca outros, muitas vezes alheios ao objeto original. Arma, assim, uma caricatura talhada especialmente para a contraposição desejada, moldada por ela, ao seu feitio. É assim que Rostow procede quando se contrapõe a Marx e ao marxismo. O capítulo 10 de *The Stages* é um bom exemplo desse procedimento,

quando “sumariza” o que seria a “essência” de Marx, como faz no capítulo VI de *B. E. N. C.* quanto ao determinismo econômico. O texto de Rostow sobre Marx apresenta um Marx que é lido com óculos construídos pela “teoria” da modernização, especialmente com o seu arcabouço ideológico dos estágios-de-crescimento. O próprio Rostow revela o que está fazendo quando se propõe a apresentar as semelhanças e diferenças entre ele e Marx “estágio por estágio”, quer dizer, lendo Marx através de uma grade fornecida pelos seus estágios. Segundo Rostow, “This will provide a way of defining the status and meaning of Marxism, *as seen from the perspective of the stages-of-growth.*”¹⁶⁷

Pretender ler Marx através de uma grade de leitura construída por Rostow (construída, ademais, para opor-se a Marx) é caminho certo para não encontrar Marx. Não há leitura ingênua de um autor revolucionário e complexo como é Marx. São muitas as interpretações de Marx, pode-se mesmo dizer que são vários os marxismos. Sem pretender abstrair ou ignorar as várias imprecisões, ambigüidades e lacunas que existem nos textos de Marx – que de alguma forma autorizam leituras distintas, é preciso trazer Marx para a discussão. Uma das questões principais da formulação de Marx sobre a sociedade é a sua concepção de história. Entre os seus textos em que os aspectos fundamentais de sua concepção estão colocados direta e claramente, destaco a *Introdução de 1857*.¹⁶⁸ Penso que com os elementos que essa Introdução fornece, é possível mostrar, fundamentadamente e com nitidez, a oposição entre Marx e Rostow quanto à questão da história.

Assim, sempre que falamos de produção, é à produção num estágio determinado do desenvolvimento social que nos referimos [...]. Mas todas as épocas da produção têm certas características comuns, certas

¹⁶⁷ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 145, grifado por mim, F. D. R.

¹⁶⁸ Faço uma discussão desse ponto em Ribeiro, Flávio Diniz. “Era Marx Evolucionista?” In *Anais do 4º Colóquio Marx e Engels*. Campinas: Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

determinações comuns. [...] Algumas destas características pertencem a todas as épocas, outras são comuns apenas a umas poucas. [Algumas] destas determinações revelar-se-ão comuns tanto à época mais recente como à mais antiga. [...] Mas, [...] é precisamente aquilo que as diferencia desses traços gerais e comuns que constitui a sua evolução; do mesmo modo é importante distinguir as determinações que valem para a produção em geral, a fim de que a unidade – que se infere já do fato de o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza, serem idênticos – não nos faça esquecer a diferença essencial. Este esquecimento é o responsável por toda a sabedoria¹⁶⁹ dos economistas modernos que pretendem provar a eternidade e a harmonia das relações sociais atualmente existentes. [...] Resumindo: todos os estágios da produção possuem determinações comuns, às quais o pensamento dá um caráter geral, mas as pretensas *condições gerais* de qualquer produção não são mais que esses fatores abstratos, sem nenhuma correspondência num estágio histórico real da produção.¹⁷⁰

Dando apenas algumas indicações de forma extremamente breve e simplificada de formulações de Marx que me parecem mais significativas para um confronto das perspectivas adotadas por ele e por Rostow, penso que a primeira grande descoberta de Marx é a sua concepção de história, que nas mãos de Marx adquire um significado novo, completamente diferente, que o afasta de Hegel. Em Marx, a história não é o passado, ou um relato do passado, não é o passado de um mesmo que se desdobra, apresentando apenas variações, não é um desenvolvimento. Marx descobre que as sociedades (no plural) se estruturam a partir do modo como produzem, constituindo assim historicamente estruturas qualitativamente diferenciadas umas das outras, estruturas que ele denomina modos de produção, cada qual

¹⁶⁹ Recorro aqui à palavra sabedoria, em lugar da palavra sapiência, esta escolhida pelos tradutores, por me parecer que corresponde melhor ao sentido nitidamente irônico que Marx adota nessa frase.

¹⁷⁰ Marx, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política. In Marx, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução Maria Helena Barreiro Alves; revisão da tradução Carlos Roberto F. Nogueira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 227, 228 e 232, grifado no original.

com um modo seu, particular e específico, de produzir/viver/pensar. De acordo com essa concepção, portanto, a sociedade em que ele vive não é concebida por ele como o futuro de uma sociedade passada, anterior. É uma outra sociedade, uma sociedade outra, diferente, qualitativamente diferente daquela que a antecedeu, e que se pode supor que possa vir a ser substituída por outra sociedade qualitativamente diferente dela – e é isso que sustenta a plausibilidade de uma luta por sua transformação revolucionária sem que uma tal luta constitua alguma alucinação quixotesca ou um sonho romântico sem vínculos mais firmes com a realidade do que o desejo daqueles que empreendem essa luta.

Sobre a concepção da história em Marx como *história de diferenças essenciais*, já não cabe pensar a sociedade (no singular) como uma generalização razoável de sociedades específicas, únicas nas suas particularidades no tempo e no espaço. Não cabe, portanto, pretender uma teoria geral da sociedade, porque “a” sociedade não existe na realidade e, assim, não faz sentido teórico. O que é preciso pensar é o que Marx designa como os modos de produção. Marx se dedica a pensar especialmente um deles, um modo de produção determinado: a sociedade que se chamava nova, moderna, industrial, urbana, e que ele designa inicialmente como sociedade burguesa e logo como sociedade capitalista, sociedade do capital, a sociedade que é constituída pelo modo de produção capitalista.

Marx estuda uma determinada estrutura constituída historicamente pelo capital a partir de uma acumulação primitiva. Descobre que esse capital reorganizou completamente a produção, a partir de violenta expropriação dos meios de produção dos produtores diretos do modo de produção anterior, expropriação essa à qual se segue a criação de força-de-trabalho, de trabalho-mercadoria, cuja exploração é a peça-chave inicial para a produção da mais-valia que garante a acumulação do capital. A organização da produção comandada pelo capital constitui, assim, duas classes fundamentais, o capital e o trabalho, cuja relação é de exploração e de dominação.

As classes fundamentais da sociedade – além das quais há outras classes, camadas, estratos – são pólos opostos de uma contradição. Essas classes fundamentais são contraditórias e potencialmente antagônicas. A concepção de história em Marx inclui necessariamente que a história é história das lutas de classes, lutas que alcançam vitórias e revezes, que alteram as forças relativas em disputa com seus resultados, e que não cessam enquanto haja classes em conflito e em contradição.

No capitalismo, as relações de produção são estabelecidas e sedimentadas em uma série de instituições sociais e políticas, com ênfase no sistema político-jurídico do Estado-nação burguês. Fazem parte dessas relações de produção não somente os elementos coercitivos do poder estabelecido, como também os elementos e os meios de persuasão que compõem os sistemas ideológicos por meio dos quais se exerce a dominação própria do capitalismo. De acordo com Marx – que neste sentido assume nitidamente uma posição iluminista –, o conhecimento ou a consciência dessas relações e dos processos pelos quais elas se efetivam criam as condições para que aqueles que são subjugados por elas comecem a se libertar do seu domínio. As formas próprias de organização e as lutas conduzidas por meio dessas formas contra a exploração e a dominação caminham no sentido da construção de uma sociedade de tipo novo, liberta das atuais formas de exploração, opressão e dominação *capitalistas*.

Sobre as proposições que Rostow apresenta em *The Stages* como sendo as que “sumarizam” o pensamento de Marx, Baran e Hobsbawm têm razão quando dizem que “it is neither possible nor would be rewarding to trace all the misconceptions and misrepresentations of Marxist thought which Rostow managed [...]”.¹⁷¹ Para um autor como Rostow, com os objetivos que ele procura alcançar, é muito simples fazer afirmações que

¹⁷¹ Baran, Paul A., and E. J. Hobsbawm. "The Stages of Economic Growth." *Kyklos* 14, no. 2 (1961): 234-42, p. 238.

distorcem o pensamento de Marx e o representam erroneamente, sem indicar onde, como e quando aquelas afirmações teriam sido feitas ou aquelas idéias teriam sido elaboradas. Se o trabalho não visar uma discussão geral de Marx e do marxismo, é preciso fazer escolhas, produzindo uma análise que não tome como grade de leitura de Marx a que Rostow oferece, mas encontrando critérios para discutir a própria grade de leitura que Rostow constrói. Destaco algumas questões que me parecem particularmente relevantes.

Por exemplo, a primeira das proposições por meio das quais Rostow pretende resumir o pensamento marxista, afirma que as características políticas, sociais e culturais das sociedades são uma função de como o processo econômico é conduzido. E, basicamente, o comportamento político, social e cultural dos homens é uma função de seus interesses econômicos. Rostow torna ainda mais clara sua leitura de Marx sobre essa questão de primeira importância numa nota de rodapé, em que afirma:

The exact form of the function relating economic interest to non-economic behaviour varies in Marx's writings and the subsequent Marxist literature. Much in the original texts – and virtually all the operational conclusions derived from them – depend on a simple and direct function relating economic interest to social and political behaviour. In some parts of the Marxist literature, however, the function is developed in a more sophisticated form. Non-economic behaviour is seen as related not immediately and directly to economic self-interest but to the ideology and loyalties of class. Since, however, class interests and ideologies are presented as, essentially, a function of the techniques of production and the social relationships arising from them, this indirect formulation yields much the same results as the more primitive statement of connection. In the main stream of Marxist literature, from beginning to end, it is only in seeking, protecting and enlarging property and income that men are really serious. Finally, there are a few passages in Marx – and more in Engels – which reveal a perception that human behaviour is affected

by motives which need not be related to or converge with economic self-interest. This perception, if systematically elaborated, would have altered radically the whole flow of the Marxist argument and its conclusions. Marx, Engels, and their successors have turned their backs on this perception, in ideological formulations; although, [...], Lenin and his successors in Communists politics have acted vigorously on this perception.¹⁷²

Nesta proposição, Rostow diz que Marx estabelece uma função entre as características políticas, sociais e culturais da sociedade e a condução do processo econômico; e também estabelece uma função entre o comportamento e os interesses dos homens. As categorias analíticas desta proposição são: homens, comportamento humano, interesse econômico e processo de produção.

Na nota de rodapé, Rostow remete para a questão (aparentemente colocada como secundária, já que é apresentada em simples nota ao texto) da determinação do econômico, que Rostow qualifica como uma relação simples e direta. Continua, porém, reduzindo o econômico a interesses econômicos e o político a comportamento político. Reduz, também o não-econômico a comportamento não-econômico. E, ao indicar que há textos marxistas em que a “função” é tratada de “uma forma mais sofisticada”, em que a relação entre “interesse” econômico e “comportamento” não-econômico não é imediata nem direta, Rostow inclui as noções de ideologia e de classe. Mantém, no entanto, o reducionismo de classe a “interesses” de classe e afirma que os interesses de classe e as ideologias são apresentados por Marx essencialmente como uma função das técnicas de produção e das relações sociais que emergem delas.

O reducionismo e a tentativa de apagamento teórico tornam-se então ainda mais grosseiros. O que Rostow exclui da sua “leitura” explícita de Marx é a relação social que constitui as classes, relação essa que começa a constituir-se desde a organização *social* da

¹⁷² Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 145-146 n.

produção. Não é preciso chegar até as formulações de Marx sobre a subsunção formal e a subsunção real do trabalho sob o capital para que fiquem claras as suas conclusões sobre a formação das classes na sociedade capitalista a partir das relações *sociais* – e não técnicas – que os capitalistas estabelecem com os trabalhadores. Estas são relações sociais de exploração e de dominação, sobre as quais Marx se detém tanto nos seus textos teóricos, quanto nos seus textos históricos e nos textos mais diretamente políticos.

A omissão destas relações constituintes das classes no capitalismo é tão fundamental quanto estas relações são fundamentais para as formulações de Marx. Neste caso, Rostow não é despreparado teoricamente, porque ele leu Marx, estudou Marx e parece que compreendeu até bastante bem, até certo ponto, Marx, tanto que pode ir certeira ao ponto e tentar omitir/apagar o que é fundamental. E Rostow nunca faz uma leitura ingênua de Marx. Nele, estas omissões e distorções do pensamento de Marx parecem ser propositais, parecem feitas sob medida para amoldar-se à “interpretação” que ele tenta fazer colar aos textos de Marx. Chega ao ponto de afirmar que tanto o que aparece como relação simples e direta como o que aparece como relação não-imediata e não-direta leva “ao mesmo resultado”. Também não é à toa que ele substitui o que em Marx é relação de determinação (histórico-estrutural) por simples “função”. E que singelamente faz desaparecer conceitos centrais à análise de Marx, como os de capital, de mais-valia (sua produção e sua realização), de lucro, substituindo-os por propriedade (em geral) e renda.

Esse tipo de apropriação desqualifica completamente qualquer nível de discussão teórica séria. O mais complicado aí é que toda discussão que se pretenda fazer a partir da “leitura” de Rostow acaba por levar água ao moinho da apropriação ideológica consciente e deliberada que ele faz. Têm razão Baran e Hobsbawm quando dizem, referindo-se à

precariedade teórica de Rostow: “Indeed – to put it bluntly – the whole argument is too helpless to serve even as a starting point for a serious discussion.”¹⁷³

Trabalhar sobre o ideológico, porém, – para tirar-lhe as máscaras e decifrar seus truques –, por mais penoso e desagradável que às vezes possa ser, pode ajudar o conhecimento a tornar-se mais claro e desse modo fazê-lo ir adiante, além do que é uma parte muito importante da luta por transformação.

Deformar uma concepção histórico-estrutural e apagar nela exatamente os seus fundamentos, para apresentá-la como uma concepção comportamentalista (behaviorista) desloca a ênfase para o comportamento humano, que é qualificado como comportamento social ou político, mas tem como matriz o comportamento individual. Como Marx considera o indivíduo e a noção de indivíduo? Marx fala de “indivíduos produzindo em sociedade, portanto uma produção de indivíduos socialmente determinada”.¹⁷⁴ “Nesta sociedade onde reina a livre concorrência [“sociedade burguesa”], o indivíduo aparece isolado dos laços naturais que fazem dele em épocas históricas anteriores, um elemento de um conglomerado humano determinado e delimitado.”¹⁷⁵ Deste modo, para Marx o indivíduo isolado e a noção de indivíduo isolado são um produto histórico, surgem no capitalismo, em que o indivíduo aparece como isolado, mas continua a ser socialmente determinado. Tratar o indivíduo como desligado dos laços sociais que o determinam Marx chama de “ilusão ingênua”. No entanto, no caso das ciências do comportamento, fundadas no comportamento do indivíduo, isolado das relações sociais que conformam e fundam a sua existência, já não se trata mais de ilusão, nem de ingenuidade. As análises comportamentais colocam o indivíduo como ponto de partida, abstraindo toda a sua contextualização, seja histórica, seja estrutural. A essas análises interessa o comportamento do indivíduo enquanto tal.

¹⁷³ Baran, P. e Hobsbawm, E., 1961, p. 241.

¹⁷⁴ Marx, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política, 2003, p. 225.

As determinações de que Marx fala são determinações histórico-estruturais, referem-se a formações históricas de totalidades sociais estruturadas. Determinam relações sociais, não pretendem alcançar comportamentos individuais, que recebem determinações múltiplas, muitas das quais até contraditórias e muito variáveis nas conjunturas. Marx não toma como objeto o comportamento econômico, social ou político individual. No seu entender, não são indivíduos que fazem a história, mas classes em conflito; classes não “se comportam” como indivíduos se comportam, classes são formações estruturais decorrentes de relações sociais constituídas historicamente, não são conjuntos de indivíduos, nem grupos de indivíduos. Colocar como proposição de Marx afirmações sobre a determinação de comportamento individual é deformar seu pensamento numa questão fundamental, e que assim faz com que perca o sentido a sua própria noção de determinação.

Outro exemplo, este bem interessante, da maneira como Rostow lê Marx e o marxismo, está em outra nota de pé de página, em *The Process of Economic Growth*. Rostow está discutindo que o uso do conceito de propensões lhe permite abandonar a abordagem que toma o comportamento econômico somente como uma função do que convencionalmente se considera motivos econômicos. Procura abrir o espectro para encontrar determinantes mais amplos, não apenas econômicos, para as propensões. Concebe uma estrutura em que as relações são *interações*, em que, a cada nível, há espaço substancial para o indivíduo e para o acaso. Uma estrutura como esta, portanto, pensa Rostow, só pode ser vista como determinista *ex post*. Diz ele, então, referindo-se à análise que ele próprio constrói: “Although the analysis gives, formally, a special initial position to economic forces, this is an arbitrary aspect of its exposition rather than a matter of causal priority.”¹⁷⁶ Em Rostow, a estrutura da sociedade

¹⁷⁵ Marx, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política, 2003, p. 225-226.

¹⁷⁶ Rostow, W. W. *The Process*, p. 40.

comporta consequências sociais e políticas a partir do econômico, mas também comporta a possibilidade de que mudanças econômicas decorram da ação de forças políticas ou sociais.

Logo a seguir, Rostow diz que o nível social da estrutura retorna, se move de volta (a expressão que ele usa é “*play-back*”) sobre a economia. Diz que as propensões pertencem ao nível social da estrutura e destaca, nesse nível, as idéias e valores. Na sua concepção, as propensões refletem o esquema de idéias e valores que são relevantes para a ação econômica. Essas idéias e esses valores são incorporados nas instituições sociais e transmitidos aos indivíduos que formam a comunidade.

Segundo Rostow, as propensões se transformam muito lentamente, como também as idéias e valores que elas refletem. Ele tem especial interesse em saber como essas idéias e valores mudam, que forças são responsáveis pelo caráter lento da sua mudança, que instituições as incorporam e quais propensões são manifestações delas.

Na sequência dessa discussão, Rostow introduz as hipóteses de Marx e diz que elas erram em pelo menos dois aspectos. Exatamente aí inclui a seguinte nota de rodapé:

It may be argued, from certain passages in Marx and Engels, that the Marxist hypothesis allowed for an interacting process in society; and that the independent power of religion, nationalism, and other very long-run cultural forces were given due weight. It is certainly the case that Marx and Engels had some second thoughts about economic determinism, in its simple form (see, for example, Barrington Moore, Jr., *Soviet Politics – The Dilemma of Power* [Cambridge, Mass., 1950], p. 6-8). It is also the case, however, that from the Communist Manifesto forward the practitioners of Marxism have written as if societies were determined by their economic techniques and the composition of output; and that it is via economic changes that changes elsewhere in societies are brought about. Both in the Soviet Union and elsewhere Marxist in responsibility have found this a thoroughly inadequate basis for the exercise of the pursuit of power

and have employed heterodox devices without, however, wholly abandoning their dogma. If, in fact, present Soviet practice were to be given a full theoretical foundation, freed of the necessity of maintaining a strand of continuity with Marx, such a theory of society would approximate a conception of political (rather than economic) determinism. In effect, Lenin and Stalin have reversed Marx's effort and set Hegel right side up again. An Hegelian doctrine of societal change is, however, subject to strictures at least as severe as those applicable to a doctrine of economic determinism.¹⁷⁷

Como se pode perceber, em Rostow algumas notas de rodapé dizem mais sobre o que ele conhece e compreende dos textos de Marx do que todo o seu discurso direto em relação a Marx. Rostow se contrapõe ao determinismo econômico que atribui a Marx, sabendo que esse determinismo econômico simples, direto e completo não corresponde à concepção de determinação de Marx e de Engels. Ainda que mencione a complexidade da determinação em Marx e Engels como “second thoughts” e embora reconheça essa complexidade definida apenas pelo “velho” Engels, em algumas notas de rodapé Rostow permite ao leitor mais familiarizado com Marx e o marxismo perceber que ele não desconhece a multiplicidade e a diversidade de relações que constituem a noção de determinação no pensamento de Marx e Engels. E que, em certo sentido, Rostow as aproveita para suas próprias formulações, como é o caso da ação de retorno sobre o econômico e da importância da ideologia como forma de dominação e de controle social.

Rostow criticava a política marxista (referindo-se ao que se convencionou chamar de socialismo real) por ter abandonado Marx. Na última citação, ele não apenas reforça essa crítica, acusando Lênin e Stalin de determinismo político, como indica também alguma leitura sobre a questão da inversão da dialética. Critica os principais dirigentes políticos do marxismo (colocando juntos, também não ingenuamente, Lênin e Stalin) por terem revertido o sentido da dialética que Marx havia se esforçado em construir, em oposição ao idealismo hegeliano e, deste modo, terem “set Hegel side up again”. Rostow reivindica Marx para criticar o marxismo. Esta não parece ser tão somente uma questão política, porque ao mesmo tempo é teórica e metodológica, o que sugere um problema teórico-metodológico que pode ser interessante investigar. Rostow não é marxista, sua abordagem é essencialmente e imediatamente política a partir da perspectiva do capital, o Marx que ele explicita e ao qual se

¹⁷⁷ Rostow, W. W. *The Process*, p. 42-43.

contrapõe é uma caricatura muito mal feita de Marx que nem o próprio Rostow reconhece – mas qual a importância que o Marx de que Rostow dá somente algumas pistas em poucas e esparsas notas de rodapé tem para a construção teórica e metodológica que fundamenta as formulações de Rostow?

Capítulo 7

W. W. Rostow: crítica ao estrutural-funcionalismo

Rostow é um dos mais importantes teóricos da modernização, talvez o mais influente ou o que tenha alcançado mais êxito na concretização das suas propostas. De todo modo, a sua produção faz parte de um conjunto de autores e de obras, que embora diferenciados entre si têm uma afinidade teórico-metodológica com o esquema estrutural funcional. O resultado final da sua teorização no que se refere à seqüência dos estágios-de-crescimento econômico parece ser bastante semelhante ao dos demais teóricos da modernização: tomando como base a sociedade que designam como “moderna” (mais ou menos correspondente ao estágio que Rostow denomina “high mass-consumption”), traçam retrospectivamente uma série de etapas que supostamente as sociedades hoje modernas teriam percorrido, encontrando no início desse “processo” um tipo de sociedade que, por oposição à sociedade “moderna” chamam de sociedade “tradicional”.

No entanto, há de fato algumas diferenças relevantes entre a formulação de Rostow e a dos modernizadores em geral. À diferença dos demais, Rostow não tem a pretensão de abranger, com a sua seqüência de estágios, a história inteira, mas especificamente a história moderna. Deste modo, pretende que o que na sua definição é sociedade tradicional corresponderia ao que em Marx é a sociedade feudal. Portanto, em Rostow a seqüência de estágios não seria evolutiva em todo o seu conjunto, porque ele atribui uma marca de descontinuidade entre a sociedade tradicional e o take-off, restringindo assim o caráter evolutivo apenas às mudanças de estágio no interior da sociedade moderna, identificada com o sistema econômico mundial capitalista. Como diferença maior assinalada pelo próprio Rostow, o problema central ou maior da sua teorização é a mudança, que ele

especifica enquanto crescimento econômico, o que requer que a análise seja dinâmica. Pelo contrário, o grande problema da teoria da modernização construída a partir do e com base no esquema analítico estrutural-funcional parsoniano – no qual se encontra efetivamente a matriz teórica e metodológica da modernização – é a ordem ou o estado de equilíbrio do sistema.

Conhecendo mais detalhadamente a construção rostowiana faz sentido algo que à primeira vista parece inusitado: a crítica severa a que Rostow submete a construção teórica que serve de apoio fundamental à teorização da modernização, a Teoria Geral da Ação formulada diretamente sob a influência de Talcott Parsons ou por ele mesmo. Rostow faz uma resenha muito crítica ao livro editado por T. Parsons e E. Shils *Toward a General Theory of Action* quando do seu lançamento. Curiosamente, dezessete anos mais tarde, quando retoma sua atividade como professor e pesquisador universitário, produzindo então o seu *Politics and the Stages of Growth*, Rostow revisita a sua resenha de 1953 para novamente, a partir da análise empreendida ali, submeter à crítica ainda mais detalhada toda uma ampla bibliografia que, no campo da Política (politics), se dedica à modernização ou ao desenvolvimento político dentro da estrutura de pensamento estrutural-funcional.

A resenha de 1953

Em sua resenha de *Toward a general theory of action*,¹⁷⁸ livro organizado por Talcott Parsons e Edward Shils, Rostow faz uma crítica forte à análise estrutural-funcional que orienta os textos reunidos nessa publicação feita um pouco antes (1951) do que o primeiro livro seu em que toma como objeto o crescimento econômico, no qual centra o foco da atenção no processo capaz de desencadear e de sustentar esse crescimento (*The process of*

¹⁷⁸ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul., 1953), 530-554. Resenha de Talcott Parsons e Edward Shils, eds., *Toward a General Theory of Action*, com contribuições de Edward C. Tolman, Gordon W. Allport, Clyde Kluckhohn, Henry A. Murray, Robert R. Sears, Richard D. Sheldon, e Samuel A. Stouffer. Cambridge, Harvard University Press, 1951.

economic growth, 1952). Esta resenha é muito esclarecedora de algumas idéias e abordagens que são fundamentais para o próprio Rostow.

Rostow costuma apresentar-se como historiador econômico. Domina intelectualmente o campo da Economia, que considera como parte das Ciências Sociais. Quanto aos demais campos dessas ciências, coloca-se como outsider, mas explicita com toda clareza sua necessidade, enquanto historiador econômico, do conhecimento produzido pela moderna Ciência Social para conseguir explicar o objeto da sua própria investigação, o crescimento econômico, para além de qualquer determinismo econômico – uma de suas preocupações mais fortes. Entende que parte importante dos determinantes da ação econômica se encontra substancialmente fora do domínio da economia. Por esta razão, a explicação das ações e das mudanças no plano econômico depende de um conhecimento que analise a sociedade como um todo, conhecimento esse que seja capaz de pelo menos formular hipóteses sobre a relação entre as partes que compõem a sociedade, se possível estabelecendo essas relações em termos de causalidade. Uma tal demanda do historiador econômico diante dos sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e psicólogos sociais ainda não está completa, no entanto, enquanto não assumir uma abordagem dinâmica. Rostow entende como abordagem dinâmica aquela que contempla a mudança enquanto processo. Neste sentido, a análise dos processos que contribuem para manter um dado estado de equilíbrio numa sociedade num momento dado – típica do estrutural funcionalismo – é uma análise estática.

It should be immediately noted that general equilibrium analysis in economics (like cultural anthropology at its present stage in relation to society) cannot now lay claim to explaining fully all the determinants of economic action, partly because those determinants lie substantially outside the terrain of economics, conventionally conceived, and await

the development of more general dynamic approaches to the analysis of whole societies.¹⁷⁹

É em busca de uma análise da sociedade como um todo, numa abordagem dinâmica, que Rostow se debruça sobre *Toward a General Theory of Action*. Os argumentos a que recorre e a severidade da sua crítica deixam à mostra uma espécie de desapontamento, que o leva inclusive a cobrar dos demais cientistas sociais a adoção de uma outra perspectiva, que seja capaz de responder às expectativas e necessidades do mundo ocidental na época.

Sua primeira grande crítica à construção coletiva organizada por Parsons e Shils é que, embora a análise cultural tenha a ver com as relações entre todos os níveis da sociedade (cultura em sentido estrito, política, estrutura social e economia), a orientação adotada nesse livro toma como foco a atitude e o desempenho do ator individual e não da sociedade como um todo.

A teorização dirigida por Parsons e Shils pretende estabelecer o arcabouço para uma teoria geral da ação, a partir da suposição de que os homens agem em relação com o seu meio, de tal modo a otimizar sua gratificação (ou minimizar sua privação), fazendo escolhas entre alternativas que eles percebem como possíveis. O entendimento da ação supõe, assim, a relação do indivíduo com a sua cultura numa dada sociedade. Conforme a apreensão que faz desse arcabouço de teoria geral da ação, Rostow critica a ênfase no caráter individual da escolha para o curso da ação e enfatiza a importância que a cultura (com toda a carga que a história anterior deixou aí impregnada) tem nessa escolha, que somente na ponta é que será individual. Diz ele:

even under the most primitive conception of man's goals ('need-dispositions') and the simplest physical conception of his environment, the manner in which he seeks gratification or avoids

¹⁷⁹ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul., 1953), p. 538.

deprivation at any moment of time involves choice; and the concepts which determine that choice are, in turn, largely man-made – a product of the prior action of men crystallized into their culture and social system, and built early into the mind, heart, and soul of the individual, or, if you like, into his nervous system.¹⁸⁰

Desse vínculo do indivíduo com a cultura e com o sistema social, determinante para a definição das alternativas entre as quais o indivíduo ator escolhe os parâmetros da sua ação, Rostow retém como importante principalmente a constituição dos valores culturais que, uma vez sedimentados socialmente, abrem alternativas para a ação. Seus estudos e suas propostas sobre o crescimento econômico demonstram isso claramente. O que ele critica nos trabalhos que discute em sua resenha é em primeiro lugar que o ator seja concebido estritamente enquanto indivíduo e conseqüentemente que o peso do sistema cultural de valores seja apreendido apenas ou principalmente no quadro da formação da personalidade de cada indivíduo. Rostow se preocupa com sociedades em mudança ou sociedades nas quais se pretenda instaurar processos de mudança, e com a importância que as idéias e valores possam ter na abertura de novas alternativas para essas sociedades. No âmbito dessas preocupações, é necessário que o nível da análise seja a sociedade como um todo, não o indivíduo. E também é necessário que a perspectiva adotada seja dinâmica. O que interessa a Rostow é a mudança social, cuja análise requer uma abordagem dinâmica que dê conta do processo por meio do qual a mudança ocorra e que consiga estabelecer relações de tipo causal entre as diferentes partes da sociedade.

A segunda grande limitação apontada nesse texto tão importante da análise estrutural-funcional é a qualidade estática da teoria da ação aí esboçada, que se caracteriza como “a general statement concerning the fundamental categories for a theory of action”.¹⁸¹

¹⁸⁰ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 533.

¹⁸¹ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 531.

Ou seja, uma formulação de caráter geral que postula categorias que supõe sejam fundamentais para uma teoria da ação. Rostow pondera, no entanto que a análise da ação depende do entendimento que se tenha da interação, de como os níveis ou planos da sociedade interagem. Sublinha que não basta supor que eles interagem. É preciso que essa interação seja qualificada relacionalmente, se possível causalmente. De acordo com Rostow,

the key to the analysis of interaction lies less in having a proper vocabulary for description, although some communicable vocabulary is obviously necessary, than in establishing certain hypotheses of relationship (or causation). In fact, to this observer, the most meaningful aspects of the general theory of action lie in some of the assumptions about relationship which are built into it, rather than in its particular categories; for example, the relationship between the values incorporated in a culture and those which find their way into the evaluative process executed by individuals in acting; the relationship of complementarity of expectations (or lack of complementarity) as between individual actors or role units of the social system. These notions have meaning and importance. They belong not only in a static analysis of the structure of a society at any moment of time, but undoubtedly would enter, in some form, into any helpful analysis of a society in movement.¹⁸²

Interessado na interação, Rostow encontra aspectos significativos no esboço de teoria geral da ação que os autores em questão formulam, mas insiste que seu significado maior não reside na formulação de um vocabulário próprio, e sim nas suposições relacionais que conseguem avançar: a relação entre os valores sedimentados na cultura e o processo de avaliação entre alternativas que o indivíduo ator realiza no momento da ação; ou a relação de complementaridade de expectativas entre os indivíduos desempenhando seus papéis sociais.

¹⁸² Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 540.

De acordo com Rostow, estas são suposições relevantes e esclarecedoras da interação, para cuja análise não basta oferecer categorias descritivas.

Assim, de acordo com Rostow, *Toward a General Theory of Action* apresenta, organizadamente e em alto nível de abstração, um vocabulário específico, mas meramente descritivo, dos componentes da ação. Embora implicitamente assuma uma orientação não-marxista do sistema de interação, não avança propriamente hipóteses de causalidade ou de prioridade causal entre os diversos campos em interação. Presume no máximo que uma mudança, uma vez iniciada *de alguma forma*, traz conseqüências para *todo* o sistema social. Rostow vai ainda adiante na sua crítica: “Even this much is not adequately elaborated in the present volume.”¹⁸³

Rostow remete a outros estudos, que lidam com problemas dinâmicos, mas cujo foco não é a sociedade como um todo, mas algum problema de mudança claramente definível. Cita David Riesman (*The Lonely Crowd*), Samuel Lubell (*The Future of American Politics*) e Gunnar Myrdal (*An American Dilemma*). Sobre eles, diz que

in different ways, with greater or lesser crudity, some causal hypotheses are advanced about the connection among sectors of society designed to explain the reason for change; that is, the process of change itself is examined.¹⁸⁴

Deste modo, não é necessário que o estudo tome como objeto a sociedade como um todo. A idéia então é que é preciso examinar *o processo* de mudança, senão tratando a sociedade como um todo, focalizando uma determinada questão específica relevante para a mudança.

¹⁸³ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 540.

¹⁸⁴ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 542.

Na parte VI da sua resenha, Rostow formula um questionamento direto. Questiona o tema, que percorre todo o livro, segundo o qual a integração é a norma apropriada para as personalidades, as estruturas sociais e mesmo as culturas. Diz então: “My query is this: is not an unexamined value judgment of great power concealed implicitly in the apparently scientific norm of integration?”¹⁸⁵ Essa é uma questão de fundo. Será de fato a integração uma norma do funcionamento do sistema social? Ou um sistema social integrado será um objetivo de uma determinada orientação política (Rostow diria valorativa) quanto à sociedade? Como historiador (ou como positivista), Rostow clamaria aí por uma base factual, histórica, em relação à qual se possa efetivamente afirmar que a integração seja uma norma usual das sociedades enquanto sistemas, e não um julgamento de valor.

Questiona, pois, se no caso da norma de integração, sob uma aparência científica não estará oculto um julgamento de valor muito poderoso. Questiona ainda se a chamada otimização corresponderá de fato a um optimum quando pode significar simplesmente que o ator esteja fazendo o melhor que lhe seja possível em relação ao ambiente dado. Cita como exemplo prisioneiros há muito tempo num campo de concentração, que agem se ajustando de alguma maneira às condições vigentes ali. “Are we to identify equilibrium, or tolerable balance, in this clear operational sense, with optimization?”¹⁸⁶

Há uma preocupação manifesta em Rostow com a comparação entre sociedades. Lembra que os economistas são equipados com critérios úteis para fazer julgamentos de valor. Por exemplo, podem comparar grosseiramente níveis de renda real per capita em sociedades diferentes e assim atribuir essa diferença à disponibilidade de recursos ou à resposta da sociedade às suas potencialidades materiais, resposta que reflete seu sistema de valores. Entende que para a análise de seres humanos, de sociedades ou de culturas o problema é

¹⁸⁵ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 543.

¹⁸⁶ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 543.

muito mais difícil do que no caso da economia. De todo modo, pergunta: “Are we indeed justified in going beyond the criterion that men be content with their lives and societies content with their pattern of role relationships?”¹⁸⁷ Diante de uma afirmação como esta, quem estuda Rostow não pode deixar de se dar conta de que este mostrará ser, claramente anos depois, um dos problemas cruciais que Rostow pretenderá enfrentar com sua análise e sua proposta do “desenvolvimento”: sociedades “tradicionais” altamente integradas, em que os homens podem estar satisfeitos com sua vida e a sociedade pode estar satisfeita com seu padrão de interrelacionamento de papéis. Em casos assim, a própria integração dessa sociedade poderá constituir um obstáculo a possíveis projetos de “desenvolvimento” – de promover seu progresso material – que, portanto para serem concretizados exigirão que aquela velha integração seja instabilizada para que o “desenvolvimento”, como um novo valor, possa ser absorvido por sua cultura.

Respondendo àquela pergunta, diz ele: “Perhaps the answer is something like this. We can array states of integration by value hierarchy only by imposing an arbitrary value scale from the outside.”¹⁸⁸ Rostow não considera que seja propriamente um problema aplicar uma escala de valores na análise científica, desde que o pesquisador esteja ciente desse uso e o torne explícito. O problema, a seu ver, é que “By accepting the norm of integration the behavioral scientist may deny himself the right to judge, to array, and to prescribe, given his acute awareness of the arbitrariness of the value of his own culture.”¹⁸⁹

Aqui Rostow leva sua crítica para além da análise puramente científica e baliza sua intervenção claramente por uma concepção de ciência aplicada, de ciência para ser aplicada, uma concepção de ciência para resolver problemas concretos. Rostow deixa

¹⁸⁷ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 544.

¹⁸⁸ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 544.

¹⁸⁹ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 545.

evidente aí o seu próprio perfil de scholar/formulador de políticas, defendendo o direito que atribui ao cientista de julgar, ordenar e prescrever com base em julgamentos de valor. Um pouco adiante explicita o que considera como uma necessidade do mundo ocidental à época: “The Western world in mid-twentieth century urgently needs fresh definitions of its value system, in the light of all that the behavioral sciences have learned, and fresh applications of these redefined values to the changing problems we face.”¹⁹⁰ É possível depreender dessas afirmações que à época em que as faz Rostow já tem claro para si a necessidade que o mundo ocidental apresentava de “fresh definitions of its value system”. E a urgência de fazê-lo. Parece claro que se refere aí não ao sistema de valores vigente nas sociedades industrializadas, “desenvolvidas”, mas daquela parte do mundo que a expansão do capitalismo e seu outro lado, a contenção da expansão comunista, cobiçavam naquele momento: o “terceiro mundo”. Rostow irá propor a redefinição do sistema de valores do mundo “subdesenvolvido”, fundamentalmente através da inclusão do “desenvolvimento” como valor maior no sistema de valores desse mundo “subdesenvolvido”.

Em resumo, certamente uma análise estática pode contribuir para o entendimento da sociedade. O que Rostow critica é a ênfase na importância do arcabouço conceitual de caráter estático para analisar sociedades em que a mudança é uma característica forte, o que requer, portanto, uma análise dinâmica para a qual a noção de integração não é suficiente. Diz Rostow:

There is a final observation to be made on this theme. If, as is not unrealistic for most times and places overt the past several centuries, we assume as the normal case that the environment – the ‘objects of action’ – of men and social structures are changing, what then

¹⁹⁰ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 545.

becomes of the norm of integration? Is not a capability for adjustment to a changing field of action a quality different from integration?¹⁹¹

Rostow aponta, pois, como funcional (embora não faça uso do termo) a capacidade de ajustamento a um campo de ação em mudança. E chama a atenção para que essa capacidade é diferente da integração. Tomando a integração como norma, a análise estrutural-funcional se fecha à mudança social, o que é muito mais do que não dar conta dela.

Além de levantar questões relevantes e críticas pertinentes ao texto em discussão, esta resenha possui um outro interesse para quem estuda Rostow – ela é reveladora de aspectos de fundo de sua própria perspectiva teórico-metodológica e também de suas incertezas analíticas, para as quais procura respostas nas ciências afins.

Acadêmico que desde muito cedo passou a ter grande proximidade com o poder central de uma grande potência mundial, Walt Whitman Rostow tornou-se formulador de estratégia política junto ao Presidente dos Estados Unidos em duas importantes administrações, Kennedy e Johnson. Sua concepção de ciência é bem marcada pela finalidade de resolver problemas práticos, percebidos como reais e apontados como prioritários por algum julgamento de valor ou alguma apreciação política. Nessa questão, as perspectivas de Walt Whitman Rostow e de Talcott Parsons são bastante semelhantes.¹⁹²

No caso de Rostow, porém, seu trabalho como scholar pretendia diretamente fundamentar uma intervenção política na realidade. Como tal, não bastava descrever a realidade, tinha a pretensão de alcançar um nível explicativo capaz de constituir uma base sólida para tornar efetiva a intervenção para transformar com êxito as realidades em questão na direção desejada. Não parece que seu esforço teórico o tenha feito realizar tal pretensão,

¹⁹¹ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 545.

¹⁹² Em Talcott Parsons esta caracterização aparece mais claramente em outros textos posteriores a *Toward a General Theory of Action*.

mas é desta perspectiva que critica o que lhe parece ser o caráter meramente descritivo do funcionalismo parsoniano, quando o trata, por exemplo, como “a proper vocabulary for description”.¹⁹³

Ainda quanto à produção do conhecimento científico, Rostow revela nesta resenha a sua fundamentação empirista quando menciona a contribuição que o historiador pode oferecer à discussão das formulações contidas em *Toward a General Theory of Action*.

Now, what does the historian make of all this? Two irreducible qualities of the historian make a formal structure of the kind presented here difficult to use. First, he is dedicated to examining events in their full complexity and uniqueness. In the end, of course, he seeks one form of generalization or another; but he likes to believe that these generalizations emerge from the data, and he is right in not using abstractions which cannot be intimately tied to his data. An abstract framework for a theory of action is likely to be regarded as none of his business. And, further, his acute awareness of the inordinate complexity of human action, in living situations, makes him suspicious of approaches to human behavior that begin with abstractions rather than situations.¹⁹⁴

Apelando para sua condição de historiador – que supostamente trata “events in their full complexity and uniqueness” –, Rostow identifica *abstração* (seria a boa abstração) com *generalização*, esta obtida necessariamente a partir dos “dados”. Toda abstração que expresse uma generalidade que não seja obtida por meio de generalização é desde logo descartada, por não estar “intimately tied to his data”.

Rostow se afasta aqui da abordagem que ele mesmo irá defender explicitamente, em especial em texto de 1957, que inclui como capítulo XIV na segunda edição do seu *The*

¹⁹³ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 540.

¹⁹⁴ Rostow, W. W. *World Politics*, Vol. 5, No. 4 (Jul. 1953), p. 551.

Process of Economic Growth. Discute aí que “The real questions are how, if at all, the theoretical structures developed in modern social sciences can be used by the working historian and how, if at all, the historian should link his insights to the bodies of theory developing in the social sciences which surround him.”¹⁹⁵ Afirma então Rostow que “human perception works through arbitrary abstract concepts and therefore the reality of what we call facts is not without a certain ambiguity.”¹⁹⁶ Admite, portanto, que a percepção atua através de conceitos abstratos arbitrários e que o que supomos seja realidade nos “fatos” contém uma certa ambigüidade. Alega que desde cedo, como aluno de graduação, tinha aprendido a desconfiar da plena realidade dos “dados” e a admitir a necessária intervenção de conceitos abstratos até mesmo para a percepção da realidade.

No entanto, nesta resenha publicada em 1953 demonstra acreditar no conteúdo real dos “dados” e é sobre essa base que critica o caráter abstrato do estrutural-funcionalismo comandado por Parsons e Shils. O formalismo da abordagem parsoniana é mais do que meramente sugerido quando se refere às “caixas vazias” da teoria da ação esboçada. Na parte IV da sua resenha, em que trata da maneira como a cultura é trabalhada no texto, diz:

The majority of the authors take the view that, strictly speaking, a theory of action concerns only individuals and social systems; but they admit culture into the process of action in two ways. First, it is, in large part, the culture of a society which fills the empty boxes; that is, it largely determines the content of the cognitive, cathectic, and evaluative modes of orientation which lead men to act in particular ways, in particular circumstances, with respect to the objects of orientation.¹⁹⁷

¹⁹⁵ Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 332-333.

¹⁹⁶ Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 333.

¹⁹⁷ Rostow, W. W. *The Process*, 2ª ed., cap. XIV, p. 536-537.

Nesta passagem fica clara, por um lado, a indicação de que há, sim, uma hipótese de determinação (em termos de causalidade), atribuída à cultura, na abordagem estrutural-funcional de tipo parsoniano. Por outro lado, há a crítica ao formalismo dessa abordagem, que apenas constrói caixas vazias, estabelecendo interrelações entre categorias abstratas.¹⁹⁸ Ao rigor analítico do estrutural-funcionalismo, rigor formal, que alguns críticos designariam como rigorismo, Rostow opõe o suposto vínculo profundo com os dados da realidade objetiva, sobre os quais a análise produzirá alguma generalização, cuja expressão abstrata não perderá o vínculo com o real. É exatamente esta abordagem que Rostow seguirá na sua construção dos “estágios”, cada qual caracterizado por meio de um elenco de variáveis cujo conjunto compõe uma definição nominal, cada definição nominal designando um “estágio”. Tais definições nominais, no entanto, visavam não propriamente reproduzir o real, mas operacionalizar um dado tipo de intervenção nas realidades em questão.

Partindo dessa resenha, mas considerando mais abrangentemente a produção teórica de W. W. Rostow, por um lado e de Talcott Parsons, por outro, pode-se encontrar complementaridade e até mesmo alguma identidade entre os dois autores. T. Parsons teoriza a sociedade, tratada como um todo em estado de equilíbrio funcional, garantido por um mínimo de integração entre as partes que a compõem. Em Rostow, a sociedade é pensada desde o início como uma totalidade muito mais ampla, abrangendo o conjunto da sua história, esta concebida como uma sucessão de estágios ou estados, ou seja, como mudança social de um estado de relativo equilíbrio para outro estado também definido por seu relativo equilíbrio. A diferença é que Parsons se detém no equilíbrio de um dado estado, enquanto Rostow se preocupa principalmente com a ruptura de um equilíbrio considerado precário, no desencadeamento de um processo de mudança, especialmente concebida em termos de crescimento econômico.

¹⁹⁸ A sociologia parsoniana chegou a ser reconhecida na época como “box sociology”.

Tanto Parsons quanto Rostow, nenhum deles admite formal e explicitamente uma prioridade causal na determinação de um dado equilíbrio ou de uma dada transformação social, mas de fato atribuem primazia ao que chamam de sistema cultural ou de cultura, e dentro dele(a) ao sistema central de valores (“*core value system*”, na linguagem parsoniana).

Talcott Parsons, na fase final de sua teorização – caracterizada explicitamente como evolucionista – apresenta alguma identidade com o Walt Whitman Rostow dos estágios do crescimento econômico. Eles são dois dos maiores responsáveis pela construção de uma teoria da modernização ou do desenvolvimento, que dominará e reorientará a cena das ciências sociais durante muito tempo. E ambos se empenham decididamente em responder teórica e politicamente a Karl Marx e ao marxismo, mostrando outra identidade fundamental entre ambos.

Comentário crítico de 1971

Quando publica *Politics and the Stages of Growth*,¹⁹⁹ Rostow inclui um Apêndice sobre “The views of others in relation to the approach taken here”. Entre os “outros” referidos discute toda uma bibliografia que inclui os mais expressivos autores contemporâneos da área de Política, especialmente em termos da teoria da modernização e do desenvolvimento político.²⁰⁰ Para fazer sua crítica e apontar suas limitações – sempre comparando a abordagem adotada com a dos seus estágios-de-crescimento –, Rostow recorre à resenha que havia publicado em 1953 de T. Parsons e E. Shils (Eds.). *Toward a General Theory of Action*.

¹⁹⁹ Rostow, W. W. *Politics and the Stages of Growth*. Cambridge: the University Press, 1971.

²⁰⁰ Entre os autores e textos discutidos, podemos destacar, por exemplo: Seymour Lipset, *Politics and the Social Sciences*; G.A. Almond & J. S. Coleman (Eds.), *The Politics of Developing Areas*; S. N. Eisenstadt, *The Political Systems of Empires*; Samuel P. Huntington, *Political Order in Changing Societies*; David Apter, *Ghana in Transition*; Daniel Lerner, *The Passing of Traditional Society*; David Easton, *The Political System*; Karl W. Deutsch, *The Nerves of Government*; e muitos outros.

Explica que volta àquela sua resenha dezessete anos depois porque encontra na literatura contemporânea (1971) de desenvolvimento político uma estrutura de pensamento enraizada nos conceitos elaborados na obra de Parsons e Shils, carregando em consequência ainda as mesmas limitações já apontadas na resenha de 1953.

De acordo com Rostow, ao aplicarem a Teoria Geral da Ação de base parsoniana ao campo da política, os cientistas políticos incorrem nas seguintes limitações estruturais: 1) a estrutura teórica não confere o devido peso à cultura, dificultando a caracterização dos estilos de operação de cada nação; 2) desmantelando o indivíduo nos papéis que ele desempenha, torna difícil restabelecer o indivíduo como um todo; 3) o caráter do equilíbrio da teoria geral da ação é parcial e não geral; 4) a maior limitação da moderna teoria social é seu bias estático, do que decorre que a mudança tenha que ser introduzida de fora da estrutura; 5) a Teoria Geral da Ação (e sociedade) põe de lado a teoria econômica (e a vida econômica), tratada apenas como um sub-sistema; 6) a Teoria Geral da Ação desvia a atenção da política para a análise empírica da sub-estrutura social, às expensas da atenção para a alocação das decisões governamentais e das suas interrelações com a sociedade como um todo, inclusive com o seu ambiente internacional. (Rostow não encontra na literatura sobre desenvolvimento político o estabelecimento de relações entre as forças em ação nos processos políticos e as decisões concretas dos governos.)

Quanto a esta última questão, Rostow inclui uma limitação que não havia notado na sua resenha de 1953. Diz ele: “this framework of social theory tended inherently to focus analysis on national societies – or social sub-groups within them – and provided no clear linkage to the international environment, its threats and temptations.”²⁰¹ Para Rostow, esta é uma limitação grave porque o campo do desenvolvimento político é, no seu entender, um campo inerentemente internacional.

²⁰¹ Rostow, W.W. *Politics and the Stages of Growth*, p. 341.

Rostow não caracteriza o objeto da sua crítica como sendo a análise estrutural-funcional. Nem no comentário de 1971, nem na resenha de 1953. Prefere cingir-se à sua caracterização substantiva enquanto Teoria Geral da Ação. A crítica fundamental se mantém, contra o caráter estático da análise. A questão da cultura e do equilíbrio parcial também são apresentadas da mesma forma. Quanto ao indivíduo, no entanto, em 1953 Rostow reclamava que o foco analítico ficava centrado no indivíduo e não na sociedade como um todo; em 1971, a crítica se refere ao próprio tratamento que é dispensado ao indivíduo, já que a unidade de análise no funcionalismo parsoniano não é o indivíduo, e sim o papel social, o que leva Rostow a criticar o dismantelamento do indivíduo nos seus papéis, perdendo-se assim nessa análise o indivíduo como um todo. As limitações estruturais aqui indicadas em 5 e 6 não estavam colocadas desta forma anteriormente. E a limitação que Rostow admite não ter notado em 1953 é bastante importante, porque indica que o estrutural-funcionalismo parsoniano tende a circunscrever sua análise às sociedades nacionais, ao Estado-nação. Rostow chama a atenção para que aí se perde uma dimensão que é fundamental às questões do desenvolvimento político, segundo ele um campo inerentemente internacional. Para Rostow essa é de fato uma questão fundamental: sua proposta de política do desenvolvimento incidia exatamente no campo das relações internacionais, deslocando o eixo da política externa norte-americana no sentido da ajuda externa para o desenvolvimento.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Flávio Diniz Ribeiro

Volume 2

São Paulo
2007

Flávio Diniz Ribeiro

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Mascarenhas Dantes

Volume 2

São Paulo

2007

One thought ever at the fore –
That in the Divine Ship, the World, breasting Time and Space,
All peoples of the globe together sail, sail the same voyage, are
bound to the same destination.²⁰²

Walt Whitman
Leaves of Grass and Other Writings

²⁰² Whitman, Walt, Michael Moon, Sculley Bradley, and Harold William Blodgett. *Leaves of Grass and Other Writings : Authoritative Texts, Other Poetry and Prose, Criticism*. Expanded and rev. ed. New York: W.W. Norton, 2002. p. 486-487.

5ª Parte

Walt Whitman Rostow: a ideologia e a política do desenvolvimento

Capítulo 8

W. W. Rostow: o desenvolvimento como política

8.1 -- O Centro de Estudos Internacionais (CENIS) do MIT

Em 1951 começou a funcionar no Massachusetts Institute of Technology o primeiro centro de estudos internacionais baseado em universidade nos Estados Unidos no pós-guerra. O primeiro trabalho a partir do qual o Centro viria a se constituir foi um projeto secreto para resolver o problema das interferências nas transmissões de rádio que os Estados Unidos faziam para a União Soviética através do programa Voice of America (VOA). “Soviet jamming of Voice of America radio broadcast behind the Iron Curtain had by 1949 become so effective that only five per cent of VOA’s Russian-language transmissions were getting through to Moscow.”²⁰³

Donald L. M. Blackmer – que participou do Centro desde 1956, inicialmente como assistente executivo de seu Diretor Max F. Millikan – foi encarregado pelo Centro de escrever um livro comemorativo dos cinquenta anos do Centro. Deste modo, esse livro constitui um registro oficial da vida do Centro. Na Apresentação do livro, o então Diretor Richard J. Samuels se refere à reflexão que o quinquagésimo aniversário propicia das “Direct memories of the violent and dangerous century that gave birth to the Cold War – and to a Center at MIT established to help win it [...]”²⁰⁴

²⁰³ Blackmer, Donald L. M. *The M. I. T. Center for International Studies: The Founding Years 1951-1969*. Cambridge, Mass.: MIT, 2002.

²⁰⁴ Blackmer, D. L. M., 2002, p. IX.

De acordo com o relato de Blackmer, os entendimentos iniciais sobre o projeto a ser realizado pelo Centro ocorreram entre o Departamento de Estado e o MIT. A primeira discussão ocorreu num almoço em 31 de julho de 1950, entre o Presidente do MIT, James Killian, o Deão de Humanidades e Estudos Sociais do Instituto, John Burchard e o Subsecretário de Estado, James Webb.²⁰⁵

Segundo Blackmer, o grupo que Killian e Burchard consultaram entendeu ser necessário que o estudo incluísse também questões de comunicação, além dos assuntos técnicos. “Suppose VOA broadcast got through the jamming? Who should they be aimed at? What kind of messages should they be expected to deliver? And if the context were broadened in this way, should social scientists not be added to the team?”²⁰⁶ Ou seja, a proposta do MIT ao Departamento de Estado era no sentido de realizar um projeto que incluísse, além de físicos e engenheiros, também cientistas sociais dispostos a fazer pesquisa para fundamentar propaganda e guerra psicológica.

Em carta de 7 de agosto de 1950, Killian confirma ao Subsecretário de Estado que o Instituto estava preparado para realizar o estudo.²⁰⁷ Deveria ser uma pesquisa com duração de três meses, com previsão de entrega do relatório em janeiro de 1951. O projeto recebeu “the evocative code name of Project Troy, the idea being to smuggle a Trojan horse bearing the American vision of the world into the enemy camp.”²⁰⁸

O Projeto Troy contou com vinte e dois participantes em tempo integral, dos quais nove eram do governo, empresários ou de outras universidades. Do MIT, participaram: o economista Max Millikan, o psicólogo Alex Bavelas, o historiador Elting Morrison, o

²⁰⁵ Blackmer, D. L. M., 2002, p. 5.

²⁰⁶ Blackmer, D. L. M., 2002, p. 6.

²⁰⁷ Blackmer, D. L. M., 2002, p. 6 e n. 7, p. 30.

²⁰⁸ Blackmer, D. L. M., 2002, p. 4.

planejador urbano Burnham Kelly, os físicos Francis Friedman, Martin Deutsch e Albert Hill, e Jerome Wiesner, da Engenharia Elétrica e do Research Lab of Electronics (RLE). De Harvard, se integraram ao projeto: o físico Edward Purcell, o psicólogo Jerome Bruner, o historiador da Rússia Robert Wolff e o antropólogo Clyde Kluckhohn, este chefe do recentemente criado Russian Research Center, o primeiro centro de “estudos de área” estabelecido nos Estados Unidos.

O Centro de Estudos Internacionais do MIT começou suas atividades sob financiamento da CIA. Blackmer coloca – seguindo o que dizem W. W. Rostow, M. Millikan e J. Killian – a questão de que o financiamento deveria ter sido dado pelo Departamento de Estado que, no entanto, por falta de fundos, não pôde assumir esse encargo. Blackmer vai mais longe, porque se refere claramente a financiamento e a monitoramento do Centro. Diz que uma “decisão crítica” foi tomada:

The State Department decided that it could not, or should not, fund and monitor the Center, and the CIA instead accepted that role. Budgetary constraints seem to have been the primary reason for State’s decision, as Millikan and Rostow consistently said. [...] It seems plausible that the State Department, suffering badly from Senator McCarthy’s pursuit of ‘communists’, might have been wary of assuming responsibility for an academic research center that could possibly turn out to harbor left wingers. Since it intended to keep the relationship secret and was confident about its security clearance procedures, the CIA had no concerns on that score. And it was neither short of funds, nor accountable for how they were used. The solution was for it to supervise a research contract with the Center under a clause of the National Security Council’s charter [...].²⁰⁹

James Killian, “who was probably closer to the decision than anyone else outside government”, revela em suas *Memórias*, publicadas em 1985, que quando era Presidente do

²⁰⁹ Blackmer, D. L. M., 2002, p. 20.

MIT montou no Instituto, com financiamento da CIA, um Centro (Center for International Studies – CENIS, ou CIS) para fazer pesquisa secreta para fins de Guerra psicológica e propaganda na Guerra Fria.

The State Department wanted to finance the center, but it did not have the necessary free funds. It suggested, however, that funds available to the CIA could be called upon with the endorsement of the State Department, and we accepted this arrangement, including the continued classification of some of the work of the center. This was unfortunate because the CIA funding was later to bring into question the freedom of the center's work, even though those of us who knew the individuals involved had complete confidence in their integrity. I shared in this decision and came to regret it.²¹⁰

Killian chegou a arrepender-se de ter participado da decisão de acolher pesquisa secreta financiada e controlada pela CIA dentro de instituição universitária. Já Rostow, quando em 1967 lhe foi perguntado sobre o papel da CIA no CENIS, respondeu: “I make no apology for this.”²¹¹ Em publicação posterior, Rostow diz:

CENIS was created to bring a bear academic research on issues of public policy. It was financed by grants both the government and private foundations. The first agent for the government was the CIA, acting on behalf of the NSC [National Security Council] community. The sort of policy-oriented research we planned to do – on Communist societies and the developing regions – would have better fitted the State Department, which had policy responsibilities, rather than the CIA, which did not; but the State Department lacked the funds for such enterprises. Private foundations supported wholly the

²¹⁰ Killian, James R. Jr. *The Education of a College President: A Memoir*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985, apud Blackmer, D. L. M., 2002, p. 20 e n. 34, p. 32.

²¹¹ Morgan, Thomas B., “The most happy fella in the White House”, *Life*, 1 dez. 1967, apud Armstrong, 2000, p. 209, n.31.

CENIS work on development as well as a major study of American society in the late 1950s. The tie to the CIA in studies of Communist societies, however, proved congenial, and there was never the slightest effort by anyone in Washington to shape the conclusions we drew. Our major findings were published in conventional scholarly ways, and we gave the government such advice as we were moved by our studies to do.²¹²

No início de outubro, os necessários acertos com as instituições respectivas de cada um dos participantes do Projeto Troy já haviam sido feitos e a programação das atividades começava a tomar forma. Reuniões para a organização do trabalho foram marcadas para a última semana de outubro no Departamento de Estado, com presença rigorosamente controlada. “During the evenings team members were encouraged to stay in one of a block of adjoining hotel rooms to facilitate informal discussion.”²¹³

O trabalho começou na segunda-feira, 6 de novembro, na Lexington Field Station do MIT, fora de Boston. O relatório final do Projeto Troy, “classified top secret”, com oitenta e uma páginas, foi encaminhado ao Departamento de Estado em 15 de fevereiro de 1951, para ser duplicado. Nas semanas seguintes, foram sendo encaminhados, pouco a pouco, vinte e seis Anexos, formando três volumes adicionais.²¹⁴

Nils Gilman relata que

the report considered numerous propaganda alternatives or supplements to the VOA, including movies, intelligent travelers,

²¹² Rostow, W. W. *Europe After Stalin: Eisenhower's Three Decisions of March 11, 1953*. Austin: University of Texas Press, 1982, p. 35.

²¹³ Burchard memorandum, October 6, 1950, AC 125, Box 57, Folder 9, “Project Troy”, MIT Archives; Troy Report, Vol. 3, Annex 18, p. 1, apud Needell, Allan A., Project Troy and the Cold War Annexation of the Social Sciences, in Simpson, Christopher (Ed.). *Universities and Empire: Money and Politics in the Social Sciences during the Cold War*. New York: The New Press, 1998, pp. 3-38, p. 12-13 3 n. 41, p. 32.

²¹⁴ Needell, Allan A., 1998, p. 13.

library services, student exchanges, direct mail, professional journals, commercial publications, and even banal commodities such as flashlights and fountain pens.²¹⁵

O relatório adotava a expressão “political warfare” e defendia que “successful defense against Communist expansionism depended on providing social and economic carrots as much as propagandistic and military sticks.”²¹⁶

O relatório principal termina com algumas discussões de caráter geral. A primeira se refere a planejamento e sua conclusão é de que “is not at present in a highly developed stage, probably because no specific agency in the government is now charged with this overall planning function.” A segunda discussão geral é sobre a opinião pública americana: “The present situation, calls for a thorough and continuing study of the fundamental attitudes and values of the American people as a factor in the formulation, preservation, and acceptance of foreign policy decisions.”²¹⁷ Entre as recomendações encaminhadas no relatório, uma é considerada como tendo tido influência direta na decisão do Presidente ao criar, em abril de 1951, o Psychological Strategy Board.²¹⁸

Num dos Anexos do relatório, assinado por cinco dos participantes do Projeto Troy, eles defendem uma política de “careful planning of basic research requirements carried out jointly by policy makers, government research officers, and university scholars [and] implemented by a flexible policy of contractual grants to university centers.” Recomendam

²¹⁵ Gilman, Nils, 2003, p. 157.

²¹⁶ Gilman, Nils, 2003, p. 157.

²¹⁷ *Troy Report*, Vol. 1, p. 79, apud Needell, 1998, p. 19 e n. 60, p. 34. O relatório do Projeto Troy se encontra em: Massachusetts Institute of Technology, “Project Troy Report to the Secretary of State”, General Records of the Department of State, Record Group 59, lot file 52-283, National Archives, Washington, D. C.

²¹⁸ Cf. Needell, Allan A. *Science, Cold War and the American State: Lloyd V. Berkner and the Balance of Presidential Ideas*. Australia: Harwood Academic Publishers, 2000, p. 171, apud Blackmer, D. L. M., 2002, p. 14 e n. 23, p. 31.

que “as much research as possible be allocated by contract to private research centers and universities in order that a wide array of talent outside of the government may be brought to bear on the critical problems of political warfare.”²¹⁹

Antes mesmo de concluído o Projeto Troy, continuaram os entendimentos para a continuação das pesquisas no MIT, referidas inicialmente como “Troy Plus”. No outono de 1951 teve início um estudo sobre “Vulnerabilidade Soviética”, sob a direção de W. W. Rostow.²²⁰ Este era um dos três estudos específicos recomendados pelo Projeto Troy para serem realizados secretamente. Dos outros dois, um foi dirigido por Clyde Kluckhohn e visava obter informações sobre a União Soviética por meio de entrevistas com desertores; o outro, dirigido por Alex Bavelas, era chamado de “overload and delay”. Needell informa que “a maior parte do trabalho” do projeto de Kluckhohn e “virtualmente todo o trabalho” do projeto de Bavelas continuava secreto (“classified”) quando de sua pesquisa (publicada em 2000).

Os resultados do estudo sobre a sociedade soviética, conduzido por Rostow, foram apresentados sob duas formas: uma versão secreta, para circulação restrita no governo, e uma versão “sanitized”,²²¹ que veio a ser publicada como livro: *The Dynamics of Soviet Society*,²²² no qual não há menção de que ele seja resultado de pesquisa financiada pela CIA.

²¹⁹ Troy Report, Vol. 3., Annex 2, p. 4, citado em Needell, A. A., 2000, p. 171-172, apud Blackmer, D. L. M., 2002, p. 14 e n. 24, p. 31. Needell identifica, em artigo anterior, os referidos cinco cientistas sociais e historiadores como sendo: Jerome Bruner, Francis Friedman, Donald Marquis, Robert Morison e Robert Wolff (Needell, Allan A., “ ‘Truth is Our Weapon’: Project Troy, Political Warfare, and Government-Academic Relations in the National Security State”, *Diplomatic History*, 17, No. 3, 1993, p. 399-420).

²²⁰ Em carta ao Secretário de Estado Dean Acheson, Rostow diz, perceptivelmente não-confortável ou não-satisfeito com a tarefa: “My entrance into this field would appear to be based on the view that total ignorance was a necessary and almost sufficient requirement.” (Carta, Rostow to Acheson, 13 de agosto de 1951, Acheson Papers, Box 26, Folder 338, Yale Archives), apud Armstrong, 2000, p. 209, n. 33.

²²¹ Cf. Armstrong, 2000, p. 214.

²²² Rostow, W. W. *The Dynamics of Soviet Society*. New York: W. W. Norton, 1953. Consta na folha de rosto do livro que ele é de autoria de W. W. Rostow, em colaboração com Alfred Levin e com a assistência de outros do Center for International Studies, M. I. T. Na Apresentação do livro, datada de

Armstrong esclarece que o contrato entre a Norton e o MIT para a edição estabelecia apenas que estava sujeito a “certain agreements” entre o MIT e o governo dos Estados Unidos.²²³ Ainda de acordo com Armstrong, em fins de 1961 o livro *Dynamics of the Soviet Society* havia vendido 131. 947 cópias, tornando-o o mais vendido volume publicado pelo CENIS.²²⁴

Há um Prefácio, assinado por Max F. Millikan, então Diretor do CENIS-MIT, datado de 10 de agosto de 1953, dizendo que o livro é resultado de uma série de investigações realizadas no Center for International Studies do MIT. No final, porém, faz a ressalva de que

We do not present this or any of our other studies as representing the views of the Center for International Studies, much less those of the Massachussets Institute of Technology. It is one purpose of the Center to encourage presentation by individuals of thoughtful, responsible and stimulating ideas bearing on the issues America faces today. We feel they will do this more effectively if the force of their ideas is not diluted through ‘clearance’ with their colleagues or sponsors. But we do present this volume in the conviction that Mr. Rostow’s analysis deserves serious attention by all who would understand more fully the nature of contemporary Soviet society.²²⁵

Rostow aborda a constituição do CENIS de uma maneira um tanto diferente da que Blackmer registra. Diz Rostow:

At MIT both Max Millikan and I were asked to take up posts in Washington as the United States faced up to war in Korea. We, however, thought the Cold War was a long-term proposition and

maio de 1953, Rostow indica os nomes dos que participaram do estudo, mencionando quem foi responsável pela redação de cada uma das partes que compõem o livro.

²²³ Memo of Agreement, July 28, 1953, MC 188, Box 12, Folder 461, Institute Archives and Special Collections, MIT Libraries, Cambridge, Mass., apud Armstrong, 2000, p. 214 n. 43.

²²⁴ Armstrong, 2000, p. 214 e n. 44.

²²⁵ Rostow, W. W. *The Dynamics of Soviet Society*, p. IX.

instead proposed that we set up a center for international studies to help the nation and government with analysis of three dimensions of the Cold War: the dynamics of the Communist world, the dynamics of the developing world, and the evolution of American society. One of our first efforts was a book I did with the help of several others entitled *The Dynamics of Soviet Society* [...].²²⁶

Rostow recorda que no estudo sobre a vulnerabilidade soviética faz considerações sobre o provável impacto que a morte de Stalin poderia ter na sociedade soviética, o que de fato se encontra, especialmente nos capítulos 11 e 15. Entregue em agosto de 1952, o relatório da pesquisa circulou amplamente nas esferas do governo Eisenhower, facilitando a aproximação de Rostow com o governo em março de 1953.

²²⁶ Rostow, W. W. *Concept and Controversy. Sixty years taking ideas to market*. Austin: University of Texas Press, 2003, p. 97.

8.2 -- A Conferência de Princeton e o Plano Econômico Mundial

Em 15 e 16 de maio de 1954, houve uma reunião *off-the-record*, em Princeton, patrocinada pela grande corporação Time, Inc., o império de imprensa de Henri Luce.²²⁷ A chamada Conferência Econômica de Princeton foi coordenada por C. D. Jackson e organizada com o apoio de Max Millikan e W. W. Rostow, tendo como tema central a formulação de um Plano Econômico Mundial. Segundo Rostow, a idéia que levou a essa reunião começou em um encontro entre o Secretário de Estado John Foster Dulles e C. D. Jackson.

Conforme os dados da Biblioteca Eisenhower, Charles Douglas Jackson foi Special Assistant to Presidente Eisenhower em 1953–1954.

His area responsibility was loosely defined as international affairs, cold war planning, and psychological warfare. His main function was the coordination of activities aimed at interpreting world situations to the best advantage of the United States and her allies and exploiting incidents which reflected negatively on the Soviet Union, Communist China and other enemies in the Cold War. Jackson's background in psychological warfare during World War II (see finding aid to the C.D. Jackson Papers) prepared him for the task.²²⁸

C. D. Jackson atuava nas áreas de imprensa, de informação e de guerra psicológica. Em 1931, foi Appointment Assistant do Presidente da Time, Inc.; em 1945

²²⁷ Ver Rostow, W. W. *Diffusion of Power*, p. 89. Cf. Armstrong, 2000, p. 308 e nota 3, esta indicação se encontra em “Proceedings of the Off-the-Record Conference held under the auspices of Time, Inc.”, 5/15-16/54, MC 188, Box 8, folder 226, Institute Archives and Special Collections, MIT Libraries, Cambridge, Mass., p. 10. Pearce, 2001, p.136, nota 17, também indica a fonte, que encontra em “Proceedings of the Off-the-Record Conference Held under the Auspices of Time, Inc., May 15-16, 1954, Princeton Inn, Princeton, N. J.”, C. D. Jackson Papers, Box 83, Princeton Economic Conference, Transcripts, DDE, 8-11.

²²⁸ As atribuições de C. D. Jackson aqui indicadas estão em Dwight D. Eisenhower Library, Abilene, Kansas, Jackson, C. D.: Records, 1953-54. Disponível em <http://www.eisenhower.utexas.edu/listofholdingshtml/listofholdings/JACKSONCDRecords195354.pdf>. Acesso em 13/10/2007.

tornou-se Managing Director da Time-Life International; em 1949 foi Editor da revista *Fortune* e em 1960 da revista *Life*; em 1951-1952 foi Presidente do Comitê Europa Livre, dirigindo a Rádio Europa Livre.²²⁹ Em 1940 foi Presidente do Council for Democracy; em 1942-1943 foi Assessor Especial do Embaixador dos Estados Unidos na Turquia; em 1943-1944 foi Deputy Chief do Psychological Warfare Branch (PWB) das Allied Forces Headquarters (AFHQ); em 1944-1945 foi Deputy Chief da Psychological Warfare Division (PWD), Supreme Headquarters, Allied Expeditionary Force (SHAEP). Em 1952 tornou-se escritor de discursos (speechwriter) para Dwight Eisenhower. Em 1953 participou do President's Committee on International Information Activities (Jackson Committee); de 16 de fevereiro de 1953 a 31 de março de 1954 foi Special Assistant to President for International Affairs; em 1954 foi Delegado dos Estados Unidos à Nona Assembléia Geral das Nações Unidas; em 1958 foi escritor de discursos e consultor do Presidente Eisenhower.²³⁰

Quando C. D. Jackson estava deixando a função de assessor especial do Presidente Eisenhower e voltava a assumir seu posto na grande corporação Time, Inc. e como editor da revista *Fortune*, foi chamado por Foster Dulles. Rostow transcreve as anotações do diário de Jackson:

JFD asked me to lunch with him and Bowie.²³¹ Discussed sad state of affairs. He repeated the statement that only real things done in foreign

²²⁹ Free Europe, Inc., foi criada em 1949 como uma corporação privada, não-lucrativa, para radiodifusão de notícias e de programas de variedades para os países da Europa Oriental atrás da Cortina de Ferro. O Liberty Committee, Inc. foi criado dois anos mais tarde, seguindo a mesma linha de radiodifusão dentro da União Soviética. Ambos eram financiados principalmente pelo Congresso dos Estados Unidos, através da CIA, mas também recebiam doações privadas suplementares. As duas corporações foram fundidas numa única Radio Free Europe/Radio Liberty, Inc. em 1975. Disponível em <http://www.rferl.org/about/organization/history.asp>. Acesso em 13/10/2007.

²³⁰ Dwight D. Eisenhower Library, Abilene, Kansas, Jackson, C. D.: Records, 1953-54. Disponível em <http://www.eisenhower.utexas.edu/listofholdingshtml/listofholdings/J/JACKSONCDRecords195354.pdf>. Acesso em 13/10/2007.

²³¹ Robert Bowie é então chefe do Staff de Planejamento do Departamento de Estado e um dos assessores mais próximos de Foster Dulles.

policy had been April and December speeches.²³² Asked for a new idea. Uncorked world economic plan and new Princeton Conference. Very enthusiastically received. Later went over possible names with Bowie.²³³

Rostow relata que em 30 de março Jackson almoçou com Millikan e solicitou sua ajuda para organizar o encontro de Princeton que havia proposto a J. Foster Dulles. Em 9 de abril, C. D. Jackson encaminhou um memorando “pessoal e confidencial” ao Secretário de Estado.²³⁴ Jackson diz que a estrutura da aliança do mundo livre está em grave perigo, “because we do not really have a long-term economic policy, outside of financial shoring up of military requirements”.²³⁵ Fala do “particular vacuum in our leadership” e pondera que é urgente construir uma política econômica de longo-prazo e mostrar ao mundo que os Estados Unidos têm “outro caminho”, além das bombas, a oferecer.²³⁶

C. D. Jackson sugere que o novo caminho a ser apresentado contenha “the novelty or the drama to capture popular imagination”. Para ele, “What the United States needs, in the development of its foreign policy, in its successful counter to Soviet expansion, in its determination to roll back Communism by peaceful means, is a bold, imaginative plan embracing not just one, but all, of the possible elements involved.”²³⁷ Reclama, assim, a

²³² Refere-se aos discursos de Eisenhower de 16 de abril de 1953 (“The Chance for Peace”) e de 8 de dezembro de 1953 (“Atoms for Peace”).

²³³ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, p. 95-96. Rostow esclarece que a referência à “nova” Conferência de Princeton faz alusão ao encontro de maio de 1952 “of government and non-government men concerned with psychological warfare policy”. Ibid., nota 47, p. 319.

²³⁴ O texto (parcial) do memorando está publicado em Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 245-249. O documento se encontra em C. D. Jackson to John Foster Dulles, Princeton Economic Conference, 5/54 – Memo to Secretary of State, C. D. Jackson Papers, Box 82, Eisenhower Library, 4, cf. Haefele, 2000, p. 140.

²³⁵ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 246.

²³⁶ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 246-247.

²³⁷ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 247-248

elaboração do que chama um “Plano Econômico Mundial”, que tenha apelo dramático suficiente para ser entendido pelas pessoas. Diz ele: “if *people* want it, *governments* will want it”.²³⁸

Sugere que se reúna “the best people we can find” para uma reunião num fim-de-semana “to consider the broad shape such a synthesis should take”.²³⁹ Depois se poderia definir uma pequena comissão de redação, rediscutir e, se um plano puder ser esboçado, encaminhar então ao governo.

A Conferência de Princeton foi convocada em caráter privado, não-oficial, e foi realizada no Princeton Inn, Princeton. O convite foi feito por C. D. Jackson, da Time, Incorporated. Nele,²⁴⁰ Jackson menciona que está convidando “a group of men from economics, agriculture, science, banking, industry, labor and government to spend the weekend of May 15-16 with me in Princeton, New Jersey, in a serious and concerted effort to make a start on the thinking and planning needed to generate a world economic plan.”. C. D. Jackson explica que “All those attending would represent themselves and not their organizations and there is no personal or organizational commitment involved. There will be no publicity whatsoever.”²⁴¹ O convite é assinado por C. D. Jackson, Time Incorporated.

De acordo com a transcrição da Conferência, os participantes são: Samuel W. Anderson (Assistant Secretary of Commerce); George B. Baldwin (MIT Center for International Studies); Lloyd V. Berkner (President, Associated Universities, Inc.); General Robert Cutler (Special Assistant to the President); Allen W. Dulles (Director, Central

²³⁸ Rostow. W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 248, grifado no original.

²³⁹ Rostow. W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 248.

²⁴⁰ O convite está publicado em Rostow. W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 248-249.

²⁴¹ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 249.

Intelligence Agency); Arthur Flemming (Director, Office of Defense Mobilization); Robert Garner (Vice-President, The International Bank); Gabriel Hauge (Administrative Assistant to the President); C. D. Jackson (Time Incorporated); John K. Jessup (Time Incorporated); Edward S. Mason (Harvard University); David J. McDonald (President, United Steel Workers of America); Thomas McKittrick (Chase National Bank); Max Millikan (President, Center for International Studies, MIT); H. Chapman Rose (Assistant Secretary of the Treasury); Walt W. Rostow (Center for International Studies, MIT); Harold E. Stassen (Director, Foreign Operations Administration); Charles L. Stillman (Vice-President, Time, Incorporated); Abbott Washburn (U. S. Information Agency); John MacKenzie (Atomic Energy Commission); Jerome Wiesner (Electrical Engineering, Research Lab of Electronics, MIT). Obs.: Allen Dulles, Harold Stassen e o Gal. Robert Cutler não permaneceram para a reunião de domingo; John Jessup e H. Chapman Rose só chegaram na manhã de domingo.²⁴² Blanche Wiesen Cook informa que Richard Bissell (CIA), Robert Bowie (State Department) e Arthur Burns (Chair of the Council of Economic Advisers), também participaram da Conferência.²⁴³

Com base na transcrição oficial da Conferência Econômica de Princeton,²⁴⁴ principalmente Mark H. Haefele e também Kimber Charles Pearce relatam algumas intervenções e transcrevem algumas discussões bastante esclarecedoras. C. D. Jackson preside

²⁴² Rostow, W. W. *Diffusion of Power*. p. 89 e *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, Apêndice D, p. 250-251; também em "Proceedings of the Off-The-Record Conference held under the Auspices of Time, Inc., 5/15-16/54, MC 188, Box 8, Folder 226, Institute Archives and Special Collections, MIT Libraries, Cambridge, Mass., p. 10; e em Princeton Economic Conference, Transcript, (I) 1-2, C. D. Jackson Papers, Box 83, Eisenhower Library, p. 217, apud Haefele, 2000, p. 141. A partir de agora, esta transcrição será designada PECT.

²⁴³ Cook, Blanche Wiesen. *The Declassified Eisenhower: A Divided Legacy*. 1st ed. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1981, p. 391.

²⁴⁴ Sem ter acesso direto aos arquivos, que se encontram em diversas bibliotecas nos Estados Unidos, é preciso recorrer ao que deles se encontra publicado, editorialmente ou em teses e dissertações. Tenho clareza de que, especialmente quando se trata de excertos, eles são uma decorrência necessária do objeto específico da pesquisa e do objetivo do autor, que o levam a fazer aqueles recortes do texto e não outros. Recorro, portanto, a esse material com cautela e procuro situar o mais precisamente possível as fontes utilizadas.

o encontro e, nesta condição, dirige os trabalhos. Afirma ele que era necessário superar a divisão que os *policymakers* costumavam fazer entre a política interna e a política externa dos Estados Unidos. Assim seria possível transmitir a mensagem americana de liberdade por meio da diplomacia econômica. Com este objetivo, Jackson encaminhou a reunião de Princeton propondo quatro questões sobre as quais pediu aos participantes que se pronunciassem:

- (1) What national purposes might a world economic plan serve?
- (2) What was the Free World's economic problem in broad terms?
- (3) What could the United States do to stimulate and maintain a "partnership for growth"?
- (4) What could the Princeton Inn group do to induce policy action and continuity of action on a world economic plan?²⁴⁵

Iniciada a reunião, Jackson convida os presentes a discutirem aberta e livremente as questões propostas. Diz ele:

[D]on't consider the political feasibility of things, because if we start getting bogged down now on the political feasibility, this is just going to be just another group of "do-gooders" coming out with a nice report which will hit the archives with a dull thud.²⁴⁶

C. D. Jackson encaminha a discussão indicando duas fragilidades econômicas que existem no mundo livre e que podem permitir aos comunistas alguma vantagem: "The first is countries that cannot find markets large enough for their own goods to buy what they need

²⁴⁵ "Proceedings of the Off-the-Record Conference Held Under the Auspices of Time, Inc., May 15-16, 1954, Princeton Inn, Princeton, N. J.", C. D. Jackson Papers, Box 83, Princeton Economic Conference, Transcripts, DDE, p. 8-11, apud Pearce, K. C. *Rostow, Kennedy, and the Rhetoric of Foreign Aid*. East Lansing: Michigan State University Press, 2001, p. 55.

²⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 3, apud, Pearce, K. C. 2001, p. 55.

without our help. This is the plight of Great Britain [...], Germany, [and] Japan. It is the plight of others whom we need as strong and not as resentful partners."²⁴⁷

A segunda fragilidade é que as nações subdesenvolvidas precisam dos bens produzidos pelos países industrializados, mas “because they cannot get those things, they become increasingly vulnerable politically”.²⁴⁸ C. D. Jackson aponta a constituição de um Plano Econômico Mundial com o qual superar essas duas fragilidades por meio de uma parceria para promover o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos.

Colocada a questão dessa forma, C. D. Jackson se dirige aos participantes, indagando deles se esta idéia atende de fato ao interesse dos Estados Unidos. Respondem imediatamente ao seu questionamento o Diretor da CIA, Allen Dulles, e o Assessor Especial do Presidente Eisenhower, General Cutler:

CHAIRMAN JACKSON: But I raise the question, is it really in the interest of the United States: If it is, let's try to spell out why indeed it is in the interest of the United States.

MR. [ALLEN] DULLES: Do you think you really have to discuss that long? Is there any debate on this question in anybody's mind that it is in our national interest?

CHAIRMAN JACKSON: There isn't in mine.

GENERAL CUTLER: There isn't in mine, either."²⁴⁹

Analisando essas transcrições, o tom da discussão e seu encaminhamento parecem bastante claros, colocando as questões-chave de forma direta e muito firme, da parte do ex e do atual Assessor Especial do Presidente e da parte do Diretor da CIA.

²⁴⁷ Jackson, PECT, p. 9, apud Haefele, Mark Henry. *Walt Rostow, Modernization, and Vietnam: Stages of Theoretical Growth*, 2000, p. 141.

²⁴⁸ C. D. Jackson, Princeton Economic Conference Transcription (PECT), p. 9, apud Haefele, 2000, p. 142.

²⁴⁹ PECT, p. 14, apud Haefele, 2000, p. 142.

A discussão sobre as razões pelas quais a ajuda às nações pobres é tão importante demarca bem os campos (ideológico, econômico e militar) e indica o quanto eles são vinculados uns aos outros. Para Jackson, “It is both the ideological, satisfying the missionary and evangelical spirit of the United States, and also economically practical. And also, militarily essential.”²⁵⁰

Harold Stassen, diretor da Foreign Operations Administration (FOA), do Departamento de Estado, intervém: “In other words, I think it is all three, and you cannot separate them.”²⁵¹

De acordo com Pearce, o que foi excepcional na discussão do primeiro dia da Conferência de Princeton Inn foi “the recognition by all the participants of the need to clarify the plan so that the details could be communicated persuasively to the American people and to peoples abroad as a supplement to American psychological warfare efforts.”²⁵²

Em termos da questão interna aos Estados Unidos, houve questionamentos importantes. Vários participantes manifestaram dúvidas sobre a compreensão que o americano médio poderia ter de que seja do interesse nacional dos Estados Unidos deslocar recursos para serem aplicados fora do país e promover o crescimento econômico de outros países. Harold Stassen, Diretor da Foreign Operations Administration, afirmou que “there is a tremendous educational job internally that needs to be done”.²⁵³

Gabriel Hauge, Assessor Administrativo do Presidente, colocou a questão assim:

²⁵⁰ Jackson, PECT, p. 41, apud Haefele, 2000, p. 142 e n. 92.

²⁵¹ Stassen, PECT, p. 41, apud Haefele, 2000, p. 142 e n. 93, p. 143.

²⁵² Pearce, K. C., 2001, p. 56-57.

²⁵³ “Proceedings of the Off-the-Record Conference Held Under the Auspices of Time, Inc., May 15-16, 1954, Princeton Inn, Princeton, N. J.”, C. D. Jackson Papers, Box 83, Princeton Economic Conference, Transcripts, DDE, p. 18, apud Pearce, K. C., 2001, p. 57 e n. 22, p. 136.

I would not assume that the American people, by and large, have a very clear idea of the national interest in expanding economic health of other nations in any real sense at all. [...] Maybe a small share of Americans understands that if the Italian standard of living does not go up, they will have communism [...] but I wonder if one of our real problems here isn't dramatizing this thing in terms that have reality to more than six per cent of the American people – or I might even go lower than that.”²⁵⁴

O General Cutler, que em intervenção anterior havia sido enfático quanto a que o plano econômico mundial servia ao interesse nacional dos Estados Unidos, desta vez perguntou por que alocar recursos fora do país: “Take India where we have no military program. We have all kinds of programs. One hundred and four million dollars, of course, is chicken feed. But that is a lot of money in Iowa, and we are spending it in India. Why?”²⁵⁵

Quando Thomas McKittrick, do Chase National Bank, levantou a questão em termos mais gerais, seguiu-se o seguinte diálogo:

MCKITTRICK: "I have lain awake nights and sat up late trying to think out and to talk out, how can we convince the people of the United States that the United States is going to be better off if the rest of the world is going to be better off?"
 [CHAIRMAN JACKSON]: "You know it's true, though, don't you?"
 MCKITTRICK: "I know it's true."
 CHAIRMAN JACKSON: "And you're damned smart, and everybody else knows it's true. But we have not been able to articulate it.”²⁵⁶

²⁵⁴ Hauge, PECT, p. 74, apud Haefele, 2000, p. 144 e n. 99.

²⁵⁵ Cutler, PECT, p. 74, apud Haefele, 2000, p. 144 e n. 99.

²⁵⁶ PECT, p. 22, apud Haefele, 2000, p. 144 e n. 97.

Sobre a questão colocada por Hauge de que o americano médio dificilmente possa ter clareza de que seja do interesse nacional dos Estados Unidos a expansão da riqueza em outros países, cabe perguntar-se como – num país que se afirma tão arraigadamente democrático e com índices tão altos de desenvolvimento, presume-se que não apenas econômico, mas também desenvolvimento político e social – a sua população de um modo geral não consegue reconhecer o que é do interesse nacional, o que parece indicar um grau baixo de discussão política interna e, portanto, um conseqüente grau baixo de consciência social, não esperável em uma democracia sólida e bem constituída.

Além disso, uma coisa é o americano médio, não-esclarecido, não ter essa consciência de onde está o interesse nacional. Mas outra coisa são os políticos de expressão, num país capitalista que se torna grande potência mundial, não entenderem onde está o interesse do capital.

Também vale a pena notar a forma de intervenção de C. D. Jackson quando uma questão como essa de McKittrick é colocada. Fica a impressão de, em horas como essa, ele dirigir com pulso um tanto firme demais o rumo da discussão. Pode-se tomar esse tipo de intervenção como um indicador de que a Conferência se tratava, na verdade, de uma reunião política de ampliação de uma proposta já razoavelmente bem estruturada e que se queria ver colocada, com uma base de apoio maior, na pauta da Presidência dos Estados Unidos, bem mais do que uma reunião para ampliar a discussão para formatar uma proposta.

O que mais chama a atenção, porém, é que na discussão de um plano econômico mundial não são colocadas as questões mais fundamentais do ponto de vista econômico dos Estados Unidos. Quanto à intervenção de McKritick citada, por vir de um diretor de um banco como o Chase National Bank, penso que se deve sublinhar na sua fala o termo *convencer*. A preocupação expressada por alguém que faz parte da direção de uma grande empresa de capital bancário é de *como convencer o povo americano* de que a expansão dos negócios e da

riqueza dos Estados Unidos tem a ver com a expansão da riqueza em outros países. Porque o capital bancário conhece muito bem quais são os seus interesses na expansão econômica capitalista que está sendo proposta nessa reunião através de um plano econômico mundial, a ser concretizado, sobretudo, via exportação de capitais.

C. D. Jackson aproveitou a questão de McKrittic para dar mais um passo importante para a construção ideológica do projeto de plano econômico mundial. Avançou no sentido de mostrar que *faltava articular a argumentação necessária para encaminhar o plano internamente, para o público americano, e conseguir sua adesão*. É o momento para o Professor Rostow intervir. Rostow reclama do que de fato o incomodava já há algum tempo, a necessidade de ter que enfrentar tantas e fortes resistências políticas a uma orientação que ele julga ser correta do ponto de vista do capital – o que ele expressa, naturalmente, ora como de interesse nacional, ora como útil. Pela transcrição, ele fala da frustração de "trying to get concrete things done against the resistances that arise when men are confronted with a choice of doing or not doing something that we instinctively know is useful."²⁵⁷

Rostow indica quatro argumentos que a seu ver devem ser enfatizados para clarificar a necessidade e a utilidade do plano econômico mundial.

1. "The economies of our Allies are such that they cannot simultaneously maintain adequate security forces and a rising standard of living."²⁵⁸
2. afirma a necessidade de "good economies" "to establish the indispensable foundation for military action and counter-subversion".²⁵⁹ No primeiro argumento, Rostow se refere a custos e à disponibilidade de recursos para aplicar militarmente, para fins de defesa, e para aplicar na economia, para promover elevação do padrão

²⁵⁷ Rostow, PECT, p. 24 apud Haefele, 2000, p. 144-145 e n. 100.

²⁵⁸ Rostow, PECT, p. 25, apud Haefele, 2000, p. 145 e n. 101.

²⁵⁹ Rostow, PECT, p. 25, apud Haefele, 2000, p. 145 e n. 102.

de vida da população. Neste segundo ponto, a questão não se restringe ao campo do econômico e das estratégias para a alocação dos recursos. Aqui, a economia aparece como fundamento indispensável para uma determinada condição social que Rostow costuma situar no ideológico, no qual se configuram as convicções e as aspirações, desde que se consiga alcançar os corações e as mentes. Rostow diz aí que “no amount of military strength” consegue tal efeito. Esta é para ele uma questão-chave. Para serem eficazes, pensa Rostow, a força e a ação militares dependem do que se poderia chamar de idéias-força, idéias com capacidade de mobilizar as pessoas. Sem isso, o poder ou a ação militar por si só não dão conta de conter o avanço comunista, que, segundo ele, se alastra nas aspirações das populações por uma vida melhor.

3. Rostow reforça o argumento utilizado por C. D. Jackson de que a economia americana pode crescer mais e mais rápido se conseguir expandir seus mercados no exterior;
4. Rostow afirma que os Estados Unidos têm “um autêntico interesse ideológico no mundo”, porque é necessário prevenir que a América se torne uma “praça forte democrática” (“democratic garrison”) (guarnição fortificada).²⁶⁰ O argumento aí é o de uma ameaça de cerco totalitário, dentro do qual os Estados Unidos ficariam como que uma ilha democrática fortemente armada e sempre pronta para a eventualidade de um ataque que esse isolamento de tipo insular tornaria muito fácil atingir o país, o que, Rostow enfatiza, é preciso impedir.

O General Cutler havia insistido em que a questão do objetivo nacional precisava ser esclarecida, tanto em relação à política interna, quanto em relação à política externa,

²⁶⁰ Rostow, PECT, p. 26-27, apud Haefele, 2000, p. 146 e n. 104.

considerando-se ou os Estados Unidos ele mesmo, isolado, ou os Estados Unidos como o líder do Mundo Livre. Conforme o relato de Pearce, Millikan e Rostow defenderam que o plano deveria abranger o bem-estar dos Estados Unidos e também das nações em desenvolvimento: “They argued that, although the operations of the initiative should be kept separate from those of the military in order to ensure that the Soviets could not label it a new form of imperialistic aggression, the initiative would serve the ends of national security.”²⁶¹ A intervenção de Rostow é no sentido de que

It is that quite aside from our literal security interests in the world, quite aside from our literal economic interests in the world, there is, if you like, an authentic American ideological interest in the world, and it is that other societies develop not in the image of the United States, but according to some version of the humanistic tradition which is appropriate to their culture. [...] But we do have a faith that if men are making their choices without economic frustration, without social frustration and without military danger – we have a faith, and there is a lot to back us – that they will opt for societies which can live congenially with ourselves and give it an environment in which we don’t become a democratic garrison. And this is a real interest.²⁶²

De acordo com Haefele, Rostow colocou ênfase especial no quarto dos seus argumentos. Diz que “while he cautioned that the U. S. could not impose its institutions on the rest of the world, America would be best served if ‘some version of the humanistic tradition’ was the guiding light of other nations.”²⁶³ Acredito que na Conferência de Princeton Rostow tenha enfatizado a questão democrática conforme ela aparece no quarto ponto da sua

²⁶¹ Pearce, K. C., 2001, p. 56.

²⁶² “Proceedings of the Off-the-Record Conference Held Under the Auspices of Time, Inc., May 15-16, 1954, Princeton Inn, Princeton, N. J.”, C. D. Jackson Papers, Box 83, Princeton Economic Conference, Transcripts, DDE, p. 26, apud Pearce, K. C., 2001, p. 56.

²⁶³ Haefele, 2000, p. 146.

argumentação ali. Ele sempre demonstra precaução não somente quanto à possibilidade de transplantar instituições tais como as que foram estabelecidas nos Estados Unidos para outros países, como também quanto à suposição de conexão mais ou menos automática, ou necessária, entre crescimento econômico e democracia. Parece-me, no entanto, que a ênfase que ele possa conferir a essa questão da necessidade de garantir o não-isolamento político-ideológico dos Estados Unidos, no conjunto das suas formulações passa necessariamente pelo segundo ponto desta sua intervenção na Conferência de Princeton, ou seja, da necessidade de “boas economias” como fundamentação indispensável para resistir aos apelos de tipo comunista nos países subdesenvolvidos – o que leva Rostow a tomar como objetivo principal de uma política estratégica para os Estados Unidos a difusão entre os povos subdesenvolvidos da idéia de que o progresso econômico é possível para esses povos e que esta possibilidade pode ser concretizada a prazo razoavelmente curto. Em resumo, o fundamento inicial da política do desenvolvimento.

Encontro no próprio Haefele uma referência que parece apoiar essa minha linha de análise. Após o término da Conferência, Millikan e Rostow continuam trabalhando na revisão (melhor dizendo, nas revisões, que são várias) dos seus textos. Haefele se reporta a uma das versões desse texto, em que Millikan e Rostow dizem o seguinte:

In the long-run we must rely on the development, in partnership with others, of an environment in which societies which directly or indirectly menace ours will not evolve. We believe the achievement of *a degree of steady economic growth* is an essention [essential] part of such an environment. And, in the end, our ability to sustain the kind of civilization which is our Way of Life is at stake.²⁶⁴

²⁶⁴ Millikan & Rostow, “The crisis of 1954”, Princeton Conference 5/54 – Follow-Up, C. D. Jackson Papers, Box 83, Eisenhower Library, 4, apud Haefele, 2000, p. 146 e n. 105, grifado por mim, F. D. R.

O grande objetivo que move Rostow insistentemente e o faz manter-se em ação incansavelmente, todo o tempo, é a política do desenvolvimento, na qual ele concentra e une o econômico e o ideológico, que juntos criam as condições para alcançar as metas políticas visadas e para garantir a defesa – em sentido limitado, do território do país e em sentido amplo, do capitalismo e do modo de vida americano. Neste excerto de “The crisis of 1954”, Millikan e Rostow dizem que basta alcançar tão somente um grau de crescimento econômico regular, que consideram essencial para criar um ambiente em que sociedades que ameacem os Estados Unidos não evoluam, ou não encontrem condições para evoluir. Não falam na necessidade de uma taxa de crescimento econômico alta, nem desenvolvimento sustentado, como Rostow irá definir no seu Manifesto, *The Stages of Economic Growth*. Mesmo lá, porém, não deixará de mencionar que o necessário mesmo é que, uma vez que a idéia de desenvolvimento seja tomada como meta, o que se faz necessário é garantir “um certo grau” de desenvolvimento.

As duas grandes questões colocadas até então tinham sido a do interesse nacional dos Estados Unidos na política de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos e a da dificuldade de convencer o povo americano de que esta política atende ao interesse nacional dos Estados Unidos. Na tarde de sábado, 15 de maio, da Conferência de Princeton, a sessão dedicou-se a discutir se os países-alvo daquela política teriam interesse em participar dela. Allen Dulles (CIA), referindo-se ao sudeste asiático, se expressou do seguinte modo: “Do you think we have firmly persuaded the people of that area that it is better to be in our economic orbit than in the Soviet orbit – to put it brutally?”²⁶⁵

Para os setores de informação e segurança, não havia dúvidas quanto a que esse tipo de questão dependia de persuasão. Eles não esperavam que os povos subdesenvolvidos, como já os qualificavam, quisessem, desejassem ou aspirassem ao desenvolvimento sob o

²⁶⁵ Allen Dulles, PECT, p. 70, apud Haefele, 2000, p. 147.

patrocínio e o controle – mesmo que designado como “ajuda” – dos Estados Unidos. Era preciso encontrar meios de persuadi-los a aceitar esse tipo de construção para as suas sociedades. Sobre a outra questão, posta sem rodeios pelo Diretor da CIA, sob qual órbita esses países prefeririam ficar, naquele momento da história estava posta concretamente a possibilidade de uma alternativa para a vida dos povos que tinham vivido a brutalidade da experiência colonial. Pelo menos, estava posta a possibilidade dessa discussão sobre alternativas históricas. O debate sobre a sociedade existente e sobre as opções que podiam abrir-se alimentava vivamente o campo político no período. O chamado progresso, ou o crescimento econômico, não era o centro das preocupações ou o objetivo principal já-posto. Aquelas sociedades que à época passaram a ser designadas como subdesenvolvidas ainda não estavam encharcadas da ideologia capitalista. A meu juízo, esse era “o” problema que Rostow apreendia com uma clareza que nem todos (na verdade, muito poucos) conseguiam alcançar, embora constituísse o grande nó para a expansão capitalista naquele momento.

O setor financeiro, que era um dos mais diretamente e imediatamente interessados, tinha as melhores condições para uma percepção ao mesmo tempo mais global e mais pontual do problema. Na reunião de Princeton Inn, Robert Garner, vice-presidente do International Bank, formula assim a questão:

It seems to me that we had an American dream. It had some elements that don't exist in the rest of the world, and I am afraid we tried to translate that American dream on the basis that everything else or everybody else was going to take it. [...]. I think we failed to understand that in large parts of the world people do not want to develop. We go on the assumption that everybody wants to have more material goods and more of everything. But that is not true.²⁶⁶

²⁶⁶ Garner, PECT, p.56, apud Haefele, 2000, p. 147.

À parte a retórica do “sonho”, Garner aponta com clareza que em muitas partes do mundo não é desenvolvimento que se quer. Nem todo mundo quer mais bens materiais e mais de tudo ou de qualquer coisa. Diz que é um erro não compreender isso. Diz, ainda, que há povos que não desejam o crescimento econômico ou que são indiferentes a isso. Conseqüentemente, conclui que não basta disponibilizar recursos em programas de ajuda para as nações pobres, mas é preciso “the psychological approach so that they want it”.²⁶⁷

Robert Garner toca aí no ponto crucial da política do desenvolvimento a ser proposta: esta política não funciona se ela não for precedida e acompanhada por uma forte ideologia do desenvolvimento. É indispensável fazer com que esses povos – para onde o capital quer (precisa) expandir-se – passem a querer o desenvolvimento, passem a colocar o desenvolvimento como sua meta principal. Esse é também um grande desafio, penso que bem maior do que vencer as resistências políticas e ideológicas a uma política que interessa tão basicamente ao capital. A “abordagem psicológica” de que fala Garner, para produzir um desejo compatível com os objetivos da política a ser proposta, remete diretamente a psychological warfare e o tratamento que é dado a esta política é mesmo do tipo concebido como psychological warfare. Por outro lado, remete a uma prática capitalista comum de criar – por meio de propaganda dirigida – mercado para um produto que se queira lançar ou cujo consumo se queira ampliar. Nesse caso, o vice-presidente do International Bank explicita claramente a necessidade de criar – com o apoio da “abordagem psicológica” – a aspiração pelo desenvolvimento nas nações pobres. Sabemos bem que designar essas nações como subdesenvolvidas já é um passo nessa direção.

As discussões de sábado à tarde na Conferência de Princeton, centradas nas dificuldades para que os países subdesenvolvidos queiram o desenvolvimento e se mobilizem para conseguir apoio e ajuda externos para consegui-lo, são particularmente interessantes.

²⁶⁷ Garner, PECT, p. 60, apud Haefele, 2000, p. 148.

Considerando a carreira de Rostow, Haefele entende que esta parte das discussões foi a que produziu as idéias mais importantes da Conferência. Segundo Haefele, o grupo reunido em Princeton Inn tinha como suposição básica que conceitos abstratos como democracia e liberdade não conseguiriam conquistar corações e mentes se os comunistas estavam oferecendo bens muito mais tangíveis como comida, roupa e abrigo. A força de um plano econômico mundial para impulsionar uma política capaz de vencer os soviéticos estava em prometer e propiciar prosperidade material.

Para David McDonald, presidente da United Steel Workers of America, a arma mais poderosa dos comunistas é a idéia de que a história leva necessariamente ao comunismo. Ele pensa que os Estados Unidos precisam ter uma idéia que se contraponha a esta.

I think if we really want to be successful in fighting this ideological war, we will have to do what we did when our nation was born. We had this idea of freedom, which was a tremendously revolutionary idea. The American Revolution was not only a revolution of force against Great Britain, but was also a revolution in thinking.

Certain dedicated people went out throughout the Free World and preached the American Revolution, and it caught on. A lot of others then began to think, "That's pretty good."²⁶⁸

"No matter what the basis is, we cannot win unless we have a Manifesto (if that is what you want to call it) or a statement of principles that the people of the world can understand, a Manifesto that we can use to train people to go out and preach, and train them in foreign lands along our way of thinking, so as to put over our ideas in the minds of the people. We must let them know, at least, what our ideas are."²⁶⁹

²⁶⁸ McDonald, PECT, 94-95, apud Haefele, 2000, 156.

²⁶⁹ McDonald, PECT, 95, apud Haefele, 2000, p. 156-157.

McDonald aborda a questão sob a perspectiva de uma guerra ideológica. E não se vence uma guerra ideológica sem uma boa ideologia, sem uma formulação dessa ideologia que as pessoas possam entender (McDonald fala em um Manifesto), sem uma boa difusão desse Manifesto e sem pessoal bem treinado para levar adiante a propaganda dessa ideologia.

Jerome Wiesner, Professor do MIT enfatiza também a necessidade de uma ideologia, com objetivos definidos e com a descrição de como alcançá-los:

Unfortunately, we have not found the flame for the torch. That is, we don't have the overt ideological philosophy that we can tell to the natives. [...] We can say such things as "freedom" and "economic development", but we do not have a positive goal which you can talk about, which you can describe how to achieve, etc., in the same sense that the Russians do.²⁷⁰

Robert Garner, vice-presidente do International Bank, diz que se precisa de "a very good story. [...] We have lost the skill of telling a story."²⁷¹

De acordo com Haefele, "Rostow was excited by the concept of putting a good story at the core of any modernization ideology the United States hoped to create. He exclaimed: "I am all for it". He saw a Manifesto as

"a vivid and meaningful set of ideas that would bite and resist Communist alternatives, it has got to be something which meets their prime problem as they see it. Their prime problem as they see it is the problem of economic growth."²⁷²

²⁷⁰ Wiesner, PECT, p. 118, apud Haefele, 2000, p. 157.

²⁷¹ Garner, PECT, p. 118, apud Haefele, 2000, p. 157.

²⁷² Rostow, PECT, p. 113, apud Haefele, 2000, p. 158.

No final do primeiro dia da reunião, tinha-se chegado à conclusão de que uma iniciativa global em prol do desenvolvimento era necessária – “a partnership for growth”. No segundo dia muitos dos participantes de Washington tinham deixado Princeton Inn: o General Cutler, Allen Dulles, Harold Stassen e Gabriel Hauge. O trabalho nesse domingo centrou-se na discussão e comentário do texto preliminar que Millikan e Rostow haviam preparado (parece que é mais correto dizer haviam revisto) na noite anterior, com base nas discussões havidas. A idéia era avançar na produção da versão final de uma proposta saída da Conferência de Princeton Inn a ser encaminhada ao Presidente.

Ao final da Conferência, Millikan colocou sua visão sobre o tipo de desafio que os participantes da Conferência enfrentaram:

The submission of another report is not the answer. The real problem of American foreign economic policy is how you manage to get done the things that almost all sensible men would agree need to be done. That is not just the problem of presenting the President with a document, or the problem of getting a sense of what needs to be done infused by the Government. It is a problem of identifying the kinds of resistances and roadblocks to action in the United States. A large part of these spring from public understanding – not necessarily understanding of the public in the mass sense, but certainly in a leadership sense.”²⁷³

²⁷³ “Proceedings of the Off-the-Record Conference Held Under the Auspices of Time, Inc., May 15-16, 1954, Princeton Inn, Princeton, N. J.”, C. D. Jackson Papers, Box 83, Princeton Economic Conference, Transcripts, DDE, p. 280, apud Pearce, K. C., 2001, p. 58 e n. 28, p. 137.

8.3 – “Notes on Foreign Economic Policy”

It is on an adequate rate of growth in the underdeveloped areas, conducted in proper balance as among agriculture, industry, and raw material production, that the industrialized areas of the world must depend for a solid solution to their own growth problem.

Max F. Millikan e W. W. Rostow
Notes on Foreign Economic Policy

As our emergence into national maturity lifts our horizons beyond our own shores, and as we come to agree as a people how to manage democratically our mature capitalist economy, we need the challenge of world development to keep us from the stagnation of smug prosperity.

Max F. Millikan e W. W. Rostow
A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy

O livro *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy* é a versão final publicada editorialmente de um texto que foi inicialmente redigido por Rostow e Millikan para a Conferência de Princeton, realizada em Princeton em 15 e 16 de maio de 1954. Há muitas versões do relatório da Conferência, que foi revisto várias vezes e há algumas divergências entre as referências que os estudiosos fazem a esses textos preliminares, cada qual recebeu um título diferente.

Sobre a sua participação e a de Millikan na Conferência de Princeton, e dos textos que os dois redigiram para essa Conferência e a partir dela, Rostow diz:

At the Princeton Inn a rough-and-ready consensus did emerge that an enlarged global initiative by the United States in support of development was required. Millikan and I, on the basis of some preliminary drafting on the night of May 15, were commissioned to produce a coherent proposal to go in to the government. An interim draft of twenty-five pages, reflecting the May 16 responses of the

group to our initial draft, was finished by May 25; and a fifty-two-page paper, entitled “A Proposal for a New United States Foreign Economic Policy”, by July 23. This essay contained essentially the same calculations on the order of magnitude of required development aid as those published three years later in Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*.²⁷⁴ [...]. It was the July 23 draft that circulated widely through the executive branch in the summer of 1954 and became focus of intense debate.²⁷⁵

Rostow menciona também que “a rough first draft of Millikan’s and my book”, publicado em 1957 como *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*, circulou amplamente em Washington na primavera de 1956.²⁷⁶

Analisando a situação criada com o envio do texto ao governo e com a discussão política em torno da questão, Rostow enfatiza principalmente a falta de uma decisão firme de comando por parte do Presidente. Diz que “Without clear direction from Eisenhower, Dulles was unprepared to do battle”.²⁷⁷ No entanto, Rostow acrescenta, “Millikan and I (and our colleagues, notably Paul Rosenstein-Rodan and Everett Hagen) went on to write our book and lobby in the Congress.”²⁷⁸

Confrontando os dados que se encontram publicados dos arquivos da Conferência e da correspondência entre Millikan e Rostow, consegue-se ter uma idéia mais clara sobre o

²⁷⁴ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*. Com a colaboração de P. N. Rosenstein-Rodan e outros do Center for International Studies, M.I.T. New York: Harper & Brothers, 1957.

²⁷⁵ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, p. 96-97.

²⁷⁶ Rostow, W. W. *Diffusion of Power*, p. 89.

²⁷⁷ Rostow, W. W. *Diffusion of Power*, p. 89.

²⁷⁸ Rostow, W. W. *Diffusion of Power*, p. 633, n. 4.

processo da produção dos textos e do seu encaminhamento. Haefele menciona uma carta de Millikan para Jackson de 15 de abril de 1954, na qual Millikan diz:

It will be desirable to have our thoughts pretty clearly in mind before hand as to what we want to come out of this first meeting, but we feel that the thing has got to be so stage managed that the other participants all believe that at least some of the ideas were originally theirs.²⁷⁹

Por essa carta, Haefele presume que havia um “draft paper” já redigido antes do início da reunião. Indica esse texto como sendo “World Economic Policy”.²⁸⁰ Armstrong,²⁸¹ por sua vez, se refere ao “draft paper” preparado por Millikan e Rostow a pedido de C. D. Jackson para a Conferência de Princeton como tendo o título “Partnership for Growth”, no qual se esboça um plano para a “creation and maintenance of an effective free world economic partnership” e se prevê a criação de um fundo de investimento para aplicação no mundo em desenvolvimento, idéias que, Armstrong sublinha, “Rostow had been promoting for years” e que já estariam presentes, por exemplo, em um “memo” de 1952 intitulado “Notes on a New Approach to U. S. Economic Foreign Policy”.²⁸² Em seguida, Armstrong remete a um texto provisório intitulado “Notes on Foreign Economic Policy”, datado de 21 de maio de 1954, em que Millikan e Rostow atribuem grande importância na luta contra o

²⁷⁹ Millikan to C.D. Jackson, 15 de abril de 1954, Princeton Economic Conference, 5/54 Misc. Correspondence, Etc. (2). C. D. Jackson Papers, Box 83, Eisenhower Library, 2, apud Haefele, Mark Henry. *Walt Rostow, Modernization, and Vietnam: Stages of Theoretical Growth*. Unpublished Ph. D. Thesis, Harvard University, Cambridge, Mass., 2000, p. 138.

²⁸⁰ Haefele, 2000, p. 138, n. 78. Haefele esclarece que esse texto é anônimo, mas na carta de Millikan a Jackson de 15 de abril de 1954, Millikan confirma que a autoria é dele e de Rostow.

²⁸¹ Armstrong, David Grosman. *The True Believer: Walt Whitman Rostow and the Path to Vietnam*. Unpublished Ph. D. Dissertation, The University of Texas at Austin, August 2000.

²⁸² Memo, W. W. Rostow, “Notes on a New Approach to U. S. Economic Foreign Policy”, Oct. 24, 1952, C. D. Jackson Records, 1953-1954: Rostow, W. W. (3), Box 6, DDEL, apud Armstrong, 2000, p. 308 e n. 4, p. 308-309.

comunismo à idéia de uma parceria econômica do mundo livre para promover o desenvolvimento.²⁸³

De acordo com as referências de Haefele, na mesma caixa 82 dos arquivos da Conferência de Princeton de 1954²⁸⁴ há três “draft papers” diferentes: o primeiro, anônimo, traz o título “World Economic Policy”; os outros dois têm indicação de autoria para Millikan e Rostow: “World Economic Policy: The Truthful Vision” e “Notes on Foreign Economic Policy”. Em “World Economic Policy” os autores dizem que os acordos militares que têm caracterizado a política externa dos Estados Unidos “should be balanced by great, practical, immediate and visible concern for economic progress”.²⁸⁵ Em “World Economic Policy: The Truthful Vision”, dizem que “above all the United States should hold up the Vision – the Truthful Vision – of the genuine possibility of much greater prosperity through the means of peace”.²⁸⁶ Em “Notes on Foreign Economic Policy”, Haefele destaca que somente quando “men’s energies can be turned constructively and with some prospect of success to the problems of expanding standards of living in a democratic framework”, “attractions of totalitarian forms of government” poderão ser reduzidas.²⁸⁷ Segundo Haefele, Millikan e Rostow aí também enfatizam que no plano econômico mundial “our own national interest is fundamentally involved”.²⁸⁸

²⁸³ Interim Report, WWR & MFM, “Notes on Foreign Economic Policy”, May 21, 1954, C. D. Jackson Papers, Box 68, DDEL, apud Armstrong, 2000, p. Conforme a informação de Mark H. Haefele, esse texto se encontra no Box 82.

²⁸⁴ Arquivos da Biblioteca Eisenhower, em que se encontram os C. D. Jackson Papers.

²⁸⁵ Haefele, 2000, p. 138-139.

²⁸⁶ Haefele, 2000, p. 139.

²⁸⁷ Haefele, 2000, p. 139.

²⁸⁸ Millikan, M. F. & Rostow, W. W. “Notes on Foreign Economic Policy”, p. 3, apud Haefele, 2000, p. 143.

Estas são colocações de ordem geral, mas que parecem pontuar bem as orientações principais dos argumentos da proposta. Pode-se conferir essa impressão pelo confronto com o texto definitivo publicado por Millikan e Rostow, *A Proposal*. O curioso é que as razões mais fundamentais – que são de natureza econômica e envolvem uma consideração mais detida da economia americana – não aparecem nas citações desses estudiosos, preocupados, sobretudo, com as dimensões políticas e ideológicas do pensamento de Rostow. Nesse tipo de pesquisa, a discussão parece circunscrever-se aos campos político e ideológico.

No mesmo dia em que ele e Millikan concluíram o novo texto do relatório da Conferência de Princeton intitulado “Notes on Foreign Economic Policy”, Rostow enviou uma carta a Richard Bissell em que demonstra sua preocupação quanto à forma pela qual o programa econômico mundial em esboço possa ser entendido. Rostow alerta que é “appropriate” que os Estados Unidos “not sell economic action as automatically solving the political problems” do Terceiro Mundo. Pondera que a ação econômica dos Estados Unidos pode ajudar nesse processo político, mas que também pode ter o efeito de “postponing or even frustrating the kinds of political changes we require if we are too Marxist and regard politics as an automatic superstructure to economics”.²⁸⁹

Não deixa de ser curiosa a maneira como Rostow e Millikan tratam aí a questão dos efeitos políticos da ação econômica. No texto recém concluído, a ação de parceria econômica do mundo livre para o desenvolvimento do mundo subdesenvolvido também é pensada quanto à importância política que possa ter contra o comunismo. Rostow e Millikan apresentam três motivos para essa importância. Primeiro, aquela parceria econômica poderia “deny to Moscow and Peking the dangerous mystique that only Communism can transform

²⁸⁹ W. W. Rostow to Bissell, 5/21/54, MC 188, Box 8, folder 220, Institute Archives and Special Collections, MIT Libraries, Cambridge, Mass., apud Armstrong, 2000, p. 309.

underdeveloped countries”. Segundo, poderia “provide a foundation for pursuing East-West trade on a basis of political safety, and even political advantage”. Terceiro, poderia “hold out to the Communist world an open-ended alternative to the present costly struggle”.

Esta carta de Rostow a Bissell é esclarecedora enquanto revela que tipo de conexão Rostow estabelece entre o desenvolvimento econômico e o campo político. Como ele coloca a oposição “mundo livre” versus “bloco comunista” em evidência, como sendo a grande questão de fundo, essa evidência tende a produzir a percepção de que uma política acordada pelo chamado mundo livre contra o bloco comunista vise e possa efetivamente produzir, nas sociedades que esta política toma como alvos, as dimensões políticas que são apresentadas como características políticas do mundo livre, as dimensões democráticas. Nas suas análises, Rostow tem sempre a preocupação de explicitar a não-correspondência entre crescimento econômico e democracia. Suas formulações são sempre centradas no crescimento econômico. As questões sobre democracia ou ausência de democracia, em geral fazem parte da sua argumentação em defesa das políticas que propõe. Mas essas políticas têm como objetivo específico a expansão econômica. Mesmo nesse texto “Notes on Foreign Economic Policy”, as parcerias econômicas concertadas num Plano Econômico Mundial no âmbito do “mundo livre” são apresentadas como um meio eficaz de: 1º) afirmar a capacidade do capitalismo de poder transformar as sociedades subdesenvolvidas (negando, desse modo, o que chama de “mística” poderosa já difundida entre os povos subdesenvolvidos de que apenas o comunismo teria essa capacidade), mas essa transformação é pensada e explicitada enquanto uma transformação *econômica*; 2º) ampliar o comércio entre o mundo capitalista e o mundo comunista (que em termos de comércio aparece como Leste-Oeste) em bases de maior segurança política e até de vantagem política. Ou seja, o campo político é pensado aí como segurança para a atividade comercial e, também, como um plus vantajoso da expansão comercial; 3º) abrir uma alternativa ao “oneroso conflito” da Guerra Fria daquele momento.

Rostow entendia que a adoção de uma política de desenvolvimento pelos Estados Unidos poderia transformar profundamente o mundo tal como estava então constituído na Guerra Fria – e penso que tinha razão nisso. Mas em Rostow o campo político costuma ser pensado em termos mais amplos e mais propriamente estratégicos do que a dimensão democrática ou não dos governos. O mais curioso, a meu juízo, na sua carta a Bissell de 21 de maio de 1954, é qualificar como “too Marxist” a visão daqueles que pretendiam vincular mais estreitamente o crescimento econômico ou a expansão do capitalismo com a democracia. Essa carta é um diálogo entre dois amigos muito próximos pessoal e politicamente, em que Rostow parece desqualificar como “excessivamente marxistas” os setores mais conservadores da política americana que se opunham às suas propostas de expansão do capitalismo para o mundo subdesenvolvido.

Em “Notes on Foreign Economic Policy”,²⁹⁰ Millikan e Rostow começam com a afirmação de que

It is the immediate purpose of the foreign economic policy of the United States to participate in a partnership with the nations and peoples of the free world designed *to promote the health and growth of the free world economy*. By economic growth we mean a sustained increase in the production per head, which *gives or promises to give* a higher real income to every free world citizen.²⁹¹

²⁹⁰ Millikan, F. Max & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, Christopher (Ed.). *Universities and Empire: Money and Politics in the Social Sciences during the Cold War*. New York: New Press, 1998, p. 39-45, O texto é datado de 21 de maio de 1954 e é encaminhado em carta, com a mesma data, de Max F. Millikan, enquanto Diretor do CENIS-MIT, ao Diretor da CIA, Allen W. Dulles. Nessa carta, Millikan diz que também está enviando o texto para Bissell e o define como uma “interim revision”. Um fac símile da carta se encontra à p. 40 da edição em Simpson C. (Ed.), cit.

²⁹¹ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 39, grifado por mim, F. D. R. Para uma discussão desse texto, ver Ribeiro, Flávio Diniz, *Para uma crítica da idéia de desenvolvimento*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH, Universidade de São Paulo, Dez. 2001, esp. p. 152-159.

A proposta é, portanto, de uma parceria das nações e dos povos do mundo livre para *promover a saúde e o crescimento da economia do “mundo livre”*. Logo os autores esclarecem que significado atribuem a crescimento econômico: um aumento regular na produção per capita, a qual *dá ou promete dar* uma renda real mais elevada para cada cidadão do mundo livre. Esta formulação admite que a elevação da renda real individual pode ser um resultado do aumento da produção, mas também pode ser apenas uma *promessa* de elevação real. É, a meu juízo, uma formulação extremamente importante e que vai reaparecer em Rostow em *The Stages*. Mas aqui neste relatório revisto apenas provisoriamente e ainda para circulação restrita, ela aparece logo no início, sob o tema I, sobre quais são os interesses nacionais a que uma política econômica externa serve.

Há também um outro ponto tanto ou até mais relevante do que este, na frase que abre o texto. A parceria para o crescimento econômico, que mais tarde – em textos públicos e de grande circulação – será definida como parceria para o crescimento econômico dos países subdesenvolvidos, aparece aqui de forma límpida e clara: o crescimento econômico para o qual a parceria do mundo livre é proposta é o crescimento da economia do “mundo livre”, ou seja, *o crescimento saudável da economia capitalista*. Esta é exatamente a questão que a atenção à *promessa* referida na segunda frase do texto vai obscurecer. Ou seja, tanto mais o discurso se torne ideológico, quanto mais a questão das finalidades dessa política econômica mundial terá obscurecido a sua finalidade real, mais geral e mais profunda, que é a expansão capitalista pelas áreas do mundo onde melhor (mais rentavelmente) essa expansão possa então fazer-se, isto é, nas áreas pobres do mundo, que essa política mesma passará a designar como mundo menos desenvolvido ou mundo subdesenvolvido.

Descrevendo os objetivos da política proposta, Millikan e Rostow diferenciam os objetivos de curto e os de longo prazo. A curto prazo, a finalidade imediata é a segurança militar dos Estados Unidos. A longo prazo, porém, a finalidade é o desenvolvimento:

In the short run communism must be contained militarily. In the long run we must rely on the development, in partnership with others, of an environment in which societies which directly or indirectly menace ours will not evolve. We believe the achievement of a degree of steady economic growth is an essential part of such an environment. The growth of our economy is related to an important extent to the growth of the world economy.²⁹²

Naquele momento, a expansão capitalista (expansão que, sabemos, é imanente ao capitalismo) passa a ser comandada pelos Estados Unidos. Para dar essa direção, os Estados Unidos precisam de uma política de longo prazo e essa tem que ser uma política econômica – calcada militarmente, politicamente e ideologicamente, ou seja, uma política global fundamentalmente econômica, visando uma expansão mundial, uma política de crescimento econômico dirigida especialmente para aquelas áreas do mundo onde esse crescimento econômico permita a máxima e mais acelerada rentabilidade possível para o capital (excedente) a ser investido nelas.

Abordando a questão sob uma outra perspectiva teórica, pode-se ver que se trata da hegemonia americana em formação, que é uma hegemonia sobre as demais potências da época. A política de parceria proposta tem múltiplas dimensões, mas a primeira é que os Estados Unidos passam a *dirigir* aqueles que agora define como seus aliados, o que significa que o fortalecimento desses outros países sob o comando das políticas ditadas e controladas pelos Estados Unidos não ameaçam os Estados Unidos, antes o fortalecem enquanto nova potência hegemônica. O centro então mais potente e mais dinâmico do capitalismo comanda a expansão capitalista, mas sua própria potência depende dessa expansão e sua capacidade hegemônica depende de sua capacidade para dirigir essa expansão. Rostow tem esse entendimento, embora o exprima de outra maneira. E, num sentido mais amplo, pensa que o

²⁹²Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 41.

fortalecimento econômico do mundo capitalista (que Rostow, é claro, na sua linguagem ideologizada não designa como capitalista, mas como “mundo livre”) como um todo (portanto, no sentido próprio, o crescimento econômico capitalista) é fundamental a longo prazo, do ponto de vista estratégico, para defender o capitalismo contra sua transformação em alguma *outra* forma de organização da sociedade. Conseqüentemente, a perspectiva militar de defesa dos Estados Unidos e de defesa do “mundo livre” (capitalismo como sistema mundial), segundo Rostow deve ser entendida nos termos de uma política de curto prazo. Manter essa perspectiva como política de longo prazo significa um dispêndio exacerbado de recursos²⁹³ que não garantem a segurança do mundo capitalista e de sua superpotência.

A longo prazo, Millikan e Rostow defendem que a expansão econômica capitalista é a garantia da segurança do capitalismo enquanto sistema e do “modo de vida” americano. Dizem com clareza que a expansão do capitalismo a partir dos Estados Unidos era naquele momento crucial para os Estados Unidos, economicamente, pela garantia e expansão dos mercados internacionais, e para garantia da segurança do país – para evitar o que Rostow, em texto posterior, vai definir como o isolamento dos Estados Unidos “on this island continent”,²⁹⁴ ou como “a democratic American society as an island in a totalitarian sea”.²⁹⁵

Millikan e Rostow compreendem que há uma mudança importante na posição dos Estados Unidos no mundo, o que faz com que mudem também suas responsabilidades. Dizem eles:

²⁹³ Os dados são muitos e muito eloqüentes. Apenas como um exemplo, temos que de junho a dezembro de 1950 (guerra da Coréia), o orçamento de defesa nos Estados Unidos quadruplicou (de aproximadamente treze bilhões para cinquenta e seis bilhões de dólares, em valores de 1950), cf. Cumings, Bruce, *The American Century and the Third World*, *Diplomatic History*, Vol. 23, No. 2, Spring 1999, p. 361.

²⁹⁴ Walt Rostow, “The challenge facing the United States: September 1956”, Preliminary Draft, Naval War College, Sept. 20, 1956, Rostow, W. W., 1956, C. D. Jackson Papers, Box 91, p. 1, apud Haefele, 2000, p. 161.

²⁹⁵ Millikan, M. F. & Rostow, W. W. *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*, p. 132.

[...] the changed position and responsibilities of the United States. [...] We now produce half the free world's income. We should thus provide leadership diplomatically, militarily, economically, and ideologically. We have accepted this responsibility in the diplomatic and military field. We have not yet understood completely our responsibility for economic and ideological leadership.²⁹⁶

Trata-se na verdade de uma percepção clara que Millikan e Rostow têm de que os Estados Unidos se tornaram grande potência, e que esta potência contempla o acesso ao que eles chamam de liderança do mundo livre, que precisa ser efetivamente exercida. Seu entendimento, porém, apesar da terminologia utilizada, é bem próximo do que, sob outra perspectiva teórica, se designa como hegemonia. A nova posição que os Estados Unidos assumem no mundo do pós-guerra é que os torna hegemônicos no mundo capitalista e é nesta medida que passam a comandar a construção da nova ordem mundial que se vai constituindo sob sua hegemonia. Pode-se dizer que se trata da construção do mundo capitalista do pós-guerra “in the American way”.

O momento histórico é delicado, já porque marcado por uma mudança de hegemonia. Bruce Cumings identifica o período de 1914 a 1944 como “years of hegemonic interregment in which England could no longer lead and the United States was not yet ready to do so”.²⁹⁷ Cumings localiza que “[t]he moment when the baton of world leadership finally and definitively passed from London to Washington came on 21 February 1947, when a British Embassy official informed Acheson that England could not give Greece and Turkey \$250 million in military and economic aid.”²⁹⁸

²⁹⁶ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, Christopher (Ed.), 1998, p. 42-43.

²⁹⁷ Cumings, Bruce, *The American Century and the Third World*, 1999, p. 359.

²⁹⁸ Cumings, B., 1999, p. 360.

A construção da nova hegemonia enfrenta inicialmente um complicador. Primeiro porque objetivamente há outra grande potência em construção/expansão, constituída por uma concepção não-capitalista de sociedade; e, segundo, há toda uma extensa e pobre área do mundo que então se torna estratégica para as pretensões de expansão. Digo que estes elementos são complicadores *inicialmente* porque a estratégia que os Estados Unidos consolidam em pouco mais de uma década, a contar do início da segunda Guerra Mundial (por meio de figuras-chave como Dean Acheson, George Kenan e, decisivamente, W. W. Rostow), conseguirá usar eficazmente a própria força desses complicadores como sustentação para a poderosa ideologia que constroem para balizar sua hegemonia (containment/expansão≡desenvolvimento). A formulação do containment é um achado político-ideológico extraordinário. Cumings o coloca muito bem:

Acheson [...] meant [...] the substitution of American for British leadership. [...] His problem was to be pregnant with an idea that he could not articulate [...]. George Kenan provided the solution to this dilemma with an elegant metaphor: containment. Imagine, for an America to march outward and inherit Britain's role, and you mark it up for the defense. Imagine, a doctrine defining hegemony by what it opposes, obviating the necessity to explain to the American people what it is, and what its consequences will be for them.²⁹⁹

Ao deslocar a necessidade de expansão capitalista para a necessidade de contenção do comunismo, a ideologia do containment encobre os objetivos econômicos fundamentais. E, ao “explicar” a necessidade de crescimento econômico *dos* (que na verdade é crescimento econômico capitalista *nos*) países subdesenvolvidos sob a ideologia do containment (para evitar a expansão comunista no mundo subdesenvolvido), a ideologia do desenvolvimento recupera para o primeiro plano da política concreta o que a ideologia

²⁹⁹ Cumings, B., 1999, p. 360.

mascara: a política de expansão mundial do capitalismo, incorporando, agora sob novas formas (pós-coloniais, imperialistas, de domínio político indireto via domínio e controle econômico exercido através de instituições internacionais, mas sob o estrito controle da potência hegemônica), as áreas pobres do mundo.

É curioso notar que algumas das noções que irão compor o “esquema teórico” de Rostow, esquema que será apresentado como base científica da argumentação e que, assim, se pretende que tenha como efeito dar consistência “teórica” às políticas propostas, já aparecem no texto de 21 de maio de 1954, por exemplo a noção de “sustained growth”, de “self-sustained growth” e de “transition to sustained growth”.³⁰⁰ Essas idéias já aparecem em “Notes on Foreign Economic Policy” e serão trabalhadas compondo uma totalidade bem organizada (no sentido mesmo de totalidade orgânica que Rostow atribui a ela) mais tarde, especialmente em *The Stages*. Outras idéias vinculadas, mas que vão mais fundo na análise, aparecem claramente nesse relatório preliminar restrito, mas se esfumaçam nos textos destinados à publicação. Por exemplo:

It is on an adequate rate of growth in the underdeveloped areas, conducted in proper balance as among agriculture, industry, and raw material production, that the industrialized areas of the world must depend for a solid solution to their own growth problem. It is a firm lesson of history that the growth and industrialization of underdeveloped societies, in proper balance, leads to an expansion not a contraction of world trade.³⁰¹

³⁰⁰ Millikan, F. Max & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 44. O artigo de Rostow “The take-off into self-sustained growth” é publicado em *The Economic Journal*, Vol. 66, No. 261, Março 1956, p. 25-48.

³⁰¹ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 44.

A clareza desse texto é a meu ver exemplar. Nele, Millikan e Rostow dizem que uma sólida solução para o problema de crescimento *das* áreas mais industrializadas tem que depender (o termo usado em inglês é o que indica necessidade forte, imperativa: “must depend”) de uma adequada taxa de crescimento *nas* áreas subdesenvolvidas.

A conclusão de Millikan e Rostow é claríssima: “The United States has a major direct interest in bringing about this partnership and in sustaining it. This interest flows from the basic U. S. political and security interest in a free world.”³⁰² E aqui os autores não se excusam a explicitar os interesses de natureza econômica que os Estados Unidos têm diretamente nesse crescimento:

There are, in addition, direct U. S. economic interests in balanced free world growth. First, specifically, the U. S. requires and will require increasingly a substantial flow of imported raw materials, both as strategic reserve and to sustain our rate of industrial growth.³⁰³

A further important area of trade policy – one likely to assume increasing importance – is the extension, on a longer-run basis, of America’s stockpiling program. This device is particularly adapted to strategic minerals and metals, basic raw materials that will become progressively more costly as the easily got supplies become exhausted.³⁰⁴

É claro que não estão colocadas aí devidamente questões fundamentais relativas ao interesse econômico direto dos Estados Unidos na expansão capitalista da época. Primeiro, quanto à necessidade de exportação de capitais, que, porém, aparece de forma indireta

³⁰² Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 44.

³⁰³ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 44.

³⁰⁴ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 51.

quando, tratando da mobilização de capital para o desenvolvimento, Millikan e Rostow se referem à necessidade de instituições internacionais (Bancos, Fundos) mediadoras e controladoras, sob forma bancária, da circulação internacional de capital. Falam em “bankable loans”, além do que

It must be expected that government capital in the form of *grants* will be necessary in a small number of cases of essential but nonbankable projects or for emergency relief or reconstruction situations. But the number of such cases, and the amount of money involved, must be kept small.³⁰⁵

Também aparece, embora minimizada, quando os autores se referem aos países que têm excedentes de capitais, cuja alocação no exterior demanda garantias adequadas para essas transferências:

[...] there may exist a modest margin for increasing the sale of foreign securities in the U. S. and other capital-surplus countries if suitable transfer guarantees can be provided. Indeed, the extension of transfer guarantees is important regardless of the form private capital transfer assume.³⁰⁶

É importante que ao longo do texto a argumentação trabalha com a noção de excedentes: de capital, industriais e agrícolas, caracterizando o interesse dos produtores desses excedentes na sua colocação internacional.

Segundo, a questão da exportação do capital ou de capitais não aparece enquanto produção internacionalizada – seja porque efetuada por grandes corporações multinacionais,

³⁰⁵ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 47, grifado no original.

³⁰⁶ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 47.

seja pela implantação de filiais dessas firmas nos novos países. Aparece, no entanto, nas modificações do sistema produtivo local dos países “em desenvolvimento”, provocadas por assistência técnica, por transferência de know-how e por desenvolvimento científico.

Rostow e Millikan insistem em que as ações a serem promovidas pelas parcerias propostas para o desenvolvimento precisam ter três qualidades: coordenação, escala suficiente e continuidade. Para a efetivação desse tipo de proposta, a liberalização do comércio internacional é tida como essencial. Mas Millikan e Rostow esclarecem que

[...] trade liberalization is not something America should do only to help others: America has an important self-interest in larger imports – through the benefit of wider choices and lower prices for Americans consumers and through the expansion of export markets for important sections of agriculture and industry which larger imports would open up.³⁰⁷

O argumento principal é aí certamente o interesse americano na expansão internacional dos mercados para setores importantes da agricultura e da indústria americanos. Uma tal expansão depende inevitavelmente de que outros países possam comprá-los, daí que algum grau de crescimento nesses países seja indispensável. Melhor ainda se esse crescimento for dependente de empréstimos procedentes de capital excedente e negociado em bancos, sob critérios bancários.

Para Rostow e Millikan, no entanto, é sumamente importante que os programas para o desenvolvimento ultrapassem a sua medida estritamente econômica. E eles o expressam nesse texto de maneira simples e direta:

The growth of feelings of goodwill and respect among the peoples of the free world is both a condition and can be a result of economic

³⁰⁷ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 50.

partnership. This dimension of our relationship cannot stand on sentimentality. It can grow on specific action programs, but programs which lie primarily outside the cash nexus. The international exchange of persons (students, teachers, government officials, engineers, industrial managers, trade union leaders, farmers, etc.) can contribute largely to the understanding all partners have of each other. The contribution of such a program to the exchange of know-how is obvious; less obvious, but no less real, is the development of international private investment opportunities which international visits open up. The role of a more liberal U. S. passport and visa policy in this connection needs wider appreciation.³⁰⁸

³⁰⁸ Millikan, F. M. & Rostow, W. W., Notes on Foreign Economic Policy. In Simpson, C. (Ed.), 1998, p. 52.

8.4 – Sobre *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*

Rostow e Millikan publicam *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*, em 1957. Vinculam essa proposta, que então é apresentada ao público em geral sob a forma de livro, primeiro à área de pesquisa sobre desenvolvimento que implantaram no CENIS/MIT desde 1952, sob o patrocínio da Fundação Ford e da Fundação Rockefeller (conforme afirmam no Prefácio, p. VII); segundo, à Conferência de Princeton, de maio de 1954, na qual foram encarregados de redigir o texto resultante das discussões e das conclusões consensuais alcançadas naquela Conferência, na época visando à formulação de uma proposta de Plano Econômico Mundial a ser encaminhada ao governo Eisenhower; e terceiro, aos embates políticos em prol da promulgação do Foreign Aid Bill, em 1956 – quando fizeram circular amplamente no Congresso, no governo e entre lideranças políticas um texto revisto, mas ainda provisório, do relatório da Conferência de Princeton.

Rostow menciona três versões desse relatório: aquele datado de 15 de maio de 1954, que serviu como base das discussões de 16 de maio no Princeton Inn; outro, que ele chama de “interim report”, datado de 25 de maio, contendo vinte e cinco páginas; e o texto de cinquenta e duas páginas, datado de 23 de julho, intitulado “A Proposal for a New United States Foreign Economic Policy” que, segundo Rostow, “circulated widely through the executive branch in the summer of 1954 and became the focus of intense debate”.³⁰⁹

Como indiquei anteriormente, nos arquivos das Bibliotecas Eisenhower e do MIT há também outras versões depositadas. Dentre elas, destaco a que é datada de 21 de maio, “Notes on Foreign Economic Policy”, cuja cópia Rostow enviou nesse mesmo dia ao Diretor da CIA, Allen Dulles e a Richard Bissell, e que está publicada em Simpson, C. (Ed.), a qual comentei acima. Esta ainda é uma versão para circulação restrita apenas às esferas políticas

³⁰⁹ Rostow, W. W. *Eisenhower, Kennedy and Foreign Aid*, p. 97.

mais influentes, especialmente no âmbito do pensamento liberal norte-americano, como parte de uma política pelo redirecionamento da política externa dos Estados Unidos, para colocar o desenvolvimento como diretriz prioritária daquela política.

Ainda que o texto tenha passado por várias revisões, *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy* constitui a versão definitiva para publicação, cujas formulações iniciais remontam à Conferência de Princeton de 1954. Do ponto de vista do acompanhamento da construção de uma determinada política – e mais do que isso, da construção de uma ideologia para sustentar essa política – é bastante interessante dispor de todas as versões, situá-las em seus respectivos contextos e compará-las. Não é este, porém, o meu objetivo no momento. Mas vale a pena comparar as discussões de Princeton Inn, a versão de circulação restrita “Notes on Foreign Economic Policy” e a versão que foi produzida para publicação. Vejamos como está construída *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*. Millikan e Rostow atribuem as modificações que o texto sofreu, por um lado aos comentários e críticas que recebeu ao longo das discussões, e por outro lado, aos resultados das pesquisas realizadas no CENIS sobre desenvolvimento.

O livro tem 175 páginas, incluindo as cinco do Prefácio. São quatorze capítulos e um Apêndice, onde se apresenta uma estimativa do capital necessário para o desenvolvimento. Na verdade, o livro se compõe de três partes: uma análise, uma proposta e uma discussão geral sobre o interesse nacional e do sentido de missão dos Estados Unidos. A primeira e a terceira partes são tratadas em termos nitidamente *político-ideológicos*, sendo que a análise – na qual Millikan e Rostow procuram fazer uma caracterização particular da situação mundial – presume basear-se em uma formulação *científica*, apresentada como os padrões de desenvolvimento, os estágios pelos quais passariam todas as sociedades na sua história, o que permitiria dar a elas um tratamento geral, apesar da suas especificidades e diferenças. Já a proposta é *econômica*: seus objetivos são apresentados como “estritamente

econômicos” e pretende-se que sua implementação seja realizada sob critérios estritamente de negócio (“*stricly business like*”).

A questão que norteou todas as discussões na Conferência de Princeton – a questão do interesse nacional dos Estados Unidos na expansão econômica além-fronteiras, especialmente para os países subdesenvolvidos, ou seja, a questão do desenvolvimento – em *A Proposal* está colocada em termos altamente ideologizados, estreitamente dentro da ideologia da Guerra Fria. Não aparece como tal, nos termos gerais de uma política econômica global que atenda a necessidades e interesses próprios da economia e da política norte-americanas. Essas necessidades e esses interesses não são formulados, mas se manifestam, embora apenas pontualmente, por meio das medidas econômicas concretas que compõem a proposta. A análise que supostamente fundamenta a proposta é de outra natureza, essencialmente político-ideológica: é a instabilidade revolucionária do mundo que constitui ameaça aos Estados Unidos, que deste modo se vêm compelidos a reagir. A reorientação política que se propõe como necessária para os Estados Unidos é tomada, portanto, como de natureza reativa. O argumento é, assim, típico da concepção político-ideológica da Guerra Fria.

Nas discussões de Princeton e em “Notes on Foreign Economic Policy”, a expansão econômica americana para as áreas subdesenvolvidas era consensualmente considerada como uma necessidade imperiosa, pensada como tendo conseqüências que mesclavam indissociavelmente as dimensões econômicas, políticas e militares. A expansão econômica para o mundo subdesenvolvido deveria constituir o elemento fundamental de uma política de longo prazo capaz de garantir a segurança dos Estados Unidos, do modo de vida americano e do capitalismo como sistema, o que o poder e a ação militar por si só ou como fundamento da política não seria capaz de garantir. Em Princeton, ficou muito claro que havia dois problemas importantes no caminho desta diretriz política: a necessidade de convencer o

povo americano na sua concretização e a necessidade, considerada ainda mais difícil, de convencer os povos subdesenvolvidos – que ou eram indiferentes ao desenvolvimento ou não o desejavam – de que o crescimento econômico não apenas era possível a eles alcançar, como era “o” caminho para a superação do seu “subdesenvolvimento”. Em Princeton, se insistiu na necessidade de uma “abordagem psicológica” para esses problemas, que deveriam ser manejados em termos de “psychological warfare”, “ideological warfare”. Em *A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy*, essas questões parece que se desvanecem, mas não é muito difícil compreender por que. Os indícios são bem fortes de que o encaminhamento que Millikan e Rostow fazem em *A Proposal* segue bem aquelas recomendações de Princeton. A ideologização da análise serve convenientemente a esse propósito. Vejamos.

Como se uma transformação muito profunda tivesse ocorrido de maio de 1954³¹⁰ a agosto de 1956,³¹¹ o texto do relatório preliminar, de circulação restrita, e o texto publicado a partir dos relatórios da Conferência diferem significativamente, não propriamente quanto à proposta em si mesma, mas quanto à análise que supostamente a fundamenta. O interesse nacional americano na expansão internacional da sua economia é reconhecido na Conferência e nos seus relatórios e é reafirmado em *A Proposal*, embora nesta última a ênfase da análise e da justificativa da proposta seja deslocada das dificuldades econômicas e sociais a superar (excedentes econômicos, receio de depressão econômica, desemprego, tensão social nos Estados Unidos) para argumentação de natureza geopolítica (vulnerabilidade da periferia do bloco comunista, com atenção especial conferida à Eurásia, embora se estenda também ao conjunto do mundo subdesenvolvido).

³¹⁰ Período da realização da Conferência de Princeton e data de seu relatório preliminar “Notes on Foreign Economic Policy”.

³¹¹ Data do Prefácio de *A Proposal*.

A diferença maior – que é uma diferença fundamental – entre o texto de 1954 e o texto publicado em 1957 é que a elaboração de uma proposta para fundamentação econômica da política externa americana estava ancorada nas necessidades e nos interesses da economia dos Estados Unidos: a concepção de que o crescimento econômico saudável dos Estados Unidos dependia do crescimento econômico mundial, de que somente a expansão do capital, e com ele do modo de vida americano, no mundo poderia garantir a longo prazo a segurança do país e do sistema econômico, social e político do “mundo livre”, a necessidade de ampliação dos mercados internacionais para alocação dos excedentes de capital, industriais e agrícolas norte-americanos e para abastecer a produção norte-americana das matérias primas necessárias à sua manutenção e à sua expansão, etc. Nas formulações de 1954, portanto, o problema era criar as condições para promover a expansão internacional da economia americana, principalmente para as áreas pobres do mundo, com a finalidade expressa de garantir o crescimento econômico dos Estados Unidos e de seus parceiros mais industrializados do “mundo livre”, ou seja, com a finalidade de garantir a expansão capitalista mundial.

O texto publicado em 1957, no entanto, esmaece na análise e na argumentação essa finalidade e, portanto, o problema real que lhe dava sentido, e esmaece ao ponto de diluí-la nas considerações geopolíticas do arcabouço político-ideológico da Guerra Fria. Para fazê-lo de forma consistente, desloca também radicalmente o problema. Enquanto nas discussões sigilosas, “off-the-record”, em que as questões podiam ser colocadas mais crua e diretamente, se previa a necessidade de encaminhamentos concebidos como “psychological warfare” ou “ideological warfare” para conseguir a aceitação e a adesão à política proposta de expansão econômica americana para o mundo “subdesenvolvido”, no texto publicado como livro é como se essa questão já estivesse resolvida. Na verdade, porém, penso que a formulação do novo problema apresentado é que já faz parte decididamente daquele tipo de encaminhamento

previsto como necessário em 1954. Em *A Proposal*, o problema é descrito como sendo o subdesenvolvimento (curiosamente não nomeado assim, mas como “a grande transição”) em instabilidade provocada por suas novas aspirações de melhoria da sua condição.

Millikan e Rostow definem como tese de sua proposta uma significativa ampliação da participação dos Estados Unidos no desenvolvimento econômico das áreas subdesenvolvidas:

It is the thesis of this book that a much-expanded long-term program of American participation in the economic development of the underdeveloped areas can and should be one of the most important means for furthering the purposes of American foreign policy.³¹²

Reconhecem que existem duas tarefas prioritárias para atender aos interesses nacionais dos Estados Unidos: uma requer que se enfrente a ameaça à segurança do país decorrente de uma possível agressão militar aberta do bloco comunista. Millikan e Rostow concordam que esse enfrentamento exige, por um lado, que se mantenha ou se aumente o poder militar americano, e por outro lado, que se fortaleçam as alianças, especialmente com as nações da OTAN, buscando tornar mais efetivo o seu potencial militar. A segunda tarefa prioritária que se impõe requer uma mudança de perspectiva da política externa norte-americana, incluindo, e com ênfase, a expansão internacional da economia americana como política de longo prazo, com a finalidade de responder positivamente aos interesses americanos de natureza econômica e também às razões político-militares quanto à segurança nacional. “The second priority task of U. S. foreign policy is to promote the evolution of a world in which threats to our security and, more broadly, to our way of life are less likely to arise.”³¹³

³¹² Millikan, Max F. & Rostow. W. W. *A Proposal*, p. 1

³¹³ Millikan, Max F. & Rostow. W. W. *A Proposal*, p. 3.

Tal reorientação de perspectiva tem implicações orçamentárias importantes, porque desloca recursos destinados a usos militares, para fins “mais construtivos”. Millikan e Rostow dizem, a propósito:

Success in this task would mean the freeing of a large volume of resources from military to more constructive uses. More important, it would mean protecting our society from the pressures inevitably associated with a garrison state [...]³¹⁴

Além de uma perceptível preocupação propriamente econômica, vinculada com uma concepção de segurança derivada do Estado de Segurança Nacional, Millikan e Rostow demonstram também aí uma preocupação com o volume do orçamento destinado a finalidades pode-se dizer, por oposição, comparativamente, “menos construtivas”.

A proposta visa modificar a política de relações exteriores, que não deveria ser mais apenas um campo da diplomacia convencional e da articulação de acordos militares, mas deveria passar a ser prioritariamente um campo orientado para a construção das sociedades no exterior como sociedades democráticas:

Underlying the proposals in this book is the conviction that we have put relatively too much emphasis in recent years on pacts, treaties, negotiation, and international diplomacy and too little on measures to promote the evolution of stable, effective, and democratic societies abroad which can be relied upon not to generate conflict because their own national interests parallel ours and because they are politically healthy and mature. This conviction, in turn, is based upon an estimate of the nature of the forces at work in the world making for change.³¹⁵

³¹⁴ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 3.

³¹⁵ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 4.

Tendo enunciado assim de forma sucinta os objetivos da proposta, Millikan e Rostow explicitam em que consiste o problema que a proposta reconhece como tal e busca produzir as ações pertinentes para sua resolução. Diferentemente das suas formulações anteriores³¹⁶ sobre essa política, em *A Proposal*, Millikan e Rostow definem o problema como “a revolução das expectativas crescentes”.

Começam dizendo que se tornou lugar comum identificar que “we are in the midst of a great world revolution”.³¹⁷ Falam então nas guerras, no grande avanço das comunicações, na recente independência de muitos povos coloniais, etc. No fundo desta “grande revolução mundial” estaria a possibilidade de mudança que se coloca então para os povos antes apáticos, vinculados à tradição e nos quais a participação política cabia a uma parcela bem pequena da população. Nesse quadro “surge” o novo problema ao qual é imperioso dar atenção e respostas:

This revolution is rapidly exposing previously apathetic peoples to the possibility of change. It is creating in them new aspirations for education, social improvement, and economic development. At the same time, it is breaking down traditional institutions and culture patterns which in the past held their societies together.³¹⁸

Sem dúvida, a emergência de nações que se tornam independentes ao conseguirem romper a dominação colonial – rompimento esse sempre difícil e alcançado por meio de lutas em tantos casos tão longas, cruéis e sangrentas – coloca para essas sociedades a perspectiva de mudança. Nesses momentos, estas sociedades tendem a tomar como problema

³¹⁶ Tenho sempre presente que essas formulações anteriores a que me refiro são elaborações em processo de construção realizadas privada e sigilosamente no interior de um espaço político bem demarcado e restrito, com fortes vínculos com o Departamento de Estado e com a CIA, e com controle exercido por esses órgãos governamentais.

³¹⁷ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 4.

³¹⁸ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 5.

agora seu a sua organização enquanto sociedade *independente*, a rejeitar o que o colonialismo lhes deixou como legado, a insurgir-se contra os símbolos dessa dominação colonial e, certamente, a descortinar as possibilidades que então se abrem para um futuro que possam construir como nação independente. Sem dúvida que momentos como esse tendem a constituir reflexão, discussão e ação políticas para a reconstrução do presente e para a construção do seu futuro. A existência objetiva no mundo naquele momento de formas qualitativamente diferentes de organização da sociedade é certamente um elemento ponderável na formação do quadro político-ideológico dessas nações recém saídas do colonialismo através de suas guerras de libertação nacional. Certamente também, essas experiências se espalham pelo mundo, alimentando os projetos de sociedade em discussão.

Millikan e Rostow, no entanto, ao especificarem o que tão singularmente designam como “the revolution of rising expectations”,³¹⁹ tratam logo de reduzir essas expectativas a aspirações por educação, por melhor condição social e por desenvolvimento econômico. Como se estivessem num jogo de “faz-de-conta”, descrevem a situação como se a opção pela forma capitalista de organização social já tivesse sido feita por essas sociedades. Acresce que, ao fazerem essa opção (capitalista) pelo desenvolvimento econômico, essas nações aceitam manter (embora sob formas *políticas* novas) as “parcerias” subordinadas contra as quais haviam-se insurgido nas lutas anti-colonialistas. É como se – ao afirmarem e fazerem reproduzir insistentemente em todos os circuitos possíveis de comunicação (dos fóruns universitários, aos econômicos, políticos e à mídia em geral) que estas são as novas aspirações (com ênfase no desenvolvimento econômico) desse mundo antes “apático” e economicamente estagnado –, estas passassem a ser de fato as novas aspirações desse mundo. Mas esse jogo de “faz-de-conta” tem um suporte real: a oferta de recursos (grandes somas de

³¹⁹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 5.

dinheiro, embora sob a forma de empréstimos e sob condições determinadas) e as parcerias reais com setores econômicos e políticos locais para a concretização da política proposta.

Constituir a revolução das expectativas crescentes como o problema coloca duas questões: um perigo e uma oportunidade, que na verdade são os dois lados de uma mesma moeda. Segundo Millikan e Rostow, a instabilidade criada nas nações pobres pelas novas aspirações que suas populações passam a ter, tão grandes e tão fortes que caracterizariam uma revolução (das expectativas crescentes) constitui uma oportunidade para as grandes potências buscarem moldar e dirigir as mudanças que essas populações reclamam. Millikan e Rostow não têm dúvida de que esta é uma “oportunidade” que os Estados Unidos não podem deixar escapar. A necessidade e a urgência de tomarem com firmeza uma decisão neste sentido decorrem de que esta mesma oportunidade se torna um perigo, porque, dizem eles, os comunistas entenderam essa oportunidade e a estão aproveitando, o que cria o risco de que as nações pobres façam a opção pelo caminho comunista.

The danger is that increasing numbers of people will become convinced that their new aspirations can be realized only through violent change and the renunciation of democratic institutions. That danger has no single cause. It is inherent in the revolutionary process. But it is greatly increased by the existence of communism—not because of any authentic attractions in its ideology but because the Communists have recognized their opportunities to exploit the revolution of rising expectations [...].³²⁰

A concepção de sua seqüência de estágios-de-crescimento já está presente na análise que Rostow faz desta situação. Ele fala nas instituições tradicionais que davam coesão social à forma anterior de organização da sociedade e designa este momento de instabilidade provocada pelas novas expectativas crescentes como “a grande transição”. Caracterizando o

³²⁰ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 5-6.

momento que estas sociedades vivem como o estágio de “transição” entre a sociedade tradicional e a decolagem para o desenvolvimento (seqüência de estágios-de-crescimento que ele apresenta como necessários ao desenvolvimento de todas as sociedades), a instabilidade pela qual estas sociedades estão passando é tida como natural, normal, inevitável mesmo. Millikan e Rostow se referem a ela nesse texto como sendo “inerente ao processo revolucionário”, ampliando aí o sentido de revolução para além da mera “revolução das expectativas crescentes”, porque pensando-a enquanto processo de transição (para o desenvolvimento). O perigo, portanto, não decorre tão somente da instabilidade, afinal inerente à revolução $\equiv$ transição, mas se amplia muito pelo fato de que os comunistas teriam percebido esta situação como uma oportunidade para sua própria expansão e a estariam aproveitando. “The United States has not presented a consistent and persuasive alternative in terms of the democratic process.”³²¹ Millikan e Rostow reclamam, então, que é exatamente a isso que o projeto se dirige. Esse perigo ampliado se consolida na medida em que ele é “greately intensified by the focus which both Communist *thought* and Communist *organization* give.”³²²

Observe-se que o texto de Rostow e Millikan escolhe com cuidado os termos que utiliza. Parece inequívoco o seu empenho em retirar o caráter propriamente político e a diferença qualitativa inscrita no termo revolução. Com o uso que fazem do termo, esvaziam o seu conteúdo político de transformação radical, reduzindo o seu significado até quase torná-lo um mero substituto do termo genérico “mudança”. Por meio desse uso procuram retirar a potência que o comunismo consiga por meio da sua ideologia, afirmando que o comunismo não tem “any authentic attraction in its ideology”.

³²¹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 6.

³²² Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 6, grifado por mim, F. D. R.

Também a escolha pela forma de afirmação simples, direta e categórica, das “novas aspirações” que supostamente “surgiriam”, como que naturalmente, na transição, não é nada ingênua, é, pelo contrário, bastante cuidadosa. Porque, no que concerne especificamente ao desenvolvimento econômico, essa aspiração foi intensivamente promovida politicamente pela ação de determinados setores nos Estados Unidos. Millikan e Rostow ocupam posição de destaque nos embates para tornar efetiva essa política, visando criar a aspiração pelo desenvolvimento e orientar a mudança para o desenvolvimento. Ao discutir problemas que os Estados Unidos enfrentavam na Ásia, Millikan e Rostow, talvez por um breve lapso ou descuido, revelam que tentavam influenciar aqueles povos para que tomassem como seu objetivo a promoção do desenvolvimento econômico. Dizem eles:

The conviction is already widespread in Asia that we value only physical consumption and have little or no understanding of things of the mind and spirit. If we promote economic programs based solely on a materialistic conception of progress, we shall not only be disappointed in their results but we shall also create additional hostility and contempt in *the people we are trying to influence*; and we may drive them to seek solutions more congenial to them than ours.³²³

O redirecionamento da política externa americana que a proposta apresenta supõe o trabalho concomitante e coordenado da política de informação, da assistência militar, da diplomacia convencional e da política econômica. Uma nova política externa assim concebida permitirá atender o interesse nacional americano, garantindo o melhor para a sociedade americana ao lutar para “construir um mundo melhor”.³²⁴ O mundo melhor a que Millikan e Rostow se referem é um mundo economicamente capitalista, politicamente identificado com o capitalismo e militarmente seguro. Eles sabem perfeitamente que se trata da construção de

³²³ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 23, grifado por mim, F. D. R.

³²⁴ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 7.

um mundo, da construção que equivale à manutenção e ao fortalecimento das alianças entre os países capitalistas mais industrializados e que depende da expansão dessas economias para os países “em transição” para o “desenvolvimento”, sob a direção dos Estados Unidos.

A parte mais clara do texto de *A Proposal* sobre o caráter expansionista da proposta, com o objetivo de resolver problemas econômicos graves que se previa a sociedade americana pudesse vir a enfrentar caso essa expansão para o exterior não se concretizasse (portanto, no mesmo sentido presente nos textos de 1954), é:

As our emergence into national maturity lifts our horizons beyond our own shores, and as we come to agree as a people how to manage democratically our mature capitalist economy, we need the challenge of world development to keep us from the stagnation of smug prosperity.³²⁵

A afirmação é forte: como uma economia capitalista madura, os Estados Unidos precisam do desafio do desenvolvimento do mundo para evitar a estagnação de sua prosperidade complacente. Há aí toda uma crítica à auto-satisfação exagerada com a prosperidade alcançada. O capitalismo só se mantém se expandindo. No caso dos Estados Unidos naquele período, a expansão dentro do seu próprio território, tendo-se em vista principalmente seus problemas de superprodução e, portanto, de saturação dos mercados, dependeria de uma profunda transformação social e política interna, que do ponto de vista capitalista ficava fora de questão. A saída é necessariamente a expansão para fora. Sem uma política ampla de expansão internacional ou sem uma grande transformação social, o risco de estagnação, depressão e desemprego se torna alto. Esta análise não está explícita no texto de *A Proposal*, mas a formulação breve, mas direta, da crítica tem endereço certo contra os setores políticos que insistem na tese do isolacionismo e os que alegam ser desperdício a aplicação de

³²⁵ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 8.

recursos no exterior, embora eles alcancem altíssima lucratividade. A tese da proposta é inequivocamente expansionista e fundamenta seu expansionismo internacional primeiramente no interesse nacional de natureza econômica.

A Proposta

The central proposal [...] is that the United States should [...] take the leadership in a new international partnership program *for world economic growth*.³²⁶

O objetivo é, sem qualquer margem para dúvida, promover o crescimento econômico mundial. Em outras palavras, criar condições para permitir que o capitalismo continue a crescer, expandindo-se ainda mais pelo mundo. O programa prevê a formação de uma nova parceria internacional, sob a liderança dos Estados Unidos, para promover o crescimento da economia capitalista mundialmente. É um projeto cujo foco é a construção da hegemonia dos Estados Unidos dirigindo essa expansão no pós-guerra. O projeto é, portanto, econômico, capitalista e global.

Os países subdesenvolvidos entram nesse projeto como *meio* para alcançar a meta visada de expansão capitalista mundial sob a hegemonia americana. Millikan e Rostow são claros e diretos na exposição dos objetivos econômicos da proposta:

The strictly economic purposes of the program would be: first, to make available sufficient capital to permit the low-income countries to launch an ultimately self-sustaining process of economic development; second, to stimulate and assist the underdeveloped countries to overcome obstacles to their own development other than lack of capital; and third, to create a climate of international economic activity in which *the economies of the industrialized countries of Europe and Japan, as well as the United States, could continue to grow*.³²⁷

³²⁶ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 55, grifado por mim, F. D. R.

³²⁷ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 55, grifado por mim, F. D. R.

Como foi indicado anteriormente, ainda durante a segunda Guerra Mundial os Estados Unidos previam dificuldades econômicas sérias com o fim da guerra. Vislumbravam um nível alto de produção excedente (superprodução) e grande insuficiência de mercados – para absorver seus excedentes e para abastecer de matérias primas a sua produção futura.³²⁸ A conquista de novos mercados – que do ponto de vista capitalista, especialmente do grande capital – teriam que ser mercados *externos*, quantitativa e qualitativamente significativos, aparecia como indispensável para permitir que as economias dos países industrializados, em especial os Estados Unidos, pudessem continuar a crescer.

De todo modo, como a expansão capitalista para as áreas pobres do mundo não depende apenas de mercados que abasteçam o desenvolvimento industrial nos países avançados, mas depende também, e significativamente, de mercados que comprem sua produção, é preciso que esses compradores detenham poder de compra, ou não poderão tornar-se compradores de produtos industrializados. Daí que, embora o objetivo primordial da política de desenvolvimento seja criar condições que permitam a continuidade do crescimento econômico nos países capitalistas avançados, essa política inclui necessariamente também algum grau de crescimento econômico nos países subdesenvolvidos. Deste modo, neste sentido e nesta medida, o programa apresentado por Millikan e Rostow tem entre seus objetivos específicos a promoção do crescimento econômico nos países subdesenvolvidos, a promoção de algum grau de crescimento econômico nesses países.

É claro que a proposta abraça também outros objetivos além dos estritamente econômicos. Mas sua finalidade principal, sua profunda e verdadeira razão de ser, é econômica: resolver problemas econômicos graves do país que se tornava grande potência hegemônica e, desse modo, garantir sua expansão além-fronteiras, com segurança. O quadro

³²⁸ Millikan e Rostow são bastante cuidadosos quanto à conveniência de não explicitar essa questão da necessidade de mercados pelos países industrializados. Dizem: “In the short run it would be foolish to exaggerate the economic importance for the developed countries of access to the materials and markets of the underdeveloped areas.” Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 83.

político-ideológico da Guerra Fria é secundário, é importante, mas secundário e sua importância decorre em grande medida do suporte ideológico que pode oferecer à concretização dos objetivos principais – econômicos – visados.

Penso que se deve prestar atenção redobrada à diferença entre desenvolvimento *dos* países subdesenvolvidos e desenvolvimento *nos* países subdesenvolvidos. O discurso ideológico do desenvolvimento costuma enunciar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, mas a análise das medidas concretas propostas e dos critérios que devem nortear a sua aplicação indica, às vezes com nitidez cristalina, que o que se almejava era o desenvolvimento do capitalismo por meio de uma determinada forma – sob rigoroso controle econômico, financeiro, político e militar norte-americano, embora sempre que possível via instituições internacionais – de expansão capitalista, sempre em proveito dos setores dominantes dessa expansão, as grandes corporações multinacionais ou transnacionais, o sistema financeiro internacional e o grande capital americano.

Conforme este projeto, o grande problema dos países subdesenvolvidos é a falta de capital e o que seja necessário para o uso desse capital – desde capacitação tecnológica às múltiplas formas de qualificação operacional e administrativa – de modo a reverter para os resultados desejados de expansão. De acordo com esta proposta, o desenvolvimento é suposto como um objetivo já-dado e uma necessidade já-admitida pela consciência e pela vontade política dos países subdesenvolvidos. Esta suposição envolve, naturalmente, a existência também já-posta de uma enorme pressão política que já estaria sendo exercida pelos países subdesenvolvidos em busca das possíveis ajudas para o “seu” desenvolvimento. Já não se coloca como problema a necessidade de tornar atraente para os países subdesenvolvidos essa proposta ou de precisar persuadi-los para pleitear participar do programa. O problema agora se encontra deslocado para a fase de transição, momento particularmente crítico no desenvolvimento econômico de todos os países, quando se define se ele consegue ou não

ingressar num processo de crescimento econômico de longo prazo. Caso não consiga, Millikan e Rostow indicam que se torna alta a probabilidade de que venha a ocorrer instabilidade ou caos político que podem facilitar a instalação de governos autoritários, nesses países. Esse é o momento em que o capital externo pode fazer a diferença, preparando a transição para o crescimento econômico auto-sustentado.

O problema colocado enquanto falta de capital já adianta a solução do nível mais profundo desse problema, a “grande transição”, à qual a instabilidade é inerente. Assim, o problema é naturalizado, não seria algo novo, nem porque provocado por idéias ou organizações revolucionárias (como o comunismo), nem porque uma especificidade dos atuais países atrasados ou subdesenvolvidos. Constituiria uma fase “normal” do processo de desenvolvimento, de qualquer país, em qualquer tempo histórico. A solução apontada também aparece “naturalmente” com a disponibilidade de capital para preencher aquela carência tão decisiva durante a transição.

A proposta é que os Estados Unidos, em parceria com outras nações desenvolvidas, disponibilize capital para o desenvolvimento, tanto capital quanto seja necessário para ser usado produtivamente, atendendo a critérios estritos de produtividade. Para a alocação do capital no programa,

Countries would be divided into three categories: (1) those in the precondition stage, which would be offered an expanded volume of technical assistance and such capital as they could demonstrate they were ready for, much of it on a grant basis; (2) those in the transition stage, which would be offered continued technical assistance and as much capital as they could well absorb and wished to borrow at favorable rates of interest and with long maturities, provided the proposed programs and projects met agreed criteria of productivity; and (3) those which have achieved self-sustaining growth, whose access to foreign capital would be determined by their credit

worthiness as judged by existing international sources, private and public.³²⁹

Por essa categorização, pode-se verificar que a “teoria dos estágios” de Rostow já era utilizada instrumentalmente para ordenar o mundo de acordo com a seqüência de estágios-de-crescimento e para organizar a distribuição do capital a ser destinado para o desenvolvimento: seu caráter (público ou privado), sua forma (loans ou grants), sua quantidade, etc. As três categorias de países correspondem a três dos estágios de Rostow, nomeados então como: o das pré-condições, o da transição e o do crescimento econômico auto-sustentado.

Conforme a proposta, a previsão era que para os próximos dez anos a oferta do capital para o desenvolvimento deveria alcançar no máximo dois ou três bilhões de dólares a mais do que os níveis atuais de movimento internacional de capital. Apenas uma pequena parte precisaria ser sob a forma de fundos provenientes do governo dos Estados Unidos. A maior parte do capital a ser disponibilizado deveria assumir a forma de empréstimos e de 15 a 25% desse total poderia ser oferecido sob a forma de excedentes agrícolas norte-americanos.

As categorias essenciais do programa de empréstimos de capital para financiar o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos esclarecem sobremodo o sentido do programa. São elas:

1º) O conceito subjacente aos empréstimos é o de negócios bancários.

The essential idea of this program is that the allocation of funds would be based on a banking concept rather than a subsidy concept. A banker does not list all his potential customers and then try to decide how to allocate his loanable funds in such a way as to be fair to each. He sets certain criteria for the soundness of loans and then welcomes all customers who can satisfy him that they meet the criteria. [...]

³²⁹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 56-57.

They would relate not merely to the soundness of each particular project taken by itself but also to the prospects for the entire economy in which the project was to be located. But the distribution of funds among countries would be determined by absorptive capacity rather than by considerations of equity or politics.³³⁰

Trata-se de empréstimos a serem concedidos em termos de negócio bancário, sob critérios definidos pelo credor e a concessão a cada projeto deve ser feita considerando o conjunto da economia que o programa pretende abranger. A alocação dos recursos (sua distribuição e sua quantidade) deve ser determinada por um critério técnico (a capacidade de absorver capital), sem considerações quanto à equidade ou à política.

2º) A responsabilidade pelo crescimento é dos próprios países subdesenvolvidos: “But the bulk of the task must be done by the people of the developing country itself.”³³¹ A concessão dos empréstimos e da assistência técnica depende de que os próprios países formulem os seus projetos de desenvolvimento. Para que tais projetos possam ser elaborados cumprindo os critérios e os requisitos necessários, precisam de assistência técnica prévia.

Present technical assistance programs should be suitably expanded to this end; and the task of a new program should be not merely to make more capital available but also to advise and assist countries in preparing themselves to use capital productively.³³²

3º) Como o critério básico para a concessão dos empréstimos é a capacidade de absorver capital, o programa precisa prover meios para aumentar essa capacidade de absorver capital, o que é atribuição fundamental da assistência técnica. Considerando essa função, os programas de assistência técnica vigentes precisam ser revistos e ampliados: para ajudar a formular os

³³⁰ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 58.

³³¹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 59.

³³² Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 59.

projetos de desenvolvimento com o necessário detalhamento; para ampliar e aprofundar os programas de educação e treinamento; para fornecer qualificação administrativa no gerenciamento dos programas (sem, naturalmente, comprometer o controle interno do país); para fornecer assessoria de engenharia; e para aplicar conhecimento científico novo aos problemas econômicos específicos dos países subdesenvolvidos. Neste sentido, a Proposta indica a conveniência de estabelecer um programa científico cooperativo mais geral.

4º) O Programa deve ser cuidadoso no texto com os países subdesenvolvidos, considerando que a maioria deles é muito sensível quanto à sua independência política:

[...] The recipient countries must be convinced that the program does not have narrowly political or military objectives. Its basic political objective – the development of stable, effective societies moving in a democratic direction – is one with which no non-Communist country will quarrel. But if it is believed that the program is designed to force neutrals into our camp, to acceptance of particular American foreign policies, or to draw other countries into conflicts which they believe, however rightly or wrongly, do not concern them, none of the more fundamental results we seek will be secured. The underdeveloped countries, many of them recently fresh from successful efforts to throw off political domination by colonial powers, are highly sensitive about their political independence. If they believe their independence will be compromised by accepting assistance from us, either in grant or in loan form, they will reject that assistance, as some of them have already done in the past, however desperately they need it for their own growth. Many of them believe that if assistance is channeled through an international body, they will be better protected from political interference.”³³³

³³³ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 63-64.

5º) A proposta prevê que a organização e o controle do programa se façam por meio de instituições internacionais. Embora o patrocínio real mais significativo seja dos Estados Unidos, é considerado decisivo politicamente que o programa não seja reconhecido como uma política e um projeto dos Estados Unidos – para evitar resistências políticas em defesa da soberania nacional, que um patrocínio direto dos Estados Unidos ameaçaria, ou seria tido como uma ameaça a países pobres. A operacionalização do programa por organismos internacionais tenta minimizar esse tipo de percepção e de reação negativa.

[A]nother key element of the program [is] that its sponsorship should be international rather than national. This does not mean that all administration of the program must be turned over to the United Nations or some other international organization.³³⁴

It is quite possible, however, to retain a large number of separate channels of financing and at the same time bring them all within the framework of an internationally agreed program. [...] This could be supported by an international secretariat, perhaps broken down into regional commissions, to maintain information, review programs, co-ordinate various elements in the international flow of capital, and act as a broker between countries needing assistance and those who might supply it.³³⁵

Além de fortalecer o programa tecnicamente, o patrocínio, a responsabilidade e a organização em nível internacional também podem contribuir significativamente para construir o sentido de que os países do mundo estão engajados num grande esforço comum. “This is as important to the morale of the industrialized countries as to that of the underdeveloped nations.”³³⁶

³³⁴ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 65.

³³⁵ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 66.

³³⁶ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 66.

É importante notar, porém, o cuidado em propor comissões regionais para, por um lado, intermediar a relação entre os países de uma dada área e a organização internacional dos fluxos de capital e de tecnologia; e, por outro lado, para dispor de informações mais detalhadas e da coordenação em nível regional dos pedidos, das concessões e para o acompanhamento do seu impacto na região.

O programa deve ser mundial e não limitado a uma ou duas regiões. Millikan e Rostow propõem que ele não seja rotulado como um programa anti-comunista ou anti-soviético. “In the long-run we are interested in stability and growth in Africa and Latin America as in Asia.”³³⁷ O caráter mundial do programa, no entanto, não significa que todo o planejamento e administração devem ser feito em base global. “Regional units are both more meaningful and more efficient.”³³⁸

Particularmente importante numa proposta de desenvolvimento como esta é outro dos seus aspectos explicitados como elementos-chave: “avoiding autarchy”. Millikan e Rostow afirmam:

Finally, there are two other key aspects of this proposal. First, though the underdeveloped countries will establish home industry, and will become somewhat more self-sufficient, they must not develop as

³³⁷ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 67. Estudando o isolacionismo e a política externa americana na década de 1920, William Appleman Williams afirma que a América Latina se tornou o laboratório da política externa americana para todas as áreas subdesenvolvidas. Após analisar a política para a Ásia, ele diz: “In other areas of the world, meanwhile, such as in Latin America, eastern Europe, and the Middle East and Africa, the policies of the United States were formulated to facilitate the ‘internationalization of business’ through the expansion of the American corporation. Aware of the voracious appetite of American industry, and of its commensurate waste, Hoover, Hughes, and corporation leaders united in a concerted program to discover, develop, and control various key raw materials throughout the world. This drive was integrated with the traditional campaign for markets, [...] The effort to expand American exports, develop and control raw materials, and initiate corporate enterprises – while at the same time developing a regional political system based on local rulers loyal to the basic interests of the United States – made Latin America the laboratory of American foreign policy for all underdeveloped areas.” Williams, William Appleman. *The Tragedy of American Diplomacy*. New ed. New York: Norton, 1988, p. 151.

³³⁸ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 67.

autarchies. Their experience with dependence on world trade has not been happy, and it would be understandable if they were to press for making themselves economically as independent of the rest of the world as possible. They can be persuaded that their own rapid growth requires that their development be based on a considerable international division of labor. If we and they follow trade and monetary policies designed to restore an effective international trading community, and if their investment programs are consciously designed to exploit their international comparative advantage, not only will we and they benefit, but the other industrialized nations, especially in Western Europe, will be able to maintain rates of economic growth they would otherwise have difficulty supporting.³³⁹

É indicada ainda como elemento-chave do programa sua necessária continuidade durante um período mais ou menos longo.

Even where the general environmental conditions are already favorable, project planning and the adjustment of development programs may require two or three years. Where more fundamental deficiencies in education, statistical information, labor and entrepreneurial skills, transport and communications, and public administration exist, the lead time may be a decade or more.³⁴⁰

Finalmente, também é considerado um elemento-chave o uso produtivo dos excedentes agrícolas, “a resource which, with a little intelligent planning, could be made to play a much more important part in international efforts to promote development than it has done to date.”³⁴¹ A propósito, Millikan e Rostow comentam que

³³⁹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 68-69.

³⁴⁰ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 67-68.

³⁴¹ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 69.

Various ideas have been put forward for distributing more food through channels entirely outside the market mechanism, like school lunch programs and special free meals for project workers. In our view such schemes are likely to be both inefficient and quantitatively limited.³⁴²

Sobre essa questão, no resumo do Programa Millikan e Rostow esclarecem que nesta mobilização dos estoques de excedentes agrícolas para fins de desenvolvimento, “Such a plan must insure that distribution of food and fiber stocks would not interfere with the normal markets of exporting countries.”³⁴³ O processo de circulação internacional dos excedentes agrícolas dos Estados Unidos e demais países produtores não deve atrapalhar os negócios normais desses produtos no mercado internacional.

Em suma, o objetivo da Proposta não é, de modo algum, redistribuir renda entre as nações industrializadas e subdesenvolvidas. Quanto à parceria para o desenvolvimento, Millikan e Rostow dizem que

It is important for our relations with them that we demonstrate that we regard the Free World as an enterprise in construction within which they can and must share in major tasks. A joint effort to help build successful democratic societies in the underdeveloped areas could strengthen the American European alliance, by adding to the binding force of *fear* the cement of *hope*.³⁴⁴

E, caracterizando bem as finalidades principais da Proposta, o seu capítulo-resumo expõe com clareza cristalina que

³⁴² Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 94.

³⁴³ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 128.

³⁴⁴ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 42, grifado por mim, F. D. R.

These sums must be made available to Free World countries without any military or political strings, but under strict businesslike criteria designed to guarantee that the loans and grants could be effectively used and that the loans could be repaid within a reasonable period of time.³⁴⁵

É um programa econômico, que tem importantes conseqüências políticas e militares, que é concebido dentro das concepções do Estado de Segurança Nacional, que considera com cuidado as dimensões políticas estratégicas da existência e das possibilidades de expansão do bloco comunista, mas que opta – como recurso decisivo até mesmo em termos de segurança nacional – pela necessidade que julga imperiosa e urgente, econômica, de centrar a política externa americana na expansão mundial do capitalismo, sob a direção dos Estados Unidos.

A repercussão na grande imprensa da proposta de Millikan e Rostow começou antes mesmo da sua publicação. O *New York Times* de 20 de maio de 1956 publica um artigo de Edwin L. Dale Jr., especial para o jornal, sob o título “Report bids U. S. alter Aid Policy”.³⁴⁶ A matéria se refere a um relatório de cento e quatro páginas, assinado por M. Millikan e W. W Rostow, ao qual “Officials at the highest level of the Government are given serious study”. Adiante, acrescenta que “It is known to have reached the National Security Council.” O texto destaca do relatório que a ajuda econômica aos países subdesenvolvidos pode ser útil principalmente ao dar aos povos desses países “a feeling that they are getting somewhere”, caso em que “they are unlikely to adopt radical political solutions”. Dale Jr. explica que o relatório se baseia numa análise “of the three stages of development that all countries go through”, refere-se ao critério da capacidade para absorver capital novo por parte

³⁴⁵ Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal*, p. 127.

³⁴⁶ Dale Jr., Edwin L., “Report bids U. S. alter Aid Policy: new approach to economic help is urged to check inroads abroad”, *The New York Times*, 20 de maio de 1956, p. 1 e cont. p. 13.

dos países que pleiteiam a ajuda econômica proposta, e faz um resumo bastante sucinto, mas bastante preciso dos principais pontos da proposta.

Quando da publicação de *A Proposal*, John K. Galbraith faz uma resenha para o *New York Times*.³⁴⁷ Galbraith começa criticando severamente a então atual política externa americana e critica a política dos pactos militares, pelo menos no que concerne à Ásia:

Our foreign policy in recent years has been dominated by a remarkable tendency to make the maximum use of our weakest weapons. Of personal diplomacy we have had a plethora. Not many would argue that this has been a scintillating resource. We have also gone in for military pacts at a time when, so far as Asia is concerned, there are grounds for debate whether they can possibly do as much good as harm.³⁴⁸

Tendo criticado a atual política externa americana, Galbraith começa a dar seu apoio à política proposta por Millikan e Rostow, indicando as resistências que essa política vem sofrendo: “All the while economic aid, for which our capacity is inherently vast, has been parceled out with great and seemingly increasing reluctance.”³⁴⁹

Galbraith enfatiza o que no seu entendimento os autores consideram como finalidade essencial, “that of helping create national communities in which a sense of progress is the solvent for tension and the antidote for violent solutions”. Afirmando esse objetivo como sendo de fato o essencial, diz então o que entende que, entre outros, *não é* objetivo da proposta: “The purpose is not to build up military strength or to sustain alliances or to

³⁴⁷ Galbraith, J. K., “For Foreign Aid in a New Packaging”, resenha de Millikan, Max F. & Rostow, W. W. *A Proposal. Key to an Effective Foreign Policy*, *The New York Times*, 13 de janeiro de 1957, p. 7 e 22.

³⁴⁸ Galbraith, J. K., *NYT*, 1957, p. 7.

³⁴⁹ Galbraith, J. K., *NYT*, 1957, p. 7.

cultivate mass friendships or to promote the spread of capitalism.”³⁵⁰ Quanto aos primeiros, reproduz formulações de Millikan e Rostow que são recorrentes ao longo do seu livro. Quanto ao último, porém, a meu juízo sua dedução não é correta, porque a proposta, tal como está redigida por Millikan e Rostow, autoriza a leitura oposta a essa de Galbraith, como, aliás, a análise que faço dela pretende ter mostrado. Entendo essa formulação de Galbraith como parte efetiva da perspectiva assumida pela ideologia do containment.

Apesar do elogio ao livro de Millikan e Rostow, J. K. Galbraith aponta nele o que considera “a serious fault”, sua “overgeneralization”. Diz Galbraith que, falando das áreas subdesenvolvidas, não se pode escapar do fato de que há profundas diferenças entre elas. Reconhece, no entanto, que “This is a good book, and it is certain to have a wide and beneficent influence. The authors have had to struggle with the problem of combining analysis with advocacy, and, on the whole, they succeed very well.”³⁵¹ Galbraith defende a posição de “to bring economic aid, our natural weapon in modern foreign policy, to the central position it should have. One can only applaud their achievement it should have”.³⁵²

³⁵⁰ Galbraith, J. K., *NYT*, 1957, p. 7.

³⁵¹ Galbraith, J. K., *NYT*, 1957, p. 7.

³⁵² Galbraith, J. K., *NYT*, 1957, p. 22.

8.5 – A suposta teoria dos estágios

That book [*The Stages*] successfully became through fifteen printings and as many translations, the single most important ideological weapon in defense of United States's bi-partisan imperialist interests in the "Third" world.

André Gunder Frank³⁵³

The Stages é – não apenas foi, pois em grande medida continua sendo – a ponta de lança do projeto talvez mais importante do grande capital no pós-colonialismo. Uma arma poderosíssima, concebida e lançada na Guerra Fria. Rostow condensa os elementos-chave para a concretização desse projeto e, como parte importante da estratégia, os apresenta como se fossem um produto científico, resultado de pesquisa científica, incluindo-o dessa forma no circuito acadêmico, fortalecendo-o ao adorná-lo com a aura da ciência e induzindo a impressão de que teria sido a partir do circuito científico-acadêmico que ele teria sido difundido para a sociedade em geral e particularmente para as políticas de Estado. Quando, na verdade, o projeto que anima Rostow e que fundamenta os seus “estágios-de-crescimento” tem raízes profundas no setor de “inteligência” do Estado de Segurança Nacional.

Diante de uma produção como esta, é recomendável tomar todo cuidado para não cair na tentação da discussão propriamente teórica. Crítica teórica é adequada a trabalho teórico. De todo modo, é preciso situar teórica e historicamente tanto a teoria quanto a ideologia ou os projetos políticos travestidos de teoria. Além disso, esse tipo de crítica a *The Stages* já foi feito muitas vezes, desde a primeira publicação do livro e mesmo dos artigos

³⁵³ Frank, André Gunder, Resenha de Hirschman, Albert O. *A Bias for Hope: Essays on Development and Latin America*; e de Rostow, Walt W. *Politics and the Stages of Growth*, *The Hispanic American Historical Review*, Vo. 53, No. 4, Nov. 1973, p. 663.

sobre os estágios que antecederam ao livro.³⁵⁴ O mais importante a investigar hoje nesses textos é o quanto existe nele de conteúdo político-econômico e político-ideológico. A partir daí é possível discernir seu objetivo de ordenamento econômico, político e ideológico do mundo do pós-guerra. Rostow atribui-se a tarefa – no desempenho da qual conseguiu grande êxito, parcialmente, é verdade – de ajudar a construir política e ideologicamente um novo curso de exploração e de dominação, em favor do grande capital, em substituição ao colonialismo. Ele próprio, em memorandum a T. Sorenson, afirma que a idéia de modernização ou desenvolvimento criaria

a new post-colonial relationship between the northern and the southern halves of the Free World. [...] As the colonial ties are liquidated, new and most constructive relationship can be built [...] a new partnership among free men – rich and poor alike.³⁵⁵

Durante muito tempo, demasiado tempo, costumou-se tomar *The Stages* como uma proposta teórica de análise e, assim, as formulações de Rostow nesse livro foram discutidas e criticadas nos cursos acadêmicos de Sociologia do Desenvolvimento e de Economia do Desenvolvimento que as instituições universitárias logo trataram de criar. O livro foi tão ampla, severa e profundamente criticado – merecidamente – que muito rapidamente se passou a considerá-lo como uma página ultrapassada de um passado teórico,³⁵⁶ em que ele teria ocupado um lugar menor, dada sua evidente insuficiência teórica.

³⁵⁴ Esp. Rostow, W. W. The Take-Off Into Self-Sustained Growth, *The Economic Journal*, Vol. 66, No. 261, Mar. 1956, p. 25-48; The Stages of Economic Growth, *The Economic History Review*, New Series, Vol. 12, No. 1, 1959, p. 1-16.

³⁵⁵ Memorandum, Rostow to Theodore Sorenson, March 16, 1961, National Science Foundation (NSF), box 325, “Rostow, Foreign Aid, 3/16/61 – 3/18/61”, John Fitzgerald Kennedy Library, apud Latham, Michael E. *Modernization as Ideology: American Social Science and “Nation Building” in the Kennedy Era*. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 2000, p. 16 e nota 42, p. 220.

³⁵⁶ Wallerstein, por exemplo, quando se refere ao “take-off”, diz: “to revive the rather felicitous metaphor of Rostow, which was overused and then discarded”. Wallerstein, Immanuel Maurice.

Talvez incomodasse um pouco que as idéias principais do livro, especialmente seu vocabulário, continuassem presentes. Teoricamente não fazia sentido. Mas não era teoria, era peça política muito importante de um grande projeto que, no seu cerne, vingou: o projeto de desenvolvimento rumo aos países que esse mesmo projeto inseriu nele denominando-os “subdesenvolvidos”, desenvolvimento a ser realizado fundamentalmente por meio de “ajuda externa” para industrialização acelerada via exportação de capitais, e logo exportação do capital, para esses países – fortalecendo extraordinariamente a dominação financeira internacional, gerando dívidas internas colossais nesses países, etc. Ou seja, criando para os “subdesenvolvidos” um objetivo e uma agenda que os vinculavam de forma nova às novas necessidades do grande capital em expansão em nível mundial, sob a hegemonia dos Estados Unidos.

The Stages é o produto final de uma preocupação que começou quando Rostow ainda cursava sua graduação universitária e que envolve, sempre intimamente conjugados, um grande e contínuo esforço teórico para enfrentar e superar Marx e um forte compromisso político-ideológico com o establishment norte-americano. Não se pode compreender mais profundamente o significado desse livro-manifesto sem ter presente os seguintes antecedentes decisivos para sua concepção e sua forma final: 1) a influência de Bissell, quando este ainda

Unthinking social science: the limits of the Nineteenth Century Paradigms. Philadelphia: Temple University Press, 2001, p. 42. Em “Modernization: requiescat in pace” Wallerstein formula o seu famoso “obituário” da teoria da modernização. Criticava toda a formulação desta suposta teoria, cujo mérito ele identificava como o uso de termos novos – desenvolvimento, Terceiro Mundo, modernização – em substituição à velha ideologia do progresso, mas recuperando a idéia de esperança que esta ideologia carregava. À época (no encontro de 1975 da American Sociological Association, em que leu aquele texto), ele conclui: “But the time has come to put away childish things, and look reality in face.” Wallerstein, Immanuel. “Modernization: requiescat in pace”, *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. Em uma republicação deste artigo, porém, ao reapresentá-lo Wallerstein reconhece que a modernização tinha “sobrevivido”: “I fear modernization theory has survived nonetheless, in altered clothing, but I feel what I said about it still holds true.” Wallerstein, Immanuel *The essential Wallerstein*. New York: The New Press, 2000, p. 106.

era um doutorando e ministrou o “black market seminar”³⁵⁷ sobre teoria econômica para quatro alunos de graduação, entre eles Walt Whitman Rostow, e Max Millikan; 2) a participação de Rostow no Office of Strategic Services (OSS) durante a segunda Guerra Mundial; 3) o trabalho de Rostow no Departamento de Estado, em que ocupou um cargo no imediato pós-guerra; 4) sua experiência em comissão da ONU para a Europa, trabalhando diretamente subordinado a Gunnar Myrdal; 5) sua participação decisiva na Conferência Econômica de Princeton, coordenada por C. D. Jackson, em maio de 1954; 6) seu curso na Universidade de Cambridge, no outono de 1958. É preciso, ainda, considerar todo o seu esforço de elaboração teórico-política, que inclui, principalmente: 1) *British Economy of the Nineteenth Century*; 2) *The Process of Economic Growth*; 3) como produto direto da Conferência de Princeton, a produção que Rostow realiza junto com Millikan dos relatórios sigilosos da Conferência e da versão final a ser tornada pública *A Proposal*. Há também outras produções de Rostow no mesmo período que ajudam a compreender a elaboração que ele gestava naquele momento, das quais talvez sejam principais: *The United States in the World Arena* (um estudo realizado no CENIS com financiamento da Fundação Carnegie) e *The Dynamics of Soviet Society* (também realizado no CENIS, mas financiado pela CIA³⁵⁸).

³⁵⁷ A expressão é de Richard Bissell. Diz ele: “I also conducted a sort of ‘black market’ seminar in economics for my friends. These included Spitzer, Walt Rostow (Gene’s brother), William Hull, and Max Millikan. We usually met in the evening in my rooms in Davenport College, where I could give what could technically be termed lectures, but with such a small group they were quite informal. As a result of these sessions, Millikan made a career change from physics to economics. I also very nearly converted Spitzer, but in the light of his brilliant career in astrophysics, that would have been a loss to the nation.” Bissell, Richard M., Jonathan E. Lewis, and Frances T. Pudlo, 1996, p. 11.

³⁵⁸ No seu artigo “Development: The Political Economy of the Marshallian Long Period”, in *Pioneers*, quando fala sobre o CENIS e a ajuda externa (Foreign Aid), Rostow diz: “We decide to concentrate our initial efforts in two areas: the study of communist societies and the study of problems of development – economic, social, and political. The former work came to be financed by the federal government; the latter was wholly financed by private funds, notably from the Ford and Rockefeller Foundations.”(p. 241) Esclarecendo o financiamento do governo federal, Rostow explica; “The Central Intelligence Agency (CIA), in its function as agent for the National Security Council, financed the studies of communist societies. If Congress had not been so penurious (and suspicious) they would have been more naturally financed by the Department of State. However, the CIA at no time tried to influence our analysis or conclusions, which were published in the normal manner of scholarly works.

Há ainda algumas formulações posteriores em que Rostow recupera a sua visão dos estágios, contextualizando-os e fazendo algumas retificações. Cabe citar entre esses a sua contribuição para *Pionners* e para o Congresso sobre o take-off promovido pela International Economic Association.³⁵⁹

Na Introdução a *The Stages*, Rostow identifica de duas maneiras bem distintas a sua seqüência de estágios-de-crescimento. Diz ele, por um lado, que “They [the set of stages] constitute, in the end, both a theory of economic growth and a more general, if still highly partial, theory about modern history as a whole.”³⁶⁰ Adiante, diz que “they [the stages-of-growth] constitute an alternative to Karl Marx’s theory of modern history”.³⁶¹ Ainda na primeira página, no entanto, Rostow diz: “I cannot emphasize too strongly at the outset, that the stages-of-growth are an arbitrary and limited way of looking at the sequence of modern history: and they are, in no absolute sense, a correct way.”³⁶²

É, no mínimo, uma ambigüidade esse auto-proclamar-se como uma teoria do crescimento econômico, como uma teoria sobre a história moderna como um todo, como uma alternativa à teoria da história moderna de Karl Marx e, ao mesmo tempo, enfatizar que os estágios-de-crescimento são um modo arbitrário e limitado, que deste modo não pretendem alcançar uma correspondência estrita com a realidade histórica concreta. Por isso que Rostow os afirma como não constituindo em nenhum sentido absoluto um meio correto, de ver a

It did not even blink when our study suggested that communist China might well be admitted to the United Nations – a rather contentious issue in the mid-1950s.” Meier, Gerald M., and Dudley Seers. *Pioneers in Development*. New York ; Oxford: Oxford University Press, 1984, p. 241, n. 23.

³⁵⁹ Rostow, W. W., and International Economic Association. *The Economics of Take-Off into Sustained Growth*; Proceedings of a Conference Held by the International Economic Association. London: Macmillan; New York: St Martin's Press, 1963.

³⁶⁰ Rostow, W. W., *The Stages*, p. 1.

³⁶¹ Rostow, W. W., *The Stages*, p. 2.

³⁶² Rostow, W. W., *The Stages*, p. 1.

seqüência da história moderna. Essas duas afirmações em princípio são auto-excludentes. É significativo que elas sejam apresentadas juntas numa Introdução tão sucinta como esta de Rostow a *The Stages*. De uma certa maneira, ele está antecipando que o livro apresenta como teoria um modo arbitrário e limitado de olhar a história moderna.

As afirmações contraditórias continuam. Apenas mais um exemplo: Rostow abre a Introdução dizendo que o livro é uma generalização produzida por um historiador econômico sobre a história moderna e que a forma desta generalização é um conjunto de estágios-de-crescimento. Diz ainda que sua análise trabalha com alguns “fatores particulares da realidade” “que se encontram na história do mundo moderno. Ao começar a discussão sobre a teoria dinâmica da produção, no capítulo 2, porém, afirma:

These stages are not merely descriptive. They are not merely a way of generalizing certain factual observations about the sequence of development of modern societies. They have an inner logic and continuity. They have an analytic bone-structure, rooted in a dynamic theory of production.³⁶³

Ou bem eles têm uma lógica interna derivada de uma teoria dinâmica da produção, ou bem eles são uma generalização a partir de certos fatores particulares que se encontram na realidade. Se é uma teoria que lhes dá sua estrutura, eles não são construídos por meio de uma generalização empírica, e vice-versa. Como confiar num texto que se tece dessa forma?

Rostow não nega ao leitor atento a informação de que está diante de uma leitura arbitrária e limitada da história moderna. Limitada, qualquer formulação, qualquer teoria, qualquer conceito é. Arbitrária, não. Entendo que esta é uma advertência que prenuncia o tipo de formulação que *The Stages* representam: um texto com muitas ambigüidades, muitas lacunas, muita imprecisão, forçando dados a caberem em determinadas definições, forçando

³⁶³ Rostow, W. W., *The Stages*, p. 12-13.

definições a excluir ou a incluir em demasia relativamente ao seu alcance. É um texto muito audacioso. Rostow parece experimentar uma liberdade muito audaciosa tanto ao lidar com teorias quanto ao lidar com fatos da realidade histórica. Discutindo Rostow em outro contexto (argumentando quanto à dificuldade de conciliar modelos com a sensibilidade do historiador para o fato histórico, numa resenha a outro livro de Rostow, *The Process of Economic Growth*, um autor diz: “But when [...] he sets up as a theorist, the historian comes over him; and he shivers upon the brink.”³⁶⁴

Estas ousadias não são próprias da teoria, nem de uma descrição histórica. Mas a ambigüidade que elas carregam é bem própria das ideologias, que deste modo aumentam a sua capacidade de atração e de adesão. Penso que ter isso em mente pode ser um bom norte para a leitura de *The Stages*. Minha hipótese de leitura – hipótese reconstruída depois de muitas releituras – é que aí Rostow exerce a sua audácia no limite. Seu objetivo principal nessa construção é estratégico, o que o faz agir enquanto estrategista econômico-político-ideológico o tempo todo. Mas nessa estratégia é decisivo atuar como cientista, portanto não apenas assumir postura de cientista como conseguir formular teorias (mesmo que supostas teorias) no campo científico. Entre estratégia e teoria, para Rostow em *The Stages* ganha a estratégia. A formulação a que ele aspira é bastante difícil e complicada, a exigüidade do tempo de que ele dispõe dificulta ainda mais. De todo modo, não há como resolver satisfatoriamente tantas questões teóricas, políticas e ideológicas sem muitas falhas e imprecisões, que geram muita controvérsia e polêmica, que, porém, acabam resultando muito bem para a estratégia principal adotada. As supostas teorias apresentadas em *The Stages* não são de modo algum o mais importante do livro. Tanto que Rostow participa da polêmica – acadêmica ou não –, atacado fortemente por todo lado durante muito tempo e, salvo raras

³⁶⁴ Hicks, J. R., *Journal of Political Economy*, 41, 1953, p. 173, apud Pearce, Kimber Charles. *Rostow, Kennedy, and the Rhetoric of Foreign Aid*, Rhetoric and Public Affairs Series. East Lansing: Michigan State University Press, 2001, p. 37.

exceções, não se abala, segue trabalhando, mantém-se como alguém em trabalho (“*at work*”), aceitando os mil ajustes que são propostos, retificando uma ou outra formulação – e usufruindo o tanto de tempo extra, ou sobrevida, que estas discussões continuadas propiciam ao seu propósito estratégico: o desenvolvimento, que assim continua na pauta.

Sua questão, seu problema, o cerne do seu esforço estratégico é o desenvolvimento: o crescimento econômico *capitalista* acelerado nas regiões subdesenvolvidas. Esta é a bandeira que ele desfralda para os países “subdesenvolvidos”, conclamando-os a tomar o desenvolvimento como seu objetivo (objetivo desses países), identificando desenvolvimento com o estado atual do capitalismo na grande potência capitalista, os Estados Unidos. O que *The Stages* apresenta como promessa cientificamente fundada em supostas teorias do crescimento econômico e da história moderna é que um tal “desenvolvimento” é possível e viável para esses países a prazo relativamente curto. Basta aceitar o projeto de desenvolvimento apresentado pela política externa de “ajuda” dos Estados Unidos aos “subdesenvolvidos”. As supostas etapas do crescimento econômico mostram a seqüência que espera a história futura desses países, desde que seja feita a opção certa, pelo “desenvolvimento”. Este é o conteúdo preciso – e não tão escondido assim – da ideologia do desenvolvimento proposta por Rostow, que presumivelmente teria fundado cientificamente a agenda do desenvolvimento e que colocou a problemática do desenvolvimento não apenas para os formuladores do crescimento capitalista (economistas, sociólogos, cientistas políticos, antropólogos, historiadores, psicólogos sociais), como também para o pensamento crítico de esquerda, que continuou, década após década, buscando alternativas de formulação teórica para o “desenvolvimento” e para o “subdesenvolvimento”, e para os que, lendo Marx e interpretando que para ele (Marx) o motor da história se concentrava no desenvolvimento das forças produtivas (e não na contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção, ou na luta de classes) tornaram também do campo marxista a

problemática do desenvolvimento, esquecendo que esta problemática é, na sua essência, *capitalista*. Rostow, com seus *The Stages*, é peça fundamental da instauração desta problemática na Guerra Fria, concebendo-a como substituto moderno do colonialismo em extinção.

Na sua ideologia dos estágios-de-crescimento, Rostow recupera em linguagem desenvolvimentista a velha e combatida ideologia do progresso. No seu encaminhamento, Rostow se opõe, por um lado, à teoria econômica dominante e, por outro lado, à teoria marxista. Quanto aos economistas modernos, diz que eles tentam fundir a teoria clássica da produção com a análise keynesiana da renda, mas o fazem de maneira tão rígida e geral que não conseguem dar conta do que é essencial ao fenômeno do crescimento econômico. Rostow reclama a necessidade de uma teoria dinâmica da produção e remete a seu livro anterior, *The Process*, em que procurou alcançar a formulação dessa teoria. Nesse livro ele diz buscar “an adequately full view of the process of economic growth”,³⁶⁵ e afirma:

It may, finally, be proper in this introduction to call attention to an issue which arose in the context of this analysis and which historians and social scientists must face if they are to make progress in many important directions, including the analysis of economic growth; namely, the inadequacies of the Marxist analysis of the relations among the sectors of society and the need for an alternative general view. It is the author's judgement that Marx's framework for relating economic, social, and political factors has found its way much more deeply into Western academic thought than most practitioners are aware. Its harshness and oversimplicity is, of course, often softened by *ad hoc* references to moral, idealistic, and individualistic “factors” that operate in history or in particular situations, Nevertheless, if political analysis, social analysis, and economic analysis are to be made to

³⁶⁵ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, p. 9.

converge on a given problem, the issue of dynamic causation in society cannot be thus evaded.³⁶⁶

Penso que o fundamental destas afirmações é a crítica que Rostow faz aí a Marx (e que reafirma muitas e muitas vezes, não apenas em *The Process*), em termos das “inadequações da análise marxista das relações entre os setores da sociedade”. As relações entre estes setores a que Rostow está-se referindo são as relações de determinação pelo econômico, que Rostow insiste em declarar como determinação imediata, direta e completa, como determinismo econômico, portanto, que ele acusa de ser rude e ultra-simplificado e ao qual ele então se opõe, pela “necessidade de uma visão alternativa”. O que Rostow diz nesse texto é, pois, que ele se opõe à causalidade absolutamente determinística que seria adotada por Marx, reconhecendo tão somente que as ciências sociais não podem deixar de considerar a questão da causação dinâmica na sociedade. Entendo que Rostow afirma nesta passagem que a ciência social não pode deixar escapar de sua análise o caráter dinâmico da causação social, embora Rostow reconheça esse caráter dinâmico na formulação de Marx. Penso que vale a pena considerar a hipótese de Pearce quanto à relação de Rostow com Marx. A partir exatamente de uma parte do excerto da citação acima, Pearce encontra uma “similaridade metodológica” entre Rostow e Marx, o que para esse autor poderia indicar uma proximidade maior entre eles do que a crítica de Rostow a Marx parece encaminhar. Pearce supõe que Rostow sustentaria indiretamente suposições da teoria marxista (a propósito exatamente da causação dinâmica da evolução econômica) e levanta, ainda, a hipótese do contexto macartista no qual a produção de Rostow se fazia. Diz Pearce:

One instance of Rostow’s indictment of Marxism, penned at the peak of the McCarthy era in the United States, indirectly supported assumptions from Marxist theory in the context of a denunciation. The

³⁶⁶ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, p. 9.

passage revealed the fact that Rostow's model of economic growth had certain methodological similarities to Marxist theory; in particular, the problem of dealing with the issue of dynamic causation in the process of economic evolution.³⁶⁷

Entendo que na referida citação Rostow diz que se a análise de um dado problema supõe que esse problema sofre influências do político, do social e do econômico, então essa análise não pode prescindir de uma causação dinâmica da sociedade. Nessa mesma citação, Rostow critica o determinismo econômico – que seria, segundo Rostow, a forma de causação assumida por Marx – por sua rudeza e simplificação excessiva. Rostow defende que os três níveis que constituem a estrutura da sociedade interagem, ou se influenciam uns aos outros. Se Marx e Rostow recorrem a uma causação dinâmica – mas cada um deles seguindo um esquema analítico diferente – a mera exigência de que a causação na sociedade seja encarada dinamicamente não chega, a meu ver, a caracterizar uma similaridade metodológica entre ambos. Penso que neste caso Pearce se equivoca, ou talvez não tenha escolhido bem as aproximações que existem entre Rostow e Marx. Há sinais razoavelmente claros de que Rostow adota uma concepção de causação social que parece ser bastante influenciada pela concepção da determinação em última instância pelo econômico, que inclui uma ação de retorno do social e do político, determinados em última instância pelo econômico, retornando com eficácia sobre o econômico. Mas Rostow não admite que esta seja a concepção de Marx. Insiste sempre, pelo contrário, que Marx é determinista, cabendo ao econômico a determinação simples, direta, imediata e completa de toda a superestrutura. É contra esse tipo de determinação que Rostow se volta. Ele dá indícios de que não ignora a questão da última instância, que, no entanto, distorce profundamente ao identificá-la com simples interação, além do que a circunscreve apenas a Engels quando já na velhice. Diz Rostow:

³⁶⁷ Pearce, K. C., 2001, p. 36.

But this should be clear: although the stages-of-growth are an economic way of looking at whole societies, they in no sense imply that the worlds of politics, social organization, and of culture are a mere superstructure built upon and derived uniquely from the economy. On the contrary, we accept from the beginning the perception on which Marx, in the end, turned his back and which Engels was only willing to acknowledge whole-heartedly as a very old man; namely, that societies are interacting organisms. While it is true that economic change has a political and social consequence, economic change is, itself, viewed here as the consequence of political and social as well as narrowly economic forces.³⁶⁸

Aqui Rostow indica ter ciência da formulação sobre a determinação explicitada por Engels. O próprio Rostow diz várias vezes que o econômico “recebe de volta” sua “influência” sobre o social e o político, os quais, desse modo, “agem de volta” sobre o econômico. Chega também a dizer que Marx teve “second thoughts” sobre a noção de determinação, mas o mantém excluído da compreensão da complexidade do processo de determinação explicitado por Engels. E Rostow modifica todo o sentido de determinação que encontra em Engels quando a explicita como as sociedades sendo organismos em interação, porque não se trata – em Engels e em Marx – nem de organismos, nem de interação, quando se referem a sociedades. Quanto a Rostow, ele tende a identificar-se com o tratamento das sociedades como organismos, como é o caso no evolucionismo, que ele acaba por adotar em *The Stages*, ou como o funcionalismo da chamada teoria da modernização. Quanto à questão da interação, embora várias vezes a expresse como na citação acima, quando menciona as conseqüências das forças políticas e sociais tanto quanto as econômicas, encontram-se em Rostow formulações em que ele fala explicitamente em retorno sobre o econômico. Como, por exemplo, quando afirma:

³⁶⁸ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 2.

These long-run economic influences, through the workings of the social system, also *play back* on the economy, either reinforcing or retarding the trend of its development.³⁶⁹

The economic level of society imparts, as is suggested above, a variety of impulses to social and political life; [...] But it also *receives back* from social and political life other impulses which affect its course. [...] For the moment, it is sufficient to note that the relations between the economic level of society and its other levels do not run merely in one direction.³⁷⁰

Em geral, no entanto, o que chama a atenção quando se discute *The Stages of Economic Growth* são principalmente duas coisas: primeiro, a sequência dos estágios, apresentada como sendo o caminho que *todas* as sociedades percorrem na sua história. Rostow afirma, logo no início, que “It is possible to identify *all* societies, in their economic dimensions, as lying within one of five categories: [...]”³⁷¹ Diante de uma afirmação inicial como esta, o leitor se pergunta, com razão, se não estará frente a uma perspectiva claramente evolucionista e determinista da sociedade e, naturalmente, se espanta com o grau de inclusividade que ela contém, porque desse esquema descritivo nenhuma sociedade ficaria fora. Em segundo lugar, o que de fato concentrou a atenção foi o estágio dito da arrancada ou da decolagem, o take-off – expressão que desde então entrou para o vocabulário de economistas, de políticos, da mídia e se tornou praticamente indissociável das discussões sobre o grande tema do livro, na verdade o grande tema de Rostow – o crescimento econômico, tratado como desenvolvimento.

³⁶⁹ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*, p. 40, grifado por mim, F. D. R.

³⁷⁰ Rostow, W. W., *B. E. N. C.*, p. 134, grifado por mim, F. D. R.

³⁷¹ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto*. 3ª ed. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1995, p. 4, grifado por mim, F. D. R.

No entanto, o “estágio” em que Rostow explicita o projeto que toma para si e que dá origem ao seu livro mais difundido e mais discutido é exatamente um estágio a que Rostow não dá nome próprio, porque ele seria apenas prévio ao take-off: o estágio em que são criadas as condições para que se implante o take-off, enunciado simplesmente como o estágio das condições para o take-off. O take-off, como veremos, irá descrever como a decolagem se processa. A chamada sociedade tradicional, por sua vez, é uma descrição da sociedade pré-moderna, que nesta medida, portanto, é nitidamente concebida *a partir da* concepção adotada de sociedade moderna. Duas descrições, muito simplificadas, sumárias mesmo. É de se supor que o estágio colocado como intermediário possa ser pelo menos um pouco mais do que descritivo, em que seja oferecida alguma explicação ou algum encaminhamento para uma explicação. Já por isso esse estágio merece atenção redobrada. Antes de entrar na sua análise, porém, convém fazer algumas considerações breves sobre o primeiro estágio.

A sociedade tradicional

Rostow é um autor que muitas vezes diz o que faz. Às vezes de uma maneira tão simples e direta que pode escapar a um leitor menos avisado, ou menos atento. O enunciado de Rostow diz: “A traditional society is one whose structure is developed within limited production functions on pre-Newtonian science and technology, and on pre-Newtonian attitudes toward the physical world.”³⁷² Assim, Rostow não esconde que percebe o que chama de sociedade tradicional³⁷³ a partir de um parâmetro que é a sociedade que na leitura a que Rostow se opõe é designada como sociedade capitalista. A chamada sociedade tradicional não

³⁷² Rostow, W. W. *The Stages*, p.4.

³⁷³ Uma outra designação talvez não exerceria o mesmo apelo negativo como o uso do termo tradicional, termo que, na ampla difusão que vai ser dada às teorias da modernização, passará a ser sobrecarregado de sentido fortemente negativo.

é procurada nas características que possam ser dela enquanto uma forma própria, ou uma formação própria. Esta é uma abordagem descartada totalmente. A sociedade chamada tradicional é descrita por não-ter as características que a sociedade moderna (na linguagem de Rostow a sociedade do crescimento sustentado) apresenta: funções de produção baseadas na ciência e na tecnologia e as correspondentes atitudes quanto ao mundo físico. Newton é tomado como referência para a possibilidade de manejo produtivo da realidade.

A aplicação da ciência e da tecnologia à produção é uma das características do processo produtivo capitalista. Vale a pena notar que a expressão sociedade capitalista não é usada por Rostow. Perry Anderson adverte com toda razão: “No Ocidente, a Guerra Fria foi apresentada como uma batalha entre a Democracia e o Totalitarismo. O bloco ocidental não utilizava o termo ‘capitalismo’ com referência a si mesmo, já que o reconhecia como um termo cunhado pelo “inimigo”, de modo que o seu simples uso podia torná-lo uma espécie de arma contra o sistema, e não uma definição ou uma caracterização desse sistema. O Ocidente se expressava em termos de ‘Mundo Livre’, e não de ‘Mundo Capitalista’.”³⁷⁴

Rostow entende que a sociedade deve ser tratada como um todo e com este movimento se opõe, por um lado, à economia dominante no período e, por outro lado, a Marx e ao marxismo. Pretende, portanto, tratar como um todo (considerando não apenas o nível econômico da sociedade, mas além deste também o social, o político e o cultural) uma sociedade que ele concebe como sendo um todo de fato (que corresponde à sociedade capitalista, que nos termos rostowianos é a sociedade pós-take-off). Mas, para proceder à análise desta sociedade (nas diferentes fases em que ele descreve o seu “desenvolvimento”), ele opera um grande deslocamento: toma como objeto não esse todo, mas um dos traços fundamentais desta sociedade: o crescimento econômico. Todos os estágios que compõem a

³⁷⁴ Anderson, Perry. “A Batalha das Idéias na Construção de Alternativas”. In Boron, Atílio A. (Org.). *Nova Hegemonia Mundial: Alternativas de Mudança e Movimentos Sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2004, 37-52, p. 37-38.

seqüência proposta por Rostow são, assim, momentos do capitalismo. Considera o crescimento econômico como objetivo não somente da sua análise, mas como objetivo social – objetivo que as sociedades-alvo dessa análise devem (precisam) assumir como seu, para escapar do fatalismo da sociedade tradicional e ingressar na marcha rumo à modernização ou progresso. Ao tomar, assim, o crescimento econômico como objetivo, propõe – já pelo recurso a esse procedimento – uma grade de leitura pela qual vai apreender a história, história que poderia (deveria) ser história das sociedades, mas que em Rostow é uma história da sociedade capitalista. É exatamente isso que faz a chamada teoria da modernização, o que no caso de Rostow fica definido ainda mais claramente desde que ele toma como seu objeto o crescimento econômico enquanto um objetivo social, desde que toma como objeto de estudo um objetivo real capitalista.

Já que Rostow fala de *todas* as sociedades, pode-se pensar que, por exemplo, se formos estudar sociedades tais como aquelas que a Antropologia classicamente estuda, sociedades do tipo que Lévi-Staruss chamou “frias”, encontraremos nessas sociedades objetivos outros que não o crescimento econômico. Não deixa de ser este o caso da sociedade tradicional em Rostow. Só que ele a define por meio da ausência dos traços que ele concebe como sendo básicos para o crescimento econômico: a não-disponibilidade e o não-uso da ciência e da tecnologia modernas e a ausência da mentalidade que ele supõe acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico. Diz Rostow:

But the central fact about the traditional society was that a ceiling existed on the level of attainable output per head. This ceiling resulted from the fact that the potentialities which flow from modern science and technology were either not available or not regularly and systematically applied. [...] the level of productivity was limited by

the inaccessibility of modern science, its applications, and its frame of mind.³⁷⁵

Rostow fala da existência de um limite máximo que a produção per capita consegue alcançar na sociedade tradicional. Para ele, a explicação é uma só: essas sociedades não conhecem a ciência moderna e suas possíveis aplicações na produção e nessas sociedades os homens não pensam como os homens modernos.

Nesse início tão simples da exposição, Rostow usa dois parâmetros para a sua análise: 1) ciência e tecnologia; 2) o sistema de valores. No tratamento desta última questão, opõe fatalismo a progresso e se refere a este preferencialmente como desenvolvimento ou como crescimento econômico. Para Rostow, a oposição fatalismo/progresso é tão crucial quanto a oposição uso/não-uso da ciência e da tecnologia. Em Rostow essas duas questões se acham inextricavelmente vinculadas. Rostow acaba definindo a sociedade tradicional de tal modo a incluir sob esta designação as sociedades que existiram antes da formulação da ciência moderna (as dinastias da China, as antigas civilizações do Oriente Médio e do Mediterrâneo, a Europa medieval) e “the post-Newtonian societies which, for a time, remained untouched or unmoved by man’s new capability for regularly manipulating his environment to his economic advantage.”³⁷⁶ O que acaba por decidir a definição é “a nova capacidade do homem para manejar regularmente seu meio para obter vantagem econômica”, o que afinal identifica o capitalismo, do ponto de vista do capitalista.

Rostow define assim o objeto ou o tema específico de *The Stages*: “the post-traditional societies, in which each of the major characteristics of the traditional society was altered in such ways as to pursuit regular growth [...]”³⁷⁷ O argumento aí é tautológico,

³⁷⁵ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 4 e 5.

³⁷⁶ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 5.

³⁷⁷ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 6.

porque ele identifica a sociedade tradicional pela ausência do traço que uma vez alcançado vai identificar a sociedade pós-tradicional: o crescimento regular. Mas não é esse o ponto mais importante. Ao montar deste modo uma grade de leitura capitalista da história das sociedades (diz Rostow, de todas as sociedades), Rostow desde então eterniza as relações capitalistas, transformando a história das sociedades na história da formação e do desenvolvimento do capitalismo. É impossível não lembrar de Marx quando fala da “sabedoria” dos economistas modernos, que apagam (Marx fala em esquecimento) as diferenças essenciais das sociedades.³⁷⁸ Rostow me parece ser exemplar quanto a essa “sabedoria”, já que ele só procura traços, características e relações capitalistas em toda e qualquer sociedade, em todo e qualquer tempo e lugar.

O estágio sem nome próprio: as pré-condições

O foco para o qual Rostow aponta na sua discussão é o que ele chama take-off. Ele estudou detidamente a revolução industrial na Inglaterra, seja na sua tese de doutoramento,³⁷⁹ seja na pesquisa com Gayer,³⁸⁰ seja em *British Economy of the Nineteenth Century*. Rostow identifica o primeiro take-off com a revolução industrial inglesa. Olhando em perspectiva para trás, para caracterizar como a sociedade se apresentava, nomeou aquele que teria sido o primeiro estágio como sociedade tradicional. E resolveu definir um estágio intermediário, que seria a transição – ou para diluir o impacto da mudança (a quebra de

³⁷⁸ Cf. Marx, Karl. Introduction à la Critique de l'Économie Politique. In Marx, Karl. *Contribution à la Critique de l'Économie Politique*. Traduzido do alemão por Maurice Husson e Gilbert Badia. Paris : Éditions Sociales, 1957, p.151.

³⁷⁹ Rostow, Walt Whitman. "British Trade Fluctuations, 1868 to 1892." Ph.D., Yale University, 1940.

³⁸⁰ Gayer, Arthur David, Isaiah Frank, Walt Whitman Rostow, and Anna Jacobson Schwartz. *The Growth and Fluctuation of the British Economy, 1790-1850. An Historical, Statistical, and Theoretical Study of Britain's Economic Development*. Oxford: Clarendon Press, 1953.

padrões), ou para qualificar melhor as necessidades que a mudança em vista requeria (na verdade, a mudança pretendida por uma dada intervenção política deliberada em certas realidades para provocá-la). Talvez o mais adequado seja pensar os dois motivos conjugados, porque a diluição da mudança constitui um dos alvos preferenciais de todo evolucionismo.

Vale fazer ainda uma outra consideração inicial. Para dar nome a esse estágio, Rostow recorre à expressão pré-condições, cujo sentido é muito semelhante ao da noção de pré-requisitos funcionais, noção característica da análise funcional. Rostow constrói seu discurso por oposição – à teoria econômica então dominante, a Marx e ao marxismo, e à ciência social de seu tempo, na qual prevalecia sem dúvida o estrutural-funcionalismo. Rostow critica o funcionalismo.³⁸¹ Apesar dessa crítica, porém, Rostow se mantém muito próximo desse último esquema de análise, em muitas questões. Um dos sinalizadores dessa aproximação ou dessa identidade é o recurso à noção de pré-condições para o take-off, equivalente ao que seriam os pré-requisitos funcionais para alcançar um determinado estado de funcionamento adequado (bem equilibrado) de um dado sistema num dado momento, no caso, o take-off. Diz Rostow:

The preconditions for take-off were initially developed, in a clearly marked way, in Western Europe of the late seventeenth and early eighteenth centuries as the insights of modern science began to be translated into new production functions in both agriculture and industry, in a setting given dynamism by the lateral expansion of world markets and the international competition for them.³⁸²

A ênfase continua sendo na ciência moderna e sua aplicação à produção, criando novas funções produtivas. A partir da identificação das pré-condições para o take-off. Rostow

³⁸¹ Aliás, A. Gunder Frank, 1973, diz que é a única coisa certa no trabalho de Rostow.

³⁸² Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 6.

especifica a época histórica em que esse “estágio” teria ocorrido inicialmente, o final do século XVII e o começo do século XVIII, indica que a aplicação da ciência na produção se deu na agricultura e na indústria e que a esse processo se somou um dinamismo proveniente da expansão dos mercados em nível mundial.

Sobre essa descrição bastante superficial e sumária, em que inclui algumas referências históricas relativas ao que teria sido o primeiro take-off, Rostow começa a delinear de maneira bem clara o projeto que na verdade o move e em função do qual formulou a sua suposta teoria dos estágios-de crescimento. Diz ele: “the transitional era when a society prepares itself – *or is prepared by external forces* – for sustained growth”.³⁸³ É mais claro ainda no capítulo em que resume os estágios, quando diz que:

The more general case in modern history, [...] saw the stage of preconditions arise not endogenously but from some *external intrusion* by more advanced societies. These *invasions* – literal or figurative – *shocked* the traditional society and began or hastened its undoing; but they also set in motion *ideas and sentiments* which initiated the process by which a modern alternative to the traditional society was constructed out of the old culture.³⁸⁴

Este é um parágrafo muito esclarecedor da formulação de Rostow. Ele indica pontos cruciais da estratégia política que a construção supostamente teórica de Rostow encaminha. Aí estão colocados elementos importantes do método que a política de desenvolvimento esposada por Rostow propõe (intrusão externa, invasão, choque), bem como da ideologia que necessariamente deve acompanhar essa política (idéias e sentimentos) para conquistar as mentes e os corações daqueles que se espera venham a admitir aquelas intrusões estrangeiras em nome de um objetivo que lhes é oferecido para o futuro.

³⁸³ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 17, grifado por mim, F. D. R.

³⁸⁴ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 6, grifado por mim, F. D. R.

Em *The Stages*, Rostow diz que no caso mais geral na história moderna o estágio das pré-condições para o take-off surge não endogenamente, mas a partir de alguma intromissão externa por parte de sociedades mais avançadas. Fala em invasões, em sentido literal ou figurado. Já que menciona intromissão externa de sociedades mais avançadas e está caracterizando o estágio de pré-condições para o take-off, por meio do qual uma sociedade tradicional se transforma (ou é transformada) no rumo do take-off, não resta muita dúvida de que Rostow está-se referindo realmente à "promoção" das pré-condições para o take-off nas regiões atualmente "subdesenvolvidas". Na verdade, está indicando o meio (supostamente necessário) para intervir nessas regiões para que elas sejam transformadas na direção do take-off. Rostow usa mesmo o termo "invasões". Entendo que a observação de que tais invasões possam dar-se ou no sentido literal ou em sentido figurado refere este último sentido à aceitação de idéias, ideologias, propostas e projetos políticos e econômicos condizentes com a implantação das pré-condições para o take-off, caso em que não se configure uma necessidade de invasão no sentido literal.³⁸⁵

De acordo com Rostow, há dois tipos de estágio de pré-condições para o take-off: o caso geral e o chamado segundo caso. O caso geral abrange a evolução da maior parte da Europa, da maior parte da Ásia, do Oriente Médio, da África. É quanto a esse caso geral que Rostow fala em "intromissão externa por sociedades mais avançadas". Coloca-se logo pelo menos uma questão importante em relação à Inglaterra, que teria sido o primeiro take-off.

Rostow coloca a questão como um problema de interpretação histórica, não se detendo nas questões políticas envolvidas.

³⁸⁵ Hoje se sabe, com base em documentos do governo dos Estados Unidos já tornados públicos ("declassified"), que houve efetivamente intromissão desse governo sob forma secreta ou encoberta, por meios econômicos, políticos, psicológicos e militares, na direção que Rostow aponta em seu texto. Já não há dúvida de que se tratava de uma política de Estado, que admitia a intromissão externa por parte dos Estados Unidos.

This way of looking at things poses an interesting historical problem. If the break-up of traditional societies is judged to have been induced by the transmission of demonstration effects from other societies, how shall we account for the first take-off, that of Great Britain?³⁸⁶

Há uma mudança de terminologia que chama a minha atenção ao comparar esse texto com as formulações feitas no início do livro: lá, Rostow falava em mudança social, em alteração ou em transformação da sociedade tradicional; depois falou do seu “undoing”, e aqui ele fala na quebra dessas sociedades. O que antes era apresentado como intromissão externa ou invasão, agora surge como indução pela transmissão de efeitos-demonstração. Por um lado, a diluição da passagem ou da transição se perde e a mudança aparece como quebra. Por outro lado, a intrusão externa praticamente se dissolve na noção de efeito-demonstração.

Quanto ao conteúdo relativo à criação das pré-condições para o take-off na Inglaterra, Rostow justifica que a Inglaterra teria sido a primeira porque “Among the Western European states, Britain [was] favoured by geography, natural resources, trading possibilities, social and political structure, [...]”³⁸⁷ Quando se propõe a discutir o que na sua formulação é ou uma contradição ou um non-sense, Rostow alega que “only in Britain were the necessary and sufficient conditions fulfilled for a take-off.” E conclui: “This combination of necessary and sufficient conditions for take-off in Britain was the result of the convergence of a number of quite independent circumstances, a kind of statistical accident of history which, once having occurred, was irreversible, like the loss of innocence.”³⁸⁸

A criação das pré-condições para o take-off que Rostow apresenta enquanto regra, ou norma, ou método, para o caso geral da história moderna não se aplicam à grande

³⁸⁶ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 31.

³⁸⁷ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 6.

³⁸⁸ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 31.

referência de take-off, a Inglaterra e sua revolução industrial? Rostow não se exime de explicitar essa, digamos, incongruência, que afinal salta aos olhos. Na verdade, para ele isso não conta, não importa. Por isso ele pode resolver tão facilmente o que seria um problema: a Inglaterra? Ele responde com tranquilidade, é uma espécie de acidente estatístico!

Voltemos à citação em que Rostow expõe, melhor dizendo propõe a maneira de conseguir que sejam criadas as pré-condições para o take-off nas sociedades “menos avançadas”: por intromissão externa ou invasão das “sociedades mais avançadas”. Diz ele que essas intromissões ou invasões produzem grande choque na sociedade tradicional e assim começam ou aceleram o seu desmoronamento, o seu desfazer-se (“undoing”). O fundo da proposta que se encontra aí parece mesmo ser de que é preciso quebrar a antiga sociedade, provocar que ela se desfça para que uma nova sociedade possa ser erigida em seu lugar, nova sociedade capitalista, é claro.

Concepção semelhante aparece no livro do CENIS sobre o desenvolvimento a ser promovido nos países subdesenvolvidos,³⁸⁹ embora aí seja usada uma linguagem mais abertamente política e não seja ressaltada a importância das idéias e sentimentos, o que a meu juízo em Rostow é decisivo. O texto de Rostow é muito mais cuidado, mais sucinto e mais direto. Em *The Emerging Nations*, há um capítulo sobre “a quebra das sociedades tradicionais”, em que se afirma que o choque provocado pelas sociedades mais avançadas é o principal responsável pela quebra e dissolução das sociedades tradicionais.

³⁸⁹ Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.). *The Emerging Nations: their growth and United States policy*. Boston & Toronto: Little, Brown and Co.: Massachusetts Institute of Technology, 1961. Este livro é uma edição revista de relatório encaminhado ao Comitê de Relações Exteriores do Senado, atendendo a uma demanda deste Comitê para um estudo sobre “Economic, Social, and Political Change in the Underdeveloped Countries and Its Implications for United States Policy”, relatório que foi submetido ao Senado em janeiro de 1960. A produção é coletiva, feita por um conjunto de pesquisadores do Center for International Studies (CENIS), do MIT, que trabalhavam nas pesquisas daquele Centro sobre desenvolvimento/subdesenvolvimento. Os autores são: Francis M. Bator, Donald L. M. Blackmer, Richard S. Eckaus, Everett E. Hagen, Daniel Lerner, Max F. Millikan, Ithiel de Sola Pool, Lucian W. Pie, Paul N. Rosenstein-Rodan e Walt W. Rostow.

The weight of historical evidence seems to support the view that in general it was the shock and continuing aftereffects of contact with more advanced societies that first cracked and then broke up the traditional social structures of what, for want of a better term, we call the underdeveloped countries. The impact of the more advanced societies of the West has certainly been the most dramatic disruptive influence upon traditional societies.³⁹⁰

Neste relatório, não se fala em mudança ou em transformação das sociedades subdesenvolvidas, fala-se em choque, impacto, quebra e desagregação ou dissolução das sociedades tradicionais para que nelas o desenvolvimento possa ter lugar. E também se assume que para abalar a estrutura da sociedade tradicional e precipitar sua desagregação e sua quebra é necessária uma intromissão externa, uma intervenção deliberada por parte de sociedades mais avançadas. Neste relatório do CENIS/MIT para o Senado dos Estados Unidos discutem-se algumas implicações que esse tipo de análise tem para a formulação de políticas. Uma delas diz respeito às premissas tradicionais das relações internacionais. A equipe do CENIS alega que a entrada dos países subdesenvolvidos na cena internacional coloca em questão várias daquelas premissas. Dizem, por exemplo:

Can relations among societies continue to be limited primarily to the formal relations among governments? Should the new governments be expected to meet the type of commitment traditionally accepted by national governments? Can the presumption of unconcern about internal developments in other nations be maintained when a primary international activity must be the transference of talents and skills, including those of administration and policy-making? [...] In short, both parties must acknowledge that the relationship transcends that of

³⁹⁰Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 7.

conventional international behavior and may involve activities within other societies which formerly would have been precluded.³⁹¹

Fica evidente que o projeto de política de desenvolvimento que se propõe como política de Estado dos Estados Unidos se baseia em que é necessário realizar uma intromissão externa nos países subdesenvolvidos para que eles se desenvolvam na direção desejada – como parte do “mundo livre”, dizem os formuladores desse projeto, na verdade como parte importante do capitalismo em busca de expansão. O projeto está baseado, portanto, numa clara violação deliberada de um dos princípios sobre que se concertam as relações internacionais: o princípio de auto-determinação dos povos, bem como o princípio de soberania nacional de nações independentes, que o acompanha. O relatório (ou melhor, a versão do relatório destinada à publicação como livro) dos scholars do CENIS/MIT para os Senadores dos Estados Unidos afirma que essa intromissão externa (nos países que a política proposta pretende que se tornem países “em desenvolvimento”) é necessária e que, como consequência, é preciso mudar os princípios que fundamentam as relações internacionais.

O que está em jogo é “[the] potential influence in shaping the evolution of developing societies [...]”,³⁹² “to have the maximum leverage in persuading the underdeveloped countries to follow a course consistent with American and free-world interests [...]”.³⁹³ Isto é, o que o projeto de desenvolvimento tem como objetivo é moldar o mundo subdesenvolvido aos interesses da expansão capitalista – ou aos “interesses americanos e do mundo livre” – por meio do desenvolvimento, conforme os programas de “ajuda externa” dos Estados Unidos. O *leitmotiv* usado para persuadir os subdesenvolvidos é exatamente o desenvolvimento.

³⁹¹ Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 133.

³⁹² Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 115.

³⁹³ Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 118.

O papel da ideologia

É importante notar que naquela citação Rostow começa a expor a dimensão propriamente ideológica da sua proposta – dimensão ideológica essa que tem papel central e decisivo para a eficácia do grande projeto político que essa proposta contém. Rostow diz que a intromissão externa ou invasão também põe em marcha idéias e sentimentos que iniciam o processo pelo qual vai ser construída a alternativa moderna à sociedade tradicional. Logo adiante, ele explicita o cerne da ideologia sobre a qual se arma todo o projeto:

The idea spreads not merely that economic progress is possible, but that economic progress is a necessary condition for some other purpose, judged to be good: be a national dignity, private profit, the general welfare, or a better life for the children.³⁹⁴

Rostow defende que haja um fundamento ideológico muito bem consolidado para o projeto e o cerne dessa ideologia é exatamente a idéia de progresso econômico. O que Rostow faz aí é tentar, por meio de uma nova ideologia, trazer de volta para o centro da cena a velha idéia de progresso. Sob as novas condições históricas, a estratégia consiste em difundir entre os países pobres (ou “subdesenvolvidos”, ou ainda não plenamente integrados em moldes capitalistas ao capitalismo mundial) que o progresso econômico é possível para eles. Tudo o mais neste projeto gira em torno desta idéia, em torno da qual ele se constrói ou toma como seu fundamento.

Ao tomar o progresso econômico como centro ou como fundamento do projeto que veicula – e note-se que isso é bem mais do que apenas crescimento econômico regular ou sustentado –, esse projeto afasta e, se possível, elimina toda discussão sobre a organização da sociedade, sobre alternativas possíveis, sobre a assimetria das relações internacionais, sobre a

³⁹⁴ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 6.

desigualdade interna, ou sobre as relações estruturais ou históricas que possam responder por estas assimetrias, estas desigualdades, etc. Ou seja, colocar o progresso econômico como condição necessária para alcançar as finalidades julgadas boas significa desde logo inculcar uma idéia que expressa um dos valores mais básicos da organização social capitalista e subordinar tudo o mais a ele.

Preocupado com a eficácia da intervenção política, Rostow estuda a estrutura da sociedade, especialmente interessado nas relações entre os fatores econômicos e os não-econômicos e atribui papel muito importante ao que chama de idéias gerais ou conceitos políticos gerais.³⁹⁵ Entende que um conjunto dessas idéias ou conceitos gerais, uma vez que seja aceito, é capaz de conferir uma ordem e uma explicação plausíveis a realidades complexas nas quais “os homens”, ou as nações, se encontram e diante das quais precisam posicionar-se. Rostow pensa que quando essas idéias são assimiladas e assim se tornam referência para a ação, elas ganham uma certa independência em relação à realidade a que se referem, de tal modo que, por um bom período de tempo, a sua discrepância com os dados da realidade não consegue abalar a crença depositada nelas. Rostow adverte, no entanto, que para que uma tal inculcação ideológica³⁹⁶ funcione desse modo, é necessário que as idéias em questão mantenham alguma referência com a experiência vivida e os interesses daqueles que aderem a elas, isto é, elas não podem ser inteiramente desvinculadas da história real. No caso, o progresso tem que ser percebido como viável, como uma alternativa possível, para que os subdesenvolvidos se decidam a aderir de fato ao projeto que, por meio dessa idéia e de alguma demonstração de sua viabilidade histórica, está sendo colocado como proposta concreta.

³⁹⁵ Ver “A importância do ideológico em Rostow”, nesta Tese, no capítulo 6, parte 6.2.

³⁹⁶ Esses termos obviamente não são dele.

Penso que a seqüência de estágios que Rostow monta procura atender acima de tudo a esse objetivo. O que a seqüência diz é que há *uma* rota para o desenvolvimento, que esta rota não é uma novidade que apenas se projeta para o futuro, porque ela já foi percorrida com sucesso antes, e o teria sido por todos os países que hoje são desenvolvidos. A seqüência de estágios afirma, a cada novo passo da análise, que o desenvolvimento é uma alternativa real.³⁹⁷ Com essa referência ao que ele apresenta como fatos da história passada dos atuais países avançados, ele pretende estar demonstrando a viabilidade da opção pelo desenvolvimento. Dado o sentido da seqüência de estágios, conforme os seus termos diante dela só resta uma opção para o país que não aceitar a proposta que oferece – *no futuro* – a possibilidade de acesso à suposta qualitativamente superior “vida moderna”: a opção que resta é manter-se no atraso da “sociedade tradicional”.

Quando Rostow monta a sua seqüência de estágios, esta sua preocupação com a dominação por meio de uma ideologia está bem clara para ele. Se, porém, está montando um projeto de dominação ou de controle por meio de uma ideologia, não vai explicitá-lo desta forma. Mas, ao definir a maneira (o método, a norma) pela qual a quebra da sociedade tradicional deve ser encaminhada para criar as pré-condições para o take-off inclui intromissão ou invasão externa, choque na sociedade e também a propagação de idéias e sentimentos que consigam dar sustentação (ideológica) ao processo de modernização a ser implantado, e ao fornecer o elemento central do novo conjunto de idéias nos termos de que o progresso econômico é possível, Rostow está pondo em prática a sua concepção do papel das idéias nos processos de mudança social. Está encaminhando que sem uma ideologia do desenvolvimento largamente difundida e aceita nos países-alvo da política

³⁹⁷ “Modernization must first become a realistic alternative. Only when new ideas and ways of doing things are introduced from more advanced societies will the possibilities of economic change be perceived as real.” Millikan, Max K. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 11. O que Rostow faz com a sua seqüência de estágios é não apenas reproduzir uma afirmação geral desse tipo – o que, aliás, ele também faz no seu texto *The Stages* –, mas, principalmente, concretizá-la praticamente numa série de estágios-de-crescimento supostamente bem referenciados na história moderna das sociedades.

desenvolvimentista, esta política não será viável, porque será percebida como uma intromissão externa indevida. Para que esta intromissão externa possa ser feita e se tornar eficaz, uma tal ideologia bem consolidada é indispensável. Entre as condições percebidas por Rostow como decisivas para essa consolidação está a apresentação dessa ideologia não como o que ela é, mas como uma proposta derivada de uma análise científica, ou seja, a utilização da autoridade conferida pela ciência como fundamento da proposta. Aqui Rostow também valoriza e remete à ideologia, desta vez à ideologia da ciência.

D. G. Armstrong, em seu amplo e minucioso trabalho ao recolher e organizar as fontes para reconstituir a trajetória de Rostow, remete a um conjunto de fontes que de fato podem esclarecer significativamente esta questão do vínculo entre a política, a ideologia e a ciência em Rostow. Analisando cartas entre Rostow e C. D. Jackson, Armstrong diz que no início de 1959

Rostow made clear that he hoped to spread his theory far beyond the narrow realm of academia and planned to use the tactics of psychological warfare to do so. In his letter to Jackson, the master of psychological warfare, Rostow explained that: 'Given the ultimate nature of the audience – that is, the other side of the Iron and Bamboo Curtains and the intellectuals of Asia, Middle East, Africa, and Latin America – my technical interest as a P-y-h-l-g-c-l W-r-i-r [Psychological Warrior] is that the original basis of the effort be kept explicit; namely, as a set of academic lectures delivered in the normal way to economics and economic history students at Cambridge. And that the operational moral of the story be kept at about the level and mood at which it now stands. The ultimate power – if any – of the argument will lie in its being a more or less scientific system of thought which others can use to grip the reality of what they perceive around them'.³⁹⁸

³⁹⁸ Armstrong, 2000, p. 379-380, citando carta de Rostow para C. D. Jackson, de 22 jan. 1959.

Em carta um pouco posterior, Rostow diz: “[L]ike na old Cha[u]tauqua circuit rider, I’m diffusing the gospel.”³⁹⁹ Rostow demonstra ter plena consciência de que faz política por meio de ideologia, e na carta a Jackson de 22 de janeiro de 1959 ele acrescenta que faz guerra psicológica, atua como um combatente de guerra psicológica. Mas que exatamente por estas condições – de uso de ideologia em intervenção de guerra psicológica – o argumento precisa aparecer como sendo oriundo de ciência e de atividade científica regular.

Para que a transição se implante, o acordo é geral quanto à necessidade de que a taxa de investimento seja elevada a níveis que ultrapassem substancial e regularmente a taxa de crescimento da população. Rostow, porém, reclama que para que tal elevação ocorra é preciso bem mais do que presumem aqueles a quem ele chama de os economistas modernos à moda antiga (“old fashioned modern economists”). É preciso haver mudanças profundas na sociedade, e na economia é preciso que alguns setores se destaquem dos demais quanto ao grau e à velocidade do seu desenvolvimento: são os *leading sectors*. Acrescenta a necessidade de que inovações tecnológicas sejam incorporadas no processo produtivo, elevando a produtividade, especialmente nos setores em que aumentos rápidos de produção sejam possíveis. Embora para implantar uma sociedade moderna seja necessário industrializar, considerando as múltiplas conexões que se criam entre agricultura e indústria, Rostow diz: “The point is that it takes more than industry to industrialize.”⁴⁰⁰ Rostow chama atenção para que a absorção de inovações tecnológicas e o conseqüente aumento de produtividade na agricultura e na indústria extrativista acabam revertendo para o setor moderno da economia, setor industrial, que vai sendo construído.

³⁹⁹ Carta de Rostow para C. D. Jackson, 21 fev. 1959, apud Armstrong, 2000, p. 380.

⁴⁰⁰ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 22.

A mudança não-econômica ganha especial relevo na análise de Rostow. Considera indispensável uma profunda reorganização social e política, acompanhadas por mudanças psicológicas correspondentes. Segundo Rostow,

It would be widely agreed that a new élite – a new leadership – must emerge and be given scope to begin the building of a modern industrial society; and, while the Protestant ethic by no means represents a set of values uniquely suitable for modernization, it is essential that the members of this new élite regard modernization as a possible task, serving some end they judge to be ethically good or otherwise advantageous.⁴⁰¹

A idéia-mestra é a mesma, agora colocada um pouco mais precisamente: o essencial é que a idéia de modernização – que até então aparecia no discurso como progresso econômico – seja aceita pela nova elite⁴⁰² como uma tarefa possível. O essencial é colocar no horizonte da nova elite do mundo subdesenvolvido que a modernização é possível para esses países. E nesse discurso essa tarefa é colocada nas mãos dessa nova elite. Rostow diz que é preciso que uma nova liderança emergja e que a ela seja dado o campo de ação para que possa começar a construir a nova sociedade industrial moderna.

É interessante a menção (não explícita, mas direta) a Max Weber e sua formulação sobre a ética protestante e o início do capitalismo. Refere-se a Max Weber, no entanto, afirmando que a ética protestante não é de modo algum o único conjunto de valores adequado para a modernização. A referência à ética retorna tendo em vista os fins visados pela nova elite, ao admitir a tarefa da modernização como possível: os fins considerados como eticamente bons, ou fins que lhe sejam de algum modo vantajosos. A lembrança da ética

⁴⁰¹ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 26.

⁴⁰² Antes o público-alvo da ideologia proposta era designado como os homens, ou as nações.

protestante em Weber, nesse contexto encontra respaldo ético para a busca de finalidades vantajosas.

A nova elite deve suplantar social e politicamente a antiga elite de base rural. Mas Rostow enfatiza uma restrição a esse processo, dizendo que esta supremacia da nova sobre a velha elite deve ocorrer tão somente “até certo ponto”. Daí se pode depreender que o projeto em questão prevê que a ascensão de um novo segmento – que surge com a implantação de setores modernos na economia – à direção social e política desequilibre a direção até então estabelecida na sociedade, sem, porém, chegar a substituí-la. O projeto, então, prevê que o surgimento da nova elite crie conflitos novos no interior dos setores dirigentes da sociedade, mas Rostow não explicita nem explora os desdobramentos dessa questão muito relevante politicamente.

O relatório (na versão publicada em livro) do CENIS/MIT para o Senado americano explicita a existência de conflitos internos à sociedade tradicional e o uso que a intromissão externa faz deles visando o desenvolvimento em sociedades subdesenvolvidas.

[...] The traditional society, despite its surface of coherence and stability, was often marked by inner conflicts; and one of the effects of intrusion from without was often to permit those conflicts to take forms that contributed significantly to modernization.⁴⁰³

A intrusão externa não se restringe à persuasão ideológica (apresentando o desenvolvimento como alternativa real, viável) e a disponibilização de capital, ela atua também na estrutura social e política dos países que se deixam persuadir pelo projeto desenvolvimentista. Através de políticas específicas, abre espaço para determinados grupos, interfere nos conflitos latentes ou já abertos, potencializa novos conflitos, de modo a encaminhar da forma julgada melhor possível à implantação das transformações no rumo da

⁴⁰³ Millikan, Max F. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 9.

modernização pretendida, apoiando-se nos grupos, classes e estratos sociais que identifique como aqueles que possam contribuir mais positivamente para suas pretensões desenvolvimentistas.

Se esse projeto considera necessário desintegrar a estrutura das sociedades subdesenvolvidas, para ser concretizado ele parece depender da sustentação social de outros grupos sociais que não os setores que detêm o poder nestas sociedades.

[...] it is virtually never the social group in control of a traditional society that leads the way to modernization. That group, which finds the traditional social order satisfactory, virtually always resists change, even if the society is threatened from without and change is necessary to resist that threat.⁴⁰⁴

Em *The Stages*, Rostow indica uma certa ambigüidade em relação aos grupos dominantes nas regiões subdesenvolvidas, em geral grandes proprietários rurais. Entende que não se pode pretender que sejam esses setores dominantes os que constituam a base social de sustentação do projeto de desenvolvimento. Por outro lado, pelo menos inicialmente o projeto mantém certa dependência em relação a esses grupos, por conta da resposta rápida em termos de aumento da produção em decorrência de elevação de produtividade nos setores econômicos que esses grupos controlam. Mas é condição para a modernização que se abra espaço para a constituição de uma nova elite dirigente.

Com uma nova elite ascendente social e politicamente e com a aceitação da idéia de modernização (que, a partir da nova elite que supostamente tomaria a seu cargo a tarefa de implantá-la, tenderia a se disseminar pela sociedade) deve produzir-se uma elevação do horizonte de expectativas. Sobre esse conjunto de transformações, Rostow diz que ele constitui o próprio cerne da criação das pré-condições para o take-off: “Something like this

⁴⁰⁴ Millikan, Max F. & Blackmer, Donald L. M. (Eds.), 1961, p. 10.

group of sociological and psychological changes would now be argued to be at the heart of the creation of the preconditions for take-off.”⁴⁰⁵

Concluindo, Rostow também enfatiza o papel desempenhado pelo processo político e pelos motivos políticos na transição. Ainda em 1956, Rostow se dava conta da necessidade de considerar, melhor do que havia feito anteriormente, a importância do político no estágio das pré-condições para o take-off. Diz ele:

The major gap in Millikan and my analysis [...] is that we did not address ourselves to the problem of these intermediary transitional figures who play such a large part in contemporary foreign policy. In short, we did not deal with the politics of the preconditions period.⁴⁰⁶

Já em *The Stages*, interessa a Rostow, sobretudo nesta questão o que ele chama de nacionalismo reativo, o nacionalismo que se forja contra a intromissão de nações mais avançadas. Rostow considera que este nacionalismo tem sido um motivo muito poderoso, pelo menos tão importante quanto a busca de lucro, na transição de sociedades tradicionais no rumo da modernização. Esse nacionalismo reativo parece colocar-se como um obstáculo, ou pelo menos como um problema sério, para um projeto de crescimento econômico que define a modernização no caso geral como sendo provocada pela intromissão externa ou mesmo pela invasão de sociedades mais avançadas nas sociedades-alvo desse projeto. Rostow entende que esse é o ponto crucial da questão e faz as seguintes considerações:

[...] the length of time and the vicissitudes of transition from traditional to modern status depend substantially on the degree to which local talent, energy, and resources are channeled on to domestic

⁴⁰⁵ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 26.

⁴⁰⁶ Rostow, W. W. “The relation between political and economic development”, Conferência no Foreign Service Institute, Washington, D. C., 31 nov. 1956, CENIS Archives, apud Armstrong, 2000, p. 373.

tasks of modernization as opposed to alternative possible objectives of nationalism; and this channeling must, in the general case, be in substantial part a function of political leadership.⁴⁰⁷

A questão política crucial que o projeto de modernização tem que contornar (ou controlar) nos países que se pretende colocar no rumo do take-off é, assim, o nacionalismo. No Brasil pelo menos nós sabemos, por experiência própria, que a “solução” encontrada pelos modernizadores para dar conta desse problema foi o nacional-desenvolvimentismo. Aliás, nesse ponto Talcott Parsons, em texto que vou comentar em seguida, foi mais direto, claro e explícito do que Rostow, propondo o nacionalismo-desenvolvimentista como a ideologia mais adequada ao projeto de modernização. Rostow apenas coloca o problema e indica a importância que as lideranças políticas, os governos nacionais e as alianças assumem no encaminhamento que se dê ao problema. Sobre a questão das alianças na transição, Rostow faz duas afirmações que merecem registro. Na primeira se refere ao papel que alianças de motivos e interesses vários tiveram na formação de governos nacionais modernos fortes e faz a seguinte afirmação:

There is no doubt that without the affront to human and national dignity caused by the intrusion of more advanced powers, the rate of modernization of traditional societies over the past century-and-a-half would have been much slower than, in fact, it has been.⁴⁰⁸

Justifica, num certo sentido, a afronta à dignidade humana e nacional pela intromissão de poderes mais avançados no passado (do final do século XVIII até então) por tornar menos lenta a taxa de modernização de sociedades tradicionais. Se justificada no passado, por que razão não estaria justificada no presente, desde que acelere o desenvolvimento ou modernização?

⁴⁰⁷ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 30.

⁴⁰⁸ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 28.

A segunda afirmação que penso ser importante deixar registrada é a seguinte:

Historically, these [transitional] coalitions often had a political (or military) wing and an economic wing, each wing representing somewhat different motives and objectives in the formation of the new or modernized nation; [...] These nineteenth-century coalitions obviously bear a family resemblance to the post-medieval coalitions of king and urban middle class that helped create the states of Western Europe, as well as to such twentieth-century coalitions of soldiers, merchants and intellectuals as that which was developed with success in Turkey, which failed in Nationalist China, and whose destinies are still in question in most of the southern half of the world.⁴⁰⁹

Alguns dos elementos importantes da análise social e política que Rostow utiliza quando trata do estágio das pré-condições para o take-off também estão presentes em um texto de Talcott Parsons sobre o desenvolvimento das áreas subdesenvolvidas do mundo. Parsons apresenta nesse texto todo um quadro de fundo caracteristicamente sociológico, mas o enfoque adotado para definir o problema do desenvolvimento e o tipo de argumentação sobre as condições necessárias para promover o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos são bastante semelhantes às análises de Rostow. Os dois textos de alguma forma se complementam e a leitura em paralelo dos dois é bastante esclarecedora.

Em texto apresentado originalmente em 1957 na Universidade Hebraica, em Jerusalém, Talcott Parsons⁴¹⁰ refere sua reflexão à discussão do final do século XIX no

⁴⁰⁹ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 29.

⁴¹⁰ O texto “Some reflections on the institutional framework of economic development” é, segundo o próprio Talcott Parsons, uma versão condensada do que foi apresentado por ele no simpósio *The Challenge of Development* na Hebrew University, Jerusalém, em junho de 1957. O conjunto do Simpósio foi publicado por aquela universidade em 1958, mantendo o seu título original. A versão condensada do texto de Parsons, ele o publicou em Parsons, Talcott. *Structure and Process in Modern Societies*. Glencoe, Ill.: The Free Press of Glencoe, 1960, cap. III, p. 98-131. Para uma discussão mais detalhada desse texto, ver Ribeiro, Flávio Diniz, *Para uma crítica da idéia de desenvolvimento*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH, Universidade de São Paulo, Dez. 2001, esp. p. 98-116.

Ocidente, a qual tratava problemas econômicos combinando tentativas de interpretação científica do social com tentativas de oferecer uma *rationale* ideológica para a ação política.⁴¹¹

Atribui a Karl Marx o pensamento de tipo ideológico e se identifica, como sociólogo moderno, com Max Weber. Pensa, no entanto, que o problema não é mais o que tornou possível o capitalismo, porque agora “attention must be centered on the conditions of its spread from the West to other societies all over the world”.⁴¹²

Parsons relaciona o socialismo com a pretensão de alcançar novo desenvolvimento rápida e efetivamente e explica assim o apelo do socialismo nas áreas economicamente “subdesenvolvidas”. Afirma, então:

Conversely, however, I would like to contend in this paper that the *original* development of industrialism in the Western world not only *did* but *had* to take place in “capitalistic” forms. This is because **political organization in a pre-industrial situation without outside pressures would put usually insurmountable obstacles in the way of such economic development**, unless there were features in the social structure which could put institutional restraints on the exercise of political power and which *independently* of the political structure would provide special impetus to economic development.⁴¹³

Como se pode verificar, o problema posto é o do desenvolvimento econômico das áreas subdesenvolvidas do mundo. Além desta, quero destacar outras três questões nesse texto. 1º) a afirmação da *necessidade* do desenvolvimento “original” sob a forma de

⁴¹¹ Sobre a importância teórico-política desse texto de Talcott Parsons, ver Cardoso, Miriam Limoeiro, Comunicação “Construindo o mundo do pós-guerra – a teoria da modernização”, XXV Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS), 22 a 26 de agosto de 2005, Porto Alegre. Resumo publicado em *Livro de Resumos do XXV Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia – Desarrollo, Crisis y Democracia en América Latina: Participación, Movimientos Sociales y Teoría Sociológica*.

⁴¹² Parsons, T., 1960, p. 99.

⁴¹³ Parsons, T., 1960, p. 101-102, itálicos no original, em negrito é sublinhado por mim, F. D. R.

capitalismo; 2º) a afirmação da *necessidade de pressões externas* para que o desenvolvimento econômico capitalista possa ocorrer em sociedades pré-industriais, tendo em vista que a organização política destas sociedades coloca usualmente obstáculos “insuperáveis” para *tal* desenvolvimento; 3º) a afirmação da *necessidade de restrições institucionais ao exercício do poder político*, restrições que permitam impulsionar o desenvolvimento econômico independentemente da estrutura política.

É curioso como um pensador tão formal, e tão rigoroso no seu formalismo, não se propõe a esclarecer a contradição entre a afirmação categórica de que o desenvolvimento original *tinha que* ocorrer sob a forma capitalista, enquanto as sociedades pré-industriais atuais, pelo contrário, para o seu desenvolvimento capitalista dependem de pressões externas de sociedades capitalistas já-desenvolvidas. Mais curioso ainda é como alguém que de princípio se declara não-ideológico começa em seguida a defender como necessidade a pressão externa sobre países para que estes assumam o desenvolvimento econômico capitalista, e também como necessidade a promoção de “restrições institucionais” ao poder político estabelecido nesses países. O surpreendente a meu ver nesse texto é que nele Parsons não se atém ao objetivo em princípio justificador “desenvolvimento econômico”, mas fala claramente que se trata de capitalismo e de desenvolvimento econômico capitalista.

Não vou me deter nesse texto, apesar de considerá-lo muito importante, porque a sua discussão mais pormenorizada me afastaria demasiadamente do objeto específico do meu estudo. Recorro aqui a esse texto de Parsons porque ele é muito esclarecedor do quanto a problemática sobre a qual trabalha é a mesma de Rostow, e não apenas a problemática como as principais linhas de análise, e ainda as indicações políticas – ainda mais explícitas do que em geral aparecem em Rostow – a que essas análises conduzem. Esse tipo de texto, com toda essa ideologia explícita, não é comum em Parsons. O projeto em pauta é muito mais amplo do

que a formulação de Rostow ou a formulação de Parsons, ou a formulação coletiva do CENIS/MIT.

Como o problema geral já está posto, quando trata especificamente das áreas “subdesenvolvidas” Parsons pode se restringir a indicar o que entende que são as condições necessárias para o desenvolvimento econômico alcançar o nível industrial. A questão básica, segundo ele, é que atualmente já existe um sistema industrial plenamente estabelecido. Daí,

first, the presence of an industrial economy in some parts of the world sets the conditions under which any nation must now exist and develop; and second, it presents the model which others can follow and a resource on which, in varying ways, they can depend.⁴¹⁴

Para Parsons, é simples assim: já que o capitalismo avançado existe, é este capitalismo avançado que estabelece as condições para a existência e para o desenvolvimento dos subdesenvolvidos e é ele que apresenta o modelo a ser seguido e os recursos dos quais os subdesenvolvidos dependem para seguir esse modelo de desenvolvimento.

Depois de uma incursão ao que seria a estrutura de classes no subdesenvolvimento, Parsons adianta:

With these qualifications, let us take the broad two-class pattern as the standard one for economically “underdeveloped” societies. We must then consider the ways in which economic production in such societies is tied in with these two classes and with their interrelations. We may expect to find a structure of vested interests operating as obstacles to change.⁴¹⁵

⁴¹⁴ Parsons, T., 1960, p. 116-117.

⁴¹⁵ Parsons, T., 1960, p. 119.

A produção econômica e a correspondente estrutura de classes das sociedades subdesenvolvidas constituem interesses que operam como obstáculo à mudança. O que em Rostow aparecia principalmente como fatalismo a longo-prazo – em função do qual a sociedade não muda porque não enxerga horizontes novos para mudar –, em Parsons aparece como interesses adquiridos, enraizados na estrutura de classes e da produção econômica – que fazem a sociedade não querer mudar, porque a mudança contraria os interesses fundamentais em jogo. Na verdade, Parsons combina as duas argumentações:

The obstacles at the lower levels seems to be the simpler ones; they may be summed up as a combination of “traditionalism” and a strong pressure to reproduce the existing pattern of economic organization wherever opportunity exists for its expansion.⁴¹⁶

Diante desse tipo de quadro econômico-social-político-cultural, nenhuma mudança mais significativa pode ser conseguida apenas com a oferta de oportunidades. Parsons é claro na sua conclusão: “There needs to be a considerable shaking up of the set of adjustments existing under the old system.”⁴¹⁷ Rostow fala de “shock”, Parsons fala de “shakink up”. A idéia é a mesma: a necessidade de abalar, reorganizar a velha ordem. Mas Parsons aqui segue um pouco adiante na explicitação mais clara do que é preciso fazer. Como Rostow, indica que o caminho político passa pelo fortalecimento do nacionalismo local. “For a new cultural structuring, the most effective pattern will almost certainly stress nationalistic political ideology.”⁴¹⁸ Parsons considera que

On general sociological grounds, it can be argued that a society which is deeply oriented to the problem of its own identity and internal

⁴¹⁶ Parsons, T., 1960, p. 119.

⁴¹⁷ Parsons, T., 1960, p. 120.

⁴¹⁸ Parsons, T., 1960, p. 121.

solidarity will, when the pressure of its external relations is strongly salient, be above all concerned with problems in the *political* area. It will be highly sensitive to any symbols which might suggest the freedom of elements within it to disregard the national interest. For this reason economic individualism is unlikely to have a strong ideological appeal in underdeveloped areas; on the contrary, it is, if pushed, very likely to “backfire” to the disadvantage of development under non-Communist auspices.⁴¹⁹

Quanto às transformações sociais consideradas como necessárias, sua análise fica mais transparente. Diz Parsons:

So far as the upper groups of these are concerned, one of the main conditions for getting a process of structural change is clearly a far-reaching disturbance of the status quo. [...]

What then can we say of the possibilities of mobilizing elements of the upper groups in such societies to seize the opportunities leading to economic development on a non-Communist basis? Presumably in the current world situation this could not be in radical opposition to the *whole* indigenous upper class, but would have to lead to a splitting of it, to the development of a subgroup who were strong enough to oppose and eventually to overcome the restorationist subgroup.⁴²⁰

Parsons supõe, no entanto, que o principal ímpeto para a mudança nessas sociedades venha do seu setor político. Analisando a situação nesse campo, conclui:

An essential problem, then, is where to find a sub-group of such a governmental class which can split off from the older tradition. The

⁴¹⁹ Parsons, T., 1960, p. 124.

⁴²⁰ Parsons, T., 1960, p. 121 e 122-123, grifado no original. Parsons faz a seguinte análise sobre a ruptura do colonialismo: “Independence inevitably tends to be interpreted, to some extent, as ‘restoration’ of a pre-colonial system, with renewed freedom for the implementation of the *traditional* values of a society. Such restorationism is, however, directly inimical to economic development.” (p. 121, grifado no original).

strongest impetus here seems to come from the nationalistic-developmental complex of ideology and the groups most drawn to this, who are presumably “intellectuals”.⁴²¹

O take-off

No artigo que publica em 1956,⁴²² Rostow diz que “the take-off consists, in essence, of the achievement of rapid growth in a limited group of sectors, where modern industrial techniques are applied”.⁴²³ Considera que a aplicação de técnicas industriais modernas é que define se a sociedade consegue ou não manter-se em crescimento. Conseguindo alcançar um desenvolvimento auto-sustentado, propicia uma transformação social e política, em que os grupos vinculados à modernização da economia ganham supremacia em relação aos demais grupos da sociedade. Esta supremacia, porém, não significa que os grupos modernizadores assumam completamente o controle social e político da sociedade, o qual frequentemente se torna compartilhado com os grupos tradicionais.

Prevê o take-off como um estágio com duração aproximada de duas décadas, em que a manifestação típica é uma taxa anual de investimento líquido de 10%. Em *The Stages*, o take-off é qualificado como

[...] the great watershed in the life of modern societies [...]. The take-off is the interval when the old blocks and resistances to steady growth are finally overcome. The forces making for economic progress, which yielded limited bursts and enclaves of modern

⁴²¹ Parsons, T., 1960, p. 125.

⁴²² Rostow, W. W. The Take-Off Into Self-Sustained Growth, *The Economic Journal*, Vol. 66. No. 261, mar. 1956, p. 25-48; republicado, com pequenas alterações, em Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. 2ª ed. New York: W. W. Norton & Co., 1962, cap. 12.

⁴²³ Rostow, W. W. *The Process of Economic Growth*. 2ª ed., cap. 13, p. 317.

activity, expand and come to dominate the society. Growth becomes its normal condition.⁴²⁴

A idéia básica é a mesma que já vinha sendo pensada por Rostow nos últimos anos. O take-off é apresentado como o grande objetivo da política de desenvolvimento para o mundo subdesenvolvido. Por esta razão, essa política se preocupa especialmente com as condições consideradas necessárias para alcançar o take-off (concentra-se, portanto, no estágio anterior, chamado de pré-condições), mas o foco ideológico é o take-off, quando “o crescimento se torna a condição normal” da sociedade. De tudo o que já havia colocado no plano das pré-condições, Rostow destaca, por um lado a aplicação de inovações tecnológicas na produção: é essencial para que haja “a higher proportion of potential innovations accepted in a more or less regular flow, and a higher rate of investment”⁴²⁵; e, por outro lado o acesso ao poder político “of a group prepared to regard the modernization of the economy as serious, high-order political business”.⁴²⁶

Rostow reconhece que há vários problemas de escolha envolvidos na definição do take-off. Segundo ele, uma definição arbitrária inicial requer três condições inter-relacionadas: 1) um crescimento na taxa de investimento produtivo de aproximadamente 5% ou menos para 10% ou mais da renda nacional; 2) o desenvolvimento de um ou mais setores industriais fortes, com uma alta taxa de crescimento; 3) a existência ou a rápida emergência de um arcabouço político, social e institucional que dê sustentação aos impulsos novos próprios do take-off. Não é difícil perceber que a primeira dessas condições já é um resultado das outras duas. Já em *The Stages*, Rostow atribui uma importância decisiva à segunda condição mencionada, mas nas discussões posteriores ele tenderá a enfatizar ainda mais esses

⁴²⁴ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 7.

⁴²⁵ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 37.

⁴²⁶ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 8.

setores industriais fortes (“*leading sectors*”). A idéia é que a arrancada para o desenvolvimento não se faz ao mesmo tempo, nem com a mesma rapidez, nem com a mesma rentabilidade em todos os setores da economia, nem em todos os setores novos da economia. Há sempre um ou mais desses setores modernos que, crescendo mais, mais rápido, com taxas mais altas de lucratividade e revertendo uma boa parte dos seus lucros como reinvestimento novo na produção, assumem a liderança do processo de crescimento e promovem crescimento também em outros setores vinculados, produzindo um efeito que se espraia pelo conjunto da economia. Deste modo, para Rostow, “a necessary condition for take-off was the existence of one or more rapidly growing sectors whose entrepreneurs (private or public) ploughed back into new capacity a very high proportion of profits”.⁴²⁷

Rostow trabalha com a idéia de que há taxas diferenciais de crescimento em setores específicos da economia (taxas setoriais de crescimento). Tendo isso em vista, ele distribui os setores da economia em três categorias: os setores primários, os secundários e os derivados. Define o grupo de setores primários como aqueles “Where possibilities for innovation or for the exploitation of newly profitable or hitherto unexplored resources yield a high growth-rate and set in motion expansionary forces elsewhere in the economy.”⁴²⁸ Diz que

At any period of time it appears to be true even in a mature and growing economy that forward momentum is maintained as the result of rapid expansion in a limited member of primary sectors, whose expansion has significant external economy and other secondary effects. [...] growth proceeds by repeating endlessly, in different

⁴²⁷ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 48.

⁴²⁸ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 52.

patterns, with different leading sectors, the experience of the take-off.⁴²⁹

Rostow indica algumas recorrências nos diferentes take-offs que localiza na história, mas afirma: “There is, clearly, no one sectoral sequence for take-off, no single sector which constitutes the magic key.”⁴³⁰

Quanto à necessidade da existência de um arcabouço político, social e institucional que possa respaldar política, social e institucionalmente as atividades modernizadoras, Rostow se detém particularmente na questão do empresariado que essas atividades requerem, uma “nova classe de empresários”. Diz que é evidente que o take-off requer a existência e o sucesso de algum grupo na sociedade que esteja preparado para aceitar inovações.

Under some human motivation or other, a group must come to perceive it to be both possible and good to undertake acts of capital investment; and, for their efforts to be tolerably successful, they must act with approximate rationality in selecting the directions toward which their enterprise is directed. [...]

Leaving aside here the question of ultimate human motivation, and assuming that the major overhead items are generate, if necessary, by some form of State initiative (including subsidy), we can say as a first approximation that some group must successfully emerge which behaves as if it were moved by the profit motive, in a dynamic economy with changing production functions.⁴³¹

Dispondo de um setor do empresariado – disposto a aceitar inovações, novos métodos de produção, novos setores capazes de comandar o crescimento da economia e a

⁴²⁹ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 53.

⁴³⁰ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 57.

⁴³¹ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 50 e 51.

reinvestir boa parte dos seus lucros – e dispondo de um Estado disposto a fazer os necessários investimentos em infra-estrutura, é indispensável dispor de capital para fazer a economia “modernizar-se”. Rostow “sugere brevemente e com finalidade ilustrativa” que a oferta de empréstimos de capital, de uma maneira geral, pode vir de duas fontes:

- 1º) de mudanças no controle dos fluxos de renda – daqueles que consomem menos produtivamente para aqueles que despendem sua renda mais produtivamente –, por meio de medidas fiscais do governo – tributação ou confisco, inflação, etc., o que inclui mudanças na distribuição da renda –, e importação de capital;

Virtually without exception, the take-off periods have been marked by the extension of banking institutions which expanded the supply of working capital; and in most cases also by an expansion in the range of long-range financing done by a central, formally organized, capital market.⁴³²

- 2º) de re-investimento de lucros nos setores em rápida expansão. Rostow inclui aí também os setores agrícolas exportadores.

One extremely important version of the plough-back process was taken place through foreign trade. Developing economies have created from their natural resources major export industries; and the rapid expansion in exports has been used to finance the import of capital equipment and to service the foreign debt during the take-off.⁴³³

Os países “subdesenvolvidos” que passaram pela experiência das políticas desenvolvimentistas conhecem bem o significado dessa “versão extremamente importante do processo de re-investimento” a que Rostow se refere, utilizando como *meio* para o “seu”

⁴³² Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 48.

⁴³³ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 48.

desenvolvimento um extraordinário endividamento externo que, se penaliza fortemente os países subdesenvolvidos, por outro lado reverte para o também extraordinário crescimento do setor financeiro internacional. Rostow conclui dizendo que

A final element in the supply of loanable funds is, of course, capital imports. Foreign capital has played a major role in the take-off stage of many economies: for example the United States, Russia, Sweden, Canada. The cases of Britain and Japan indicate, however, that it cannot be regarded as an essential condition.⁴³⁴

Tornam-se objeto de infindável controvérsia⁴³⁵ os critérios de take-off que Rostow utiliza, bem como as datas aproximadas que ele indica tentativamente como demarcação do take-off de vários países. Rostow escolhe para indicar o take-off as datas iniciais e explica: “The earlier dating is chosen here because it is believed that the decisive transformation (including a decisive shift in the investment rate) occur in the first industrial phases [...]”.⁴³⁶ Pode-se, no entanto, observar uma “vantagem adicional” poder colocar o take-off da Rússia antes de 1917. Ver Quadro I, a seguir.

⁴³⁴ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 49.

⁴³⁵ O título de uma das resenhas de um encontro promovido tendo como tema a sua teoria dos estágios-de-crescimento é bastante expressivo das constantes e infindáveis discussões que as formulações de Rostow provocaram desde que colocadas em cena. Ver Rosovsky, Henry, The Take-Off into Sustained Controversy, *The Journal of Economic History*, Vo. 25, No. 2, Jun. 1965, p. 271-275.

⁴³⁶ Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth*, p. 40.

Quadro I

Critérios de take-off			
	(a)	(b)	(c)
Grã Bretanha	1873-1802	1819-1848	1850
França	1830-1860		1910
Bélgica	1833-1860		
Estados Unidos	1843-1860	1868-1893	1900
Alemanha	1850-1873		1910
Suécia	1868-1890	1890-1920	1930
Japão	1878-1890	1900-1920	1940
Rússia	1890-1914	1928-1940	1950
Canadá	1896-1914		1950
Argentina	1935-		
Turquia	1937-		
Índia	1952-		
China	1952-		

(a) Estágio inicial de industrialização. (cf. Rostow, W. W. *The Stages*, p. 38)

(b) Período do mais rápido crescimento industrial total ou de maturidade da indústria pesada de grande escala. (cf. Rostow, W. W. *The Stages*, p. 40)

(c) Estágio de maturidade tecnológica. (cf. Rostow, W. W. *The Stages*, p. 59) ⁴³⁷

⁴³⁷ “These dates, independently derived, come more or less sixty years after the dates established, on quite different criteria, for the beginning of take-off”. Rostow, W. W. *The Stages*, p. 60.

Os take-offs no passado e no presente

Rostow explicita, curiosamente ao discutir a importância para a Europa Ocidental da difusão do poder, que o argumento de *The Stages* é que o processo de desenvolvimento em curso na Ásia, no Oriente Médio, na África e na América Latina é análogo aos estágios de pré-condições e de take-off de outras sociedades atualmente já desenvolvidas.

The argument of this book—and, particularly, of this chapter—has thus far assumed that it is useful, as well as roughly accurate, to regard the process of development now going forward in Asia, the Middle East, Africa, and Latin America as analogous to the stages of preconditions and take-off of other societies, in the late eighteenth, nineteenth, and early twentieth centuries.⁴³⁸

Quando Rostow afirmava que os estágios-de-crescimento se aplicavam a todas as sociedades em todos os tempos e lugares, entendia-se que sua seqüência de estágios se aplicava *também* ao desenvolvimento dos atuais (à época) países subdesenvolvidos. Sua explicitação de que o argumento do livro é afirmar essa analogia já é uma indicação do sentido político-estratégico que sua formulação dos estágios pretendia. Mais que isso, pode ser lida como uma indicação de que o objetivo da seqüência de estágios era exatamente apresentar como argumento bem fundado que todo desenvolvimento segue um mesmo percurso. Desse modo, o desenvolvimento dos países hoje desenvolvidos mostra aos países que querem desenvolver-se como é esse percurso e, portanto, que medidas podem ser tomadas para segui-lo a bom termo. O objetivo de *The Stages* é apresentar como argumento a analogia entre o desenvolvimento dos povos subdesenvolvidos e o dos povos mais industrializados.

⁴³⁸ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 139.

Rostow afirma que “The similarities are straightforward enough.”⁴³⁹ Apresenta algumas diferenças relativas e algumas vantagens relativas para os países subdesenvolvidos. Sobre as diferenças, diz que algumas tornam mais difícil, outras mais fácil o desenvolvimento para os atuais subdesenvolvidos. Como hoje existe um grande avanço tecnológico, inclusive na área da saúde pública, a taxa de mortalidade tende a cair, o que tende a provocar aumento populacional nos atuais países subdesenvolvidos.

Modern public health and medical techniques are extremely effective and prompt in lowering death-rates; they require relatively low capital outlays; and they meet relatively little social and political resistance. Thus, the rates of population increase in the presently underdeveloped areas are higher than those that generally obtained in the stage of preconditions in the past.⁴⁴⁰

As taxas de crescimento populacional nos países subdesenvolvidos são mais elevadas do que eram as dos países atualmente avançados quando atravessavam o estágio das pré-condições para o take-off. No entanto, talvez as razões principais para a existência de taxas tão altas de aumento da população não se devam principalmente ao desenvolvimento tecnológico na área da saúde pública e da medicina moderna, na medida em que se leve em conta desde as condições do saneamento básico e do acesso à água potável até ao custo dos medicamentos e do tratamento médico nas regiões pobres do mundo subdesenvolvido.

Rostow se refere às dificuldades adicionais que populações com altas taxas de crescimento criam para a revolução tecnológica na agricultura, especialmente pela necessidade de produção de alimentos, como para o problema do desemprego. Rostow fala também da Guerra Fria.

⁴³⁹ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 139.

⁴⁴⁰ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 140.

Finally, the Cold War, which constitutes a part of the international setting of the transitional process, affects its contours in various ways. On the one hand, the pull and haul of Communist and non-Communist security interests tends to divert attention, talent, and resources away from domestic tasks of development, in certain of the areas, notably those located close upon the borders of the Communist bloc. On the other hand, the ideological dimensions of the Cold War heighten a sense of choice concerning the appropriate political and social techniques for modernization, raising in particular the question of whether the Communist method should be followed. More than that, the existence of the international Communist movement, with its explicit objective of take-over within the underdeveloped areas, draws some portion of the literate élite away from the current tasks of development and creates a special dimension of schism which is costly to the national effort.⁴⁴¹

Nessas afirmações, o mais curioso a meu ver é que o desenvolvimento/modernização é colocado como meta já-dada, ou natural, ou obrigatória. A “análise” contida nessa formulação é como se não houvesse diferença entre a organização comunista e a não-comunista (para empregar os termos que Rostow usa aí) quanto a alguma meta de desenvolvimento/modernização. Isto é, o desenvolvimento/modernização é posto como supra político-ideológico. O que a Guerra Fria faz, ao confrontar interesses “de segurança” entre comunistas e não-comunistas é desviar a atenção, o talento e os recursos das “questões internas de desenvolvimento”. Também salta aos olhos que a afirmação feita tão simplesmente de que a questão do desenvolvimento é uma questão “interna”, quando o projeto para o desenvolvimento (de que o livro *The Stages* é uma peça importante) é um projeto internacional, dependendo de uma “ajuda” internacional e de um substancial aumento da circulação econômica internacional. Ideologicamente, como contabilmente, é que o desenvolvimento é nacional. Apresentá-lo como nacional é uma das marcas da sua ideologia.

⁴⁴¹ Rostow, W. W. *The Stages*, p. 141-142.

Rostow reafirma a “naturalidade” do desenvolvimento/modernização novamente quando diz que a Guerra Fria intensifica um sentido de escolha: não por desenvolver ou não desenvolver (colocando na pauta das opções e decisões políticas outras questões prioritárias), ou por modernizar ou não modernizar, mas escolha de qual o caminho político e social adequado ... para modernizar/desenvolver.

O problema, para Rostow, está na existência do movimento comunista internacional presente nos países subdesenvolvidos, afastando a elite letrada das tarefas do desenvolvimento (no mesmo parágrafo, esta é a terceira vez em que Rostow reafirma o desenvolvimento/modernização como “a” tarefa, “as” questões internas a serem atendidas pelos povos subdesenvolvidos).

Há, porém, argumenta Rostow, vantagens em favor dos países subdesenvolvidos confrontados com o desenvolvimento “original”:

But the contemporary transitional areas also enjoy two substantial advantages which were not available, in equal degree, in the past. First, the pool of unapplied and relevant technology is larger than it has ever been. Second, international aid in the form of technical assistance, soft loans or grants—including flows of surplus food and fibres—are a unique feature of the modern scene. [...] The willingness of the governments of industrialized nations to contemplate enlarged soft loans and grants constitutes, thus, a potential compensation for the diversionary and disruptive consequences of the Cold War.⁴⁴²

A disposição de os governos das nações industrializadas concederem empréstimos, Rostow diz que é uma potencial compensação pelas “diversionary and disruptive consequences of the Cold War.” A assistência técnica e a ajuda internacional via empréstimos bancários (concedidos estritamente sob o conceito de “banking business”) seria uma compensação pelos problemas que a Guerra Fria teria criado nos países

⁴⁴² Rostow, W. W. *The Stages*, p. 142.

subdesenvolvidos, problemas que acima Rostow identificou como o afastamento do “desenvolvimento”!

Em comentário publicado em 1990, em que Rostow expõe sua própria “teoria do crescimento econômico”, seus propósitos são expressos assim:

Thus, our basic argument for development assistance was, in the widest sense, political. It was rooted in a judgment about the inevitably conflicting forces unleashed in a society at an early stage of modernization, and an assessment of what outsiders with only marginal influence might usefully do to tip the balance in what we judged to be a benign direction.

My colleagues accepted the legitimacy of the concept of stages-of-growth [...]. The introduction of the stages into the argument had two substantial political and psychological consequences. In the developing regions it provided an operational focus for efforts to accelerate economic growth that was manageable, as it were, within the lifetime of a human being. If one stared in the 1950s at the gap between income per capita in current prices of, say, \$100 and \$3000, one could conclude that the task of modernization was hopeless or, at least, irrelevant to one generation's efforts. If the task was defined as achieving takeoff and self-sustained growth, rather than the U. S. level of real income per capita, it was easier to roll up one's sleeves and go to work in reasonably good heart. Takeoff came to be accepted as a legitimate operational goal in a good many developing countries.⁴⁴³

Na época do lançamento de *The Stages*, a repercussão na grande imprensa surgiu de forma muito rápida e muito favorável. No início de maio de 1960, *The New York Times* publicou uma resenha sobre *The Stages*, assinada por Harry Schwartz (identificado pelo jornal

⁴⁴³ Rostow, W. W. *Theorists*, p. 437.

como membro do staff editorial do *The Times* e como especialista em assuntos soviéticos),⁴⁴⁴ ilustrada com foto de uma linha de montagem da fábrica Chrysler, em Detroit, com a seguinte legenda: “Finalmente uma sociedade alcança o estágio de alto consumo em massa.” O artigo começa dizendo que “Rare is the scholarly book which, even before its formal publication, becomes the subject of furious international debate and adds new terms – or at least new uses of old terms – to the language.”

Suas primeiras observações vão diretamente a um dos pontos mais importantes do livro em termos das suas consequências práticas, o caráter operacional dos estágios. Diz Schwartz: “The stages-of-growth analysis provides a rational pattern into which all the world’s nations may be fitted. Thus it meets the first requirement of a useful theory: it permits a mass of detailed facts and information to be handled simply by our limited minds.” É de fato importante criar um dispositivo para ordenar a massa de dados para uso do planejamento da alocação dos recursos a investir.

Schwartz conclui a resenha com a seguinte afirmação: “Despite any future detailed changes or emendations in Mr. Rostow’s work, it is already clear he has sent a shaft of lightning through the murky mass of events which is the stuff of history. This is an impressive achievement.”

As discussões acadêmicas e políticas tiveram outro tom. Paul A. Baran e E. J. Hobsbawm publicam uma resenha de *The Stages* em maio de 1961.⁴⁴⁵ Dedicam a primeira parte de seu trabalho à análise da possível contribuição do esquema dos estágios-de-crescimento para a teoria do desenvolvimento econômico. A segunda parte se propõe a responder se Marx resiste a esse novo ataque.

⁴⁴⁴ Schwartz, Harry, “Nation have their phases”, resenha de Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth. A Non-Communist Manifesto*, *The New York Times*, 8 de maio de 1960.

⁴⁴⁵ Baran, Paul A. & Hobsbawm, Eric J., “The stages of economic growth”, resenha de Rostow, W. W. *The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto*, *Kyklos*, Vo. 14, No. 2, 1961, p. 234-242.

Baran e Hobsbawm demonstram a fragilidade teórica de Rostow. Comentam que os estudos anteriores de Rostow se restringem a apenas alguns tipos de classificação e se perguntam se será diferente com sua nova produção. Afirmam que o take-off é meramente um novo nome dado a “revolução industrial”, “which was the basic analytic concept of modern economic history”, e dizem que no campo da teoria do crescimento, “the weaknesses are all too obvious. The first and most serious is that his theory of ‘stages’ actually tells us nothing except that there are stages,”⁴⁴⁶ sem conseguir explicar como a sociedade passa de um estágio para o outro. Entendem que Rostow reduz o crescimento econômico a um padrão único, o que

The Rostovian stage theory, despite its comprehensive historic and sociological claims reduces economic growth to a single pattern. Any and every country, whatever its other characteristics, is classifiable only in respect to its position on the stepladder, the middle rung of which is the “take-off”. This gives the Rostovian stages an air of spurious generality [...] which [...] is not without its ideological implications, though it overlooks the obvious fact that, however universal the technical problems of economic growth may be, different social types of economic organization can, or must, solve them in very different ways.⁴⁴⁷

São críticas sérias e pertinentes e é particularmente relevante a compreensão que Baran e Hobsbawm demonstram ter das implicações ideológicas da formulação de Rostow desconsiderar a existência ou mesmo a possibilidade de formas diferentes de organização econômica e social. Apesar dessa clareza, no entanto, penso que Baran e Hobsbawm não

⁴⁴⁶ Baran, P. A. & Hobsbawm, E. J., 1961, p. 235.

⁴⁴⁷ Baran, P. A. & Hobsbawm, E. J., 1961, p. 235-236.

levaram suficientemente em consideração, nesta resenha, o alcance do trabalho político de Rostow, quando dizem que

Such explanations and predictions as Rostow attempts are therefore little more than verbiage which has no connection with his stages or indeed with any theory of economic and social evolution, being generally based on what might be charitably called coffeehouse sociology and political speculation.⁴⁴⁸

Foi na verdade esse o tom da crítica ao longo de muitos anos e nesta resenha Baran e Hobsbawm contribuem para definir esse tom: tratar o trabalho de Rostow como trabalho teórico e atacá-lo na sua fragilidade teórica, a qual, aliás, é evidente. Mas não se tratava apenas de sociologia de cafés e especulação política. Tratava-se de trabalho de produção político-ideológica que conseguiu grande alcance. No início dos anos 1960, não estavam disponíveis muitos dos documentos que bem mais tarde permitem discernir com mais clareza não somente as articulações políticas que levaram à política do desenvolvimento, como também o estreito vínculo que se criou entre os governos e as universidades, para a formulação de estratégias e de políticas estatais. Rostow publicava seus trabalhos como produtos acadêmicos de pesquisa acadêmica. Identificava-se seu viés político-ideológico, mas se discutia acadêmica e teoricamente esses trabalhos que, hoje podemos ver, eram acima de tudo, trabalho político e ideológico. *The Stages*, o próprio Rostow diz mais tarde, é um “tract for the time”.

Baran e Hobsbawm têm uma percepção fina, mas às vezes não tiram dela conclusões que acabam por fazer falta à análise. Dizem eles, por exemplo:

Professor Rostow, is, on his own admission, primarily concerned not with arriving at a theory of economic development, but with writing a

⁴⁴⁸ Baran, P. A. & Hobsbawm, E. J., 1961, p. 236.

“non-communist manifesto”. Unlike other and wiser – we shall not say abler – scholars with similar objectives, he has chosen to abandon not merely Marx’s conclusions and his arguments, but even the basic posing of the problem of economic development as Marx saw it. [...] What is required is at least an understanding of Marx’s questions. To that level Professor Rostow has yet to rise.⁴⁴⁹

Como se pode ver, Baran e Hobsbawm se dão conta plenamente que a pretensão de Rostow não era produzir teoria, mas produzir um “manifesto não-comunista”, tarefa prioritariamente política, portanto. Então, além, é claro, de reafirmar o entendimento que ambos têm das formulações de Marx quanto ao crescimento econômico, por que restringem sua crítica a Rostow às suas fragilidades teóricas? Esse tipo de tratamento parece supor que a importância política de um autor como Rostow dependeria das suas qualidades enquanto teórico, o que só se justificaria se Rostow pretendesse politicamente alguma transformação de tipo revolucionário, o que não é absolutamente o caso. Essa não é uma questão menor, até porque fez uma grande diferença nas possibilidades de apreensão mais crítica do que se apresentava como teoria (teoria com base científica) e na verdade era produção política estratégica.

Nesse momento, porém, a minha discordância de Baran e Hobsbawm é de outra ordem. Discordo do tratamento que, nesta resenha, eles dão à relação de Rostow com Marx, quando dizem que Rostow escolheu abandonar não apenas as conclusões e os argumentos de Marx, mas também as suas questões. É verdade que Baran e Hobsbawm aí reduzem essas questões ao problema do desenvolvimento econômico. Penso que nesse caso circunscrever a discussão da relação entre Rostow e Marx ao “problema do desenvolvimento econômico”, dá desde logo uma vantagem imensa a Rostow. O desenvolvimento econômico é *o problema* de Rostow, não é *o problema* de Marx. O problema de Marx é a transformação revolucionária do

⁴⁴⁹ Baran, P. A. & Hobsbawm, E. J., 1961, p. 238.

capitalismo, para o que ele entendia que era necessário entender a fundo a organização e as contradições do capitalismo, para isso tomando como problema de conhecimento o capital, não meramente o crescimento econômico. O crescimento econômico é problema prático dos capitalistas. O desenvolvimento torna-se estratégia do grande capital num dado momento da expansão capitalista, e é nesse momento e para essa estratégia que Rostow tenta contribuir e seu livro *The Stages* é talvez o ponto mais alto a que ele conseguiu levar a sua contribuição. Penso que para produzir sua estratégia Rostow não abandonou as questões que Marx põe. Pelo contrário, estou convencido de que Rostow as leva a sério, mas acha que é possível dar a elas outra resposta que não as que Marx lhes dava, *no plano político*, não no plano teórico. Penso que Rostow pretendia, senão fazer parar, pelo menos retardar a ação dos processos que tendiam para a transformação mais profunda do capitalismo enquanto sistema global, usando para isso todos os recursos que o poder estabelecido da grande potência capitalista pudesse dispor.

Já em 1973, com a publicação de *Politics and the Stages of Growth*, A. Gunder Frank faz uma resenha desse livro, mas a remete também a *The Stages*.⁴⁵⁰ Diz que *Politics* é “uma seqüela política” de *The Stages*, que considera como “the single most important ideological weapon in defense of United States's bi-partisan imperialist interests in the ‘Third’ world.”⁴⁵¹

De acordo com Gunder Frank,

Rostow retains the proven defect of his stages, not the least of which is that they are static, quite unhistorical, and indeed anti-historical in their denial of the single world historical process. Then Rostow force feeds into his stages the most ideologically loaded indexes of the

⁴⁵⁰ Frank, A. G., 1973, p. 663-667.

⁴⁵¹ Frank, A. G., 1973, p. 663.

discredited concept of "modernization" which he retains from the functionalists whom he criticizes; and finally Rostow has the gall to take Mao Tse Tung to task for not having "modernized" China according to the schedule Rostow's stages would demand!⁴⁵²

André Gunder Frank compreende com grande lucidez o sentido do trabalho de Rostow e a falta de qualidade científica de suas formulações:

The political policies which it inspired are widely lamented as disastrous and the scientific quality of the book has been totally discredited at home and abroad. No matter, for Rostow is and perceives himself to be a successful ideologist and policy planner.⁴⁵³

Esta noção do caráter desastroso e lamentável das políticas do desenvolvimento – que resultam de que o desenvolvimento tenha-se tornado ideologia para os países “sub-desenvolvidos” e política de Estado nos Estados Unidos durante a ascensão dos Estados Unidos à hegemonia da expansão capitalista no pós guerra – é uma noção que não se sedimentou na consciência e mesmo na crítica nos países que experimentaram na prática o caráter desastroso e lamentável das políticas desenvolvimentistas. É digno de nota que André Gunder Frank a tenha formulado com clareza ao criticar duramente W. W. Rostow, que ele reconhece como um dos principais formuladores e inspiradores dessa política. O próprio Gunder Frank, no entanto, não seguiu adiante por esse caminho na sua pesquisa, talvez até porque se tenha deixado envolver em demasia pelo desenvolvimento – embora o quisesse autônomo – como problema.

⁴⁵² Frank, A. G., 1973, p. 664-665.

⁴⁵³ Frank, A. G., 1973, p. 663.

Rostow publicou algo que apresentou como uma resposta à resenha de Gunder Frank ao seu livro *Politics and the Stages of Growth*. É uma carta encaminhada ao editor de *The Hispanic American Historical Review*, em que Rostow diz:

I wish to reply to the review of my *Politics and the Stages of Growth* by Professor André Gunder Frank. That review is evidently shaped by fundamental differences between us. He is a Marxist, I am not. He believes in the virtue of violent revolutionary change; I believe the human race does better with policies of balance and gradualism. A debate about these matters, on which each of us forms his own view, would not be fruitful here.⁴⁵⁴

Pode-se dizer que de certa maneira Rostow aceita a caracterização ideológica e política que Gunder Frank aplica a ele, que esta sua “resposta” é uma forma de continuar seu trabalho político, aliás continuado e incansável, e que ele continua a fazer na seqüência da carta, pois passa imediatamente a falar do seu livro, dizendo que vai fazer o que G. Frank não fez, que é indicar brevemente dois elementos contidos no livro que são diretamente relevantes para os estudos sobre América Latina.

Os debates sobre W. W. Rostow e seus estágios continuaram intensos durante muito tempo. Cito apenas dois exemplos mais. A International Economic Association promoveu em Konstanz, na Alemanha, em maio de 1960, uma Conferência em torno do tema “The economics of take-off into sustained growth”, cujas contribuições foram mais tarde publicadas em livro, do qual W. W. Rostow é o editor, além de fazer a Introdução e o Epílogo.⁴⁵⁵ Albert Fishlow faz uma resenha do livro, que publica em *The Economic Journal*, sob o título “Empty economic stages?”. Começa afirmando a atualidade da discussão:

⁴⁵⁴ Rostow, W. W., seção Correspondence, *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 54, No. 1 (fev. 1974), p. 205.

⁴⁵⁵ Rostow, W. W. (Ed.), and International Economic Association, 1963.

It is the fate of virtually all conference proceedings to appear long after the event. These are no exception. It is their good fortune, however, to have lost little of their immediacy in the interim. Professor Rostow's bold generalizations ordering the process of economic growth are no less controversial now than they were in 1960 and of no less interest. Scholars and planners continue to wrestle with the same basic problem of economic development, but in a context considerably influenced by Rostow's writings.⁴⁵⁶

Fishlow aponta uma dualidade subjacente ao conceito de take-off, que a seu ver na verdade são dois conceitos: num deles, o take-off é setorial, não-linear, é o campo do "leading sector"; no outro, o take-off trata de uma descontinuidade no crescimento da renda *per capita*, que sob estas condições significa um forte crescimento na taxa de poupança. Diz Fishlow que esses dois conceitos não são mutuamente excludentes, mas que até então não foram integrados num arcabouço único.

Fishlow apresenta brevemente as críticas em geral severas contidas nos textos, discutindo a existência ou não do take-off neste ou naquele país, conforme indicado por Rostow. Ele próprio sugere "[...] a new focal point for the discussion by differentiating between the aggregate and sectoral approaches to take-off, and to the role technological change plays in the last." Comenta que "Rostow, paradoxically, is at his best read as a prospectus rather than as a treatise." E conclui: "Better that historians to-day recognize the important possibilities of take-off in structuring inquiry than to continue to expound (or to reject out of hand) a grand set of stages that lamentably are sometimes vacant."⁴⁵⁷

Já na década de 1980, uma outra discussão em torno da obra de W. W. Rostow, desta vez uma coleção de ensaios em sua homenagem organizada por Charles Kindleberger e

⁴⁵⁶ Fishlow, Albert, "Empty economic stages?", *The Economic Journal*, Vol. 75, No. 297 (Mar., 1965): 112-125, p. 112.

⁴⁵⁷ Fishlow, A., 1965, p. 125.

por Guido di Tella.⁴⁵⁸ O Prefácio esclarece o sentido da publicação: “This collection of essays in economic history is intended to honour W. W. Rostow for his outstanding contribution to this discipline over more than forty years.”

Os editores se apresentam: Charles Kindleberger, como um ex-colega de W. W. Rostow no Office of Strategic Services, no Departamento de Estado, no Massachusetts Institute of Technology e, por um período, na Universidade do Texas em Austin; Guido di Tella como um antigo aluno de Rostow no MIT, que escreveu seu primeiro livro sob sua orientação.

Entre os economistas, as discussões costumavam ser ou sobre os parâmetros escolhidos por Rostow nos seus estágios-de-crescimento, criticando-os, ou, situando-se dentro desses parâmetros, sobre a precisão ou imprecisão dos indicadores e das datas com que Rostow demarca cada um dos seus estágios. Esse tipo de discussão interna, infundável, de certo modo estimulada para manter aceso o debate, desvia o foco das questões principais.

A leitura que faço de *The Stages* – depois de seguir um percurso que indica as condições do capitalismo no pós-guerra; depois de considerar o profundo entrelaçamento que Rostow faz entre idéias (produzidas no circuito universitário ou nos setores de “inteligência” do Estado de Segurança Nacional) e ação (assessorando a formulação de políticas estatais, principalmente empenhado na política do desenvolvimento); depois de acompanhar a problematização feita na Conferência de Princeton e seus diversos relatórios – chama a minha atenção para outros pontos, que penso precisam ser considerados antes do que qualquer discussão de parâmetros, indicadores ou datas propostos por Rostow.

Levar seu capital e sua produção excedentes para os países “subdesenvolvidos” e neles estabelecer grandes corporações multinacionais, utilizando assistência técnica, inclusive

⁴⁵⁸ Kindleberger, Charles Poor & Guido Di Tella. *Economics in the Long View: Essays in Honour of W.W. Rostow*. 3 vols. New York: New York University Press, 1982.

administrativa, norte-americana, a partir necessariamente de projetos de desenvolvimento elaborados nos próprios países que pleiteiem essa “ajuda” para o “seu” “desenvolvimento”, e por intermédio de instituições econômico-financeiras internacionais em grande parte controladas pelo governo dos Estados Unidos – é uma política que atende a interesses vitais para o crescimento do capitalismo mundial sob a hegemonia norte-americana e atende a interesses vitais para o crescimento econômico e a segurança dos Estados Unidos. Para isso, no entanto, é imprescindível que os países aos quais essa política se dirige tomem esse desenvolvimento como seu objetivo próprio e aceitem, sob essa ideologia, ingressar como parte do grande projeto de política econômica internacional que é o projeto de desenvolvimento concebido por Rostow.

A teoria da modernização/desenvolvimento recupera o velho evolucionismo e a surrada ideologia do progresso e inicialmente pretende apresentá-la sob nova aparência. Digo inicialmente porque, pouco mais tarde, Talcott Parsons – o grande teórico formalizador dessa teoria – não esconderá mais que a sua tentativa partia diretamente de Herbert Spencer e se propunha a recuperá-lo. O que a teoria da modernização/desenvolvimento traz como novidade diante de um mundo em claro processo de transformação ou em que projetos distintos de organização da sociedade se apresentavam concretamente como alternativas? Traz uma teoria produzida por scholars renomados, trabalhando em destacados centros de pesquisa de universidades americanas de ponta, o que em princípio lhes outorgava o direito de reivindicar para essas teorias a chancela da ciência. O produto desse esforço teórico é uma teoria geral da sociedade, em que a história se resume precisamente a um *desenvolvimento*: toda e qualquer sociedade, em qualquer tempo e lugar, passa necessariamente por uma seqüência de estágios (cujo número é variável, conforme cada autor, e não importa muito) por meio dos quais a sociedade se desloca de uma situação inicial designada como “tradicional” no rumo de tornar-se uma sociedade “moderna”. Essa é a grande oposição apresentada: “tradicional” versus

“moderno”. O processo pelo qual essa evolução se dá é chamado de modernização ou de desenvolvimento da sociedade.

A figura de Walt Whitman Rostow se destaca muito entre os teóricos modernizadores. Ele centra o seu esforço teórico no que é essencial para o capitalismo: o crescimento econômico. Busca os nexos do crescimento econômico com os demais campos da estrutura social capitalista, enfatiza a função que o ideológico pode preencher – e se empenha a fundo em explorar ao máximo as potencialidades desse campo ideológico para promover o crescimento econômico tal como o propõe –, mas o objetivo principal norteador de suas formulações teóricas é, sempre, o crescimento econômico.

Não apenas toma como objeto o objetivo do crescimento econômico onde naquele momento da história pensava que era preciso e urgente promovê-lo: as áreas pobres do mundo, a periferia do capitalismo, num mundo pós-colonial, as antigas colônias. Rostow formula uma seqüência de estágios *de crescimento*, em que o foco passa a ser o momento em que uma economia determinada “decole” para o desenvolvimento e seja capaz de sustentar o crescimento que advém dessa “arrancada”.

Rostow encontra uma metáfora ao mesmo tempo forte e de fácil compreensão geral e cunha a expressão “take-off” para essa “decolagem” ou “arrancada” para o desenvolvimento. Sua construção é muito simples enquanto construção: ele define um conjunto de condições, com seus respectivos patamares mensuráveis (portanto condições que são variáveis analíticas), dando a cada conjunto (definido, ele mesmo o diz, arbitrariamente) um nome ou uma designação específica, a partir do “estágio” principal, o take-off. Para trás, no início do processo, a sociedade “tradicional”; entre esses dois estágios, o estágio mais importante para a implementação da política do desenvolvimento – o estágio em que são criadas as pré-condições para o take-off. E, para frente, o estágio do desenvolvimento auto-sustentado, o estágio do alto consumo em massa, a imagem dos países “avançados”. À

seqüência de estágios é dada uma direção clara e inequívoca: no fim do processo, que seria universal do desenvolvimento, Rostow (como todos os demais modernizadores) coloca a sociedade norte-americana atual (à época), altamente idealizada.

Assim, a história da sociedade é um desenvolvimento no rumo da forma de organização social já alcançada pelos Estados Unidos. O capitalismo não é, como dizia Marx, uma sociedade histórica, no sentido de ser diferenciada e transitória, que suas próprias contradições internas alimentando as lutas de classes, poderiam destruir, abrindo caminho para a construção de uma forma *outra*, qualitativamente diferente, de organização da sociedade. Menos ainda, como previra Marx, Rostow argumenta, o rumo da história tenderia inevitavelmente para a superação do capitalismo e para a construção de uma sociedade socialista e, no final, comunista. Na seqüência de estágios-de-crescimento de Rostow, o final da história é a sociedade capitalista afluente. Na verdade, Rostow está empenhado de fato em contribuir para o encaminhamento do problema e da crise que o capitalismo enfrentava naquele momento particular do pós-guerra, da construção da hegemonia americana ser capaz de dirigir a resolução desse problema e dessa crise. Já era uma tarefa suficientemente grande e difícil. Rostow põe em funcionamento toda a sua capacidade de percepção política e estratégica e de formulação teórica para oferecer uma resolução satisfatória, para o capital, desse problema. Sua resposta é: o crescimento econômico do capitalismo enquanto um sistema global, encaminhado prioritariamente para as áreas “subdesenvolvidas” do mundo e apresentado como projeto de desenvolvimento dessas áreas “subdesenvolvidas”.

Tal projeto de desenvolvimento passa necessariamente por uma forte ideologia do desenvolvimento, que seja capaz de conquistar os “subdesenvolvidos” para o que seria, ou que poderia ser, o “seu” desenvolvimento, o que orienta essa ideologia para assumir uma forma nacional-desenvolvimentista. Para evitar os ranços já não aceitáveis – nem pelo grande capital, nem pelas nações emergentes, zelosas de sua independência política – de vinculações

de tipo colonial, os projetos para o desenvolvimento (embora feitos sob orientação e supervisão de pessoal tecnicamente qualificado, em geral não disponível nesses países) deveriam necessariamente ser apresentados pelo país que solicitasse o seu ingresso no programa. E o programa seria empreendido no plano internacional, por meio de instituições do sistema econômico-financeiro internacional, específicas para esse fim. Afinal, cabe observar, o mundo capitalista já é imperialista, a escala da produção exige investimentos cujo porte supera a capacidade, mesmo de grandes corporações, responderem apenas enquanto setor produtivo industrial, pelos montantes requeridos. O capital bancário passa a fazer parte decisiva do circuito. O sistema financeiro é internacional, as grandes corporações que comandam o crescimento capitalista são multinacionais ou transnacionais. A nova expansão capitalista internacional é para ser feita em termos bancários de negócios, fundamentalmente através de empréstimos. Portanto, para participar do programa de crescimento do capitalismo enquanto sistema global, os países pobres se endividam para consumir estoques excedentes e alcançar, como diz Rostow, “algum grau” de crescimento econômico, abrigando a instalação de grandes corporações multinacionais, no setor produtivo e no setor econômico-financeiro, em seus países.

Este é um projeto de política econômica internacional de longo prazo, que permite à grande potência capitalista emergente construir a sua hegemonia em bases mais sólidas e permanentes do que as políticas de controle e de contenção por meio de guerras, políticas estas fundadas no poderio militar, certamente necessário a uma potência hegemônica, mas cuja sustentação principal se encontra no complexo industrial-militar, que de todo modo depende do poder econômico geral da grande potência, sem o qual se inviabilizam corrida espacial, corrida armamentista, pesquisa básica para aplicação bélica, etc. Outros setores econômicos disputam a melhor (mais rentável) alocação dos recursos disponíveis e outras

dimensões da hegemonia (direção política e inclusive parte do poder coercitivo que não seja via guerra) requerem outros espaços e outras formas de exercício do poder.

Certamente esse projeto de política econômica internacional tem muitas fontes, mas W. W. Rostow é sem dúvida uma das mais importantes, com contribuições singulares e originais. A especificação desse projeto enquanto projeto de desenvolvimento é uma contribuição ímpar para o capital e sua formulação principal vem de Rostow. A suposta fundamentação científica do projeto de desenvolvimento numa seqüência de estágios-de-crescimento com suposto alcance universal é um facilitador inestimável de uma nova forma de fazer passar e propagar a ideologia do progresso, outra contribuição relevante de Rostow para a construção da hegemonia americana na nova expansão capitalista no pós-guerra.

Capítulo 9

Notas, continuando a pesquisa

O desenvolvimento – que em países como o Brasil conhecemos diretamente enquanto proposta e política de Estado, que nos habituamos a identificar como propostas e políticas nacionais – é, na verdade, uma formulação e um projeto político muito mais amplo, que se constituiu como componente importante no planejamento norte-americano da Guerra Fria.

O pós-guerra não é apenas, nem principalmente, o confronto entre o capitalismo e o bloco comunista. Colocando a ameaça comunista como problema central, segue-se para o “Ocidente” uma necessidade que também seria central: conter a expansão comunista, para defender-se. A elegante metáfora do “containment”, como Bruce Cumings se refere à formulação de George Kennan por meio da qual, por um lado justifica-se o estado de guerra e, por outro lado inverte-se o sentido mais profundo da história real do capitalismo naquele momento: sua necessidade de expansão econômica internacional, expansão a ser operada no processo mesmo em que se dava uma troca de hegemonia. A situação era bastante complexa: depois de duas guerras mundiais, entre as quais havia ocorrido uma depressão econômica de grandes proporções no capitalismo; extensas e importantes áreas da Europa e da Ásia devastadas pela guerra; o esgotamento do colonialismo, seguindo-se a emergência de numerosas nações politicamente independentes; a antiga potência hegemônica capitalista sem qualquer condição de continuar dirigindo e oferecendo segurança às transações capitalistas internacionais; os Estados Unidos surgindo como grande potência, mas sob uma enorme preocupação com a possibilidade de uma nova grande depressão econômica com o fim da

guerra, com grandes excedentes de capital, de produtos industriais e agrícolas e com absoluta necessidade de mercados externos – para a alocação dos seus excedentes e para garantir o fornecimento das matérias primas indispensáveis para a sua economia poder continuar a produzir e a crescer.

Para entender o pós-guerra, portanto, é preciso em primeiro lugar considerar o papel que os Estados Unidos passam a desempenhar no mundo. Bruce Cumings tem razão quando adverte que “The struggle with communism was thus one part, and the secondary part, of a project to revive the world economy from the devastation of the global depression and World War II [...]”, e que, desse modo, “the main task of American statesmen after World War II was the reconstruction of the world economy.”⁴⁵⁹ É um novo papel para os Estados Unidos, que emergem da segunda Guerra Mundial como a grande potência capitalista. Para exercê-lo, é preciso que construam a sua hegemonia em escala mundial.

A ideologia do containment é brilhante porque ela inverte uma necessidade econômica crucial de expansão do capitalismo (necessidade que não se coloca no discurso dominante da época, a não ser na especificidade das medidas econômico-financeiras projetadas) por uma necessidade político-ideológica de contenção de uma expansão comunista. O reconhecimento do containment enquanto uma ideologia que produz essa inversão não anula a questão do conflito entre capitalismo e comunismo, mas retira dele o papel principal enquanto confronto político-ideológico, colocando os problemas econômicos que o capitalismo então enfrentava no lugar de destaque que eles ocupavam na percepção que os grandes intelectuais orgânicos do capital da potência emergente formavam do quadro nacional e internacional.

A reconstrução do mundo que se inicia no pós-guerra sob o comando dos Estados Unidos é imediata e facilmente percebida pelo capital como oportunidade para o seu

⁴⁵⁹ Cummings, B., 1999, p. 361 e p. 370.

crescimento enquanto reconstrução, no sentido mais estrito, das áreas devastadas pela guerra. O Plano Marshall cumpre essa função, mas não se trata unicamente de uma reconstrução no sentido estrito, e sim de uma reorganização capitalista ao modo americano. Não é tão simples no que concerne ao que então se torna a questão-chave para permitir a expansão capitalista na escala, no ritmo e na profundidade requeridas para maximizar sua eficiência e rentabilidade: a expansão capitalista para as áreas pobres do mundo, expansão esta a ser conduzida sob a ótica estrita do conjunto do capitalismo. Ou seja, pensando-o como um sistema global, controlado por um número relativamente pequeno de grandes corporações multinacionais ou transnacionais e sob o controle cada vez maior do grande capital financeiro. A racionalidade de um projeto como esse, do ponto de vista do grande capital, pode ser clara, mas esbarra em muitos obstáculos sérios. Nem todos provêm dos chamados países emergentes, boa parte dos quais recém saídos de guerras de libertação nacional e que, embora enfrentando dificuldades de ordem econômica, financeira e política, se encontram em processo de repensar sua sociedade em termos de independência, contando, portanto, em geral, com forte sentimento nacionalista. Há também obstáculos importantes que provêm do campo da representação política nos Estados Unidos e que, mesmo não sendo razoáveis do ponto de vista geral do grande capital, atendem a múltiplos e poderosos interesses locais, regionais ou puramente ideológicos quanto à relação dos Estados Unidos com “o exterior”.

A conjuntura do pós-guerra é complexa, em primeiro lugar quanto à própria estruturação do capitalismo. Por um lado, porque é uma época de transição no capitalismo para uma nova forma de sua organização em nível internacional. A antiga ordem internacional montada pelo colonialismo não respondia mais às exigências criadas pelas mudanças de organização da produção capitalista, com as grandes corporações monopolistas ou oligopolistas e sua produção combinada se estendendo cada vez mais internacionalmente, com a importância crescente dos bancos e do setor financeiro cedendo empréstimos ao setor

produtivo para responder ao volume das demandas de capital requeridas pela produção em larga escala, com as novas atribuições do Estado, etc. As novas formas, imperialistas, de organização capitalista requeriam uma liberdade de ação internacional que a antiga dominação de tipo colonialista dificultava.

Por outro lado, o esgotamento do colonialismo se deve à resistência das antigas colônias à exploração e à opressão coloniais e às guerras de libertação nacional que essas resistências geraram.

E, é claro, para o capitalismo há o grande complicador que provém da existência concreta de formas alternativas de organização social, fruto da experiência da revolução russa, da formação da União Soviética e dos impressionantes resultados econômicos e tecnológicos que os soviéticos alcançavam. Para a grande potência hegemônica do capitalismo, a situação se torna ainda mais complicada com a vitória da revolução comunista na China, pouco depois do fim da segunda Guerra Mundial. Não se tratava mais apenas de idéias e utopias quanto a possibilidades de organização não-capitalista da sociedade. Já no final da década de 1940 uma parte considerável da população mundial vivia sob formas proclamadas socialistas de organização econômica, social, política e cultural, rumo ao comunismo.

Sob tais condições, internas e externas ao capitalismo, era necessário definir uma nova política capaz de reger e de orientar efetivamente as novas formas de organização da produção capitalista em nível internacional. E era também necessário dispor de uma fundamentação não apenas política, capaz de fazer face, especialmente, ao “socialismo científico” sobre o qual o socialismo real pretendia estar baseado.

Nessa conjuntura, as ciências sociais se propõem a dar, e efetivamente dão, uma contribuição muito relevante para a formulação das políticas do Estado, principalmente através das teorias da modernização ou do desenvolvimento, moldadas pelas demandas e pelo financiamento estatal ou de fundações filantrópicas e orientadas para os problemas dos

policymakers. Certamente, uma das contribuições mais importantes e decisivas para o grande capital foi a de Walt Whitman Rostow,⁴⁶⁰ que orientou a sua produção para fundamentar a ação política do Estado norte-americano, buscando assim intervir efetivamente para a transformação da realidade social neste sentido.

Houve, à época, uma crítica severa das teorias da modernização/desenvolvimento, mas em geral ela tendia a tratar a modernização/desenvolvimento fundamentalmente no campo dos discursos teóricos (tratando-as, portanto, como teorias e, assim, apontando suas imprecisões, seus erros teóricos, sua teleologia, seu evolucionismo, seu determinismo, suas inconsistências) e no campo do debate diretamente político (sublinhando o seu conservadorismo, o seu neo-colonialismo). Há certamente autores que em fins dos anos 1960 e início dos anos 1970 conseguiram fazer uma crítica radical dessas supostas teorias, escapando da limitação da análise ao campo estrito do teórico e conseguindo, assim, discernir que na modernização/desenvolvimento havia bem mais (ou bem menos) do que teoria.⁴⁶¹

⁴⁶⁰ Thus he shows many parallels to Marx against whom he fought so bitterly, and not only with his claim to have formulated a universally historic counter-concept to the Communist manifesto. He also derived from it his demand for political action, completely in the sense of the 11th thesis on Feuerbach ("The philosophers have only interpreted the world, in various ways; the point is to change it.") Menzel, Ulrich, Walt Whitman Rostow (1916-2003) An non-Communist manifesto, D+C Development and Cooperation 12/2003. Disponível em http://www.inwent.org/E+Z/content/archive-eng/12-2003/tribune_art1.html http://www.inwent.org/E+Z/content/archive-eng/12-2003/tribune_art1b.html . Acesso em 14 de janeiro de 2004.

⁴⁶¹ No Brasil, há alguns trabalhos pioneiros de crítica radical ao desenvolvimento/modernização, produzidos independentemente uns dos outros. Florestan Fernandes, que já em "Sociedade de classes e subdesenvolvimento", de 1967 (publicado em Fernandes, Florestan. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968), opõe-se às formulações da modernização e começa a construir o seu conceito de capitalismo dependente. Francisco de Oliveira, que enfrenta diretamente a lógica do argumento modernizador, em "A economia brasileira: crítica à razão dualista", *Estudos CEBRAP*, No. 2, 1972 (reeditado em *Seleção CEBRAP*, No. 1, 1975 e 1976; publicado Oliveira, Francisco de. *A Economia Brasileira : Crítica À Razão Dualista*. 4.a ed. Petrópolis: Editora Vozes : Em co-edição com CEBRAP, 1981; reeditado Oliveira, Francisco de. *Crítica À Razão Dualista; O Ornitorrinco*. 1a. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2003). Miriam Limoeiro Cardoso, que identifica o desenvolvimento como ideologia estudando a política desenvolvimentista de JK e o projeto de desenvolvimento nacional de JQ, em Cardoso, Miriam Limoeiro. "Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK-JQ." Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1972 (publicado Cardoso, Miriam Limoeiro. *La Ideología Dominante: Brasil, América Latina*. 1a ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1975; Cardoso, Miriam Limoeiro. *Ideologia do Desenvolvimento*,

Desde meados dos anos 1990, as teorias da modernização/desenvolvimento vêm sendo reestudadas por alguns importantes pesquisadores americanos cujo trabalho esclarece partes relevantes da produção dessas teorias e seus vínculos com o Estado norte-americano. Por exemplo, Nils Gilman estuda a construção da teoria da modernização em três instituições universitárias: o Departamento de Relações Sociais, de Harvard; a Comissão de Política Comparada do Social Science Research Council; e o Centro de Estudos Internacionais do MIT. Michael Latham estuda três programas do governo Kennedy: a Aliança para o Progresso, o Peace Corps e o Programa Estratégico Hamlet no Vietnã. Kimber Charles Pearce faz um estudo da retórica da modernização em Walt Whitman Rostow. Essas pesquisas de Gilman, Latham e Pearce foram originalmente teses de doutorado, que já estão publicadas em livro.⁴⁶² Há algumas outras importantes teses ainda não publicadas, das quais destaco a de Mark H. Haefele e a de David Grossman Armstrong:⁴⁶³ ambos estudam W. W. Rostow, tendo como questão central o Vietnã.⁴⁶⁴ Armstrong faz um levantamento extensivo e muito cuidadoso do material referente a W. W. Rostow nos arquivos das várias bibliotecas em que eles estão depositados. Realiza também várias entrevistas, com o próprio Rostow, seus familiares, amigos e contemporâneos. Organiza esse material junto aos dados da

Brasil: JK-JQ. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978). Caio Navarro de Toledo, que estuda a ideologia do desenvolvimento produzida no ISEB, em Toledo, Caio Navarro de. "Ideologia do desenvolvimento: Análise de uma instituição." Doutorado em Filosofia, Universidade Estadual Paulista, 1974. (publicado Toledo, Caio Navarro de. *ISEB: Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Editora Ática, 1977.)

⁴⁶² Gilman, N., 2003; Latham, M. E., 2000; Pearce, K. C., 2001.

⁴⁶³ Haefele, M. H., 2000; Armstrong, D. G., 2000.

⁴⁶⁴ A guerra do Vietnã continua sendo um trauma nos Estados Unidos e a figura pública de Rostow o vinculou indelevelmente a esse trauma, ainda que a sua produção mais relevante seja toda ela voltada para a construção de um caminho que ele julga ser mais fundamental e chama de "mais construtivo" para consolidar a "liderança" dos Estados Unidos no mundo sem ser por meio da guerra. Fora a discussão interminável dos economistas questionando a adequação ou a precisão dos indicadores escolhidos por Rostow na sua teoria dos estágios-de-crescimento econômico, os estudos sobre Rostow em geral adotam como referência a guerra do Vietnã, problematizando a relação entre as teorias de Rostow e as estratégias adotadas no Vietnã.

biografia e da trajetória profissional de Rostow, analisando-os e referindo-os à sua bibliografia. Haefele recorre igualmente a esses arquivos, também trabalha com os livros, artigos, etc., de Rostow publicados, além de várias entrevistas. Haefele e Armstrong oferecem ao leitor parte de importante material já tornado público (“declassified”) nos Estados Unidos, mas a que não se tem acesso por meio de publicações comercializadas.

Para esses estudiosos está claro o vínculo estreito entre a teoria da modernização/desenvolvimento e a formulação de políticas estatais. Latham e Gilman a tratam enquanto ideologia e enquanto estratégia, tendo clareza de que elas visam oferecer subsídios para uma política que tem como finalidade moldar o mundo fora dos Estados Unidos. Segundo Gilman, “Indeed, modernization theory represents the most explicit and systematic blueprint ever created by Americans for reshaping foreign societies.”⁴⁶⁵ As pesquisas sobre modernização/desenvolvimento foram produzidas em centros universitários, nas áreas das ciências sociais, no pós-guerra, e seus resultados forneceram aos policymakers fundamentação teórica para moldar sociedades mundo afora, de acordo com diretrizes norte-americanas. Caracterizando o contexto da Guerra Fria, Latham diz: “During the 1940s and 1950s, the U. S. increasingly sought ways to use its economic resources and planning expertise to engineer social change in both Europe and the ‘emerging areas’.”⁴⁶⁶ As teorias da modernização/desenvolvimento no contexto da Guerra Fria são, portanto, vistas aí como conhecimento instrumental para implementação de tecnologia social a ser realizada fora dos Estados Unidos.

Estas pesquisas avançam significativamente em relação às críticas às teorias da modernização/desenvolvimento que se restringiam a tratá-las como teoria, sem contextualizá-las mais amplamente, mesmo quando conseguiam detectar suas importantes conseqüências

⁴⁶⁵ Gilman, N., 2003, p. 5.

⁴⁶⁶ Latham, M. E., 2000, p. 23.

políticas. Avançam principalmente porque, estudando instituições, programas ou autores específicos, conseguem mostrar as por vezes intrincadas redes de relações entre produções “acadêmicas” (porque produzidas na academia, em centros universitários de pesquisa) e os meandros do poder e das políticas de Estado. Como diz Latham, “Modernization theorists benefited directly from alliances that formed between the national security state, philanthropic foundations, federal funding, and social scientific research.”⁴⁶⁷

No entanto, tais pesquisas relativamente recentes, que reavaliam criticamente as teorias da modernização/desenvolvimento, permitindo desvendar em grande parte seu uso como ideologia e como estratégia, não conseguiram ultrapassar (pelo menos ainda) duas limitações importantes.⁴⁶⁸ Em primeiro lugar, restringem sua análise ao campo do político. Quando pensam o poder, o pensam basicamente enquanto poder político. Quando pensam o projeto americano de expansão internacional, o pensam especificamente enquanto expansão do poder político americano. Latham diz: “Modernization theory reiterated a much older linkage between social inquiry and the expansion of *political power*. [...] During the Cold War, as the U. S. sought to increase its influence in a region altered by the collapse of European empire [...⁴⁶⁹].” Gilman, por sua vez, diz: “If it is true that modernization theory emerged as an answer to the surging postwar geopolitical and ideological power of the Soviet Union, we must also recognize that it turned anti-Communism from the hysterical red-baiting populism of McCarthy into a social-scientifically respectable political position. It did this by promoting modernization as a high-concept version of Americanism.”⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ Latham, M. E., 2000, p. 50.

⁴⁶⁸ É importante ressaltar que nenhuma dessas limitações apontadas se aplica ao trabalho de Bruce Cummings.

⁴⁶⁹ Latham, M. E., 2000, p. 59, grifado por mim, F. D. R..

⁴⁷⁰ Gilman, N., 2003, p. 13.

São pesquisas muito interessantes, reveladoras, descortinam uma nova dimensão crítica para a análise, mas seu horizonte se limita ao político-ideológico. E esta é uma limitação significativa, que não invalida a qualidade das investigações e os seus insights críticos. No entanto deixa vago todo um espaço importante sem o qual o significado político e estratégico da teoria da modernização/desenvolvimento não chega a ser explicado com a dimensão e a profundidade necessárias.

A outra limitação dessas pesquisas é que elas não consideram o outro lado das políticas que a teoria da modernização/desenvolvimento fundamenta. Parecem desconhecer o lado dos que foram submetidos às políticas desenvolvimentistas, desconhecendo, portanto, como as políticas de desenvolvimento propostas operaram de fato nos países subdesenvolvidos que aderiram ao projeto americano: que tipo de desenvolvimento essas políticas produziram (que tipo de desenvolvimento visavam produzir, de acordo com o projeto global), em que grau, que tipo de interferências a “ajuda externa” produziu, especialmente o colossal endividamento externo desses países, com altíssimo custo social, interferências também muito importantes nos campos político e institucional, como nas áreas de produção e de aplicação das ciências (inclusive as ciências sociais), que tipos de incentivo à criação de poupança interna aos países-alvo foram aplicados e com quais consequências sociais, etc.

Na verdade, dar-se conta dessas questões é, em grande parte, uma tarefa dos que vivem e trabalham deste lado do mundo. Não é importante, porém, a nacionalidade do pesquisador, o importante é a perspectiva crítica da análise e a capacidade de formulação teórica. A ciência é obra coletiva e nada auxilia mais a sua produção significativa do que a mais ampla liberdade de pensamento e de produção, de circulação e discussão das mais diversas formulações que, divergentes ou não, serão sempre incompletas, e que são tanto melhores quanto mais consigam deixar pistas abertas para novos caminhos, novos ângulos de argumentação, novas perspectivas críticas.

Bibliografia de Walt Whitman Rostow

Livros

- Rostow, Walt Whitman. *The American Diplomatic Revolution*. Oxford: The Clarendon Press, 1946.
- Rostow, W. W. *British Economy of the Nineteenth Century; Essays*. Oxford: Clarendon Press, 1948; 1949; 1961; 1963
- . *The Dynamics of Soviet Society*. 1st ed. Cambridge: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1952.
- . *The Process of Economic Growth*. 1st ed. New York: Norton, 1952.
- . *The Dynamics of Soviet Society*. 1st ed. New York: Norton, 1953; 1967
- . *The Dynamics of Soviet Society*. London: Secker & Warburg, 1953.
- . *The Dynamics of Soviet Society*. New York: New American Library, 1954.
- . *The Prospects for Communist China*. Cambridge: Technology Press of Massachusetts Institute of Technology, 1954.
- . *The Prospects for Communist China*. New York: New American Library, 1954.
- . *An American Policy in Asia*. Cambridge: Published jointly by the Technology Press of Massachusetts Institute of Technology, and Wiley, 1955.
- . *The Process of Economic Growth*. 2d ed. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- . *Stadien Wirtschaftlichen Wachstums : Eine Alternative Zur Marxistischen Entwicklungstheorie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1960.
- . *The Stages of Economic Growth, a Non-Communist Manifesto*. Cambridge: University Press, 1960; 1961; 1965
- . *The United States in the World Arena; an Essay in Recent History*. New York: Harper, 1960.
- . *The Process of Economic Growth*. 2d ed. New York,: Norton, 1962.
- . *Les Étapes de la Croissance Économique*. Paris: Editions du Seuil, 1963.
- . *View from the Seventh Floor*. 1st ed. New York: Harper & Row, 1964.
- . *Regional Organization: A Planners Perspective*. Washington: Dept. of State; U. S. Govt. Print. Off., 1965.
- . *The Great Transition : Tasks of the First and Second Post-War Generations*. Montague Burton Lectures on International Relations. Leeds: Leeds University Press,

- 1967.
- . *The United States in the World Arena; an Essay in Recent History*. New York,: Simon and Schuster, 1969.
- . *Politics and the Stages of Growth*. Cambridge: University Press, 1971.
- . *The Stages of Economic Growth; a Non-Communist Manifesto*. 2d ed. Cambridge: University Press, 1971.
- . *The Diffusion of Power; an Essay in Recent History*. New York: Macmillan, 1972.
- . *How It All Began : Origins of the Modern Economy*. London: Methuen, 1975.
- . *How It All Began; Origins of the Modern Economy*. New York: McGraw-Hill, 1975.
- . *Getting from Here to There*. New York: McGraw-Hill, 1978.
- . *The World Economy : History & Prospect*. Austin: University of Texas Press, 1978.
- . *The World Economy : History & Prospect*. London: Macmillan, 1978.
- . *Getting from Here to There*. 1st ed. reprinted with a new introduction ed. London: Macmillan, 1979.
- . *Why the Poor Get Richer and the Rich Slow Down : Essays in the Marshallian Long Period*. Austin: University of Texas Press, 1980.
- . *Why the Poor Get Richer and the Rich Slow Down : Essays in the Marshallian Long Period*. London: Macmillan, 1980.
- . *British Economy of the Nineteenth Century : Essays*. Westport: Greenwood Press, 1981.
- . *British Trade Fluctuations, 1868-1896 : A Chronicle and a Commentary, Dissertations in European Economic History*. New York: Arno Press, 1981.
- . *The Division of Europe after World War II, 1946*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1981.
- . *Pre-Invasion Bombing Strategy : General Eisenhower's Decision of March 25, 1944*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1981.
- . *Pre-Invasion Bombing Strategy : General Eisenhower's Decision of March 25, 1944*. Aldershot: Gower, 1981.
- . *The Division of Europe after World War II. 1946*. Aldershot: Gower, 1982.
- . *Europe after Stalin : Eisenhower's Three Decisions of March 11, 1953*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1982.
- . *Open Skies : Eisenhower's Proposal of July 21, 1955*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1982.
- . *The Barbaric Counter-Revolution : Cause and Cure*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1983.

- . *Prospects for the World Economy*. Cairo: National Bank of Egypt, 1983.
- . *The Barbaric Counter Revolution : Cause and Cure*. London: Macmillan, 1984.
- . *India and the Fourth Industrial Revolution*. Ahmedabad: IIM, 1984.
- . *Eisenhower, Kennedy, and Foreign Aid*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1985.
- . *The United States and the Regional Organization of Asia and the Pacific, 1965-1985*. 1st ed. Austin: University of Texas Press, 1986.
- . *Rich Countries and Poor Countries : Reflections on the Past, Lessons for the Future*. Boulder: Westview Press, 1987.
- . *Essays on a Half-Century : Ideas, Policies, and Action*. Boulder: Westview Press, 1988.
- . *History, Policy, and Economic Theory : Essays in Interaction*. Boulder: Westview Press, 1990.
- . *The Stages of Economic Growth : A Non-Communist Manifesto*. 3rd ed. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1990.
- . *The Great Population Spike and After : Reflections on the 21st Century*. New York ; Oxford: Oxford University Press, 1998.
- . *Concept and Controversy : Sixty Years of Taking Ideas to Market*. Austin: University of Texas Press, 2003.
- Rostow, W. W., W. L. Fisher, Herbert H. Woodson, e University of Texas at Austin. Council on Energy Resources. *National Energy Policy : An Interim Overview*. Austin: Council on Energy Resources, University of Texas at Austin, 1977.
- Rostow, W. W., e Richard W. Hatch. *Some Possible Lines of U.S. Action Vis-a-Vis Communist China*. Cambridge, Mass.: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1954.
- Rostow, W. W., e Michael Kennedy. *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present : With a Perspective on the Next Century*. New York: Oxford University Press, 1990.
- Rostow, W. W., e Massachusetts Institute of Technology. Center for International Studies. *The Dynamics of Soviet Society*. 1st ed. New York,: Norton, 1953.
- . *Asian Leadership and the Free World Alliance*. Cambridge, Mass.: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1954.
- . *The Prospects for Chinese Communist Society*. Cambridge, Mass.: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1954.
- . *A Comparison of Russian and Chinese Societies under Communism*. Cambridge: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1955.
- . *Industrialization and Economic Growth*. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute

of Technology, Center for International Studies, 1960.

———. *The Stages of Economic Growth and the Problems of Peaceful Co-Existence*. Cambridge, Mass.: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1960.

Rostow, W. W., e Massachusetts Institute of Technology. Center for International Studies. American Project. *The Making of Modern America, 1776-1940 : An Essay on Three Themes*. Cambridge, Mass.: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1960.

Rostow, W. W., e United States. Dept. of State. *The Two Major Communist Offensives*. Washington: Dept. of State; U.S. Govt. Print. Off., 1964.

Rostow, W. W. Ed. *The Economics of Take-Off into Sustained Growth; Proceedings of a Conference Held by the International Economic Association*. New York: St Martin's Press, 1963; 1964; 1965; 1968.

Gayer, Arthur D., e W. W. Rostow. *How Money Works*. New York: Public Affairs Committee, 1940; 1943; 2d rev. ed. 1947.

Gayer, Arthur David, Walt Whitman Rostow, e Anna Jacobson Schwartz. *The Growth and Fluctuation of the British Economy, 1790-1850. An Historical, Statistical, and Theoretical Study of Britain's Economic Development*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1953.

———. *The Growth and Fluctuation of the British Economy, 1790-1850: An Historical, Statistical and Theoretical Study of Britain's Economic Development*. 2d ed. 2 vols. Hassocks: Harvester Press, 1975.

———. *The Growth and Fluctuation of the British Economy, 1790-1850 : An Historical, Statistical, and Theoretical Study of Britain's Economic Development*. New York Barnes & Noble Books,, 1975.

Griffith, William E., e W. W. Rostow. *East-West Relations: Is Detente Possible?* Washington: American Enterprise Institute for Public Policy Research, 1969.

Massachusetts Institute of Technology. Center for International Studies., e W. W. Rostow. *Some Aspects of United States Policy Towards the Soviet Union and Its European Satellites*. Cambridge, 1953.

Millikan, Max F., e W. W. Rostow. *A Proposal : Key to an Effective Foreign Policy*. 1st ed. New York: Harper & Bros., 1957.

———. *A Proposal : Key to an Effective Foreign Policy*. Westport: Greenwood Press, 1976.

Sparer, Phineas J., W. W. Rostow, William Safire, e Lewis William Seidman. *Big Government, Myth or Might?*, The M.L. Seidman Memorial Town Hall Lecture Series. Memphis: Memphis State University Press, 1977.

———. *Big Government, Myth or Might?*, The M. L. Seidman Memorial Town Hall Lecture Series ; 1975-1976. Memphis: Memphis State University Press, 1978.

Washburn, A. Michael, Willard H. Mitchell, e W. W. Rostow. *Walt Rostow, Vietnam, and the*

Future Tasks of American Foreign Policy; Two "Second Generation" Dissents. Princeton: Center of International Studies, Woodrow Wilson School of Public and International Affairs, Princeton University, 1967.

Artigos

- Rostow, W. W. "Investment and the Great Depression." *The Economic History Review* 8, no. 2 (1938): 136-58.
- . "Investment and Real Wages 1873-86." *The Economic History Review* 9, no. 2 (1939): 144-59.
- . "[Sem Título]. Resenha: Beveridge, William. Prices and Wages in England from the Twelfth to the Nineteenth Century " *The Journal of Modern History* 12, no. 1 (1940): 91-93.
- . "Business Cycles, Harvests, and Politics: 1790-1850." *The Journal of Economic History* 1, no. 2 (1941): 206-21.
- . "Adjustments and Maladjustments after the Napoleonic Wars." *The American Economic Review* 32, no. 1 (1942): 13-23.
- . "Price Control and Rationing: Some Aspects of Price Control and Rationing." *The American Economic Review* 32, no. 3 (1942): 486-500.
- . "[Sem Título]. Resenha: Morgan, E. Victor. The Theory and Practice of Central Banking, 1797-1913." *The Economic History Review* 14, no. 1 (1944): 100-02.
- . "[Sem Título]. Resenha: Nugent, Rolf. Consumer Credit and Economic Stability." *The Economic History Review* 17, no. 1 (1947): 85-86.
- . "The Economic Commission for Europe." *International Organization* 3, no. 2 (1949): 254-68.
- . "[Sem Título]. Resenha: Ashton, T. S.. The Industrial Revolution." *Economica* 16, no. 61 (1949): 66-67.
- . "[Sem Título]. Resenha: Pigou, A. C.. Aspects of British Economic History, 1918-1925." *The American Economic Review* 39, no. 2 (1949): 523-25.
- . "Contemporary Programs: Government and Private Enterprise in European Recovery." *The Journal of Economic History* 10 (1950): 105-13.
- . "[Sem Título]. Resenha: Merlin, Sidney D.. The Theory of Fluctuations in Contemporary Economic Thought." *The Economic History Review* 3, no. 2 (1950): 256-57.
- . "The Terms of Trade in Theory and Practice." *The Economic History Review* 3, no. 1 (1950): 1-20.

- . "The United Nations' Report on Full Employment." *The Economic Journal* 60, no. 238 (1950): 323-50.
- . "The Historical Analysis of the Terms of Trade." *The Economic History Review* 4, no. 1 (1951): 53-76.
- . "Some Notes on Mr. Hicks and History." *The American Economic Review* 41, no. 3 (1951): 316-24.
- . "Two Analyses of Britain's Transition." *The Journal of Economic History* 11, no. 1 (1951): 55-59.
- . "A Historian's Perspective on Modern Economic Theory." *The American Economic Review* 42, no. 2 (1952): 16-29.
- . "Prices During American Revolution." *The Economic History Review* 5, no. 2 (1952): 277-78.
- . "[Sem Título]. Resenha: Chang, Tse Chun. Cyclical Movements in the Balance of Payments." *The Journal of Economic History* 12, no. 3 (1952): 285-86.
- . "[Sem Título]. Resenha: Clapham, Sir John. A Concise Economic History of Britain, from Earliest Times to A.D. 1750." *The American Economic Review* 43, no. 1 (1953): 175-77.
- . "[Sem Título]. Resenha: Fay, C. R.. Round About Industrial Britain, 1830-1860." *The Journal of Political Economy* 61, no. 3 (1953): 269-70.
- . "[Sem Título]. Resenha: Robbins, Lionel. The Theory of Economic Policy in English Classical Political Economy." *The Journal of Economic History* 13, no. 2 (1953): 212-14.
- . "Toward a General Theory of Action." *World Politics* 5, no. 4 (1953): 530-54.
- . "The British Economy." *The Economic History Review* 6, no. 3 (1954): 305-09.
- . "Factors in a British Trade Cycle." *The Journal of Economic History* 14, no. 3 (1954): 266-70.
- . "Russia and China under Communism." *World Politics* 7, no. 4 (1955): 513-31.
- . "[Sem Título]. Resenha: Cairncross, A. K.. Home and Foreign Investment, 1870-1913. Studies in Capital Accumulation." *The Economic History Review* 8, no. 2 (1955): 251-53.
- . "[Sem Título]. Resenha: Morison, George Abbot; Smith, Etta M.. History of Peterborough, New Hampshire." *The New England Quarterly* 28, no. 1 (1955): 127-33.
- . "[Sem Título]. Resenha: Schlote, Werner; Henderson, W. P.; Chaloner, W. H.. British Overseas Trade from 1700 to the 1930's." *The Journal of Political Economy* 63, no. 4 (1955): 359.
- . "The Take-Off into Self-Sustained Growth." *The Economic Journal* 66, no. 261 (1956): 25-48.

- . "The Interrelation of Theory and Economic History." *The Journal of Economic History* 17, no. 4 (1957): 509-23.
- . "[Sem Título]. Resenha: Youngson, A. J.. Possibilities of Economic Progress." *The Economic Journal* 69, no. 274 (1959): 349-52.
- . "The Stages of Economic Growth." *The Economic History Review* 12, no. 1 (1959): 1-16.
- . "The Problem of Achieving and Maintaining a High Rate of Economic Growth: A Historian's View." *The American Economic Review* 50, no. 2 (1960): 106-18.
- . "[Sem Título]. Resenha: Ashton, T. S.. Economic Fluctuations in England, 1700-1800." *The American Historical Review* 65, no. 4 (1960): 883-84.
- . "[Sem Título]. Resenha: Hughes, J. R. T.. Fluctuations in Trade, Industry, and Finance: A Study of British Economic Development, 1850-1860." *The Journal of Modern History* 33, no. 4 (1961): 451-52.
- . "Communism: What Lies Ahead 1." *Nation's Business (pre-1986)* 50, no. 10 (1962): 59, 60, 62.
- . "The Third Round." *Foreign Affairs (pre-1986)* 42, no. 000001 (1963): 1-10.
- . "National Markets and Economic Growth." *The International Executive (pre-1986)* 8, no. 1 (1966): 5-6.
- . "The Past Quarter-Century as Economic History and the Tasks of International Economic Organization." *The Journal of Economic History* 30, no. 1 (1970): 150-87.
- . "A Reply to Professor Felix." *The Journal of Economic History* 30, no. 1 (1970): 196-200.
- . "[Sem Título]. Resenha: Kuznets, Simon. Economic Growth of Nations. Total Output and Production Structure." *Political Science Quarterly* 86, no. 4 (1971): 654-57.
- . "The Strategic Role of Theory: A Commentary." *The Journal of Economic History* 31, no. 1 (1971): 76-86.
- . "Technological Growth and Social Change: Achieving Modernization." *Business History Review (pre-1986)* 45, no. 000003 (1971): 418-19.
- . "[Sem Título]. Resenha: Brunner, Ronald D.; Brewer, Garry D.. Organized Complexity: Empirical Theories of Political Development." *Political Science Quarterly* 87, no. 2 (1972): 280-82.
- . "The Beginnings of Modern Growth in Europe: An Essay in Synthesis." *The Journal of Economic History* 33, no. 3 (1973): 547-80.
- . "[Sem Título]. Resenha: Robinson, Ronald. Developing the Third World: The Experience of the Nineteen-Sixties." *The American Political Science Review* 67, no. 2 (1973): 691-93.
- . "[Sem Título]. Resenha: Szentes, Tamas. The Political Economy of Underdevelopment." *The American Political Science Review* 67, no. 3 (1973): 1091-

93.

- . "A History of Prices in Sweden, 1732-1914." *Business History Review* (pre-1986) 48, no. 000002 (1974): 234-35.
- . "[Sem Título]. Resenha: Mckinnon, Ronald I.. Money and Capital in Economic Development." *The American Political Science Review* 68, no. 4 (1974): 1822-24.
- . "[Sem Título]. Resenha: North, Douglass C.; Thomas, Robert Paul. The Rise of the Western World. A New Economic History." *Journal of Economic Literature* 12, no. 2 (1974): 493-96.
- . "Kondratieff, Schumpeter, and Kuznets: Trend Periods Revisited." *The Journal of Economic History* 35, no. 4 (1975): 719-53.
- . "[Sem Título]. Resenha: Buchan, Alastair. The End of the Postwar Era: A New Balance of World Power." *Slavic Review* 34, no. 4 (1975): 829-32.
- . "[Sem Título]. Resenha: Birnberg, Thomas B.; Resnick, Stephen A.. Colonial Development: An Econometric Study " *The American Historical Review* 81, no. 5 (1976): 1074-75.
- . "[Sem Título]. Resenha: Black, Cyril E.. The Modernization of Japan and Russia: A Comparative Study." *The American Historical Review* 81, no. 4 (1976): 940.
- . "No Random Walk: A Comment On "Why Was England First?"" *The Economic History Review* 31, no. 4 (1978): 610-12.
- . "[Sem Título]. Resenha: Milward, A.; Saul, S. B.. The Development of the Economies of Continental Europe, 1850-1914." *The Journal of Modern History* 50, no. 4 (1978): 727-28.
- . "The Key Security Tasks of the 1980s." *International Security* 4, no. 2 (1979): 180-88.
- . "[Sem Título]. Resenha: Lewis, W. Arthur. Growth and Fluctuations, 1870-1913." *The Journal of Economic History* 39, no. 2 (1979): 620-21.
- . "[Sem Título]. Resenha: Lewis, W. Arthur. The Evolution of the International Economic Order." *The American Historical Review* 84, no. 1 (1979): 106.
- . "[Sem Título]. Resenha: Mandel, Ernest; Pres, Joris De. Late Capitalism." *The Journal of Economic History* 39, no. 3 (1979): 849-50.
- . "[Sem Título]. Resenha: Bairoch, Paul. Taille Des Villes, Conditions De Vie Et Developpement Economique." *The Journal of Modern History* 52, no. 1 (1980): 113-15.
- . "[Sem Título]. Resenha: Mathias, Peter. Essays in the Economic and Social History of England in the Eighteenth Century." *The Journal of Modern History* 53, no. 1 (1981): 108-10.
- . "Working Agenda for a Disheveled World Economy." *Challenge* 24, no. 1 (1981): 5-16.

- . "Comment from a Not Quite Empty Box." *The Economic Journal* 92, no. 365 (1982): 156-60.
- . "[Sem Título]. Resenha: Boserup, Ester. Population and Technological Change: A Study of Long-Term Trends." *The Journal of Economic History* 42, no. 1 (1982): 265-66.
- . "[Sem Título]. Resenha: Clements, Kendrick A.. James F. Byrnes and the Origins of the Cold War / Hammond, Thomas T.. Witnesses to the Origins of the Cold War." *The Journal of Modern History* 55, no. 3 (1983): 515-18.
- . "[Sem Título]. Resenha: Freeman, Christopher; Clark, John; Soete, Luc. Unemployment and Technical Innovation: A Study of Long Waves and Economic Development." *Journal of Economic Literature* 21, no. 1 (1983): 129-31.
- . "Technology and Unemployment in the Western World." *Challenge* 26, no. 1 (1983): 6-17.
- . "Is There Need for Economic Leadership?: Japanese or U.S.?" *The American Economic Review* 75, no. 2 (1985): 285-91.
- . "[Sem Título]. Resenha: Klein, Burton H.. Prices, Wages and Business Cycles: A Dynamic Theory." *Journal of Economic Literature* 23, no. 2 (1985): 613-14.
- . "[Sem Título]. Resenha: Maddison, Angus. Phases of Capitalist Development." *The Journal of Economic History* 45, no. 4 (1985): 1026-28.
- . "The World Economy since 1945: A Stylized Historical Analysis." *The Economic History Review* 38, no. 2 (1985): 252-75.
- . "[Sem Título]. Resenha: Heilbroner, Robert L.. The Nature and Logic of Capitalism." *The Journal of Economic History* 46, no. 2 (1986): 575-77.
- . "On Ending the Cold War." *Foreign Affairs* 65, no. 4 (1987): 831-51.
- . "Book Review Essay: Beware of Historians Bearing False Analogies." *Foreign Affairs* 66, no. 4 (1988): 863-68.
- . "Comment and Correspondence: Pointers from the Past. The Reviewer Replies." *Foreign Affairs* 66, no. 5 (1988): 1111-13.
- . "[Sem Título]. Resenha: Arndt, H. W.. Economic Development: The History of an Idea." *The Journal of Economic History* 48, no. 1 (1988): 230-32.
- . "[Sem Título]. Resenha: Goldstein, Joshua S.. Long Cycles: Prosperity and War in the Modern Age." *The Journal of Economic History* 48, no. 4 (1988): 989-90.
- . "[Sem Título]. Resenha: Kleinknecht, Alfred; Tinbergen, Jan. Innovation Patterns in Crisis and Prosperity: Schumpeter's Long Cycle Reconsidered." *Journal of Economic Literature* 26, no. 1 (1988): 111-13.
- . "[Sem Título]. Resenha: Vasko, Tibor. The Long-Wave Debate." *Journal of Economic Literature* 26, no. 4 (1988): 1759-61.
- . "[Sem Título]. Resenha: Cameron, Rondo. A Concise Economic History of the

World: From Paleolithic Times to the Present." *The Journal of Economic History* 49, no. 4 (1989): 1074-75.

———. "[Sem Título]. Resenha: Bairoch, Paul. Economics and World History: Myths and Paradoxes." *Journal of Economic Literature* 32, no. 1 (1994): 170-71.

———. "Letters to the Editor." *Foreign Affairs* 74, no. 1 (1995): 183-84.

———. "Lessons of the Plan: Looking Forward to the Next Century." *Foreign Affairs* 76, no. 3 (1997): 205-12.

Artigos em jornais

Rostow, W. W. "Letter to the Editor: Planned Spending Urged - Basic Rules Are Proposed for Program of Government Work." *The New York Times*, August 3, 1939, 14.

———. "Letter to the Editor: Formula for Europe; Veering from Primary Objectives Seen in Our Post-War Policy." *The New York Times*, December 18, 1949, E8.

———. "Letter to the Editor: Tribute to Charles Jeffers; His Qualities Considered the Sort Needed by Our Representatives." *The New York Times*, April 24, 1954, 16.

———. "Letter to the Editor: Aid to India Supported; Success in Modernizing Industry Held Essential to Democracy." *The New York Times*, April 21, 1958, 22.

———. "Letter to the Editor: Program to Aid India; Proposals Are Declared Aimed at Forestalling Crisis Situation." *The New York Times*, April 1, 1958, 30.

———. "The Test: Are We the Tougher?" *The New York Times*, June 7, 1964, SM21.

———. "Letter to the Editor: Rostow Replies." *The New York Times*, December 15, 1968, E 13.

———. "The Missing Social Contract." *The New York Times*, October 23, 1970, 40.

———. "United States and Asia: I; Do We Command Resources for All Our Major Commitments?" *The New York Times*, September 21, 1970, 43.

———. "United States and Asia: II; to Cut and Run on Vietnam Might Trigger Nuclear Race." *The New York Times*, September 22, 1970, 45.

———. "United States and Asia: III; a Responsible Role Must Be Played at Home and Abroad." *The New York Times*, September 23, 1970, 47.

———. "Letter to the Editor: Air Power." *The New York Times*, April 4, 1971, BR20.

———. "Rostow: Morality and War." *The New York Times*, June 22, 1971, 35.

———. "Toward a Stable Peace: I." *The New York Times*, September 20, 1971, 25.

———. "Toward a Stable Peace: II." *The New York Times*, September 21, 1971, 37.

- . "Toward a Stable Peace: Iii; the Principal Question Is: What's Wrong with the U.S.A.?" *The New York Times*, September 22, 1971, 47.
- . "Why We Fight in Laos; Use of the Corridor Violates the Laotian Accords of the 1962." *The New York Times*, March 5, 1971, 35.
- . "The Real Issue in Vietnam." *The New York Times*, April 23, 1972, E15.
- . "America and Europe: Balancing Accounts." *The New York Times*, July 17, 1973, 39.
- . "Letter to the Editor; the Diffusion of Power." *The New York Times*, January 28, 1973, Book Review, page 16.
- . "Measure for Measure." *The New York Times*, September 24, 1973, 33.
- . "Mideast Counsel." *The New York Times*, November 2, 1973, 41.
- . "The Next Stage." *The New York Times*, June 7, 1973, 45.
- . "Paris: Where It Stands." *The New York Times*, January 12, 1973, 33.
- . "An Anti-Inflation Proposal." *The New York Times*, November 18, 1974, 33.
- . "Caught by Kondratieff." *The Wall Street Journal*, March 8, 1977, 20.
- . "A Fusion Solution." *The New York Times*, September 13, 1977, 31.
- . "A Regional Sense of Purpose." *The New York Times*, March 20, 1977, 126.
- . "A New Energy Partnership." *The Wall Street Journal*, June 1, 1979, 20.
- . "No, OPEC Isn't an Enemy." *The New York Times*, July 24, 1979, A15.
- . "Five Great Goals for the Next Generation." *The Wall Street Journal*, September 6, 1988, 20.
- . "Where We've Been, Where We're Going." *The Wall Street Journal*, March 20, 1991, A20.
- . "Time to Stop Living Off Capital." *The Wall Street Journal*, January 8, 1992, A10.

Referências bibliográficas

- Acheson, Dean. *Morning and Noon*. Boston,: Houghton Mifflin, 1965.
- . *Present at the Creation; My Years in the State Department*. 1st ed. New York,: Norton, 1969.
- Armstrong, David Grossman. "The True Believer: Walt Whitman Rostow and the Path to Vietnam." Ph.D., The University of Texas at Austin, 2000.
- Baran, Paul A. "[Sem Título]. Resenha: Rostow, W. W.. The Process of Economic Growth." *The American Economic Review* 42, no. 5 (1952): 921-23.
- Baran, Paul A., e E. J. Hobsbawm. "The Stages of Economic Growth." *Kyklos* 14, no. 2 (1961): 234-42.
- Beisner, Robert L. *Dean Acheson : A Life in the Cold War*. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2006.
- Berghahn, Volker Rolf. *America and the Intellectual Cold Wars in Europe : Shepard Stone between Philanthropy, Academy, and Diplomacy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2001.
- Bissell, Richard M., Jonathan E. Lewis, e Frances T. Pudlo. *Reflections of a Cold Warrior : From Yalta to the Bay of Pigs*. New Haven: Yale University Press, 1996.
- Blackmer, Donald L. M. *The Mit Center for International Studies : The Founding Years, 1951-1969*. Cambridge, Mass.: MIT Center for International Studies, 2002.
- Calhoun, Craig J. *Sociology in America : A History*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- Cardoso, Miriam Limoeiro. "Ideologia do Desenvolvimento. Brasil: JK-JQ." Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1972.
- . *La Ideología Dominante : Brasil, América Latina*. 1a ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1975.
- . *Ideologia do Desenvolvimento, Brasil : JK-JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- Chace, James. *Acheson : The Secretary of State Who Created the American World*. 1st Harvard University Press pbk. ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.
- Cook, Blanche Wiesen. *The Declassified Eisenhower : A Divided Legacy of Peace and Political Warfare*. New York, N.Y.: Penguin Books, 1984.
- Cummings, Bruce. "The American Century and the Third World." *Diplomatic History* 23, no. 2 (1999): 355-70.
- Engerman, David C., Nils Gilman, Mark Henry Haefele, e Michael E. Latham. *Staging Growth : Modernization, Development, and the Global Cold War*, Culture, Politics, and the Cold War. Amherst: University of Massachusetts Press, 2003.

- Fernandes, Florestan. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.
- Fishlow, Albert. "Empty Economic Stages?" *The Economic Journal* 75, no. 297 (1965): 112-25.
- Foster-Carter, A. "From Rostow to Gunder Frank: Conflicting Paradigms in the Analysis of Underdevelopment." *World Development* 4, no. 3 (1976): 167-80.
- Frank, Andre Gunder. "[Sem Título]. Resenha: Hirschman, Albert O.. A Bias for Hope: Essays on Development and Latin America. / Rostow, W. W.. Politics and the Stages of Growth." *The Hispanic American Historical Review* 53, no. 4 (1973): 663-67.
- Freud, Sigmund. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Vol. III: 1923-1940*. Tradução Claudia Dornbusch et al.; coordenador geral da tradução Luiz Alberto Hanns; consultores da teoria da tradução João Azenha Jr. e Suzana Kampff Lages. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- . "A Negativa (Die Verneinung), 1925." In *Sigmund, Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Vol. III: 1923-1940*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Gilman, Nils. "Paving the World with Good Intentions: The Genesis of Modernization Theory." Ph.D., University of California, Berkeley, 2000.
- . *Mandarins of the Future : Modernization Theory in Cold War America*, New Studies in American Intellectual and Cultural History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003.
- Godard, Jean-Luc. "Alphaville. Une Étrange Aventure De Lemmy Caution." 1965.
- Haefele, Mark Henry. "Walt Rostow, Modernization, and Vietnam: Stages of Theoretical Growth." Ph.D., Harvard University, 2000.
- . "Walt Rostow's Stages of Economic Growth: Ideas and Action." In *Staging Growth : Modernization, Development, and the Global Cold War*, editado por David C. Engerman, Nils Gilman, Mark Henry Haefele e Michael E. Latham. Amherst: University of Massachussets Press, 2003.
- Hicks, J. R. "[Sem Título] Resenha: Rostow, W. W.. The Process of Economic Growth." *The Journal of Political Economy* 61, no. 2 (1953): 173-74.
- Horowitz, Irving Louis. *The Rise and Fall of Project Camelot; Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Mass.,: M.I.T. Press, 1967.
- Hoselitz, Bert F. "[Sem Título] Resenha: Rostow, W. W.. The Process of Economic Growth." *The Journal of Economic History* 13, no. 2 (1953): 202-04.
- Joyce, James. *Ulysses*. Modern library ed. New York: Modern Library, 1992.
- Kindleberger, Charles Poor, e Guido Di Tella. *Economics in the Long View : Essays in Honour of W.W. Rostow*. 3 vols. New York: New York University Press, 1982.
- Klausner, Samuel Z., and Victor M. Lidz. *The Nationalization of the Social Sciences*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986.

- LaFeber, Walter. *The American Age : United States Foreign Policy at Home and Abroad : 1750 to the Present*. 2nd ed. New York: W.W. Norton, 1994.
- LaFeber, Walter, Richard Polenberg, e Nancy Woloch. *The American Century : A History of the United States since the 1890s*. 5th ed. Boston, Mass.: McGraw-Hill, 1998.
- Laplanche, Jean, e Jean-Bertrand Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Latham, Michael E. *Modernization as Ideology : American Social Science And "Nation Building" In the Kennedy Era, New Cold War History*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.
- Lenin, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo*. Tradução Leila Prado. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- Markoe, Arnold, Karen Markoe, e Kenneth T. Jackson. *The Scribner Encyclopedia of American Lives 2003-2005*. Vol. 7. New York: Thomson Gale, 2007.
- Marlowe, Christopher, e David Scott Kastan. *Doctor Faustus : A Two-Text Edition (a-Text, 1604; B-Text, 1616), Contexts and Sources, Criticism*. New York: W.W. Norton, 2005.
- Marx, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução Maria Helena Barreiro Alves; revisão da tradução de Carlos Roberto F. Nogueira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- McAdam, Doug. "From Relevance to Irrelevance: The Curious Impact of the Sixties on Public Sociology." In *Sociology in America : A History*, editado por Craig J. Calhoun. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- Meier, Gerald M., and Dudley Seers. *Pioneers in Development*. New York ; Oxford: Oxford University Press, 1984.
- Millikan, Max F., Donald L. M. Blackmer, e Massachusetts Institute of Technology. Center for International Studies. *The Emerging Nations: Their Growth and United States Policy*. Boston: Little, Brown and Co., 1961.
- Milne, David. "Rostow, Walt Whitman." In *The Scribner Encyclopedia of American Lives 2003-2005*, editado por Arnold Markoe, Karen Markoe e Kenneth T. Jackson, 478-81. New York: Thomson Gale, 2007.
- Needell, Allan A. "Truth Is Our Weapon": Project Troy, Political Warfare, and Government-Academic Relations in the National Security State". *Diplomatic History* 17, no. 3 (1993): 399-420.
- Needell, Allan A. "Project Troy and the Cold War Annexation of the Social Sciences", in Simpson, Christopher (Ed.) *Universities and Empire: Money and Politics in the Social Sciences during the Cold War*. New York: The New Press, 1998, p. 3-38.
- Oliveira, Francisco de. *A Economia Brasileira : Crítica à Razão Dualista*. 4.a ed. Petrópolis: Editora Vozes : Em coedição com CEBRAP, 1981.
- . *Crítica à Razão Dualista ; O Ornitorrinco*. 1a. ed. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2003.

- Parsons, Talcott. "Social Science: A Basic National Resource." In *Klausner, Samuel Z., e Victor M. Lidz. The Nationalization of the Social Sciences*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986.
- Pearce, Kimber Charles. "Walt Whitman Rostow's Rhetoric of Modernization: Cold War Economics, Foreign Policy Advocacy, and Social Scientific Argumentation." Ph.D., The Pennsylvania State University, 1997.
- . *Rostow, Kennedy, and the Rhetoric of Foreign Aid*, Rhetoric and Public Affairs Series. East Lansing: Michigan State University Press, 2001.
- Pool, Ithiel de Sola. "The Necessity for Social Scientists Doing Research for Governments." In *The Rise and Fall of Project Camelot; Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*, editado por Irving Louis Horowitz. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1967.
- Ribeiro, Flávio Diniz. "Para uma crítica da idéia de desenvolvimento." Mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, 2002.
- . "Desenvolvimento como evolução." *Revista de História (USP)* 148 (2003): 157-204.
- . "Desenvolvimento como ideologia." In *Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História - História, acontecimento e narrativa*. João Pessoa: Associação Nacional de História (ANPUH), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2003.
- . "A construção da idéia contemporânea de desenvolvimento." In *Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da História*. Campinas: Associação Nacional de História Núcleo Regional de São Paulo (ANPUH-SP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.
- . "As ciências sociais vão à guerra." In *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História (Edição Complementar)*. Londrina: Associação Nacional de História (ANPUH), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Editorial Mídia, 2005.
- . "Era Marx Evolucionista?" In *Anais do 4º Colóquio Marx e Engels*. Campinas: Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.
- . "História como desenvolvimento: ideologia, política e ciência." In *Livro de Resumos do XXV Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia - Desarrollo, Crisis y Democracia en America Latina: Participación, Movimientos Sociales y Teoría Sociológica*. Porto Alegre: Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005.
- . "Poder e conhecimento: a construção das ciências sociais na Guerra Fria." In *XII Congresso Brasileiro de Sociologia - Sociologia e Realidade: Pesquisa Social no Século XXI*. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2005.
- Rosovsky, Henry. "The Take-Off into Sustained Controversy." *The Journal of Economic History* 25, no. 2 (1965): 271-75.
- Rostow, Walt Whitman. "British Trade Fluctuations, 1868 to 1892." Ph.D., Yale University, 1940.

- . *The American Diplomatic Revolution*. Oxford: The Clarendon Press, 1946.
- Rostow, W. W. *British Economy of the Nineteenth Century; Essays*. Oxford: Clarendon Press, 1948.
- . "A Historian's Perspective on Modern Economic Theory." *The American Economic Review* 42, no. 2 (1952): 16-29.
- . *The Process of Economic Growth*. 1st ed. New York: Norton, 1952.
- . "Toward a General Theory of Action." *World Politics* 5, no. 4 (1953): 530-54.
- . "The Take-Off into Self-Sustained Growth." *The Economic Journal* 66, no. 261 (1956): 25-48.
- . "The Interrelation of Theory and Economic History." *The Journal of Economic History* 17, no. 4 (1957): 509-23.
- . "The Stages of Economic Growth." *The Economic History Review* 12, no. 1 (1959): 1-16.
- . *The Process of Economic Growth*. 2d ed. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- . *The Stages of Economic Growth, a Non-Communist Manifesto*. Cambridge: University Press, 1960.
- . *The Process of Economic Growth*. 2d ed. New York: Norton, 1962.
- . *The Process of Economic Growth*. 2d ed. New York: Norton, 1962.
- . *View from the Seventh Floor*. [1st ed. New York: Harper & Row, 1964.
- . *The Stages of Economic Growth; a Non-Communist Manifesto*. 2d ed. Cambridge: University Press, 1971.
- . "Correspondence." *The Hispanic American Historical Review* 54, no. 1 (1974): 205-06.
- . *British Economy of the Nineteenth Century : Essays*. Westport: Greenwood Press, 1981.
- . "Development: The Political Economy of the Marshallian Long Period." In *Pioneers in Development*, editado por Gerald M. Meier e Dudley Seers. New York: Oxford University Press, 1984.
- . *The Stages of Economic Growth : A Non-Communist Manifesto*. 3rd ed. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1990.
- Rostow, W. W., e Michael Kennedy. *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present : With a Perspective on the Next Century*. New York: Oxford University Press, 1990.
- Roudinesco, Elisabeth, e Michel Plon. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- Schlesinger, Arthur M. *A Thousand Days : John F. Kennedy in the White House*. 1st Mariner Books ed. Boston: Houghton Mifflin, 2002.
- Simpson, Christopher. *Science of Coercion : Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960*. New York: Oxford University Press, 1994.
- . *Universities and Empire : Money and Politics in the Social Sciences During the Cold War*, [Cold War and the University]. New York: New Press, 1998.
- Smith, Gaddis. *Dean Acheson, The American Secretaries of State and Their Diplomacy*. New York,: Cooper Square Publishers, 1972.
- Snooks, Graeme Donald. *The Laws of History*. London ; New York: Routledge, 1998.
- Szenberg, Michael. *Eminent Economists : Their Life Philosophies*. Cambridge [England] ; New York: Cambridge University Press, 1992.
- Toledo, Caio Navarro de. "Ideologia do Desenvolvimento: Análise de uma Instituição." Doutorado em Filosofia, Universidade Estadual Paulista, 1974.
- . *Iseb : Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Editora Ática, 1977.
- . *Intelectuais e Política no Brasil : A Experiência do Iseb*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Revan, 2005.
- United States. President (1945-1953 : Truman), Harry S. Truman, and United States. Office of the Federal Register. *Public Papers of the Presidents of the United States : Harry S. Truman : Containing the Public Messages, Speeches, and Statements of the President, April 12, 1945 to January 20, 1953*. 8 vols. Washington, D.C.: U.S. G.P.O., 1961.
- Wallerstein, Immanuel Maurice. *The Essential Wallerstein*. New York: New Press, 2000.
- . *Unthinking Social Science : The Limits of Nineteenth-Century Paradigms*. Philadelphia: Temple University Press, 2001.
- Whitman, Walt, Michael Moon, Sculley Bradley, and Harold William Blodgett. *Leaves of Grass and Other Writings : Authoritative Texts, Other Poetry and Prose, Criticism*. Expanded and rev. ed. New York: W.W. Norton, 2002.
- Williams, William Appleman. *The Tragedy of American Diplomacy*. New ed. New York: Norton, 1988.
- Williams, William Appleman, e Henry W. Berger. *A William Appleman Williams Reader : Selections from His Major Historical Writings*. Chicago: I.R. Dee, 1992.

Anexo 1

W. W. Rostow: página no site da Universidade do Texas, em Austin

A seguir está reproduzida, com pequenas alterações, a página de Walt Whitman Rostow no site da Universidade do Texas, em Austin, no dia 17 de março de 2003.

<http://www.eco.utexas.edu/faculty/Rostow/>

Atualmente a página não se encontra mais disponível no servidor da Universidade do Texas, em Austin.

W.W. ROSTOW

rostow@eco.utexas.edu

[Department of Economics](#)

[Department of History](#)

[The University of Texas at Austin](#)

[The Austin Project](#) | [State Department](#) | [World Bank](#) | [NY Times](#) | [WDI-Data Query](#)

[ECO 323T](#)

[ECO 383K](#)

[Research](#)

[Bio](#)

[Contact](#)

[HOME](#)

Last updated:
February 14, 2003
[Comments](#)

Dr. Rostow was born October 7, 1916 in New York City. He received a B. A. degree from Yale University in 1936; Ph.D. from Yale in 1940; attended Balliol College, Oxford, England, 1936-1938, as a Rhodes Scholar.

His career as an educator began in 1940 when he became an instructor of economics at Columbia University. During the Second World War (1942-45) he served as a Major in the OSS. After the war Dr. Rostow joined the State Department as Assistant Chief of the German-Austrian Economic Division. He later returned to teaching, as the Harmsworth Professor of American History, Oxford University, England, 1946-47.

In 1947 he became the Assistant to the Executive Secretary of the Economic Commission for Europe. He returned to England in 1949 to spend a year at Cambridge

University as the Pitt Professor of American History.

From 1950-1961 Dr. Rostow was Professor of Economic History at the Massachusetts Institute of Technology and from 1951-1961 he was also a staff member of the Center for International Studies, M.I.T.

In January 1961 President Kennedy appointed Dr. Rostow as Deputy Special Assistant to the President for National Security Affairs. He served in that capacity until December 1961 when he was appointed counselor of the Department of State and Chairman of the Policy Planning Council, Department of State; in May 1964 the President appointed him to the additional duty of United States Member of the Inter-American Committee on the Alliance for Progress (CIAP) (with the rank of Ambassador). He served in these latter two capacities until early 1966, when President Johnson called him back to the White House as his special Assistant for National Security Affairs, where he remained until January 20, 1969. In February 1969 Dr. Rostow returned to teaching, at The University of Texas at Austin, as Professor of Economics and History. Dr. Rostow was the Rex G. Baker, Jr. Professor Emeritus of Political Economy.

Dr. Rostow and his wife Elspeth, along with other community members, founded The Austin Project in 1992. He served as Chairman of the Board and Task Force Director, 1992-98; and most recently held the positions of Immediate Past President and Board Member.

Dr. Rostow received the Order of the British Empire (honorary, military division, 1945), the Legion of Merit (1945), and the Presidential Medal of Freedom (with distinction, 1969). He was a member of the Board of Foreign Scholarships, January 1969 to December 1971.

He was also a member of the Elizabethan Club, New Haven; Massachusetts Historical Society; Cosmos Club; American Academy of Arts and Sciences; American Philosophical Society; The Austin Council on Foreign Affairs, and The Philosophical Society of Texas. Dr. Rostow is the author of over 30 books the latest of which are: *Theorists of Economic Growth from David Hume to the Present, With a Perspective on the Next Century* (1990), the third edition of *The Stages of Economic Growth* (1990), and *The Great Population Spike and After: Reflections on the 21st Century* (1998).

Dr. Rostow's latest book, *Concept and Controversy: Sixty Years of Taking Ideas to Market*, will be published in June 2003. He remained active until his death, teaching undergraduates in the fall semesters, and a graduate seminar in the spring. He has participated in recent conferences about the population problem and continued to publish his work, meet with students, scholars, and interviewers from around the world, and serve the university and the community until his passing.

**INTRODUCTION- ECO 323T: World Economy and Population Problem, Fall 2002,
Unique #29565
(Crosslisted HIS 366N, #36420); meets TTh 11-12:30**

Purpose	The purpose of this course is to deal with the whole sweep of world economic history from the second half of the eighteenth century to the present, including some reflections on the 21st century, with special emphasis on the population prospects ahead.
Content	The course will consist of three parts:
Part One	will consist of the first 2 classes. The first will present the subject as a whole. The second will deal with class assignments and student responsibilities. <u>The Stages of Economic Growth</u> is to be read for the first two classes. One of the questions on the final exam will deal with <u>The Stages</u> .
Part Two	will consist of readings covering some 20 countries which cover about 80% of production in the world economy. Each class will begin with a short (not more than 15 minutes) presentation of the economic history of the country assigned to each member of the class. Each presenter will use for that class the syllabus readings for "The Presenter." The presenter may wish to refer to the books on reserve at the PCL as supplementary readings, as well as the other members of the class.
	The shorter required readings for the rest of the class are also in the syllabus.
Part Three	will consist of the reading in the preparation for the last two classes of W.W. Rostow's <u>The Great Population Spike</u> and the paper entitled "Population in the Twenty-First Century." There will be a question on the final examination about population prospects for various countries in the twenty-first century. As you will see, each country through October 31 st (Russia) will consist of two classes, one devoted completely to economic history, the other takes advantage of the United Nations meeting on contemporary "Population Ageing and Decline." Each student will have access to the report on that session (October 16-18, 2000).
Presentation	15 minutes
Midterm Exam	2 questions, 90 minutes total. Date: October 10, 2002
Term Paper	15-20 pages, on a country of your choice, other than the country presented. Work up your own bibliography, aside from assigned readings.
Final Exam	The final exam (3 hours) will consist of three questions. They will require knowledge of both the economic history and the special character of the population problems faced by these countries. DON'T MISS ANY CLASSES.
Readings	All books assigned in the syllabus, plus supplementary readings, will be on reserve in the Perry-Casteñeda Library.
	If you can afford them, you may wish to buy three books you will have to use a good deal. They are all by W.W. Rostow and available for purchase at the Univ. Co-op.

The World Economy (paper)

The Stages of Economic Growth (3rd Edition) (paper)

The Great Population Spike

Discussion	Aside from the student presentations and the instructor's observations, all members are expected to take part in the seminar discussions.
Grading Policy	Say, 10% discussion; 10% presentation; 10% midterm; 35% paper; 35% final. Don't hold me to these proportions strictly.
Plagiarism and Academic dishonesty	If you have questions about what constitutes scholastic dishonesty, please consult the instructor, or read the Dean of Students' resource about " Academic Integrity "

Assignment Schedule: World Economy and Population Problem (1750-2002) and Beyond

ECO 323T/HIS 366N [Fall 2002]

Presenters for History classes in this course will be expected to read whole book; rest of class will read indicated chapters only plus summary chapters in World Economy, which will also be read by presenters.

Presenters for Population classes will be expected to read all of indicated papers in the UN book plus selected indicated chapters in course curriculum book, some of which concern population.

1. August 29 **The Purpose of the Course.**

Assignment for September 5. All members of the class: The Stages of Economic Growth, 3rd Ed., 1990, read entire short book for September 5.
2. September 3 Requirements: Mid-term, Final Exam, Term Paper, One Presentation. Regular Attendance. Books and Reading:

Read T.S. Ashton, Industrial Revolution for Sept. 5

Read short histories in World Economy for each assignment, starting on Sept. 5.

Assignments for Class Presentations. Today.

Term Papers. Turn in subjects for term papers on 10 October, date of midterm.
3. September 5 **U.K.: History.**

Whole class read: T.S. Ashton, Industrial Revolution.

Presenter also read W.W. Rostow, How It All Began.

Whole class read Chapters 1-2, and 27-28 in World Economy.
4. September 10 **U.K.: Demography.**

Class assignment: U.N. book, read "Report of the Expert Group Meeting," pp. 1-21. Presenter: [David Coleman](#), 15-1 (1-34); [Karen Dunnell](#), 16-1 (1-11). Whole class read [Dunnell](#) paper.

Note: U.K. fertility 1.7 (2000).
5. September 12 **U.S.: History.**

Whole class read Fogel and Engerman, eds., The Re-interpretation of American Economic History (by Fogel) Chapter 1 and World Economy, Chapter 29.

- Presenter, whole book by Fogel and Engerman.
6. September 17 **U.S.: Demography.**
 Whole class read [Michael S. Teitelbaum](#), 17-1 (1-16).
 Presenter read [Teitelbaum](#) as above and [Judith Treas](#) 18-1 (1-10).
 Note: U.S. Fertility 2.1 (2000).
 7. September 19 **France: History.**
 Whole class read David Pinckney, Decisive Years in France, 1840-1847, Chapters 1-2 and "Conclusion," pp. 149-154 and World Economy, Chapter 30.
 Presenter: Same, plus whole of Pinckney book.
 8. September 24 **France: Demography.**
[Jean-Claude Chesnais](#), 3-1 (1-10); [Georges Tapinos](#), 4-1 (1-12) and [Patrick Festy](#) 19-1 (1-11). Whole class [Ron Lesthaeghe](#), 20-1 (1-17) ([figures](#)).
 Fertility: 1.8 (2000).
 9. September 26 **Germany: History.**
 Walter Hoffman, Chapter 6 in W.W. Rostow, The Economics of Take-off into Sustained Growth and Chapter 31 in World Economy.
 Also WWR on a bit of Swedish economic history.
 10. October 1 **Germany: Demography.**
 Presenter: [Herwig Birg](#), 5-1 (1-29), and [Charlotte Hoehn](#), 6-1 (1-13).
 Whole class, also read Chapter 31 in World Economy.
 Whole class read Hoehn paper.
 Fertility: 1.3 (2000)
 11. October 3 **Italy: History.**
 Whole class and presenter, [Gerschenkron article on pre-1914 Italy](#) (in course handbook), plus Chapter 35 in World Economy.
 12. October 8 **Italy: Demography.**
 Presenters. [Antonio Golini](#) 7-1 (1-16), [Maria-Rita Testa](#) 8-1 (1-16). Whole class read Golini paper.
 Fertility: 1.2 (2000)

13. October 10 Mid-Term Exam
14. October 15 **Japan: History**
- All students. W.W. Lockwood, Economic Development of Japan: Growth and Structural Change, 1869-1938, Chapters 1 and 10.
- World Economy, Chapter 33;
- Presenter as above (for whole class) plus other chapters in Lockwood.
15. October 17 **Japan: Demography.**
- Presenter: [Makoto Atoh](#), 9-1 (1-14); [Yukiko Katsumata](#), 10-1 (1-19) (including charts at end).
- Whole class (from course manual): [Ichimura and Ogawa](#), pp. 2-30, plus tables and charts on pp. 34-41); and [W.W. Rostow](#), pp. 1-14.
- Fertility: 1.3 (2000)
16. October 22 **Korea: History.**
- Presenter: Paul Kuznets, Economic Growth and Structure in the Republic of Korea, plus Chapter 47 in World Economy.
- Whole class Chapters 1 and 8 in Kuznets plus Chapter 47 in World Economy.
17. October 24 **Korea: Demography.**
- Presenter: [Namhoon Cho](#), 11-1 (1-13); [Ik Ki Kim](#), 12-1 (1-11).
- Class read extracts from and [W.W. Rostow commentary](#) on U.N. paper on Immigration in Course Manual. Whole class read Cho paper.
- Fertility: 1.5 (2000)
18. October 29 **Russia: History.**
- Presenter: Whole of Peter Lyashchenko, History of the National Economy of Russia to the 1917 Revolution plus World Economy Chapter 34.
- Whole class: Lyashchenko: Author's Introduction plus Chapters 26, 31-36. Also Chapter 34 in World Economy.
19. October 31 **Russia: Demography.**
- Presenter: [Svetlana V. Nikitina](#), 13-1 (1-12); [Anatoly](#)

[Vishnevsky](#), 14-1 (1-13). Whole class read [Nikitina](#) paper.

Fertility: 1.2 (2000)

20. November 5

Canada: History and Demography.

Whole class: O.J. Firestone, Canada's Economic Development, 1867-1953. Part I and Chapter 9. World Economy, Chapter 36.

Presenter: All of O.J. Firestone.

Fertility: 1.5 (2000).

21. November 7

Brazil: History and Demography.

Whole class: Henry W. Spiegel, The Brazilian Economy: Chronic Inflation and Sporadic Industrialization, Part 5.

World Economy, Chapter 40.

Presenter: All of Spiegel plus Chapter 40 in World Economy.

Fertility: 2.4 (2000); 1970 (4.9).

22. November 12

Mexico: History and Demography.

Whole class: Clark W. Reynolds, The Mexican Economy: Twentieth-Century Structure and Growth, Introduction, Chapters 1, 5, and 8.

World Economy, Chapter 41.

Presenter: All of Clark Reynolds

Fertility: 2.7 (2000); 1970 (6.3)

23. November 14

India: History and Demography.

Whole class: Angus Maddison. Class Structure and Economic Growth in India and Pakistan since the Moghuls, Chapters 3 and 5.

World Economy, Chapter 43.

Presenter: All above plus Angus Maddison as a whole.

Fertility: 3.3 (2000); 5.8 (1970)

24. November 19

China: History and Demography.

Dwight Perkins, (Ed.), China's Modern Economy in Historical Perspective, Introduction, pp. 1-18, and "Growth and Changing Structure," pp. 115-165, and

World Economy, Chapter 44.

Presenter: All of the above, plus World Bank, China to 2020.

Fertility: 1.8; 6.4 (1970).

On Chinese demography, read Appendix in The Great Population Spike, pp. 195-202 and Notes on pp. 218-219.

25.	November 21	India-China Mao Period Deng Period Latest Period WWR will lead the discussion. Re-read Chapters 43-44 in <u>World Economy</u>.
26.	November 26	Thailand: History and Demography. Fred W. Riggs, <u>Thailand: The Modernization of a Bureaucratic Polity</u>, Chapters 2 and 10. <u>World Economy</u>, Chapter 46. Presenter: Above, plus all of Riggs Fertility: 1.9; 6.3 (1965)
27.	November 28	THANKSGIVING
28.	December 3	Whole book. <u>Great Population Spike</u> .
29.	December 5	
	TBA	FINAL EXAM Note: you will be informed later concerning date and place of the final exam. Consult Registrar's Office.

Course Packet

["Notes on the Rate of Industrial Growth in Italy, 1881-1913,"](#) by Alexander Gerschenkron. Published in the *Journal of Economic History*, Vol.XV, No. 4, December 1955. (use JSTOR search engine)

["Modern Japan's Fourth Challenge: The Political Economy of a Stagnant Population,"](#) by W.W. Rostow. To be published in *The Japanese Economic Review*, September 2000. (.pdf file)

["Policies to Meet the Challenge of an Aging Society with Declining Fertility: Japan and Other East Asian Countries,"](#) by S. Ichimura and N. Ogawa. (.pdf file)

["Notes on Replacement Migration: Is It a Solution to Declining and Aging Populations?"](#) by W.W. Rostow (.pdf file)

UN Expert Group Meeting on Policy Responses to Population Ageing and Population Decline, New York, 16-18 2000

[David Coleman, "Who's Afraid of Low Support Ratios? An Unofficial Response from the UK to the UN Population Division Report on 'Replacement Migration.'"](#)

[Karen Dunnell, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline- United Kingdom."](#)

[Michael S. Teitelbaum, "Long-Range Demographic Projections and their Implications for the United States."](#)

[Judith Treas, "Population Ageing in the United States: Retirement, Reform, and Reality."](#)

[Jean-Claude Chesnais, "The Inversion of the Age Pyramid and the Future Population Decline in France: Implications and Policy Responses."](#)

[Georges Tapinos, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in France."](#)

[Patrick Festy, "Looking for European Demography, Desperately?"](#)

[Ron Lesthaeghe, "Europe's Demographic Issues: Fertility, Household Formation and Replacement Migration." \(figures\)](#)

[Herwig Birg, "Demographic Ageing and Population Decline in 21st Century Germany- Consequences for the Systems of Social Insurance."](#)

[Charlotte Hoehn, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in Germany."](#)

[Antonio Golini, "Possible Policy Responses to Population Ageing and Population Decline: The Case of Italy."](#)

[Maria Rita Testa, "Fewer and Older Italians, More Problems? Looking for Solutions to the Demographic Question."](#)

[Makoto Atoh, "The Coming of a Hyper-Aged and Depopulating Society and Population Policies- The Case of Japan."](#)

[Yukiko Katsumata, "The Impact of Population Decline and Population Aging in Japan from the Perspectives of Social and Labor Policy."](#)

[Namhoon Cho, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in Korea."](#)

[Ik Ki Kim, "Policy Responses to Low Fertility and Population Aging in Korea."](#)

[Svetlana V. Nikitina, "Population Decline and Population Ageing in the Russian Federation."](#)

[Anatoly Vishnevsky, "Replacement Migration: Is it a Solution for Russia?"](#)

Four Papers to supplement Part One

[The Central Theme](#) (.pdf file)

[Economic History](#) (.pdf file)

[Three Cycles and Non-Economic Forces](#) (.pdf file)

[Appendix](#) (.pdf file)

Supplementary Readings

W.W. Rostow, "[Population in the Twenty-First Century: The Limited Horizon of Public Policy.](#)" (.pdf file)

2000 World Population Data Sheet: Total Fertility Rate. [World](#); [Africa](#); [North America](#); [Latin America & the Caribbean](#); [Oceania](#); [Asia](#); [Europe](#). (.pdf files)

"[Russian Population Takes Its Biggest Plunge Yet](#)" by Oksana Yablokova.
Published in the *St. Petersburg Times*. (.pdf file)

"[Russia's Dramatic Demographic Trends Threaten the Viability of the State.](#)"
Published in Intercon's *Daily Report on Russia and the Former Soviet Republics*,
January 2, 2001. (.pdf file)

[\(You need Acrobat Reader plug-in to see pdf files in your browser\)](#) (it is easy to download the Reader plug-in- the site will take you through the steps.)

<http://www.eco.utexas.edu/faculty/Rostow/323T/readings.html>. Em 17 de março de 2003.

Population.com

[Population Reference Bureau](#) (includes links to 2001 World Population Data Sheet)

[World Bank Group: WDI Data Query](#): very useful data base of population and fertility stats

[Fertility Decline and Recent Changes in Russia: On the Threshold of the Second Demographic Transition](#)

[United Nations: Economic and Social Development](#): links to many resources on population and development

[US Census Bureau: IDB Population Pyramids](#)

This page allows you to obtain population pyramids (graphs that show the distribution of population by age and sex) for one country.

[World Popclock](#) - tracks the estimated global population. From the U.S. Census Bureau.

[Yahoo News- Population issues](#)

Updated list of links to news stories from a variety of sources

[Population Set to Decline](#) (Nature Magazine- August 2, 2001)

[World Confronts an Aging Population](#) (Christian Science Monitor- March 1, 2001)

[World Numbers 'May Peak by 2100'](#) (BBC- August 1, 2001)

[Singapore Offers \\$300 Bonus for Second Child](#) (Christian Science Monitor- September 27, 2000)

[Eastern European Population to Plummet](#) (BBC- May 3, 2000)

[The End of World Population Growth](#) (Nature Magazine- August 2, 2001)

[The Population Implosion: A 21st-century Nightmare: Not Enough People](#) (Wall St. Journal- August 8, 2001)

[The Population Implosion](#) (Foreign Policy- April 12, 2001)

[Who Wants to Live Forever?](#) (The Economist- December 21, 2000)

[US Department of State](#) home page

INTRODUCTION- ECO 383K: World Economy and Population Problem, Spring 2003, Unique #29310 (Crosslisted HIS 383L, #35970); meets TTh 11-12:30

Purpose	The purpose of this course is to deal with the whole sweep of world economic history from the second half of the eighteenth century to the present, including some reflections on the 21st century, with special emphasis on the population prospects ahead.
Content	The course will consist of three parts:
Part One	will consist of the first 2 classes. The first will present the subject as a whole. The second will deal with class assignments and student responsibilities. <u>The Stages of Economic Growth</u> is to be read for the first two classes. One of the questions on the final exam will deal with <u>The Stages</u> .
Part Two	will consist of readings covering some 20 countries which cover about 80% of production in the world economy. Each class will begin with a short (not more than 15 minutes) presentation of the economic history of the country assigned to each member of the class. Each presenter will use for that class the syllabus readings for "The Presenter." The presenter may wish to refer to the books on reserve at the PCL as supplementary readings, as well as the other members of the class.
	The shorter required readings for the rest of the class are also in the syllabus.
Part Three	will consist of the reading in the preparation for the last two classes of W.W. Rostow's <u>The Great Population Spike</u> and the paper entitled "Population in the Twenty-First Century." There will be a question on the final examination about population prospects for various countries in the twenty-first century. As you will see, each country through March 25th (Russia) will consist of two classes, one devoted completely to economic history, the other takes advantage of the United Nations meeting on contemporary "Population Ageing and Decline." Each student will have access to the report on that session (October 16-18, 2000).
Presentation	15 minutes
Midterm Exam	2 questions, 90 minutes total. Date: February 25, 2003
Term Paper	15-20 pages, on a country of your choice, other than the country presented. Work up your own bibliography, aside from assigned readings.
Final Exam	The final exam (3 hours) will consist of three questions. They will require knowledge of both the economic history and the special character of the population problems faced by these countries. DON'T MISS ANY CLASSES.
Readings	All books assigned in the syllabus, plus supplementary readings, will be on reserve in the Perry-Casteñeda Library.
	If you can afford them, you may wish to buy three books you will have to use a good deal. They are all by W.W. Rostow and available for purchase at the Univ. Co-op.

The World Economy (paper)

The Stages of Economic Growth (3rd Edition) (paper)

The Great Population Spike

Discussion	Aside from the student presentations and the instructor's observations, all members are expected to take part in the seminar discussions.
Grading Policy	Say, 10% discussion; 10% presentation; 10% midterm; 35% paper; 35% final. Don't hold me to these proportions strictly.
Plagiarism and Academic dishonesty	If you have questions about what constitutes scholastic dishonesty, please consult the instructor, or read the Dean of Students' resource about " Academic Integrity "

Assignment Schedule: World Economy and Population Problem (1750-2002) and Beyond

ECO 383K/HIS 383L [Spring 2003]

Presenters for History classes in this course will be expected to read whole book; rest of class will read indicated chapters only plus summary chapters in World Economy, which will also be read by presenters.

Presenters for Population classes will be expected to read all of indicated papers in the UN book plus selected indicated chapters in course curriculum book, some of which concern population.

1. January 14 **The Purpose of the Course.**

Assignment for January 21. All members of the class: The Stages of Economic Growth, 3rd Ed., 1990, read entire short book for January 21.
2. January 16 Requirements: Mid-term, Final Exam, Term Paper, One Presentation. Regular Attendance. Books and Reading:

Read T.S. Ashton, Industrial Revolution for January 21

Read short histories in World Economy for each assignment, starting on January 21.

Assignments for Class Presentations. Today.

Term Papers. Turn in subjects for term papers on February 25, date of midterm.
3. January 21 **U.K.: History.**

Whole class read: T.S. Ashton, Industrial Revolution.

Presenter also read W.W. Rostow, How It All Began.

Whole class read Chapters 1-2, and 27-28 in World Economy.
4. January 23 **U.K.: Demography.**

Class assignment: U.N. book, read "Report of the Expert Group Meeting," pp. 1-21. Presenter: [David Coleman](#), 15-1 (1-34); [Karen Dunnell](#), 16-1 (1-11). Whole class read [Dunnell](#) paper.

Note: U.K. fertility 1.7 (2000).
5. January 28 **U.S.: History.**

Whole class read Fogel and Engerman, eds., The Re-interpretation of American Economic History (by Fogel) Chapter 1 and World Economy, Chapter 29.

- Presenter, whole book by Fogel and Engerman.
6. January 30 **U.S.: Demography.**
- Whole class read [Michael S. Teitelbaum](#), 17-1 (1-16).
- Presenter read [Teitelbaum](#) as above and [Judith Treas](#) 18-1 (1-10).
- Note: U.S. Fertility 2.1 (2000).
7. February 4 **France: History.**
- Whole class read David Pinckney, Decisive Years in France, 1840-1847, Chapters 1-2 and "Conclusion," pp. 149-154 and World Economy, Chapter 30.
- Presenter: Same, plus whole of Pinckney book.
8. February 6 **France: Demography.**
- [Jean-Claude Chesnais](#), 3-1 (1-10); [Georges Tapinos](#), 4-1 (1-12) and [Patrick Festy](#) 19-1 (1-11). Whole class [Ron Lesthaeghe](#), 20-1 (1-17) ([figures](#)).
- Fertility: 1.8 (2000).
9. February 11 **Germany: History.**
- Walter Hoffman, Chapter 6 in W.W. Rostow, The Economics of Take-off into Sustained Growth and Chapter 31 in World Economy.
- Also WWR on a bit of Swedish economic history.
10. February 13 **Germany: Demography.**
- Presenter: [Herwig Birg](#), 5-1 (1-29), and [Charlotte Hoehn](#), 6-1 (1-13).
- Whole class, also read Chapter 31 in World Economy. Whole class read Hoehn paper.
- Fertility: 1.3 (2000)
11. February 18 **Italy: History.**
- Whole class and presenter, [Gerschenkron article on pre-1914 Italy](#) (in course handbook), plus Chapter 35 in World Economy.
12. February 20 **Italy: Demography.**
- Presenters. [Antonio Golini](#) 7-1 (1-16), [Maria-Rita Testa](#) 8-1 (1-16). Whole class read Golini paper.
- Fertility: 1.2 (2000)

13. February 25 Mid-Term Exam
14. February 27 **Japan: History**
 All students. W.W. Lockwood, Economic Development of Japan: Growth and Structural Change, 1869-1938, Chapters 1 and 10.
World Economy, Chapter 33;
 Presenter as above (for whole class) plus other chapters in Lockwood.
15. March 4 **Japan: Demography.**
 Presenter: [Makoto Atoh](#), 9-1 (1-14); [Yukiko Katsumata](#), 10-1 (1-19) (including charts at end).
 Whole class (from course manual): [Ichimura and Ogawa](#), pp. 2-30, plus tables and charts on pp. 34-41); and [W.W. Rostow](#), pp. 1-14.
 Fertility: 1.3 (2000)
16. March 6 **Korea: History.**
 Presenter: Paul Kuznets, Economic Growth and Structure in the Republic of Korea, plus Chapter 47 in World Economy.
 Whole class Chapters 1 and 8 in Kuznets plus Chapter 47 in World Economy.
- March 10-14 SPRING BREAK**
17. March 18 **Korea: Demography.**
 Presenter: [Namhoon Cho](#), 11-1 (1-13); [Ik Ki Kim](#), 12-1 (1-11).
 Class read extracts from and [W.W. Rostow commentary](#) on U.N. paper on Immigration in Course Manual. Whole class read Cho paper.
 Fertility: 1.5 (2000)
18. March 20 **Russia: History.**
 Presenter: Whole of Peter Lyashchenko, History of the National Economy of Russia to the 1917 Revolution plus World Economy Chapter 34.
 Whole class: Lyashchenko: Author's Introduction plus Chapters 26, 31-36. Also Chapter 34 in World Economy.

19. March 25 **Russia: Demography.**
 Presenter: [Svetlana V. Nikitina](#), 13-1 (1-12); [Anatoly Vishnevsky](#), 14-1 (1-13). Whole class read [Nikitina](#) paper.
 Fertility: 1.2 (2000)
20. March 27 **Canada: History and Demography.**
 Whole class: O.J. Firestone, [Canada's Economic Development, 1867-1953](#). Part I and Chapter 9. [World Economy](#), Chapter 36.
 Presenter: All of O.J. Firestone.
 Fertility: 1.5 (2000).
21. April 1 **Brazil: History and Demography.**
 Whole class: Henry W. Spiegel, [The Brazilian Economy: Chronic Inflation and Sporadic Industrialization](#), Part 5.
[World Economy](#), Chapter 40.
 Presenter: All of Spiegel plus Chapter 40 in [World Economy](#).
 Fertility: 2.4 (2000); 1970 (4.9).
22. April 3 **Mexico: History and Demography.**
 Whole class: Clark W. Reynolds, [The Mexican Economy: Twentieth-Century Structure and Growth](#), Introduction, Chapters 1, 5, and 8.
[World Economy](#), Chapter 41.
 Presenter: All of Clark Reynolds
 Fertility: 2.7 (2000); 1970 (6.3)
23. April 8 **India: History and Demography.**
 Whole class: Angus Maddison. [Class Structure and Economic Growth in India and Pakistan since the Moghuls](#), Chapters 3 and 5.
[World Economy](#), Chapter 43.
 Presenter: All above plus Angus Maddison as a whole.
 Fertility: 3.3 (2000); 5.8 (1970)
24. April 10 **China: History and Demography.**

Dwight Perkins, (Ed.), China's Modern Economy in Historical Perspective, Introduction, pp. 1-18, and "Growth and Changing Structure," pp. 115-165, and World Economy, Chapter 44.

Presenter: All of the above, plus World Bank, China to 2020.

Fertility: 1.8; 6.4 (1970).

On Chinese demography, read Appendix in The Great Population Spike, pp. 195-202 and Notes on pp. 218-219.

25. April 15

India-China

Mao Period

Deng Period

Latest Period

WWR will lead the discussion. Re-read Chapters 43-44 in World Economy.

26. April 17

Thailand: History and Demography.

Fred W. Riggs, Thailand: The Modernization of a Bureaucratic Polity, Chapters 2 and 10.

World Economy, Chapter 46.

Presenter: Above, plus all of Riggs

Fertility: 1.9; 6.3 (1965)

27. April 22

28. April 24

29. April 29

Whole book. Great Population Spike.

30. May 1

TBA

FINAL EXAM

Note: you will be informed later concerning date and place of the final exam. Consult [Registrar's Office](#).

Course Packet

["Notes on the Rate of Industrial Growth in Italy, 1881-1913,"](#) by Alexander Gerschenkron. Published in the *Journal of Economic History*, Vol.XV, No. 4, December 1955. (use JSTOR search engine)

["Modern Japan's Fourth Challenge: The Political Economy of a Stagnant Population,"](#) by W.W. Rostow. To be published in *The Japanese Economic Review*, September 2000. (.pdf file)

["Policies to Meet the Challenge of an Aging Society with Declining Fertility: Japan and Other East Asian Countries,"](#) by S. Ichimura and N. Ogawa. (.pdf file)

["Notes on Replacement Migration: Is It a Solution to Declining and Aging Populations?"](#) by W.W. Rostow (.pdf file)

["The Greatest Problem of the 21st Century"](#) (DRAFT VERSION) by W.W. Rostow (.pdf file)

UN Expert Group Meeting on Policy Responses to Population Ageing and Population Decline, New York, 16-18 2000

[David Coleman, "Who's Afraid of Low Support Ratios? An Unofficial Response from the UK to the UN Population Division Report on 'Replacement Migration.'"](#)

[Karen Dunnell, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline- United Kingdom."](#)

[Michael S. Teitelbaum, "Long-Range Demographic Projections and their Implications for the United States."](#)

[Judith Treas, "Population Ageing in the United States: Retirement, Reform, and Reality."](#)

[Jean-Claude Chesnais, "The Inversion of the Age Pyramid and the Future Population Decline in France: Implications and Policy Responses."](#)

[Georges Tapinos, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in France."](#)

[Patrick Festy, "Looking for European Demography, Desperately?"](#)

[Ron Lesthaeghe, "Europe's Demographic Issues: Fertility, Household Formation and Replacement Migration." \(figures\)](#)

[Herwig Birg, "Demographic Ageing and Population Decline in 21st Century Germany- Consequences for the Systems of Social Insurance."](#)

[Charlotte Hoehn, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in Germany."](#)

[Antonio Golini, "Possible Policy Responses to Population Ageing and Population Decline: The Case of Italy."](#)

[Maria Rita Testa, "Fewer and Older Italians, More Problems? Looking for Solutions to the Demographic Question."](#)

[Makoto Atoh, "The Coming of a Hyper-Aged and Depopulating Society and Population Policies- The Case of Japan."](#)

[Yukiko Katsumata, "The Impact of Population Decline and Population Aging in Japan from the Perspectives of Social and Labor Policy."](#)

[Namhoon Cho, "Policy Responses to Population Ageing and Population Decline in Korea."](#)

[Ik Ki Kim, "Policy Responses to Low Fertility and Population Aging in Korea."](#)

[Svetlana V. Nikitina, "Population Decline and Population Ageing in the Russian Federation."](#)

[Anatoly Vishnevsky, "Replacement Migration: Is it a Solution for Russia?"](#)

Four Papers to supplement Part One

[The Central Theme](#) (.pdf file)

[Economic History](#) (.pdf file)

[Three Cycles and Non-Economic Forces](#) (.pdf file)

[Appendix](#) (.pdf file)

Supplementary Readings

W.W. Rostow, "[Population in the Twenty-First Century: The Limited Horizon of Public Policy](#)." (.pdf file)

2000 World Population Data Sheet: Total Fertility Rate. [World](#); [Africa](#); [North America](#); [Latin America & the Caribbean](#); [Oceania](#); [Asia](#); [Europe](#). (.pdf files)

"[Russian Population Takes Its Biggest Plunge Yet](#)" by Oksana Yablokova.
Published in the *St. Petersburg Times*. (.pdf file)

"[Russia's Dramatic Demographic Trends Threaten the Viability of the State](#)."
Published in Intercon's *Daily Report on Russia and the Former Soviet Republics*,
January 2, 2001. (.pdf file)

(You need Acrobat Reader plug-in to see pdf files in your browser) (it is easy to download the Reader plug-in- the site will take you through the steps.)

<http://www.eco.utexas.edu/faculty/Rostow/383K/readings.html>. Em 17 de março de 2003.

Population.com

[Population Reference Bureau](#) (includes links to 2001 World Population Data Sheet)

[World Bank Group: WDI Data Query](#): very useful data base of population and fertility stats

[Fertility Decline and Recent Changes in Russia: On the Threshold of the Second Demographic Transition](#)

[United Nations: Economic and Social Development](#): links to many resources on population and development

[US Census Bureau: IDB Population Pyramids](#)

This page allows you to obtain population pyramids (graphs that show the distribution of population by age and sex) for one country.

[World Popclock](#) - tracks the estimated global population. From the U.S. Census Bureau.

[Yahoo News- Population issues](#)

Updated list of links to news stories from a variety of sources

[Population Set to Decline](#) (Nature Magazine- August 2, 2001)

[World Confronts an Aging Population](#) (Christian Science Monitor- March 1, 2001)

[World Numbers 'May Peak by 2100'](#) (BBC- August 1, 2001)

[Singapore Offers \\$300 Bonus for Second Child](#) (Christian Science Monitor- September 27, 2000)

[Eastern European Population to Plummet](#) (BBC- May 3, 2000)

[The End of World Population Growth](#) (Nature Magazine- August 2, 2001)

[The Population Implosion: A 21st-century Nightmare: Not Enough People](#) (Wall St. Journal- August 8, 2001)

[The Population Implosion](#) (Foreign Policy- April 12, 2001)

[Who Wants to Live Forever?](#) (The Economist- December 21, 2000)

[US Department of State](#) home page

Recent Articles

"Modern Japan's Fourth Challenge: The Political Economy of a Stagnant Population," *The Japanese Economic Review*, Vol. 51, No. 3, September 2000. Also to appear in American Philosophical Society's *Proceedings*, December 2000.

Chapter in *Frontiers of Development Economics*, ed. Gerald Meier, Oxford Press, scheduled for publication in October 2000.

"Population in the Twenty-First Century: The Limited Horizon of Public Policy," *Technological Forecasting and Social Change*, Fall 2000.

Review of Robert S. McNamara's *In Retrospect: The Tragedy And Lessons Of Vietnam*, 1995

Books Written

Concept and Controversy: Sixty Years of Taking Ideas to Market, in press

The Great Population Spike and After: Reflections on the 21st Century, 1998

Theorists of Economic Growth From David Hume to the Present with a Perspective on the Next Century, 1990

History, Policy, and Economic Theory, 1989

Essays on a Half-Century: Ideas, Policies and Action, 1988

Rich Countries and Poor Countries, 1987

The United States and the Regional Organization of Asia and the Pacific: 1965-1985, 1986

Eisenhower, Kennedy, and Foreign Aid, 1985

The Barbaric Counter-Revolution: Cause and Cure, 1983

Open Skies: Eisenhower's Proposal of July 21, 1955, 1982

Europe After Stalin: Eisenhower's Three Decisions of March 11: 1946, 1982

The Division of Europe After World War II: 1946, 1981

British Trade Fluctuations, 1868-1896: A Chronicle and Commentary, 1981

Pre-Invasion Bombing Strategy: General Eisenhower's Decision of March 25, 1944, 1981

Why the Poor Get Richer and the Rich Slow Down, 1980

Getting From Here to There, 1978

The World Economy: History and Prospect, 1978

How It All Began, 1975

The Diffusion of Power, 1972

Politics and the Stages of Growth, 1971

East-West Relations: Is Détente Possible?, 1969

A Design for Asian Development, 1965, (with William E. Griffith)

A View from the Seventh Floor, 1964

Editor: *The Economics of Take-Off Into Sustained Growth*, 1963

The Stages of Economic Growth, 1960, 2d edit., 1971, 3d edit., 1990

The United States in the World Arena, 1960

A Proposal: Key to an Effective Foreign Policy, 1957

An American Policy in Asia, 1955 (with M.F. Millikan)

The Prospects of Communist China, 1954, (R.W. Hatch)

The Dynamics of Soviet Society, 1953, (with others)

The Growth and Fluctuation of the British Economy, 1790-1850, 1953, 2d edit., 1975

The Process of Economic Growth, 1953, 2d edit., 1960, (with A.D. Gayer, A.J. Schwartz)

Essays on the British Economy of the Nineteenth Century, 1948

The American Diplomatic Revolution, 1947

Anexo 2

Índice de fotografias de Walt Whitman Rostow, enquanto Assistente Especial para Assuntos de Segurança Nacional do Presidente Lyndon Johnson – Lyndon Baines Johnson Library

Serial Number: 5216-28

Date: 04/27/1967

Credit: LBJ Library photo by **Frank Wolfe**

Event:

General William Westmoreland briefs President Lyndon B. Johnson, advisors in Cabinet Room meeting

Location:

Cabinet Room, White House, Washington, DC

Description:

(L-R:) Walt Rostow, General William Westmoreland, Nicholas Katzenbach, Secretary Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson, Cyrus Vance, General Earle Wheeler

Collection:

WHPO

Serial Number: 5799-12A

Date: 06/23/1967

Credit: LBJ Library photo by **Kevin Smith**

Event:

Breakfast Meeting (preparation for Glassboro Summit Conference)

Location:

The White House, Washington, DC

Description:

Clockwise from left: Walt Rostow, McGeorge Bundy, Secy. Nicholas Katzenbach, Secy. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson, Secy. Robert S. McNamara, Amb. Llewellyn Thompson, Press Secy. George Christian.

Collection:

WHPO

Serial Number: 8454-5a

Date: 02/05/1968

Credit: LBJ Library photo by Frank Wolfe

Event:

Pres. Lyndon B. Johnson meeting with foreign policy advisors

Location:

Oval Office, White House, Washington, DC

Description:

(L-R:) Asst. Press Secy. Tom Johnson, Under Secy. of State Nicholas Katzenbach, Walt Rostow, Pres. Lyndon B. Johnson, Clark Clifford, Secy of State Dean Rusk

Collection:

WHPO

Serial Number: A1916-12a

Date: 02/08/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Honolulu Conference on the Vietnam War

Location:

Conference room, CINCPAC Headquarters, Camp Smith, Hawaii

Description:

In plenary session, wide shot of the Conference room, shot from one end of the table. President Lyndon B. Johnson is leaning forward and gesturing toward Chm. Nguyen Van Thieu. Gen. Nguyen Duc Thang is prominent in foreground center.

Collection:

WHPO

Serial Number: A1919-32

Date: 02/08/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Honolulu Conference on the Vietnam War

Location:

Aboard Air Force One on the ground at Los Angeles International Airport, Los Angeles, California

Description:

8:30 p.m. meeting in the stateroom (L-R): V.P. Hubert Humphrey, Sec. Dean Rusk, Sec. John Gardner, U. Alexis Johnson, Gen. Maxwell Taylor, Walt Rostow, President Lyndon. B. Johnson

Collection:

WHPO

Serial Number: A2281-14

Date: 04/19/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
Walt Rostow

Collection:
WHPO

Serial Number: A2299-25

Date: 04/22/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
L-R: Walt Rostow, President Lyndon B. Johnson

Collection:
WHPO

Serial Number: A2385-4

Date: 05/05/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
L-R: Walt Rostow, Sec. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson

Collection:
WHPO

Serial Number: A2640-13

Date: 06/17/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
National Security Council Meeting

Location:
Cabinet Room, White House, Washington, DC

Description:
Walt Rostow

Collection:
WHPO

Serial Number: A3367-11

Date: 10/23/1966

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Manila Conference of SEATO nations on the Vietnam War: U.S. and Vietnamese in a private meeting

Location:

Manila Hotel, Manila, Philippines

Description:

(L-R:) Secy. Dean Rusk, Amb. Henry Cabot Lodge, unidentified, Robert Komer, President Lyndon B. Johnson, Gen. William Westmoreland, Nguyen Cao Ky, Walt Rostow, Nguyen Van Thieu

Collection:

WHPO

Serial Number: A4211-19

Date: 06/02/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
L-R: Francis Bator, George Christian, Walt Rostow, Sec'y Robert McNamara, President Lyndon B. Johnson

Collection:
WHPO

Serial Number: A4243-9A

Date: 06/07/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

President Lyndon B. Johnson meets with Aides concerning the Six Day War

Location:

White House, Washington, DC

Description:

L-R: President Lyndon B. Johnson, Walt Rostow, Marvin Watson

Collection:

WHPO

Serial Number: A4256-11a

Date: 06/08/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Pres. Lyndon B. Johnson consults with advisors on events in the Arab-Israeli Six Day War

Location:

The Situation Room, White House, Washington, DC

Description:

(l-r) Secy. Robert McNamara, Walt Rostow, Pres. Lyndon B. Johnson, Clark Clifford, McGeorge Bundy, Secy. Dean Rusk, Atty. Gen. Nicholas Katzenbach

Collection:

WHPO

Serial Number: A4341-36

Date: 06/23/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Glassboro Summit Conference, Luncheon

Location:

Hollybush (interior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:

L-R: Soviet Ambassador Anatoly Dobrynin, Mr. Walt Rostow, Gen. Volkov

Collection:

WHPO

Serial Number: A4348-15A

Date: 06/23/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Glassboro Summit Conference

Location:
Hollybush (interior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:
L-R: Walt Rostow, Soviet Amb. Anatoly Dobrynin, McGeorge Bundy

Collection:
WHPO

Serial Number: A4349-9A

Date: 06/23/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Glassboro Summit Conference, Luncheon

Location:

Hollybush (interior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:

Clockwise L-R from far side of table: Secy. Robert S. McNamara, Mr. Sukhodrev (Kosygin's interpreter), Soviet Premier Aleksei Kosygin, President Lyndon Baines Johnson, Soviet Amb. Anatoly Dobrynin, Mr. Walt Rostow, Gen. Volkov, Mr. George Christian, Mr. Batsanov (partially obscured), Amb. Llewellyn Thompson, Soviet Foreign Minister Andrei Gromyko, Secy. Dean Rusk, (4 others in shadow viewed from behind; probably Mr. Zamyatin, McGeorge Bundy, Mr. Vorontsov, Marvin Watson)

Collection:

WHPO

Serial Number: A4361-8

Date: 06/25/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Glassboro Summit Conference

Location:
Hollybush (interior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:
L-R: Secy. Robert S. McNamara, Amb. Llewellyn Thompson, Secy. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson, Mr. Walt Rostow, 2 unidentified

Collection:
WHPO

Serial Number: A4366-19A

Date: 06/25/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Glassboro Summit Conference

Location:
Hollybush (interior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:
Seated L-R: Soviet Foreign Minister Andrei Gromyko, Secy. Dean Rusk, Mr. Walt Rostow.
Standing L-R: Soviet Amb. Anatoly Dobrynin, Secy. Robert S. McNamara, William Krimer

Collection:
WHPO

Serial Number: A4368-7

Date: 06/25/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Glassboro Summit Conference (related)

Location:
Air Force One 26000

Description:
L-R: Mr. Walt Rostow, Amb. Llewellyn Thompson, Mr. McGeorge Bundy, Amb. Averell Harriman, President Lyndon B. Johnson, Mr. Marvin Watson (?)

Collection:
WHPO

Serial Number: A4452-10

Date: 07/19/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
White House, Washington, DC

Description:
Walt Rostow

Collection:
WHPO

Serial Number: A4601-20

Date: 08/08/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
Walt Rostow

Collection:
WHPO

Serial Number: A4629-26

Date: 08/14/1967

Credit: LBJ Library photo by **Yoichi R. Okamoto**

Event:
Meeting

Location:
Oval Office, White House, Washington, DC

Description:
L-R: Walt Rostow, President Lyndon B. Johnson

Collection:
WHPO

Serial Number: A4963-28

Date: 10/11/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Tuesday Luncheon: Pres. Lyndon B. Johnson meets with foreign policy advisors

Location:

White House Dining Room, Washington, DC

Description:

(L-R:) Press Secy. George Christian, Walt Rostow, Secy. Robert McNamara, Tom Johnson, Richard Helms, Secy. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson

Collection:

WHPO

Serial Number: A5452-22

Date: 01/23/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Tuesday Luncheon: Pres. Lyndon B. Johnson and advisors

Location:

Dining Room, White House, Washington, DC

Description:

Clockwise from Pres. Lyndon B. Johnson (center, back to camera): Secy. Robert McNamara, Gen. Earle Wheeler, Clark Clifford, Walt Rostow, Tom Johnson, George Christian, CIA Dir. Richard Helms, Secy. Dean Rusk

Collection:

WHPO

Serial Number: A5635-29

Date: 02/15/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Pres. Lyndon B. Johnson, Walt Rostow, others look at relief map of Khe Sanh area, Vietnam

Location:

Situation Room, White House, Washington, DC

Description:

(L-R:) George Christian, President Lyndon B. Johnson, Gen. Robert Ginsburg, Walt Rostow

Collection:

WHPO

Serial Number: A5898-33

Date: 03/26/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Lunch with Special Advisory Group including the "Wise Men"

Location:

White House Dining Room, Washington, DC

Description:

L-R: Gen. Creighton Abrams, George Ball, Tom Johnson (standing), Gen. Maxwell Taylor, McGeorge Bundy, Gen. Matthew Ridgeway, Arthur Dean (mostly obscured), Henry Cabot Lodge, Dean Acheson, President Lyndon B. Johnson, Gen. Omar Bradley, Averell Harriman, Secy. Clark Clifford, Cyrus Vance, Walt Rostow, Dean Rusk

Collection:

WHPO

Serial Number: A6062-7

Date: 04/09/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Pres. Lyndon B. Johnson meets with advisors at Camp David

Location:

Aspen Lodge, Camp David, Maryland

Description:

President Lyndon B. Johnson meets with Amb. Ellsworth Bunker, Secy. Clark Clifford, Secy. Dean Rusk, Gen. Earl Wheeler, William Bundy, Walt Rostow, George Christian, Jim Jones, and Averell Harriman

Collection:

WHPO

Serial Number: A7156-18

Date: 10/31/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Pres. Lyndon B. Johnson meeting with foreign policy advisors in the Oval Office

Location:

Oval Office, White House, Washington, DC

Description:

Clockwise (L-R:) Secy. Clark Clifford, Secy. Dean Rusk, Geri Rudolph, President Lyndon B. Johnson, Tom Johnson, Walt Rostow, Gen. Earle Wheeler, Richard Helms

Collection:

WHPO

Serial Number: A7529-8

Date: 01/10/1969

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

President Lyndon B. Johnson posing with members of his staff during his final weeks in office

Location:

Oval Office, White House, Washington, DC

Description:

Front row seated L-R: Joe Califano, Walt Rostow. Standing 1st row L-R: Mike Manatos, Jim Jones, Ernest Goldstein. 2nd row: Barefoot Sanders, Larry Temple, President Lyndon B. Johnson, DeVier Pierson, Charles Murphy. 3rd row: Bob Hardesty, Tom Johnson, Harry Middleton, George Christian, Harry McPherson, Larry Levinson, William Hopkins.

Collection:

WHPO

Serial Number: C5360-23

Date: 05/11/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:
Meeting

Location:
Cabinet Room, White House, Washington, DC

Description:
Walt Rostow speaks as Francis Bator and others listen

Collection:
WHPO

Serial Number: C5618-13

Date: 06/07/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

National Security Council Meeting

Location:

Cabinet Room, White House, Washington, DC

Description:

Clockwise from left: Clark Clifford, Walt Rostow, Sec. Henry Fowler, Vice President Hubert Humphrey, Gov. Farris Bryant, Leonard Marks, Amb. Llewellyn Thompson, Richard Helms, ?, ?, Nicholas Katzenbach, Sec. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson (far right), Sec. Robert McNamara, Cyrus Vance, Gen. Earle Wheeler, McGeorge Bundy.

Collection:

WHPO

Serial Number: C5807-21

Date: 06/25/1967

Credit: LBJ Library photo by **Kevin Smith**

Event:
Glassboro Summit Conference

Location:
Hollybush (exterior), Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:
Foreground L-R: Walt Rostow, Soviet Premier Aleksei Kosygin, President Lyndon B. Johnson.

Collection:
WHPO

Serial Number: C5817-24A

Date: 06/25/1967

Credit: LBJ Library photo by Frank Wolfe

Event:
Glassboro Summit Conference

Location:
Glassboro State College, Glassboro, New Jersey

Description:
Foreground L-R: Walt Rostow shaking hands with Soviet Premier Aleksei Kosygin, President Lyndon B. Johnson. Others in background include photographers, Alexander Akalovsky.

Collection:
WHPO

Serial Number: C6151-12

Date: 08/01/1967

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Tuesday Luncheon. Pres. Lyndon B. Johnson meets with advisors.

Location:

Dining Room, White House, Washington, DC

Description:

Clockwise from left: McGeorge Bundy, Secy. Dean Rusk, President Lyndon B. Johnson, Secy. Paul Nitze, George Christian, Walt Rostow

Collection:

WHPO

Serial Number: D1961-16a

Date: 10/07/1968

Credit: LBJ Library photo by Yoichi R. Okamoto

Event:

Walt Rostow at a meeting in the Cabinet Room

Location:

Cabinet Room, White House, Washington, DC

Description:

Walt Rostow

Collection:

WHPO

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Social

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Flávio Diniz Ribeiro

Volume 3

São Paulo

2007

Flávio Diniz Ribeiro

Walt Whitman Rostow e a problemática do desenvolvimento
Ideologia, política e ciência na Guerra Fria

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Mascarenhas Dantes

Volume 3

São Paulo

2007

Caderno de imagens: fotografias de Walt Whitman Rostow